

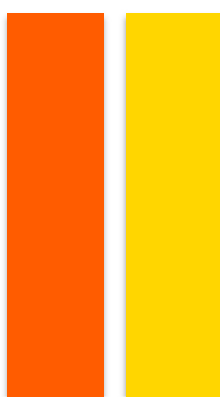
2º CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE

«Fui à fonte: um estudo etnográfico sobre as motivações para o uso das águas em Matosinhos»

Miguel Ângelo Teixeira Maia

M

2023 – 2024



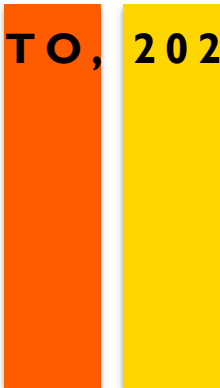
«FUI À FONTE: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE AS MOTIVAÇÕES PARA O USO DAS ÁGUAS EM MATOSINHOS»

Orientadora: Professora Doutora Sofia Marques da Silva

Miguel Ângelo Teixeira Maia

Dissertação de candidatura ao grau de Mestre e em *Educação para a Saúde*,
apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e à Faculdade
de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

P O R T O , 2 0 2 4



AGRADECIMENTOS

Aos meus pais. Os meus únicos, e por serem assim exatamente dessa forma: únicos. Pela forma como me fazem ver e reagir ao mundo desta forma. Pelo amor que me dão, desde as grandes coisas, aos grandes abraços. À minha mãe, que me incentivou e motivou que este era o momento para abraçar mais este desafio. Sem ti não tinha sido capaz – mesmo quando subtraí o teu tempo, o nosso tempo.

Aos meus familiares, pelo apoio e palavras de ânimo, particularmente dos “pequenos” sobrinhos que se espantaram com esta decisão académica – isto é assim, a aprendizagem faz sempre parte do presente e deve haver sempre aquela “inquietação (alguma coisa está para acontecer)”.

Aos amigos que acharam que isto era possível, obrigado! Por me ouvirem e debaterem comigo algumas ideias, partilharem destas dúvidas.

Aos meus entrevistados, obrigado! Se eu já tinha alguma curiosidade pelo tema, acho que tive mesmo muita sorte em poder ter contado convosco. Mesmo aqueles com quem falei fugazmente nas Sete Bicas.

Agradeço também à Professora Sofia Marques da Silva, por ter despertado o gosto e interesse pela etnografia. Pelas suas palavras, pela ajuda, pela atenção aos detalhes.

Aos restantes colegas de mestrado e aos docentes, pela forma como foram marcando estes dois anos letivos.

A palavra é como o açúcar, a palavra é como a papoila, precisa de passar por um processo de transformação, de refinamento, de ser caldeada, submetida a um processo de alquimia, a palavra (para ser entendida, para ser derramada, para ser bebida) necessita de repousar quente em amplas caldeiras e depois ainda de estagiar, anos a frio, em barris de casco de carvalho previamente untados com especiarias maravilhosas¹

¹ Rui Zink, O Destino Turístico (2015)

RESUMO

Introdução: Este estudo, que utilizou uma abordagem etnográfica investiga as motivações que subjazem ao uso de água de origem não controlada por população de Matosinhos, quando há disponibilidade de água tratada da rede pública. Em Portugal, o fornecimento universal de água de qualidade para consumo humano é uma conquista recente que reflete avanços democráticos. Embora tenha havido melhorias significativas na qualidade da água e na saúde pública, persistem práticas tradicionais influenciadas principalmente por crenças populares e que podem fazer perigar a saúde de quem a utiliza.

Objetivos: O objetivo principal desta investigação é compreender, a partir de uma perspetiva fenomenológica e interpretativa, as razões que levam população de alguns lugares do concelho de Matosinhos a optar, nos seus quotidianos, pela água não tratada. O estudo também procura identificar fatores que influenciam essas escolhas e interpretar o papel das crenças e representações sociais na decisão de uso da água.

Pertinência do Estudo: A relevância social e científica deste estudo reside na necessidade de compreender comportamentos que podem ter impacto na saúde pública e na procura de intervenções mais precisas e eficazes em termos de educação e sensibilização para o consumo de água segura.

Dimensões Teóricas: A análise do comportamento dos utilizadores é realizada sobretudo à luz das teorias de Erving Goffman sobre representações sociais, explorando a forma como as crenças e práticas culturais influenciam as escolhas de uso da água. Estas perspetivas auxiliam no entendimento sobre como é que as pessoas pensam sobre o mundo social tendo por base o papel da interação social, a experiência individual e o senso comum na formação do conhecimento.

Metodologia: O estudo foi conduzido em contextos naturais valendo-se da abordagem etnográfica, com observação participante em fontes e lavadouros locais, entrevistas etnográficas, nomeadamente com utilizadores de água de origem não controlada e análise documental. Esta incluiu a análise de saberes populares, como o cancionero e o adagiário portugueses, e documentos sobre a história do fornecimento de água na região, procurando uma compreensão mais ampla destas práticas culturais e sociais e a sua historicidade.

Resultados: Os resultados indicam que fontes e lavadouros públicos, embora associados à ruralidade, continuam a ser utilizados na vida contemporânea de Matosinhos, mesmo nas suas zonas mais urbanizadas. A manutenção e uso desses equipamentos revelam a sua importância cultural e funcional (como os tanques da Fonte da Cacheira e do Rio da Aldeia em Leça do Balio). Evidências de utilização recente e

de restauro (como os casos dos tanques do Parque das Austrálias em Matosinhos e do Lavadouro do Paiço em Lavra, respetivamente), demonstram a continuidade dessas práticas. Outros casos há em que o uso não é exclusivo para abastecimento, podendo estar relacionado com devoção religiosa, como é exemplo na Fonte das Sete Bicas, na Senhora da Hora).

Conclusão: Este estudo contribui para a compreensão das dinâmicas sociais associadas ao uso de água não tratada, reconhecendo a atenção necessária ao conhecimento e racionais das pessoas. Entende-se que os resultados podem orientar intervenções de saúde pública de precisão e programas de educação para a saúde, procurando sensibilizar a população sobre a importância do consumo de água segura e adaptada às suas diversas funções.

Palavras-chave: Etnografia, água, Matosinhos, saúde pública, teoria das representações sociais, crenças, património imaterial, memória

ABSTRACT

Introduction: This study, which used an ethnographic approach, investigates the motivations behind the use of water from uncontrolled sources by the population of Matosinhos, when treated water from the public network is available. In Portugal, the universal supply of quality water for human consumption is a recent achievement that reflects democratic progress. Although there have been significant improvements in water quality and public health, traditional practices influenced mainly by popular beliefs persist and can jeopardise the health of those who use it.

Objectives: The main aim of this research is to understand, from a phenomenological and interpretative perspective, the reasons that lead people in some parts of the municipality of Matosinhos to opt for untreated water in their daily lives. The study also seeks to identify factors that influence these choices and to interpret the role of beliefs and social representations in the decision to use water.

Relevance of the Study: The social and scientific relevance of this study lies in the need to understand behaviours that can have an impact on public health and in the search for more precise and effective interventions in terms of education and awareness-raising for safe water consumption.

Theoretical Dimensions: The analysis of user behaviour is mainly carried out in the light of Erving Goffman's theories on social representations, exploring how cultural beliefs and practices influence water use choices. These perspectives help us understand how people think about the social world, based on the role of social interaction, individual experience and common sense in the formation of knowledge.

Methodology: The study was conducted in natural contexts using an ethnographic approach, with participant observation at local fountains and washhouses, ethnographic interviews, namely with users of water from uncontrolled sources, and documentary analysis. This included analysing popular knowledge, such as the Portuguese songbook and adagio, and documents on the history of water supply in the region, seeking a broader understanding of these cultural and social practices and their historicity.

Results: The results indicate that fountains and public washhouses, although associated with rurality, continue to be used in contemporary life in Matosinhos, even in its most urbanised areas. The maintenance and use of these facilities reveal their cultural and functional importance (such as the Fonte da Cacheira and Rio da Aldeia tanks in Leça do Balio). Evidence of recent use and restoration (such as the tanks at Parque das Austrálias in Matosinhos and Lavadouro do Paiço in Lavra, respectively) shows the continuity of these practices. There are other cases where the use is not exclusively for

drinking and may be related to religious devotion, such as the Fonte das Sete Bicas in Senhora da Hora).

Conclusion: This study contributes to understanding the social dynamics associated with the use of untreated water, recognising the necessary attention to people's knowledge and rationales. It is understood that the results can guide precision public health interventions and health education programmes, seeking to raise awareness among the population about the importance of consuming water that is safe and adapted to its various functions.

Keywords: Ethnography, water, Matosinhos, public health, theory of social representations, beliefs, intangible heritage, memory

RESUMÉ

Introduction : Cette étude, qui a utilisé une approche ethnographique, examine les motivations de la population de Matosinhos à utiliser de l'eau provenant de sources non contrôlées, alors que de l'eau traitée provenant du réseau public est disponible. Au Portugal, l'approvisionnement universel en eau de qualité pour la consommation humaine est une réalisation récente qui reflète le progrès démocratique. Bien que des améliorations significatives aient été apportées à la qualité de l'eau et à la santé publique, des pratiques traditionnelles influencées principalement par des croyances populaires persistent et peuvent mettre en péril la santé de ceux qui l'utilisent.

Objectifs de la recherche: L'objectif principal de cette recherche est de comprendre, d'un point de vue phénoménologique et interprétatif, les raisons qui poussent les habitants de certaines parties de la municipalité de Matosinhos à opter pour de l'eau non traitée dans leur vie quotidienne. L'étude cherche également à identifier les facteurs qui influencent ces choix et à interpréter le rôle des croyances et des représentations sociales dans la décision d'utiliser l'eau.

Pertinence de l'étude: La pertinence sociale et scientifique de cette étude réside dans la nécessité de comprendre les comportements qui peuvent avoir un impact sur la santé publique et dans la recherche d'interventions plus précises et plus efficaces en termes d'éducation et de sensibilisation à la consommation d'eau salubre.

Dimensions théoriques: L'analyse du comportement des utilisateurs est principalement réalisée à la lumière des théories d'Erving Goffman sur les représentations sociales, explorant la manière dont les croyances et les pratiques culturelles influencent les choix en matière d'utilisation de l'eau. Ces perspectives nous aident à comprendre comment les gens pensent au monde social, en se basant sur le rôle de l'interaction sociale, de l'expérience individuelle et du sens commun dans la formation de la connaissance.

Méthodologie: l'étude a été menée dans des contextes naturels en utilisant une approche ethnographique, avec une observation participante dans des fontaines et des lavoirs locaux, des entretiens ethnographiques, notamment avec des utilisateurs d'eau provenant de sources non contrôlées, et une analyse documentaire. Cette dernière comprenait l'analyse de savoirs populaires, tels que le livre de chansons portugaises et l'adagio, ainsi que des documents sur l'histoire de l'approvisionnement en eau dans la région, afin de mieux comprendre ces pratiques culturelles et sociales et leur historicité.

Résultats: Les résultats indiquent que les fontaines et les lavoirs publics, bien qu'associés à la ruralité, continuent d'être utilisés dans la vie contemporaine de Matosinhos, même dans ses zones les plus urbanisées. L'entretien et l'utilisation de ces installations révèlent leur importance culturelle et fonctionnelle (comme les réservoirs de

Fonte da Cacheira et Rio da Aldeia à Leça do Balio). Les preuves d'une utilisation et d'une restauration récentes (comme les réservoirs du Parque das Austrálias à Matosinhos et du Lavadouro do Paiço à Lavra, respectivement) montrent la continuité de ces pratiques. Dans d'autres cas, l'utilisation n'est pas exclusivement destinée à la boisson et peut être liée à la dévotion religieuse, comme la fontaine Fonte das Sete Bicas à Senhora da Hora).

Conclusion : cette étude contribue à la compréhension de la dynamique sociale associée à l'utilisation d'eau non traitée, en reconnaissant l'attention nécessaire portée aux connaissances et aux justifications des personnes. Il est entendu que les résultats peuvent guider la précision des interventions de santé publique et des programmes d'éducation à la santé, en cherchant à sensibiliser la population à l'importance de consommer une eau saine et adaptée à ses différentes fonctions.

Mots-clés : Ethnographie, eau, Matosinhos, santé publique, théorie des représentations sociales, croyances, patrimoine immatériel, mémoire

Índice

Introdução.....	1
1. Porquê analisar a água Problematização teórica	7
2. Primeiras águas Saúde pública, abastecimento de água, cidade e crenças – uma interseção	12
2.1 Saúde pública: evolução e dimensões.....	12
2.2. Abastecimento de água e saúde pública	13
2.3. Urbanização e saúde: o papel das cidades	15
2.4. Crenças e conhecimento na saúde pública	16
3. Correr da água Evolução do fornecimento de água em Portugal	17
4. Debaixo de água Opções metodológicas.....	26
4.1 Paradigma Científico	27
4.2 Fenomenologia e abordagens naturalistas	28
4.3. Interacionismo simbólico e a compreensão das práticas sociais	30
4.4. Opção pela abordagem qualitativa.....	32
4.5 Claro como água O contexto	36
4.6 O método	38
4.6.1 O método etnográfico.....	41
4.6.2 A amplitude das representações sociais no estudo etnográfico	43
4.6.3 O método etnográfico: estudos sobre a água	47
4.6.4 Aproximação ao terreno	48
4.6.5 – Observação participante e escrita de notas de campo	50
4.6.6 – Entrevistas etnográficas	54
4.6.7 – Documentos e análise documental	60
4.7 Análise de conteúdo	63
4.8 Considerações éticas	66
4.9 Sobre as águas Reflexões sobre a implementação do método.....	69
5. A beber diretamente da fonte Resultados e discussão	73
5.1 A água na sabedoria popular	74
5.1.1 A água no adagiário	75
5.1.2 – O cancionero português: conhecimento popular e a cultura da água	80
5.1.3 – A água na toponímia matosinhense	93
5.2 História das fontes de Matosinhos	96
5.3 As fontes e lavadouros de Matosinhos na atualidade	101
5.4.1 A ida às fontes.....	103

5.4.2 Se fores lavar Os lavadouros	129
6. Mergulhar a fundo Analisando a água por camadas	156
6.1 Identidade local e memória coletiva no uso de lavadouros e fontes.....	156
6.2 Influência cultural e histórica nas representações sociais da água.....	162
6.3 Dinâmica social e relacional Impactos na saúde e bem-estar individuais e na saúde pública	182
6.4 Políticas públicas e regulações transformação dos espaços públicos	198
6.5. Desaguando.....	208
7. Conclusão	209
Referências bibliográficas	214

Índice de figuras

Gráfico 1 - Doenças de origem hídrica - Evolução das doenças de notificação obrigatória de possível origem hídrica no período de 2018 a 2022 (RASARP 2023 – Volume 2)	14
Figura 2 - Local de observação (Fonte das Sete Bicas).....	52
Figura 3 - Local da entrevista (Ponte do Carro)	58
Figura 4 Agradecimento dos entrevistados da Ponte do Carro	60
Figura 5 - Fonte da Cacheira (tanque e fonte)	103
Figura 6 - Fonte da Cacheira (pormenor placa)	104
Figura 7 - Fonte da Cacheira (pormenor separador do tanque)	105
Figura 8 - Fonte da Cacheira (pormenor fonte, garrafa e placas).....	106
Figura 9 - Bica Travessa Cândido dos Reis	107
Figura 10 - Fonte Parque do Carriçal.....	108
Figura 11 - Ponte do Carro (panorâmica).....	110
Figura 12 - Ponte do carro (ponte).....	111
Figura 13 - Ponte do Carro (tanque)	112
Figura 14 - Bica e tanque da Ponte do Carro - Guifões.....	112
Figura 15 - Fonte Real de Cima	114
Figura 16 - Fonte Real de Cima (pormenor banco e saída de água).....	115
Figura 17 - Fonte das Sete Bicas	116
Figura 18 - Fonte das Sete Bicas (pormenor inscrição)	117
Figura 19 - Fonte das Sete Bicas (pormenor placa informativa).....	118
Figura 20 - Bomba volante.....	119
Figura 21 - Bomba volante (bica e suporte)	120
Figura 22 - Bomba volante (bica, tanque com suporte e placa CM Matozinhos 1938)	121
Figura 23 - Fonte Feira de Sant'Ana (Junta de Freguesia).....	122
Figura 24 - Fonte Feira de Sant'Ana n.º3.....	123
Figura 25 - Fonte Feira de Sant'Ana n.º2.....	124
Figura 26 - Fonte Feira de Sant'Ana n.º1	124
Figura 27 - Quinta da Conceição (fonte do peixe).....	126
Figura 28 - Quinta da Conceição (fonte da carranca).....	127
Figura 29 - Quinta da Conceição (tanque pequeno)	128
Figura 30 - Quinta da Conceição (tanque grande)	129
Figura 31 - Lavadeiras no Rio Leça (anos 30/40) - fotografia de Andreino Fernandes (Biblioteca Foribela Espanca)	130
Figura 32 - Tanque dos lavadouros.....	133
Figura 33 - Tanque dos lavadouros (pormenor placa Matozinhos).....	133
Figura 34 - Tanque dos lavadouros (bica).....	134
Figura 35 - Tanque dos lavadouros (instrução "água limpa não lavar")	134
Figura 36- Tanque dos lavadouros (instrução "tanque de lavagem").....	135
Figura 37 - Tanque Rio da Aldeia	136
Figura 38 - Tanque Rio da Aldeia (panorâmica)	136
Figura 39 - Tanque Rio da Aldeia (pormenor Rio da Aldeia).....	137
Figura 40 - Tanque Rio da Aldeia (pormenor separador do tanque).....	138
Figura 41 - Tanque Rio da Aldeia (tanque e fonte)	139

Figura 42 - Tanque Rio da Aldeia (pormenor "resíduos").....	140
Figura 43 - Tanque Rio da Aldeia (pormenor placa informativa).....	140
Figura 44 - Tanque Horta das Austrálias	141
Figura 45 - Tanque Horta das Austrálias (pormenor escova e sabão)	142
Figura 46 - Tanque Mosteiro de Bouças (acesso)	143
Figura 47 - Tanque Mosteiro de Bouças (pormenor tanques).....	144
Figura 48 - Tanque Largo da Capela - Esposade	145
Figura 49 - Tanque Largo da Capela - Esposade (pormenor placa informativa).....	146
Figura 50 - Tanque do Paiço (ribeiro).....	147
Figura 51 - Tanque do Paiço (pormenor pedra de lavagem)	148
Figura 52 - Tanque do Paiço (panorâmica)	148
Figura 53- Tanque Pampelido (pomenor 1955 Câmara Municipal de Matosinhos)....	149
Figura 54- Tanque Pampelido	150
Figura 55- Tanque Parque da Lomba (placa identificativa).....	151
Figura 56- Tanque Parque da Lomba (panorâmica)	152
Figura 57- Tanque Parque da Lomba (pormenor placas sobrepostas)	153
Figura 58 - Tanque Vinha da Bouça	154
Figura 59 - Tanque Vinha da Bouça (pormenor resíduos)	154
Figura 60 Tanque Vinha da Bouça (pormenor pedra de lavagem)	155

Introdução

A água é um recurso de primeira necessidade para todas as formas de vida. Atualmente, é ainda um dos fatores mais importantes para o progresso das sociedades - uma comunidade não pode evoluir da mesma forma se não tiver um fornecimento de água adequado, ou seja, um acesso fácil e seguro. No entanto, a água também é um veículo de transmissão de doenças, tornando a sua salubridade uma das principais preocupações da saúde pública e para a população em geral.

Desde o relatório “Our Common Future” das Nações Unidas em 1987 até a Agenda 2030 com os seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a importância da água tem sido amplamente reconhecida. Aliás, o ODS 6, em particular, visa garantir a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos, colocando a água no centro dos esforços globais por um futuro sustentável.

Apesar dos avanços das últimas décadas, a Organização das Nações Unidas (ONU) relata que “três em cada dez pessoas não têm acesso a água potável, mais de 2 mil milhões vivem em países com um elevado nível de stress hídrico e cerca de 4 mil milhões de pessoas enfrentam grave escassez de água potável durante pelo menos um mês do ano¹”. Essas condições precárias resultam em sérios problemas de saúde, especialmente nos países em desenvolvimento, onde a população sofre com doenças relacionadas com a falta de água potável e saneamento inadequado. A isto acresce que a escassez de água segura pode levar a práticas arriscadas de armazenamento, aumentando a vulnerabilidade a surtos de doenças como a dengue.

Quando a água não se encontrava acessível a todos, era habitual a disponibilização de equipamentos para fornecimento de água com diferentes fins nomeadamente para abastecimento (enchimento de pequenos recipientes para levar água para as habitações, ou para os trabalhadores), para lavagens (nas casas ou em tanques públicos/comunitários), ou outras. Estes equipamentos, apesar de perderem o seu propósito com a universalidade do fornecimento de água, foram sendo mantidos nomeadamente devido às suas características (ex. valor patrimonial, valor cultural, ...), porque se trataram um “bem” do qual a população não quer perder o acesso (sentimento de posse); porque se o recurso existe, ele tem que estar disponível para todos quantos o queiram usar ou precisem (é um “bem de todos”), ou porque ainda há o hábito destes serem necessários e um local de encontros entre utilizadores (ou de encontro com as memórias).

¹ <https://unric.org/pt/agua/>

Em Portugal, complementarmente ao abastecimento público é comum o recurso à água de outras origens como poços, furos ou nascentes. A obtenção de água por estes meios, frequentemente tradicionais, é mais comum em áreas rurais e suburbanas, contudo, tal também não deixa de se verificar em contexto urbano e é empiricamente espectável o incremento do seu uso em momentos de crise económica (como a que se vive atualmente).

A prática do consumo de água faz parte da vida quotidiana dos seres humanos e acompanha a complexidade das suas vivências e necessidades ao longo dos séculos. Importa, portanto, problematizar a água enquanto objeto de estudo, a sua utilização enquanto algo natural, ou seja, algo da vida quotidiana.

No presente, procura-se refletir e compreender sobre o que motiva em Matosinhos, um concelho da área metropolitana do Porto, a utilização de água de origem não controlada quando está disponível de uma forma generalizada água da rede pública.

O concelho de Matosinhos, situado na região Norte de Portugal, destaca-se pela localização privilegiada ao longo da costa do Atlântico e pela proximidade com a cidade do Porto. Este município é caracterizado por uma combinação de áreas urbanas, praias, zonas verdes e espaços rurais, proporcionando um estilo de vida que combina a urbanidade, com a proximidade à natureza. Matosinhos também é conhecido pela sua história e pelo património, que inclui edifícios emblemáticos ligados às atividades marítimas, e diversas tradições e lendas, algumas das quais foram resgatadas nos últimos anos pelo Professor Joel Cleto.

A gestão da distribuição de água no concelho de Matosinhos está a cargo da INDAQUA Matosinhos, que assegura uma cobertura de 99% da rede de abastecimento. Contudo, a taxa de adesão ao serviço é de 93,1%, o que indica que um número significativo de residentes não utilizam a água da rede pública, possivelmente optando por fontes alternativas como poços, minas e fontanários. Esta situação levanta questões relevantes sobre o uso de águas não controladas, onde as práticas de utilização podem estar influenciadas por fatores económicos, culturais, tradições locais ou mesmo desconfiança em relação ao conhecimento científico convencional (RASARP 2023, Volume 1).

No que diz respeito às práticas de higiene, especialmente no que diz respeito à lavagem manual de roupas, Matosinhos destacou-se por uma atividade que muitas mulheres adotaram como profissão. As lavadeiras do rio Leça eram conhecidas por lavar grandes quantidades de roupa nas margens deste rio, mas o mesmo também ocorria, em menor escala, noutros cursos de água como o “Rio da Aldeia”. Com o tempo, essa prática expandiu-se para os lavadouros públicos, que se tornaram comuns graças

às obras de melhoramento realizadas pelo Estado. Esses lavadouros tiveram um impacto significativo na vida das comunidades locais, proporcionando um espaço mais apropriado para a lavagem das roupas, melhorando as condições de higiene e fomentando a criação de dinâmicas sociais nas áreas circundantes.

No período pós-revolução, Matosinhos, assim como muitos outros concelhos portugueses, enfrentava desafios significativos no acesso a água potável e saneamento, afetando especialmente as populações mais vulneráveis. Para compreender a evolução desse cenário, é fundamental analisar os documentos históricos que traçam o desenvolvimento do fornecimento de água em Portugal e, em particular, no concelho de Matosinhos. Esses documentos permitem identificar os diversos atores envolvidos no processo de abastecimento e como suas interações contribuíram para a construção das identidades local, regional e nacional.

Procura-se, com a presente, compreender como o uso da água se relaciona e contribui para a construção de património (físico e imaterial). A escolha do tema não é isenta de neutralidade e resulta do interesse pessoal e profissional. Aliás, as escolhas que fazemos são influenciadas por vários fatores e, no caso concreto do uso da água, contam-se como influenciadores as crenças, valores, experiências de vida, emoções e preconceitos, todos imersos num contexto histórico e social. Para além de compreender essas escolhas, existe um forte reconhecimento da importância da partilha memórias e tradições, entendendo-as como uma forma de preservar conhecimento. Muitas vezes, o passado é considerado um tempo mais auspicioso, como referiu Sobral (1999, p. 71): “exatamente quando esse passado está definitivamente segregado do presente e só como memória virá a figurar no futuro.” Neste sentido, reconhece-se a memória como um meio de conhecimento essencial, por abranger as experiências humanas e possibilitar a criação de novos saberes a partir dos significados que lhes são atribuídos. Assim, esta dissertação procura, também, partir das memórias, explorá-las e, com elas, enriquecer a compreensão do fenómeno.

Sabendo que entre a população ainda persistem hábitos, costumes e crenças populares que desempenham um papel significativo nas decisões quotidianas, pretende-se também compreender o seu papel na escolha e utilizações da água - como é que estas influenciam o comportamento dos indivíduos pelo uso de água não tratada, mesmo quando há disponibilidade de água tratada. Em Portugal, muitos desses costumes e crenças (e lendas) estão presentes na cultura popular, nomeadamente nos provérbios e canções transmitidos de geração em geração e, através dessas formas de transmissão oral, também se a mitigavam riscos e promoviam práticas mais seguras entre aqueles que não tinham acesso a informações científicas ou sanitárias. Também através da toponímia se preserva a memória coletiva sobre a água nos nomes dos

lugares - ainda são frequentes ruas, bairros e localidades que refletem, desta forma, a sua relação histórica com a água.

A investigação enquadra-se, portanto, no âmbito social, visando perceber quais as motivações que fazem optar por determinados comportamentos no que se refere à utilização de água de uma determinada origem, em detrimento de outras e/ou complementar a outras.

O objetivo principal desta investigação é entender a realidade através de um método que privilegia abordagens interpretativas e naturalistas. Segundo Cordeiro et al. (2003, pp. 95-96), a perspetiva interpretativista concentra-se em examinar como os processos de desvio e normalidade são gerados a partir da interação entre os atores sociais nos seus contextos específicos. Nesse sentido, a ordem social não é vista como algo externo e dado, que os indivíduos simplesmente seguem, mas sim como o produto de contínuas negociações sociais. “A ordem e a moral sociais são entendidas como construções sociais que têm lugar continuamente e são desenvolvidas pelos membros de uma comunidade; a ordem e a moral são construídas a partir do interior dos sujeitos.” Dessa forma, a interpretação dos fenómenos é realizada com base nos significados que os próprios participantes atribuem às suas práticas diárias.

O exercício de compreender é possível, de acordo com Pinto et al., com base no trabalho de Denzin e Lincoln (2008), através da pesquisa qualitativa enquanto abordagem que, com recurso a várias técnicas, explora e interpreta os fenómenos dentro dos seus contextos naturais. O pesquisador qualitativo trabalha diretamente no ambiente onde as pessoas vivem e agem, procurando entender os fenómenos a partir dos significados que os participantes lhes atribuem. Esta abordagem destaca-se por permitir a utilização de várias técnicas (narrativas, histórias de vida, documentos históricos, entrevistas, observações, fotografias e textos visuais), para captar a complexidade dos fenómenos em estudo. Além disso, enfatiza a relevância do contexto natural, ou seja, o ambiente em que as pessoas realizam suas atividades quotidianas, em contraste com estudos que manipulam ou controlam esse ambiente.

Para se poder compreender a realidade, a investigação será apoiada pela teoria das representações sociais, uma vez que o que se pretende investigar são as representações sociais relacionadas com os usos da água de diferentes origens no contexto urbano que é o concelho de Matosinhos. Através da análise dessas representações, procurar-se-á compreender como os valores, as crenças e as experiências partilhadas influenciam as suas práticas e suas relações com “as águas”.

O contexto do estudo é o local de utilização da água, ou seja, junto de fontes, fontanários, lavadouros públicos ou semelhantes. A recolha de dados será efetuada através do método etnográfico, recorrendo particularmente à observação participante,

mas também através de entrevistas etnográficas e análise documental, visando uma criar uma compreensão mais abrangente e uma exploração mais profunda das realidades sociais e culturais. Apesar de permitir estabelecer ligações entre os fenómenos em análise e descobrir semelhanças/diferenças, esta opção metodológica não exclui enviesamentos relacionados com as opções pessoais do investigador – resultado do seu papel de profissional da área da saúde pública, enquanto técnico de saúde ambiental, e dos conhecimentos adquiridos como cidadão comum.

Com este estudo, que utiliza uma abordagem enográfica, pretende-se desenvolver conhecimento reflexivo e agregar memórias das pessoas e do património de Matosinhos, podendo agir como promotor de democracia cultural na criação de conhecimento que seja claro e acessível à comunidade, particularmente à envolvida neste estudo. Pretende-se, também, contribuir para a compreensão das dinâmicas associadas a estes comportamentos sociais e, dessa forma, para a definição de intervenções de saúde pública de precisão (direcionadas a uma população em específico) e/ou para programas específicos de Educação para a Saúde, como campanhas de sensibilização para o consumo de água de origem segura.

A presente dissertação é organizada em três partes, que exploram diferentes aspetos da investigação qualitativa realizada. A primeira parte trata da problematização teórica e da relevância do estudo. Aqui, apresenta-se a fundamentação teórica e discute-se a importância de analisar a relação com a água, destacando a pertinência do tema no contexto atual. O enquadramento teórico inclui uma revisão da literatura, que justifica a escolha do objeto de estudo, posicionando-o dentro do campo da saúde pública e da educação para a saúde e demonstra a relevância e pertinência da investigação. A segunda parte explora as origens do tema, abordando primeiro a relação entre a saúde pública e o abastecimento de água, com um foco na realidade urbana e nas crenças associadas ao uso da água. Em seguida, descreve-se a evolução histórica do objeto de estudo, oferecendo um olhar histórico sobre o fornecimento de água em Portugal e as transformações ao longo do tempo. O terceiro capítulo discute as questões epistemológicas relacionadas com a pesquisa, refletindo sobre as abordagens teóricas, detalha as opções metodológicas da pesquisa, explicando o desenvolvimento do desenho de investigação e as técnicas utilizadas, incluindo a operacionalização do trabalho de campo. Na terceira parte a atenção é direcionada para a apresentação de dados e sua interpretação e discussão dos resultados. No primeiro capítulo, realiza-se uma análise das fontes e lavadouros públicos em Matosinhos, com um breve enquadramento histórico e a situação atual, e caracterização desses locais. São também apresentados os resultados da observação participante, juntamente com as entrevistas realizadas. Procede-se à análise dos resultados apresentados e à

elaboração das conclusões e considerações finais, enquadrando a investigação no contexto do Mestrado em Educação para Saúde.

Pretende-se com a presente investigação, uma abordagem abrangente do tema, combinando aspetos históricos, teóricos e empíricos, para uma compreensão fundamentada sobre os diferentes usos das águas.

1. Porquê analisar a água | Problematização teórica

Para uma investigação qualitativa que se propõe a explorar as complexas relações entre o ser humano e a água, é fundamental considerar tanto os aspetos culturais, como os aspetos mais práticos relacionados com este recurso vital. A água, além de ser essencial para a vida, é também um património cultural que reflete as interações históricas e sociais das comunidades. Refere o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2024) que o conceito de património² inclui não apenas bens materiais e imateriais de relevância cultural, mas também recursos naturais que possuem valor intrínseco para as comunidades.

Desta forma, água deve ser entendida como um bem que exige proteção e gestão cuidadosa, envolvendo tanto políticas públicas, como ao nível das comunidades e à escala individual.

A relação entre a água e a comunidade não é apenas uma questão de gestão de recursos, mas também de memória social. Durand (2003) sublinha que “a água sempre obrigou as comunidades humanas a refletirem sobre as suas dimensões espaciais e temporais” e que, com o seu estatuto de património a ganhar reconhecimento global, essa reflexão torna-se ainda mais pertinente. Aliás, o autor defende que a água surge como um objeto de estudo privilegiado, uma vez que as suas características e usos permeiam diversas esferas da vida humana e que a sua natureza fluida e adaptável “parece ter corroído também as fronteiras” entre os diferentes campos do conhecimento, o que fomenta abordagens interdisciplinares.

O estudo de Haggerty et al. (2021) sobre um século de gestão de um sistema de abastecimento de água rural (1916-2010), destaca que a memória social desempenha um papel crucial na gestão de recursos hídricos. Este evidencia como as experiências e conhecimentos acumulados moldam as práticas e decisões das comunidades. A memória social, como um recurso coletivo, influencia a perceção sobre as infraestruturas e orienta as respostas a desafios e mudanças. A pesquisa destaca ainda que a memória social, construída através de um processo contínuo de aprendizagem e transmissão, entre gerações, de histórias, valores e práticas, é essencial para a identidade e resiliência comunitária, demonstrando que é essencial compreender essa memória para o desenvolvimento de políticas públicas eficazes e sustentáveis e que considerem as necessidades e realidades locais.

² <https://dicionario.priberam.org/patrim%C3%B3nio>

A crescente complexidade da gestão da água, impulsionada pelo aumento da procura e pelas alterações climáticas, realça a importância de estudar o comportamento humano em relação a esse recurso. Hurlimann, Dolnicar e Meyer (2009) destacam, numa revisão da literatura, a necessidade de compreender os comportamentos reais dos consumidores em relação à água. Apesar de muitos estudos se concentrarem nas características pessoais e nas intenções comportamentais, os autores destacam lacunas na pesquisa sobre a adoção efetiva de comportamentos, bem como que é necessária investigação que inclua a influência das normas sociais e do controlo percebido sobre o comportamento, o impacto das intervenções relacionadas com a água e os efeitos relacionados com as características do contexto.

Ao nível dos estudos de aceitação de fontes de água alternativas, Dolnicar e Hurlimann (2009, 2011) investigaram relativamente ao uso de água reciclada ou água do mar dessalinizada. Os autores identificam como fatores que influenciam a disposição das pessoas a utilizar essas fontes o custo de produção e preocupações relacionadas com a saúde. A maioria das pessoas está disposta a utilizar essas fontes em caso de crise hídrica e a sua aceitação depende significativamente das perceções públicas, normas sociais e da confiança nas fontes de informação, destacando-se como grupo mais credível o dos investigadores (comparativamente, por exemplo, aos políticos).

Em Portugal, um estudo realizado pelo Grupo Águas de Portugal em 2018 e replicado em 2021 para compreender as “atitudes e comportamentos dos portugueses face à água”, revelou que, apesar de a água ser valorizada como um recurso essencial, ainda há contradições no comportamento dos consumidores. Muitos reconhecem a importância de poupar água, mas poucos traduzem essa consciência em práticas concretas de redução de consumo. O estudo sugere que o baixo custo da água contribui para a sua desvalorização e desperdício, apesar de a água possuir um valor simbólico que transcende o preço e que, apesar de apontar no sentido de uma mudança, a alteração de comportamento enfrenta desafios como a dificuldade em alterar hábitos enraizados.

A etnografia emerge, neste contexto, como uma metodologia eficaz para explorar as dinâmicas quotidianas relacionadas com o uso da água. O uso da água, sendo parte do quotidiano, requer uma investigação que vá além de uma abordagem macroscópica do social, incorporando os detalhes das interações individuais e coletivas. Pais (1986) argumenta que o quotidiano é um espaço privilegiado para a investigação social, revelando processos de transformação e conflitos dentro das sociedades.

Para conhecer a interação entre o homem e a água, é necessário investigar as motivações por trás das práticas de consumo de água e como essas práticas se relacionam com as perceções e comportamentos de outros indivíduos. Estudos como

os de Hurlimann, Meyer e Dolnicar (2009) e Dolnicar e Hurlimann (2009) fornecem uma base teórica valiosa, utilizando a Teoria do Comportamento Planeado para analisar como atitudes, normas sociais e controle comportamental percebido influenciam as intenções e comportamentos relacionados ao uso da água.

A investigação qualitativa, com as suas metodologias de observação e análise em contextos sociais e ambientais, é essencial para compreender as complexas interações humanas com a água. A compreensão profunda dessas dinâmicas pode, portanto, informar políticas públicas mais eficazes e promover práticas de gestão de recursos hídricos que sejam culturalmente sensíveis e sustentáveis. Entende-se, portanto, que a compreensão e aquisição de conhecimento sobre o uso da água, neste caso, necessitam de ser feitas a partir do interior dessa prática quotidiana, considerando as motivações por trás dessa utilização específica e a eventual relação com outros indivíduos que partilham as mesmas práticas. Para conhecer essa realidade, é essencial compreender as organizações cognitivas sobre a utilização da água que fazem parte do quotidiano, vivenciando-as. Portanto, torna-se necessário utilizar métodos e técnicas que envolvam a observação e a pesquisa em contextos ambientais, sociais e antropológicos.

Para demonstrar que o consumo de água da torneira, apesar de acessível e segura, não é consensual, March et al. (2020) avaliaram as estratégias domésticas para lidar com a percepção da qualidade da água da torneira e os motivos para a instalação de sistemas de tratamento de água em casa e o uso de água engarrafada na Catalunha, Espanha. O estudo conclui que a percepção da qualidade da água da torneira é um dos principais motivos para a preferência por alternativas como a água engarrafada ou sistemas de tratamento de água em casa. Os consumidores tendem a considerar negativamente o sabor, cheiro e presença de cloro na água da torneira, além de preocupações com a segurança e saúde. A presença de crianças em casa também é um fator importante, uma vez que as famílias com crianças pequenas são mais propensas a usar água engarrafada devido ao "efeito cuidador", que reflete uma maior sensibilidade aos riscos percebidos da água da torneira (Marche t. al, 2020).

Os métodos de investigação qualitativa, ao exigirem que o investigador se coloque no local onde a ação decorre e com uma atitude crítica tanto na observação dos pressupostos, como na produção de conhecimento, são entendidos como os mais adequados para cumprir o propósito desta investigação.

A Teoria das Representações Sociais e a construção do conhecimento

A Teoria das Representações Sociais (TRS), desenvolvida por Serge Moscovici, permite uma compreensão aprofundada da relação entre o indivíduo e a sociedade na construção da realidade. Moscovici (1988) argumenta que as representações sociais não são meras reflexões passivas da realidade, mas construções ativas que moldam a percepção e as ações dos indivíduos e grupos. Essas representações são influenciadas pelas interações sociais, onde os sujeitos, longe de serem “receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente as suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam (Moscovici; 1988; P. 45). Assim, são agentes ativos que, ao interagir com outros e com o meio social, constroem constantemente significados e interpretações sobre o mundo.

Complementando essa perspectiva, Spink (1993; pp 302-306) amplia o campo de estudo da TRS “além das fronteiras da história das ideias” e direciona o seu olhar para o conhecimento que circula no cotidiano, nas interações sociais, com o “homem comum”, isto é, ao conhecimento do senso comum que sustenta as práticas quotidianas. Desta forma, a TRS procura desvelar a “teia de significados que sustenta o cotidiano” e sem a qual nenhuma sociedade pode existir. Esta abordagem ganha especial importância em estudos etnográficos, ao permitir ao pesquisador compreender como crenças, valores e práticas partilhadas moldam e refletem a visão de mundo de uma determinada comunidade. O mesmo é corroborado por Parreira et al. (2018) que refere que a Teoria das Representações Sociais investiga como as pessoas constroem e partilham conhecimentos em sociedade e se interessa tanto pelo conteúdo dessas ideias (conceitos, valores e crenças), como pelos processos sociais que as moldam e transmitem.

Com o seu conceito de habitus, de Pierre Bourdieu, explica como as disposições internalizadas durante o processo de socialização estruturam as práticas sociais e culturais dos indivíduos, “gostos e aversões, às simpatias e antipatias, às fantasias e fobias – tudo isso, mais que opiniões declaradas, serve de fundamento, no inconsciente, à unidade de uma classe” (Bourdieu; 2007, p. 75). Aliás, num estudo etnográfico, o habitus ajuda a entender como as práticas quotidianas são moldadas por essas disposições, que são influenciadas pelas condições de existência e pela posição social dos indivíduos: “o habitus permite estabelecer uma relação inteligível e necessária entre determinadas práticas e uma situação, cujo sentido é produzido por ele em função de categorias de percepção e de apreciação; por sua vez, estas são produzidas por uma condição objetivamente observável” (Bourdieu; 2007, p. 96). Desta forma, ao analisar a construção da identidade e os processos de identificação, Bourdieu oferece uma

estrutura para compreender como as representações sociais se enraízam em disposições sociais e culturais.

Rechena (2011) enfatiza a importância do sujeito na construção do conhecimento social. À semelhança do referido pela autora sobre o património cultural, pode afirmar-se que, o ser humano quando interage com o património natural, no caso específico da água, seja em ambientes naturais ou em patrimónios construídos, também aí estão presentes as representações sociais de cada indivíduo que lhe permitem interpretar a disponibilidade deste recurso natural, a infraestrutura que o suporta e a segurança do seu uso. São essas representações, algumas preservadas apenas na memória, que possibilitam ao indivíduo decodificar e apropriar-se desse recurso, integrando-o na sua estrutura mental preexistente.

A comunicação, base de todas as interações humanas, está, portanto, presente nesses espaços, que também atuam como meios emissores através da utilização de signos (os objetos). Nesses locais, o recetor, seja ele visitante ou utilizador, ao apropriar-se desse “património”, dá sentido ao objeto, interpretando-o e decodificando-o. Isto reforça o papel ativo do sujeito neste contexto, isto é, a água não deixa de correr na ausência do sujeito, mas o objeto só cumpre o seu significado na presença de alguém que lhe atribua um sentido. Assim, neste contexto, a água não é apenas um recurso natural, mas também um símbolo carregado de significados e emoções.

Atendendo à importância das representações sociais, do *habitus* e do conhecimento do senso comum na compreensão das práticas culturais e sociais e considerando as teorias e conceitos desenvolvidos por estes autores, esta Teoria oferece uma base teórica para explorar, num contexto etnográfico, como os significados sociais são construídos e mantidos. Permite captar as diversas formas de conhecimento dentro de uma comunidade, reconhecendo a importância das práticas e crenças locais na construção do conhecimento social e nas ações do quotidiano.

Assim, optou-se na presente investigação por uma aproximação a esta teoria.

2. Primeiras águas | Saúde pública, abastecimento de água, cidade e crenças – uma interseção

A Saúde Pública, como campo de estudo, e na prática, tem as raízes nas primeiras civilizações. Desde então, tem evoluído para englobar uma diversidade de práticas e políticas que se destinam a proteger e promover a saúde das populações. Este capítulo explora a ligação entre vários conceitos como de Saúde Pública, abastecimento de água, urbanização e contexto urbano, analisando como estes elementos se influenciam mutuamente, bem como outros conceitos menos científicos, como as crenças, e que moldam as políticas e práticas de saúde ao longo do tempo e no contexto contemporâneo.

2.1 Saúde pública: evolução e dimensões

A Saúde Pública, enquanto conceito, é uma disciplina que começou a tomar forma com a implementação de medidas de saneamento e higiene nas primeiras civilizações. Essas ações, como a construção de saneamento e aquedutos para fornecimento de água, visavam proteger as populações contra doenças infecciosas que se propagavam de forma rápida, particularmente nos meios urbanos. Já Gonçalves Ferreira sublinhava a dificuldade de definir a Saúde Pública de forma sucinta e clara, devido à sua variabilidade ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais (Almeida, 2010).

A consolidação da Saúde Pública como campo de conhecimento ocorreu no século XIX, com figuras proeminentes como John Simon (1816-1904), que foi o primeiro Director-Geral da Saúde (*Chief Medical Officer*) do Reino Unido e que promoveu a organização das práticas de Saúde Pública. Desde então, a Saúde Pública tem sido entendida de várias maneiras: como um sistema social, uma profissão, um método de intervenção, um serviço público e, fundamentalmente, como a saúde da população. Gonçalves Ferreira destaca a importância da "dimensão ecológica" da Saúde Pública, enfatizando que seu objetivo principal é o estudo e a solução dos problemas de saúde dos indivíduos no contexto do seu ambiente específico. Esta visão reconhece que a saúde não pode ser dissociada do ambiente em que os indivíduos vivem, e que as intervenções em Saúde Pública devem considerar os fatores ecológicos e sociais (Almeida; 2010).

A Saúde Pública é, também, fortemente influenciada por decisões políticas, uma vez que depende do comprometimento dos governos para a implementação de políticas ou medidas que protejam a saúde das populações, sendo a prevenção a principal estratégia da Saúde Pública.

2.2. Abastecimento de água e saúde pública

O abastecimento de água potável é um pilar fundamental da Saúde Pública, desempenhando um papel crucial na prevenção de doenças e na promoção da saúde das populações. Em Portugal, as últimas décadas testemunharam melhorias significativas na qualidade da água destinada ao consumo humano, em grande parte devido à implementação de diretivas europeias e a um sistema robusto de regulação da qualidade da água. A legislação atual, nomeadamente o Decreto-Lei n.º 69/2023 de 21 de agosto, define a água potável como "toda a água destinada a ser bebida, a cozinhar, à preparação de alimentos, à higiene pessoal ou a outros fins domésticos", estabelecendo critérios rigorosos para garantir a segurança e a saúde das populações.

A escassez hídrica no futuro próximo, conforme destaca Viegas (2023), é uma realidade iminente em Portugal, onde as projeções indicam que a procura por água superará a oferta. O aumento das temperaturas e a alteração dos padrões de precipitação, decorrentes das alterações climáticas, estão a causar secas mais frequentes e prolongadas. Estes fatores, aliados aos incêndios florestais, contribuem para a degradação da qualidade da água, podendo comprometer o abastecimento às populações. A contaminação da água potável, seja por microrganismos ou por poluentes químicos, representa uma ameaça significativa à saúde pública. A médio e longo prazos, a escassez hídrica pode ter impactos profundos na agricultura, na indústria e no turismo, além de afetar diretamente a qualidade de vida da população.

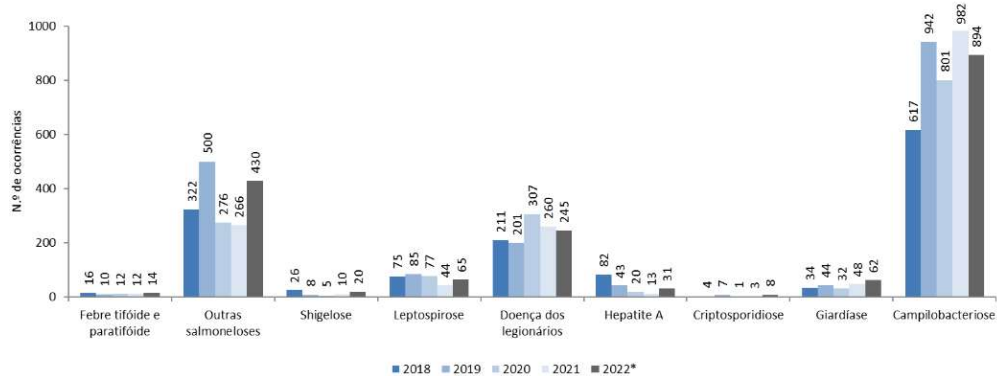
A água, essencial para a saúde, quando contaminada, pode causar uma série de problemas de saúde, variando de doenças gastrointestinais, como diarreia e cólera, a doenças transmitidas pela água, como febre tifóide e leptospirose. Além disso, a poluição da água pode levar a problemas de pele, irritações respiratórias e danos ao sistema nervoso. A exposição crónica a metais pesados e pesticidas está associada a problemas neurológicos e a determinadas neoplasias. Assim, a qualidade da água consumida é um fator determinante para a saúde das populações, o que reforça a importância de um rigoroso controlo da água distribuída.

A legislação nacional no âmbito da água de consumo humano não é recente, embora tenha sido revista em 2023. Esta regulamentação visa proteger a saúde humana de qualquer contaminação da água destinada ao consumo, assegurando sua salubridade e limpeza, conforme especificado no preâmbulo do Decreto-Lei n.º 69/2023. Este normativo afirma que a água para consumo humano não deve conter microrganismos, parasitas ou substâncias que, em quantidades ou concentrações, possam representar um perigo potencial para a saúde. Além disso, prevê que todos os edifícios com acesso ao serviço de abastecimento público de água devem estar ligados aos respetivos sistemas públicos.

Para garantir a qualidade da água, as entidades competentes realizam periodicamente colheitas para monitorizar sua qualidade e identificar possíveis riscos para a saúde. De acordo com a Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos (ERSAR), cerca de 99% da água controlada em Portugal é de boa qualidade, evidenciando que a água que chega às torneiras dos consumidores é segura e de alta qualidade (RASARP 2023 – Relatório Anual dos Serviços de Águas e Resíduos em Portugal Vol1).

A garantia de consumo de água segura é de particular importância, pelo que a utilização de água proveniente de origens alternativas pode representar um risco significativo para a saúde desses utilizadores, uma vez que nessas fontes, muitas vezes, não é controlada a qualidade da água. Muitos utilizadores podem não estar cientes da qualidade dessas águas, expondo-se a riscos sanitários que podem ter consequências graves.

As doenças de origem hídrica continuam a ocorrer na Europa, e em Portugal, as doenças de notificação obrigatória de possível origem hídrica entre 2018 e 2022 têm demonstrado um aumento constante na generalidade das doenças.



*Dados provisórios.

Gráfico 1 - Doenças de origem hídrica - Evolução das doenças de notificação obrigatória de possível origem hídrica no período de 2018 a 2022 (RASARP 2023 – Volume 2)

Nesta série temporal, de 2018 a 2022, apesar de se verificar uma diminuição no número de casos notificados de campilobacteriose, a tendência de aumento de doenças como criptosporidiose e giardíase é preocupante. Embora ainda se mantenham dentro da mesma ordem de grandeza dos anos anteriores, o aumento observado em outras salmoneloses é significativo, destacando a importância contínua da vigilância e do controlo da qualidade da água. Contudo, na leitura destes dados, é crucial ter em consideração que algumas das doenças referidas podem ter outras vias de transmissão além da via hídrica, e da eventual subnotificação que pode subestimar os casos reais (por fatores como a automedicação e situações de sintomatologia ligeira e inespecífica e que não motivam a procura de cuidados médicos).

A qualidade da água é, portanto, uma questão importante de saúde pública. O desafio de assegurar um abastecimento de água seguro e sustentável é cada vez mais complexo, especialmente devido às alterações climáticas e das pressões crescentes sobre os recursos hídricos.

2.3. Urbanização e saúde: o papel das cidades

As cidades são ambientes dinâmicos e em constante transformação, e desempenham um papel central na Saúde Pública. A urbanização, com as suas altas densidades populacionais e infraestruturas complexas, também apresenta desafios à saúde das populações. Conforme Ferreira (2000), a cidade deve ser vista como um "projeto socialmente em construção", onde a sua forma e função resultam das interações e conflitos entre os diversos grupos sociais e atores económicos e culturais. Este processo contínuo de construção reflete a mutabilidade das cidades, onde as mudanças económicas, sociais e culturais influenciam diretamente a saúde dos seus habitantes.

A cidade, segundo Ferreira (2000), não é apenas um conjunto de edifícios e infraestruturas; ela incorpora um "modo de vida" e um "habitat urbano" que interagem para moldar as condições de vida e, conseqüentemente, a saúde das populações. O autor também destaca a importância do património urbano, que abrange os elementos constitutivos da história, cultura e identidade de um território. Este património não só define a identidade social e espacial das cidades, mas também desempenha um papel crucial na sociologia urbana, que analisa a relação entre as condições sociais e espaciais da vida urbana. Portanto, para entender a saúde em ambientes urbanos, é

essencial considerar a interação complexa entre o território, as infraestruturas e a população, todos elementos em constante construção e redefinição e, funcionalmente, enquanto projeto acabado, sendo os habitantes o maior capital das cidades, que lhe conferem a dimensão cultural, histórica e sociológica.

2.4. Crenças e conhecimento na saúde pública

As crenças, muitas vezes associadas a uma dimensão afetiva, têm uma influência significativa nas práticas e percepções relacionadas com a Saúde Pública. De acordo com Guimarães (2010), crenças e concepções são frequentemente associadas, mas diferem na sua natureza: enquanto as crenças tendem a ter uma carga afetiva mais forte, as concepções incluem tanto dimensões afetivas como cognitivas. As crenças, em particular, funcionam como "configurações antecipadoras" que orientam as reações dos indivíduos diante de situações específicas, moldando as suas atitudes e comportamentos em relação à saúde.

Guimarães (2010) destaca que a distinção entre crença e conhecimento, conforme discutido por autores como Rokeach e Pajares, é complexa e, muitas vezes, ambígua. O conhecimento é frequentemente considerado mais objetivo e consensual, enquanto que as crenças são vistas como subjetivas e fortemente influenciadas por experiências pessoais e culturais. O autor cita Nespor, que sugere que as crenças têm uma "estrutura episódica", sendo profundamente enraizadas no vivenciado pelos sujeitos, enquanto o conhecimento possui uma estrutura mais abstrata e organizada. Contudo, essa distinção nem sempre é clara, pois o conhecimento pode ter origem em crenças, especialmente quando estas são aceites como premissas fundamentais para a compreensão da realidade.

Para Guimarães (2010), tanto as crenças, como o conhecimento envolvem elementos afetivos e cognitivos, o que desafia a separação rígida entre razão e emoção. Essa interligação torna difícil uma distinção definitiva entre ambos, o que é crucial na análise das práticas de Saúde Pública, onde crenças e conhecimento influenciam as decisões e comportamentos das populações, condicionando vários comportamentos do quotidiano como no caso específico da utilização da água de diferentes origens, ou da utilização de água sabendo que a mesma é de uma origem não controlada.

No processo de transmissão de conhecimento e adoção de determinadas práticas, além das crenças, a memória também desempenha um papel importante.

Como conceito, a memória³, abrange tanto a capacidade individual de reter e recordar informações e a memória coletiva envolve a preservação de histórias, tradições e conhecimentos partilhados por um determinado grupo social. Esta memória coletiva é frequentemente materializada em monumentos comemorativos, documentos históricos e práticas culturais, que ajudam a manter vivas as experiências do passado e, de certa forma, a orientar as ações futuras.

No campo da Saúde Pública, a memória, a crença, as tradições e os costumes são fundamentais para entender como as experiências passadas influenciam as práticas atuais.

Esta interseção entre Saúde Pública, abastecimento de água, urbanização e crenças revela a complexidade e a importância de uma abordagem integrada e holística na presente investigação. Compreender e integrar as dimensões históricas, culturais e sociais é essencial para enfrentar os desafios contemporâneos relacionados com a água de consumo, bem como para promover a saúde nos contextos urbanos, cada vez mais dinâmicos.

3. Correr da água | Evolução do fornecimento de água em Portugal

A qualidade da água destinada ao consumo humano é um indicador fundamental para avaliar o nível de desenvolvimento de um país e também do bem-estar da população.

A análise histórica das políticas públicas de abastecimento e saneamento de águas em Portugal revela um percurso marcado por desafios financeiros, indecisões políticas que afetaram profundamente a eficácia dessas políticas. Considera-se que essa análise é crucial, não apenas para entender a evolução das políticas ao longo do tempo, mas também para compreender a realidade atual do setor.

Apesar da importância deste tema, há dificuldades no acesso a fontes de informação exaustivas e sistematizadas, resultado da falta de tradição de processos de recolha, tratamento e agregação desse tipo de dados, particularmente em escalas mais pequenas, como são o nível regional ou municipal. Por essa razão, apresenta-se aqui uma resenha que procura abranger uma perspetiva nacional e, sempre que possível,

³ <https://dicionario.priberam.org/mem%C3%B3ria>

regional e local, baseada essencialmente nos estudos de Pato, História das Políticas Públicas de Abastecimento e Saneamento de Águas em Portugal (2011).

Em Portugal, as políticas públicas de fornecimento de água e saneamento começaram a tomar forma de maneira mais concreta no final do século XIX. Nesse período, a ciência já tinha demonstrado a relação entre várias doenças infecciosas e a ausência de sistemas adequados de abastecimento de água potável e saneamento. A falta desses sistemas, associada às elevadas taxas de mortalidade e morbilidade, especialmente infantil, justificou a necessidade urgente de uma reforma no setor. Esta reforma tinha como objetivo redefinir as orientações fundamentais das políticas de saúde pública e garantir as condições técnicas, administrativas e materiais necessárias para a sua implementação no território nacional.

O desenvolvimento dos aglomerados habitacionais com sistemas de abastecimento de água progrediu conforme o ritmo estabelecido pelo Estado, a disponibilidade de financiamento e a capacidade técnica existente à época. No entanto, a indecisão política sobre o melhor modelo de organização político-administrativa do território — que oscilava entre centralização e descentralização —, aliada à frágil situação financeira do país, agravada pela bancarrota de 1892, limitou significativamente o desenvolvimento de um modelo de governação eficiente.

No início do século XX, a prioridade foi dada à infraestruturação, que envolvia apoio técnico e financeiro às autarquias pelo Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, em detrimento da vertente governamental de saúde pública, que incluía a inspeção sanitária. Essa escolha política resultou numa opção descentralizadora, contudo, como essa estratégia dependia do Estado para regulamentação e apoio técnico-financeiro, e as autarquias careciam dos meios necessários para desempenhar as suas funções, o processo de implementação e desenvolvimento das políticas públicas de abastecimento e saneamento de águas tornou-se lento e disfuncional.

Contudo, no final do século XIX, o aumento demográfico e a urbanização foram identificados pelo sanitarista português, Dr. Ricardo Jorge, como as principais causas dos crescentes problemas sanitários no país. Enquanto alguns países europeus e os Estados Unidos da América as intervenções sanitárias demonstravam resultados significativos, Portugal enfrentava desafios graves devido à falta de higiene urbana.

A necessidade de melhorar o abastecimento de água, inicialmente através de fontanários e, posteriormente, com os primeiros esforços para estabelecer a distribuição domiciliar, foi uma resposta às epidemias de febre tifóide e cólera que devastavam os centros urbanos, causadas pelas péssimas condições sanitárias e pelo consumo de água imprópria para uso humano. Para enfrentar esta questão, foi necessário alocar recursos financeiros. Ao longo das últimas três décadas do século XIX, a resposta

política foi, em grande parte, baseada no regime de concessão dos serviços a entidades privadas (Pato, 2011, p. 33).

Antes da implementação do abastecimento domiciliar de água, a maioria da população dependia de fontes públicas, enquanto os mais abastados contratavam "aguadeiros", geralmente galegos que fugiam do serviço militar, para fornecer água "avulso" ou "por assinatura".⁴No entanto, a contaminação da água, as doenças transmitidas, a evolução dos cuidados de saúde e as crescentes exigências de qualidade de vida exigiam uma transformação radical do sistema de abastecimento.

No Porto, a partir de 1855, surgiram várias companhias interessadas na execução de obras para captação, elevação, transporte e distribuição domiciliar de água. Em 22 de março de 1882, foi assinado um contrato com a "Compagnie Générale des Eaux pour l'Étranger", aprovado por Carta de Lei em 27 de julho do mesmo ano. As obras foram concluídas em 1886 e o abastecimento regularizado em 1 de janeiro de 1887. Este contrato concedia à cidade do Porto o uso exclusivo da água dos Rios Sousa e Ferreira por um período de 99 anos, o máximo permitido por lei na época. Em 1901, esse contrato foi estendido a Matosinhos. Após essa concessão, o mesmo modelo foi adotado nos principais centros urbanos do país, como Figueira da Foz (1887), Setúbal (1889), Viseu (1897) e Faro (1899), contudo, tradicionalmente, essa responsabilidade sempre foi assumida pelas autarquias (que tiveram exclusividade nessa atribuição até à última década do século XX, embora sempre muito dependentes do financiamento estatal).

O estado sanitário frágil e "doentio" do país naquela época são demonstrados pelas observações científicas e preocupação demonstrada no relatório apresentado em 1888 à Comissão Municipal de Saneamento do Porto, pelo Dr. Ricardo Jorge. Este referia que "isenção de germes mórbidos no alimento exige-a o princípio demonstrado de que tantas infecções nos insultam, franqueando as portas do tubo digestivo. Para a água, transportadora, como hoje está provado à saciedade, de tanto micróbio daninho, e em especial do tífico" (Jorge; 1888; P. 15).

O epidemiologista Ricardo Jorge também destacou que "o segundo predicamento sanitário é a desinfecção rigorosa. (...). A água em movimento domina o podreiro. Há impossibilidade do cidadão se afastar do excremento; pois seja a correnteza da água que lho afaste de contínuo." (Jorge, 1888; p. 15).

A já debilitada situação financeira do país, após a declaração de bancarrota em 1892, foi agravada pelo envolvimento de Portugal na Primeira Guerra Mundial, limitando o investimento em grandes infraestruturas, incluindo o setor das águas, que dependia

⁴ <https://www.aguasdoporto.pt/abastecimento-de-agua/contextualizacao-historica>

das transferências da administração central para as autarquias. Os investimentos e as orientações políticas foram direcionados para resolver os problemas das grandes cidades, tendência que persistiu até à década de 1950.

O Dr. Eduardo Burnay, delegado de saúde de Lisboa, em 1895, destaca “o estado da arte” ao enumerar o que era considerado, à época, como uma água potável. Estas orientações permitiam uma “avaliação simplificada”, mas de extrema importância, considerando as dificuldades relacionadas com a realização de análises laboratoriais:

“deve ter-se presente que uma boa água potável, como é sabido, tem de ser, sem falar nos requisitos mais especialmente analíticos, químicos e biológicos:

- 1º – Límpida, incolor e privada de corpos em suspensão;
- 2º – Destituída de cheiro;
- 3º – Não insípida, mas destituída de sabor desagradável, salgado ou adocicado;
- 4º – Fresca, não excedendo a sua temperatura 16º;
- 5º – Neutra, ou apenas dotada de levíssima reação ácida (ácido carbónico);
- 6º – Arejada;
- 7º – Imputrescível;
- 8º – Leve no estômago;
- 9º – Própria para a cocção dos legumes e lavagem com sabão” (Burnay, 1895;

p. 6).

Com o passar dos anos, as câmaras municipais assumiram os principais encargos financeiros e a iniciativa na promoção da higiene e da saúde pública nos seus concelhos. Inicialmente, estipulou-se que deveriam adquirir material de desinfecção e providenciar a defesa sanitária do concelho “na medida das suas forças e iniciativa”, além de custear a criação de laboratórios de higiene e postos de desinfecção em cada capital de distrito, destinados ao uso dos delegados e subdelegados de saúde (artigos 13º e 14º do Decreto de 28 de dezembro de 1899). Posteriormente, foram definidas várias atribuições para as câmaras municipais, incluindo o abastecimento de água às povoações do concelho, com as melhores condições possíveis de quantidade e qualidade, construindo e conservando fontes, poços, reservatórios e aquedutos conforme o sistema mais adequado de obtenção e transporte de água potável, protegida contra causas de contaminação e poluição. Também era responsabilidade das autarquias instalar um sistema municipal de desinfecção pública e contribuir, dentro dos seus meios e faculdades, para a prevenção e combate às epidemias (artigos 13º e 14º do Decreto de 28 de dezembro de 1899).

Para qualquer povoação que pretendesse abastecer-se de águas potáveis, era necessário solicitar ao Governador Civil do distrito, através do presidente da câmara,

um inquérito sobre as condições de salubridade. O serviço de minas do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria determinava, então, o volume de água utilizável, a sua pureza e as medidas de proteção necessárias para evitar a contaminação. O serviço de saúde pública seria responsável pela análise química e bacteriológica da água, bem como pelo estudo dos seus efeitos na população (artigo 5º do Decreto de 28 de dezembro de 1899).

A reorganização política dos serviços de saúde pública em 1899, seguida pela publicação do regulamento geral dos serviços de saúde e beneficência pública (1901) e do regulamento para fiscalização das águas potáveis destinadas ao consumo público (1904), marcaram o início de um processo de regulação das condições sanitárias no país (RASARP; 2010).

Mais tarde, o Regulamento de Salubridade das Edificações Urbanas (Decreto de 14 de fevereiro de 1903) e o Regulamento de Fiscalização das Águas Potáveis Destinadas a Consumo Público (Decreto de 11 de maio de 1904) desempenharam papéis cruciais na clarificação das políticas públicas neste domínio, destacando-se os objetivos políticos de garantir o acesso à água potável e promover a construção (ou adaptação) de habitações com instalações sanitárias adequadas. O Regulamento de Fiscalização das Águas Potáveis Destinadas a Consumo Público (Decreto de 11 de maio de 1904) também reforçava as atribuições das autarquias, que eram obrigadas a realizar as obras necessárias para proteger as fontes de água contra qualquer forma de contaminação. Também deveriam "estabelecer posturas, informadas pelas delegações de saúde, para manter o asseio, evitar depósitos imundos e outra qualquer causa de poluição das águas, tanto no lugar onde são colhidas como na sua passagem" (artigo 2º).

De acordo com Pato (2011, p. 43), na transição do século XIX para o século XX, em Portugal, os surtos epidémicos eram frequentes, característicos de um país que enfrentava desafios significativos em termos de saúde pública. Havia um consenso científico sobre a importância da água tanto na promoção da higiene urbana, como enquanto vetor de contágio.

O aumento gradual da população nos centros urbanos intensificava os riscos epidémicos, exigindo um trabalho significativo para o desenvolvimento de infraestruturas. Diante das dificuldades no fornecimento de água nos domicílios, os sistemas de distribuição por fontanários foram considerados uma alternativa.

Apesar dos regulamentos e demais legislação, os problemas de saúde pública e o número de óbitos por doenças relacionadas com a água e com a higiene apresentavam uma tendência preocupante. Os dados de morbilidade e mortalidade entre 1902 e 1930 mostram uma incidência significativa de doenças relacionadas com

condições de higiene. Em 1902, essas doenças representavam 10,8% dos óbitos, percentual que subiu para 16,3% em 1930, com 10.769 óbitos em 1902 e 17.574 em 1930. Esta persistência revela a ineficácia das políticas sanitárias da época, quando o abastecimento por fontanários era o modo complementar de abastecimento nos centros urbanos e predominante nas povoações rurais, ou seja, representava a fonte de água para a grande maioria dos portugueses (Pato;2011).

O modelo de administração sanitária idealizado por Ricardo Jorge no início do século XX foi apresentado três décadas depois como um projeto adiado, não apenas por razões orçamentais, mas também pela configuração política que atribuía às câmaras municipais a responsabilidade pela iniciativa, capacidade técnica e orçamento para concretizar uma ampla gama de atribuições sanitárias.

A tomada de posse de Salazar em 5 de julho de 1932 ocorre, de acordo com Pato (2011) num período em que as autarquias não estavam equipadas com as competências técnicas e financeiras necessárias para planejar e executar infraestruturas de água e esgotos, nem para gerir os serviços correspondentes ou exercer as suas atribuições sanitárias. As disponibilidades orçamentais das autarquias eram limitadas, dependendo frequentemente de empréstimos de longo prazo para a realização de obras, muitas não tinham técnicos capacitados para operar os sistemas existentes e eram frequentes as críticas por não reconhecerem a importância do saneamento na promoção da higiene e na melhoria das condições de saúde da população.

Enquanto os melhoramentos de águas e saneamento delineavam os trabalhos que o Estado planeava promover nos contextos urbanos, a questão do abastecimento de água às povoações rurais foi regulamentada pelo Decreto nº 21.696, de 19 de setembro de 1932, que definiu os "melhoramentos rurais" como obras de interesse local e vantagem coletiva a serem executadas fora dos centros urbanos e das sedes dos concelhos que incluíam a construção de fontanários, chafarizes, estradas municipais e outros pavimentos. Curiosamente, em 1932, a falta de educação higiénica era apontada como a principal razão para o uso limitado da água em Portugal. Era essencial educar as pessoas sobre higiene, embora se reconhecesse que os resultados dessa educação não seriam imediatos. Destacava-se, entretanto, a importância de disponibilizar água nas escolas para incutir nas crianças o hábito do uso da água, na esperança que esse hábito se espalhasse para as restantes gerações (SMASP, 1934. *Inquérito sobre Abastecimentos de Água nos Municípios do País*. Porto: Imprensa Nacional, p. iv citado por Pato, 2011).

Em 1933, foi criada pelo Decreto nº 22 758, de 29 de junho a Junta Sanitária de Águas e, no ano seguinte, os Serviços Municipais de Águas e Saneamento do Porto

foram incumbidos de fornecer água aos municípios de Gondomar, Gaia e Matosinhos⁵. Posteriormente, o Código Administrativo de 1936 estabeleceu uma distinção entre concelhos urbanos e rurais, com base em critérios económicos e demográficos. Este código reforçou e ampliou o regime de exceção concedido aos concelhos de Lisboa e Porto, que foram obrigados a "federar-se" com alguns municípios da sua área de influência para unificar serviços municipais, elaborar planos de urbanização conjuntos ou administrar bens comuns - no caso do Porto, esses municípios incluíam Vila Nova de Gaia, Valongo, Matosinhos, Maia e Gondomar (Decreto-Lei n.º 27 424, de 31 de dezembro de 1936). Embora a responsabilidade pela realização das obras de abastecimento e saneamento de água continuasse atribuída às câmaras municipais, a sua concretização dependia cada vez mais da visão política do Governo - esta visão permaneceu praticamente inalterada até o início da década de 1970.

De acordo com Pato (2011), a atuação do Governo ao longo dos quarenta anos de vigência do Estado Novo foi caracterizada principalmente pelas orientações políticas estabelecidas na década de 1930. A infraestruturação dos sistemas de água e saneamento e a melhoria das condições sanitárias das povoações continuaram a ser da responsabilidade das autarquias, enquanto o Estado assumia um papel de regulação financeira e técnica. Com a publicação do Decreto-Lei n.º 29 216, de 6 de dezembro de 1938, tornou-se obrigatória a instalação de canalizações domiciliárias e sua ligação à rede de distribuição de água em todas as ruas ou áreas das capitais de distrito. Além disso, foi estabelecido um consumo mínimo mensal, que seria contratualizado e registado através de contadores alugados.

Pato (2011, p. 92), citando o MOPC (1941) "inconvenientes da falta de assistência técnica especializada na exploração dos serviços de águas e saneamento depois da sua abertura ao serviço público", destaca que, ainda em 1941, apenas 26% da população residente no continente tinha acesso a redes domiciliárias de água. O restante da população não tinha acesso a sistemas de distribuição de água ou dependia de fontanários, fontes e chafarizes. A gravidade do problema estava intimamente ligada à incidência de doenças infecciosas, especialmente a febre tifoide, que era considerada a causa de morte mais comum entre as faixas etárias de 6 a 35 anos. A mera existência de infraestruturas não era suficiente - de acordo com o relatório de 1941, era mais perigoso distribuir água mal tratada, do que utilizar água natural. Havia, portanto, o risco real de promover um aumento na mortalidade e morbilidade devido a doenças infecciosas de origem hídrica.

⁵ <https://aguasdoporto.pt/abastecimento-de-agua/contextualizacao-historica>

Apesar das medidas implementadas pelo Estado, que referia ter resolvido o problema de forma definitiva tanto técnica como financeiramente, Pato (2011) afirma que a situação das povoações rurais em relação ao abastecimento de água continuava muito precária. A maioria não possuía a quantidade mínima necessária para o consumo das famílias, e a água utilizada não cumpria os padrões sanitários. Nem mesmo os avanços decorrentes do Plano de Abastecimento de Água às Populações Rurais (Lei nº 2103, de 22 de março de 1960), que levaram a água pública a muitas aldeias do país pela primeira vez, foram suficientes. As verbas atribuídas aos municípios, em regime de comparticipação do Estado, eram frequentemente consideradas insuficientes para o trabalho necessário. Ainda hoje, há vestígios desses equipamentos, alguns dos quais ainda em funcionamento.

A disparidade no nível de vida das populações era evidente. Em 1956, conforme refere Pato (2011), apesar dos esforços realizados para fornecer água à população, a maioria das aldeias ainda não dispunha desse benefício essencial e o preço do serviço de abastecimento de água era elevado para as populações rurais.

O início da década de 1970 foi marcado por um grande atraso sanitário. Se em 1941, apenas 26% da população tinha acesso a sistemas de distribuição domiciliária de água, essa percentagem aumentou para 40% em 1972. O processo de infraestruturização, além de ser lento, não foi acompanhado pelo reforço dos meios laboratoriais e de fiscalização da qualidade das águas. Isso significava que as infraestruturas de distribuição de água poderiam tornar-se veículos de contágio de doenças infecciosas. Este atraso sanitário é evidenciado pela persistência de altas taxas de mortalidade e morbilidade devido a doenças infecciosas relacionadas com a falta de condições de higiene. Os planos apresentados em 1944 e 1960, embora progressistas, mantiveram praticamente intacta a configuração básica desenvolvida desde o início do século, e que demorava a produzir resultados concretos (Pato, 2011).

O surto de cólera em Tavira, identificado na véspera do 25 de abril de 1974 e que se espalhou rapidamente para o norte do país, destacou mais uma vez a importância do acesso da população aos serviços de abastecimento de água e saneamento. Com a instituição da democracia em 1974, o acesso "aos serviços de águas e águas residuais passou a ser visto como uma necessidade coletiva de primeira ordem". Verificou-se um investimento político significativo na resolução dos problemas sanitários, e o recente surto de cólera reforçou a necessidade de uma intervenção urgente. Um exemplo dessa nova vontade do Estado foi a criação da Secretaria de Estado dos Recursos Hídricos e Saneamento Básico, em 1976, e da Direção-Geral de Saneamento Básico. Essa mudança foi seguida pela negociação de dois empréstimos internacionais exclusivamente destinados ao setor e pelo esforço de infraestruturização

realizado pelas autarquias. Isto resultou num avanço quantitativo e sem precedentes: entre 1975 e 1990, os níveis de atendimento da população com serviços de água e esgoto aumentaram de 40% para 80% e de 17% para 62%, respetivamente (Pato, 2011).

Mais tarde, a integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia, a 1 de janeiro de 1986, proporcionou melhores condições de financiamento, incluindo uma significativa parte a fundo perdido, especialmente para o setor de saneamento e abastecimento de água.

Posteriormente, na década de 1990, foi iniciado um processo de reconfiguração do setor, que é o que se encontra atualmente em vigor. Foi também na década de 1990 que se procedeu à revisão da regulamentação técnica, substituindo os antigos regulamento geral de abastecimento de água e regulamento geral das canalizações de esgoto, datados de 1943 e 1944, respetivamente, com a publicação do Decreto Regulamentar n.º 23/95. Dois anos mais tarde, em 1997, foi criado o Instituto Regulador de Águas e Resíduos, com atribuições de entidade reguladora desses serviços, e foi aprovado o Plano Estratégico de Abastecimento de Água e de Saneamento de Águas Residuais (PEAASAR). Este plano, que definiu um conjunto de orientações estratégicas para o período 2000-2006, visava completar e melhorar a cobertura do país em abastecimento de água e tinha como objetivo alcançar um nível de atendimento de 95% da população com água no domicílio.

A reestruturação do setor e sua configuração atual resultam de uma vasta legislação específica produzida nas últimas duas décadas, até ao final da década de 2000. Segundo o Inventário Nacional de Sistemas de Abastecimento de Água e de Águas Residuais (INSAAR 2010), em 2009, a taxa de cobertura em abastecimento público de água situava-se em 97%, distribuída de forma relativamente equilibrada por todos os concelhos do país. Na região Norte, a população servida, nesse ano, estava 5% abaixo da média nacional.

Ao nível internacional, o direito à água começou a ser reconhecido em 1977, durante a Conferência da ONU sobre a Água em Mar del Plata, onde se afirmou que todos os povos, independentemente do seu nível de desenvolvimento ou condições socioeconómicas, têm direito a acesso à água potável em quantidade e qualidade adequadas para atender às suas necessidades básicas.

Em 1979, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres (CEDAW) sublinhou, no Artigo 14(2)(h), a importância do acesso à água e ao saneamento como parte das condições de vida

adequadas para as mulheres em áreas rurais.⁶ Uma década depois, em 1989, a Convenção sobre os Direitos da Criança, incluiu medidas para garantir o acesso à água potável e ao saneamento como componentes essenciais dos cuidados de saúde primários, destacando-se a ligação estabelecida entre direitos humanos e saúde pública.

A Conferência Internacional sobre a Água e o Desenvolvimento Sustentável em 1992 em Dublin e, no mesmo ano, a Cimeira do Rio reafirmaram o direito básico de todos os seres humanos ao acesso à água limpa e ao saneamento a preços acessíveis, destacando a água como fundamental para o desenvolvimento sustentável e para a dignidade humana. Dois anos depois, em 1994, a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento reiterou que água e saneamento são essenciais para garantir um nível de vida adequado e a realização de outros direitos humanos.

No século XXI, o direito à água ficou ainda mais fortalecido quando em 2002, o Comentário Geral N.º 15 confirmou esse direito no âmbito do direito internacional, destacando que a água é indispensável para viver com dignidade humana e para a realização de outros direitos humanos.

O reconhecimento da água potável segura e do saneamento básico como direitos humanos é crucial para a promoção da saúde pública e a redução da pobreza. No entanto, o acesso desigual, a falta de infraestrutura em regiões remotas e em desenvolvimento, e a necessidade de políticas eficazes para a implementação desses direitos continuam a ser desafios a serem superados.

4. Debaixo de água | Opções metodológicas

O processo de investigação científica está profundamente ligado a questões epistemológicas, que envolvem a compreensão da natureza, dos limites e da validade do conhecimento. No contexto de uma investigação qualitativa com centralidade na promoção da saúde e da saúde pública, é crucial que o investigador se aprofunde na análise das estruturas cognitivas e culturais que influenciam o comportamento humano, como é o caso do uso da água de origem não controlada, da presente investigação. A frase de José Saramago, "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara" (Ensaio sobre a Cegueira), ilustra a profundidade exigida no processo investigativo: olhar, ver e reparar

⁶ <https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/convention-elimination-all-forms-discrimination-against-women>

são etapas que transcendem o mero ato físico, representando níveis distintos de análise crítica e interpretação.

Olhar é um ato simples, um primeiro contato com a realidade. No entanto, ver exige uma intenção mais focada, uma procura do entendimento. Reparar, implica uma investigação aprofundada, ir além das aparências. No contexto da pesquisa sobre o consumo de água de origem não controlada, a abordagem epistemológica traduz-se na necessidade de uma análise detalhada das estruturas cognitivas que influenciam o uso quotidiano da água. Para conhecer essa realidade, é indispensável experienciar e observar as estruturas cognitivas relacionadas com o uso da água no local e em contacto com os utilizadores.

A investigação exige uma base epistemológica sólida, fundamentada em referenciais teóricos que orientem a interpretação e análise dos dados recolhidos. Tal como sugere Amado (2014, p. 71), a investigação nas ciências humanas deve ser vista como uma "força desafiadora", que representa os ideais mais elevados da humanidade como a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Estes são alcançados através de uma compreensão profunda e científica da realidade social, que se destaca por dar voz a cada indivíduo, permitindo que as suas vivências não se percam no "silêncio monótono, dormente e seco das estatísticas".

4.1 Paradigma Científico

A escolha do paradigma científico é uma decisão fundamental em qualquer pesquisa, pois define a maneira como o investigador aborda a realidade, recolhe e interpreta os dados e compreende o conhecimento produzido. Este processo exige um olhar atento e inquisitivo, para procurar novo conhecimento e compreender as justificações subjacentes às práticas quotidianas.

Bourdieu (2008, p. 29) compara o paradigma científico a uma "linguagem ou a uma cultura", capaz de moldar as questões que podem ser formuladas. Nos estudos qualitativos, especialmente em áreas como a saúde pública, o paradigma pós-moderno destaca-se por valorizar a complexidade e a subjetividade das experiências humanas, rejeitando a ideia de uma verdade única e absoluta. Assim, o investigador deve estar comprometido com a realidade e utilizar metodologias criteriosas para produzir conhecimento válido e contextualizado

O paradigma pós-moderno contrapõe-se à visão positivista, que historicamente dominou as ciências naturais e sociais, e que privilegia métodos quantitativos,

objetividade e replicabilidade dos resultados. Em contraste, o paradigma pós-moderno reconhece que a realidade é socialmente construída e multifacetada, e que o conhecimento é contextual e dependente das perspectivas individuais e coletivas.

No contexto de uma investigação em ciências da educação e saúde pública, sobre o uso de água de origem não controlada, a adoção de um paradigma pós-moderno permite ao investigador explorar as múltiplas camadas de significados que os sujeitos atribuem a essa prática. Este paradigma valoriza as narrativas pessoais, as experiências vividas e a interpretação contextual dos fenómenos sociais, possibilitando uma compreensão mais rica e aprofundada dos fatores que influenciam o comportamento dos indivíduos em relação ao uso da água.

Como Moreira (2018, p. 408) refere, "toda a pesquisa é conduzida tendo como base os paradigmas existentes nas diversas áreas do conhecimento". A ciência pós-moderna, assim, regressa ao conhecimento prático para, a partir dele, criar formas de entendimento. Amado (2014, p. 58) destaca que, ao reconhecer a inexistência de um "modo correto" de interpretar os dados, cabe ao investigador explorar as diferentes e possíveis interpretações. Já a abordagem dialética, conforme discutida por Minayo et al. (2001, p. 24), envolve tanto "o sistema de relações que constrói um modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados". Este processo procura "encontrar, na parte, a compreensão e a relação com o todo; e a interioridade e a exterioridade como constitutivas dos fenómenos". Isso implica que o processo social deve ser "entendido nas suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos".

Ao optar pelo paradigma pós-moderno, reconhece-se a complexidade e a dinâmica da realidade social, compreendendo que a pesquisa deve ser flexível e adaptável para capturar essa complexidade. Tal opção conduz à escolha de métodos qualitativos que permitem a exploração aprofundada dos significados, crenças e práticas sociais, enriquecendo a compreensão do fenómeno em estudo.

4.2 Fenomenologia e abordagens naturalistas

A fenomenologia, como abordagem metodológica, centra-se na significação das experiências tal como são vividas pelos indivíduos, partindo sempre do relato detalhado da experiência na perspectiva de quem a viveu. Conforme Minayo (2001), esta abordagem é fundamental para a construção de uma teoria que procura explicar ou compreender fenómenos e processos, reconhecendo que toda teoria é, por natureza,

abstrata e incapaz de capturar completamente a complexidade dos fenômenos estudados.

No contexto da presente investigação qualitativa, a fenomenologia ganha particular relevância, especialmente por se pretender compreender como as pessoas percebem e experienciam o uso de água de origem não controlada. Esta abordagem facilita o acesso aos significados que os indivíduos atribuem ao uso da água, bem como às suas preocupações, vontades e justificações.

Para enriquecer essa compreensão da realidade, a fenomenologia pode ser combinada com o naturalismo, que valoriza a observação direta e a experiência empírica como base do conhecimento. O naturalismo defende que a realidade é composta pelos fenômenos físicos observáveis e que o conhecimento deve ser justificado por evidências empíricas. Assim, o naturalismo complementa a fenomenologia ao fornecer uma estrutura que valoriza a observação objetiva e a descrição precisa da realidade.

Pais (1986, p. 10-12) afirma que uma observação naturalística, que respeita tanto o ponto de vista como a linguagem dos observados, revela os significados subjacentes às relações sociais e às formas de conduta no mundo social. Dessa observação não se deve extrair um conjunto de dados desconexos, mas sim induzir, com base nas experiências e perspectivas partilhadas pelos indivíduos na vida social, uma compreensão profunda do cotidiano. Esse cotidiano, longe de ser apenas uma coleção de eventos banais, é um campo fértil para a análise sociológica, revelando tensões, posições ideológicas, mudanças e crises que moldam a realidade. É necessário investigar tanto os comportamentos individuais, como aqueles que resultam das interações entre indivíduos e o ambiente, além de considerar variáveis macrosociológicas como poder, ideologia e desigualdade social.

Edmund Husserl propôs a necessidade da suspensão do juízo avaliativo (*epoché*), permitindo que o observador se concentre na "redução fenomenológica". Isso implica priorizar a observação sensorial e afetiva do fenômeno antes de outras considerações interferirem no processo. Essa postura metodológica é essencial para descrever o "mundo da vida", ou seja, a realidade tal como é vivida e percebida pelos indivíduos. Por outro lado, o naturalismo, segundo Wilkins (1997), sustenta que todas as observações fazem parte da natureza e devem ser submetidas à experiência para serem justificadas. Assim, o naturalismo sustenta que o conhecimento da realidade é possibilitado pela disposição natural dos indivíduos em perceber e conhecer o mundo ao seu redor.

Embora a fenomenologia e o naturalismo possam parecer metodologias opostas, há uma convergência entre ambas, especialmente no reconhecimento da capacidade

do sujeito em observar, conhecer e descrever a realidade. Essa convergência torna-se evidente na prática etnográfica, onde a descrição da realidade observada é um produto direto do trabalho de campo, muitas vezes utilizando uma linguagem simples e objetiva.

A fenomenologia, enquanto abordagem central deste estudo, guiou a investigação na compreensão da essência do fenômeno estudado, focando-se no significado que os participantes atribuem às suas vivências. Amado (2014, pp. 82-83) destaca que "o objetivo essencial da fenomenologia social é determinar o que significam determinadas experiências vividas pelas pessoas e por quem as rodeia, a partir da descrição feita por elas mesmas".

A etnografia, ao proporcionar a imersão do investigador no ambiente dos participantes e, também, através das entrevistas, oferece uma plataforma ideal para captar essas descrições de forma autêntica e detalhada. A imersão possibilitada pela observação participante é crucial para a fenomenologia, ao permitir a obtenção de descrições ricas e contextualizadas das experiências vividas, que são essenciais para uma análise reflexiva e estruturada. As entrevistas etnográficas complementam essa abordagem, oferecendo um espaço para que os participantes expressem, com as suas próprias palavras, o significado das suas vivências. A fenomenologia beneficia dessa técnica, ao captar as vozes dos sujeitos, permitindo que as suas perspectivas sejam ouvidas e compreendidas na primeira pessoa. A análise documental, por sua vez, fornece suporte teórico e histórico, situando as experiências dos participantes dentro de um contexto mais amplo, enriquecendo ainda mais a compreensão fenomenológica.

A combinação destas abordagens metodológicas possibilitou uma análise que, partindo de dados particulares, procurou inferir conclusões que atingissem uma compreensão mais geral e universal do fenômeno em estudo.

4.3. Interacionismo simbólico e a compreensão das práticas sociais

Ciente da importância das interações sociais e dos símbolos na construção da realidade social, e que estes são fundamentais para compreender como as práticas e significados relacionados ao uso de água não controlada são moldados e sustentados, é fundamental o recurso ao interacionismo simbólico.

De acordo com o interacionismo simbólico, os indivíduos não agem apenas em resposta a estímulos externos; eles interpretam esses estímulos e agem com base nos significados que lhes atribuem. As práticas sociais, como o uso de água das fontes, são

vistas como produto de uma constante negociação de significados entre os membros de uma comunidade. Essas práticas são influenciadas por símbolos e valores culturais que orientam o comportamento e as expectativas dos indivíduos.

Para compreender plenamente a realidade social, o interacionismo simbólico, conforme analisado por Amado (2014, p. 84-85), enfatiza as "ações conjuntas" que se desenvolvem ao longo do tempo, através da "conjugação dos atos dos diferentes atores". Desta forma, para compreender uma sociedade, é crucial reconhecer que ela "é composta por pessoas que afrontam a diversidade de situações que as suas condições de vida lhes deparam" e que nesse processo, as pessoas planeiam ações, e nelas, cada um dos participantes ordena os seus próprios atos, de acordo com as ações dos outros. No caso do uso de água de origem não controlada, o interacionismo simbólico permite ao investigador entender como as interações sociais e o contexto cultural influenciam a percepção de risco e a decisão de utilizar ou evitar o uso da água. Por exemplo, em comunidades onde o uso da água das fontes é uma prática tradicionalmente valorizada, essa prática pode ser vista como um símbolo de identidade cultural ou resistência a normas externas. As interações sociais reforçam esses significados, tornando a prática mais resistente a mudanças, mesmo diante de evidências científicas que sugerem riscos para a saúde.

Amado, ao citar Goffman, esclarece que a intenção por si só deve ser diferenciada do contexto em que ocorre. O contexto é "o conjunto de circunstâncias que envolvem a atividade interativa", incluindo o ambiente físico e temporal (quadro), mas, sobretudo, englobando as estruturas sociais (instituições), por práticas padronizadas e codificadas para situações específicas (rituais), e um sistema simbólico que concretiza e dá sentido à interação através de códigos de comunicação verbal e não verbal.

Mais esclarece Amado (2014) que as interações são moldadas por um mundo subjetivo e intersubjetivo de fenómenos, como impressões, perspectivas, representações e interpretações construídas a partir dos atos, gestos e palavras trocados entre os atores. Nesse sentido, o interacionismo simbólico oferece "uma base ontológica e epistemológica suficientemente ampla para acomodar a maioria, senão todas, estas abordagens que, ao longo dos anos, demonstraram tanto as suas limitações como as suas virtudes" (Amado, 2014, p. 106).

Desta forma, e conforme Minayo et al (2001) no interacionismo simbólico, tal como a fenomenologia, o significado assume um papel central na investigação. Para compreender os fenómenos ou processos sociais, é necessário considerar as determinações e transformações dadas pelos sujeitos, reconhecendo a intrínseca relação de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material. Essa complexidade exige que os investigadores

trabalhem com a especificidade e as diferenciações dos problemas e dos "objetos sociais" em estudo.

A experiência comum, como preconizado no método etnográfico, facilita a interpretação e a compreensão do que os outros expressam através de signos, sejam individuais ou característicos de uma comunidade, como saberes ancestrais, o cancionário ou o adagiário português. Para compreender plenamente uma ação, o investigador deve colocar-se, tanto quanto possível, na situação do sujeito pesquisado. A compreensão das ações humanas depende da identificação das motivações subjacentes, pois, como afirma Amado (2014, p. 82), "as ações humanas só se tornam compreensíveis se encontrarmos nelas as motivações". É, portanto, fundamental que o investigador esteja presente no terreno, vivencie e experiencie o contexto em que o fenómeno ocorre. A pessoa deve ser entendida no seu contexto, pois ele define e molda as suas ações e comportamentos.

4.4. Opção pela abordagem qualitativa

A investigação qualitativa tem vindo a consolidar-se como uma metodologia essencial nas ciências sociais e humanas, devido à sua capacidade de explorar e compreender as realidades sociais complexas, que são moldadas por uma multiplicidade de fatores interligados. Esta abordagem, amplamente reconhecida, tem também ganho terreno na área da saúde pública, onde predominam os estudos quantitativos. Tal como observado por Vieira (2018) no campo da educação, também na saúde pública tem-se verificado uma valorização crescente da compreensão em detrimento da mera explicação, favorecendo-se a abordagem qualitativa do social em contraste com a "quantofrenia" que caracteriza as pesquisas sociológicas anteriores.

Segundo Moreira (2018), a investigação qualitativa é um conceito amplo que abarca diversas tradições, como a etnografia, a fenomenologia, a biografia, a teoria fundamentada e os estudos de caso. Embora cada um adote diferentes perspetivas teóricas e metodológicas, partilham características comuns da investigação qualitativa, como a abordagem naturalista, que procura compreender os fenómenos tal como ocorrem no "mundo real". Amado (2014) reforça esta ideia, sublinhando que essa abordagem é particularmente eficaz para captar as experiências individuais dos sujeitos e os contextos que os influenciam, algo que os métodos quantitativos, centrados em variáveis isoladas, não conseguem abordar de forma abrangente.

A investigação qualitativa distingue-se, assim, por uma visão holística dos fenómenos, reconhecendo que o estudo das realidades sociais não deve ser fragmentado em variáveis isoladas, mas sim abordado como um todo interligado (Amado, 2014). Neste sentido, Pinto et al. (2018) destacam que a abordagem qualitativa, com a sua metodologia multimetodológica, permite explorar em profundidade as experiências humanas através de métodos interpretativos e naturalísticos, aplicados em ambientes onde as pessoas vivem e desempenham as suas atividades quotidianas.

Um dos elementos centrais da investigação qualitativa é a imersão profunda no contexto dos participantes, o que possibilita ao investigador interpretar os significados e sentidos que os sujeitos atribuem às suas experiências, bem como a intencionalidade que subjaz aos atos, relações e estruturas sociais. Esta proximidade entre o investigador e os participantes é fundamental para a construção conjunta do conhecimento. Como salientam Minayo et al. (2001), a investigação qualitativa preocupa-se com “um nível de realidade que não pode ser quantificado (...) trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo et al., 2001, p. 22). A imersão permite, portanto, que o investigador tenha uma compreensão mais rica e profunda da realidade social, sendo este processo essencial para captar a complexidade dos fenómenos sociais e oferecer uma interpretação que reflete verdadeiramente a perspetiva dos participantes.

Os elementos essenciais da investigação qualitativa, de acordo com Flick (2009, p. 23) incluem a “escolha adequada de métodos e teorias”, o “reconhecimento e a análise de diferentes perspetivas” e a reflexão dos investigadores sobre as suas próprias práticas de investigação como parte integrante do processo de produção de conhecimento. Devido à complexidade do objeto de estudo, optou-se por uma abordagem etnográfica, que valoriza a construção do conhecimento e reconhece os traços biográficos e históricos que individualizam cada pessoa, mesmo dentro de um contexto de proximidades culturais e sociais.

Para alcançar os objetivos estabelecidos nesta investigação, foram adotadas duas vertentes metodológicas principais: a discussão teórica e o estudo etnográfico. A recolha de dados foi realizada com recurso a três técnicas complementares: análise documental, entrevistas e observação etnográfica. A análise documental foi crucial para entender as mudanças sociopolíticas e normativas que influenciaram o contexto estudado, como a evolução do abastecimento de água em Portugal. Por sua vez, as entrevistas e a observação etnográfica não só permitiram confirmar os conceitos

teóricos previamente identificados, como também possibilitaram a descoberta de novos dados, revelando as experiências individuais dos participantes e os contextos em que estas se desenrolam.

Nesta investigação optou-se pela triangulação das fontes de dados, ou seja, ao cruzamento das informações obtidas através dos diferentes métodos de recolha de dados (apesar da existência de outras formas de triangulação). Esta, de acordo com Flick (2009, p. 32), “supera as limitações de um método único por combinar diversos métodos e dar-lhes igual relevância”. Desta forma, enriquece-se a compreensão do fenómeno, oferecendo uma visão mais abrangente, bem como se promove a identificação de detalhes e possíveis contradições que poderiam passar despercebidos numa análise isolada. Por exemplo, uma entrevista pode revelar percepções pessoais, enquanto a observação pode confirmar ou contradizer esses relatos com base em comportamentos observados.

A complementaridade conferida pela triangulação pode também atenuar, de certo modo, o impacto causado pelo ajustamento do comportamento das pessoas em situações sociais, conforme refere Koury (2014), que as pessoas moldam o seu comportamento para corresponder às expectativas sociais. Essa tendência pode resultar em discrepâncias entre o que os indivíduos relatam e as suas ações. No entanto, a comparação entre a experiência individual e as normas sociais continua a ser essencial para entender como os valores e significados sociais influenciam as percepções e práticas individuais.

A triangulação também permite a descoberta de novos dados, como contextos históricos ou organizacionais que podem ser revelados através da análise documental e que complementam as outras formas de recolha de dados. Esta também contribui para aumentar a confiabilidade dos resultados, ao minimizar o impacto da subjetividade do investigador e garantir que as conclusões se baseiam num confronto crítico de diferentes tipos de evidência.

A presença do investigador no terreno foi entendida como fundamental para uma compreensão mais direta dos acontecimentos e dos processos de produção de conhecimento e representação, considerando que os indivíduos tendem a justificar os seus comportamentos com base no ambiente em que se encontram. Como tal, foi adotado um método centrado em abordagens interpretativas e naturalísticas, assegurando que a interpretação dos fenómenos fosse realizada a partir dos significados atribuídos pelos participantes e que o contexto onde as atividades ocorrem fosse preservado como ambiente de estudo. Procurando, desta forma, compreender não apenas o “como”, mas principalmente o “porquê” dos comportamentos.

A escolha metodológica, conforme refere Lisboa (2016; p. 65), “depende, em primeiro lugar, do objecto de estudo, do grau de combinação de metodologias quantitativas e qualitativas, do recurso a escalas de observação mais macro ou micro, dos recursos financeiros para realizar o estudo e das condicionantes logísticas da operacionalização da pesquisa.”, pelo que se considera que foi orientada pelo objeto de estudo e pelas condições práticas da pesquisa. A abordagem adotada visa compreender os diferentes significados atribuídos pelos participantes aos fenómenos em estudo, destacando a importância dos significados e sentidos que os participantes atribuem às suas ações, como sublinhado por Pinto et al. (2018) e Minayo (2014).

O recurso a esta metodologia, conforme Sousa (2007), deveu-se ao facto de esta permitir compreender a experiência vivida e o processo de tomada de decisão, mas também explorar questões emocionais, cognitivas e interpretativas, bem como antecedentes demográficos e contextuais relacionados com os usos das águas. As questões utilizadas na investigação foram formuladas de modo a evitar respostas dicotómicas, privilegiando perguntas abertas que permitissem espaço para a expressão da opinião dos participantes, conforme referido por Sousa (2007).

Conforme referido por Mendes (2003, p. 4), procurou-se tornar o investigador "um participante, experienciando o mundo do outro. Com a lógica do processo, as observações são projetadas no tempo e no espaço, permitindo uma perspetiva enquadradora", reconhecendo-se que a metodologia escolhida não permite que o investigador evite completamente os enviesamentos relacionados com as suas preferências pessoais.

A metodologia qualitativa revela-se especialmente adequada para a presente investigação, cujo objetivo é compreender as experiências dos indivíduos na utilização de água não tratada. Ao explorar as dimensões subjetivas como crenças, sentimentos e intenções, esta abordagem revela os pormenores e a complexidade dos comportamentos, ultrapassando uma simples descrição superficial. Ao considerar o contexto social, cultural e histórico, a pesquisa qualitativa captura a diversidade de conhecimentos e experiências e a influência do ambiente sobre os sujeitos. O foco da pesquisa está no ambiente que circunda os indivíduos, pois é nesse contexto que as suas experiências, valores e ações são formadas.

Com a aplicação desta metodologia, espera-se obter dados descritivos, interativos e humanistas. Considera-se que, ainda que os resultados não sejam representativos de uma região ou do território nacional, a presente investigação possa fornecer dados importantes e replicáveis em contextos semelhantes.

4.5 Claro como água | O contexto

A presente investigação foi realizada no concelho de Matosinhos, distrito do Porto, inserido na Área Metropolitana do Porto (AMP). Com uma população superior a 170 mil habitantes, Matosinhos é o terceiro concelho mais populoso da AMP, sendo constituído por três cidades: Matosinhos, Senhora da Hora e São Mamede de Infesta. Este concelho é marcado por um desenvolvimento urbano e industrial significativo, mas também é reconhecido pelas suas praias e forte ligação ao mar, fatores que moldam a vida social e cultural da região.

De acordo com o Plano Municipal de Saúde 2019-2021, Matosinhos apresenta uma dinâmica demográfica marcada por um envelhecimento progressivo da população, com uma redução significativa da população jovem e um aumento do número de idosos. Este envelhecimento é mais acentuado na União de Freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira, onde 16,8% da população tem 65 anos ou mais, um índice superior ao da AMP, mas ainda inferior ao índice nacional.

No que diz respeito ao abastecimento de água, a Área Metropolitana do Porto é abastecida em alta pela empresa Águas do Douro e Paiva, que serve cerca de 1,7 milhões de habitantes em 20 municípios, incluindo Matosinhos⁷. O concelho de Matosinhos tem uma taxa de cobertura de 99% do abastecimento, garantida pela entidade gestora em baixa INDAQUA Matosinhos, apesar da taxa de adesão se situar abaixo dos 95% (RASARP 2023, Volume 1).

A presente investigação foca-se nos locais de acesso ao público onde é utilizada água de origem não controlada, isto é, fora da rede pública, como em fontes e tanques públicos, que são locais que promovem o encontro social e têm um simbolismo cultural significativo.

"Fonte⁸", deriva do latim *fons*, *fontis*, que significa nascente, origem ou água. No seu sentido mais literal, refere-se a uma nascente natural de água, mas também designa a extremidade de uma conduta de água destinada ao abastecimento público, sendo muitas vezes conhecida como bica ou chafariz. As fontes, especialmente quando localizadas em parques e praças, podem adquirir uma dimensão artística, ornadas com esculturas e jatos de água, tornando-se marcos culturais nas comunidades.

No campo figurado, a fonte é a origem, a causa, o princípio de algo. É a procedência, o ponto de partida de uma ideia, de uma informação. Um documento ou pessoa que fornece uma informação é também uma fonte, essencial para jornalistas e

⁷ <https://www.addp.pt/dados.php?ref=quem-somos>

⁸ <https://dicionario.priberam.org/fonte>

investigadores. Curiosamente, no norte de Portugal, as fontes têm ainda um significado gastronómico e simbólico, especialmente nas regiões do Minho e Trás-os-Montes, onde um grande prato redondo, chamado de "fonte", é usado para partilha de comida entre os convivas, simbolizando comunhão e partilha. Por sua vez, os fontanários⁹, são estruturas que abrigam uma ou várias bicas ou torneiras, utilizadas tradicionalmente para abastecimento público. Estas construções têm uma importância histórica significativa, sendo locais onde as comunidades se reuniam para recolher água, trocar informações e manter o contacto social.

O "tanque"¹⁰ é um reservatório destinado a armazenar água (ou outros líquidos), podendo, em alguns contextos, assumir a forma de um chafariz, combinando assim uma função utilitária com uma componente estética. Os "tanques" são frequentemente denominados lavadouros¹¹ (ou "lavadoiros"), locais tradicionalmente utilizados para a lavagem de roupa, muitas vezes equipados com pedras sobre as quais as lavadeiras ensaboam e batem a roupa.

Nesta investigação, o foco está nos usos e significados atribuídos às águas provenientes de fontes e lavadouros públicos no concelho de Matosinhos. Esta investigação procura compreender como as perceções individuais e coletivas sobre a água influenciam os comportamentos e as decisões das pessoas, em contextos onde a água da rede pública não é a única opção.

Procedeu-se à georreferenciação para mapear os dados recolhidos, permitindo ter uma noção espacial clara das fontes e lavadouros alvo da presente investigação, demonstrando a sua ampla disseminação no território. Esta facilita a identificação de áreas com maior concentração desses elementos, enriquece a análise dos dados e proporciona uma compreensão mais detalhada do fenómeno em estudo.

⁹ <https://dicionario.priberam.org/fontan%C3%A1rio>

¹⁰ <https://dicionario.priberam.org/tanque>

¹¹ <https://dicionario.priberam.org/lavadouro>

Fontes, fontanários e lavadouros Matosinhos

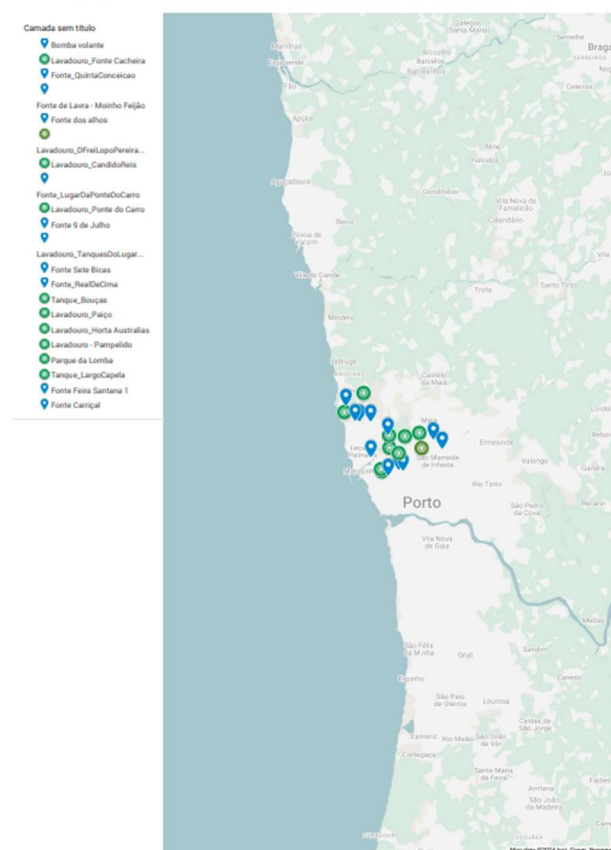


Figura 1 - Mapa das fontes de lavadouros de Matosinhos

4.6 O método

As sociedades contemporâneas estão em constante transformação, caracterizadas por uma interação intensa e frequente entre os indivíduos, o que facilita a ampla circulação de informações e ações num contexto global e diversificado. Neste cenário de mudanças contínuas, os processos relacionados com a saúde, tanto no âmbito individual, como coletivo, também se adaptam a essa dinâmica. Consequentemente, é fundamental que os profissionais de educação para a saúde estejam capacitados para viver, atuar e investigar em diferentes contextos ambientais e/ou organizacionais, acompanhando as mudanças nos comportamentos e estilos de vida, a emergência de novos conceitos de saúde, e o aparecimento (ou reemergência) de novas doenças.

Diante da necessidade de compreender a cultura de um grupo específico de indivíduos — mesmo que estes não se comportem necessariamente como um grupo —

os métodos de investigação qualitativa, mais especificamente a abordagem etnográfica, apresenta-se como uma metodologia particularmente adequada. Esta abordagem permite a produção de descrições detalhadas e contextuais que facilitam a compreensão dos comportamentos e práticas observadas.

Para conduzir uma investigação neste contexto, é fundamental que o pesquisador conheça melhor a realidade a estudar, se integre no ambiente dos utilizadores da água, observando e registando os seus comportamentos, com o objetivo de examinar as suas necessidades e motivações. Demais conhecimento deverá surgir do contacto, em primeira pessoa, com utilizadores dessa água ou conhecedores dessas práticas, para a obtenção de dados da forma mais direta possível. Neste tipo de análise qualitativa consideram-se os diversos aspetos comunitários e sociais que são observados e/ou destacados e que são reconhecidos como fenómenos próprios da realidade observada (fenomenologia).

O conhecimento parte de um saber, de uma vivência em que o investigador adota uma postura em que “suspende” os seus preconceitos e se insere, de maneira imersiva, na ação. Inicialmente, suspende o juízo, para viver naturalmente o fenómeno e, posteriormente, utiliza a linguagem verbal e não-verbal para criar evidências que reflitam o vivenciado. Destaca-se que as descrições e interpretações resultantes da pesquisa, não representam necessariamente uma realidade objetiva e universal, mas sim a experiência subjetiva vivenciada.

O problema central identificado refere-se ao uso de água de origem não controlada por parte de alguma população, o que constitui não apenas uma questão de saúde pública, mas também um fenómeno social relevante, particularmente num meio em que o acesso a água tratada é considerado universal. Assim, para investigar, nomeadamente, o porquê deste fenómeno, as perguntas “por que é que isto acontece?” ou “o que motiva esse comportamento?”, os métodos de investigação qualitativa são mais apropriados e eficazes.

Neste método, realizam-se observações dos comportamentos e registam-se dados sob a forma de notas de campo, que documentam as experiências pessoais, perceções e atitudes dos participantes. A técnica de observação é complementada pela análise documental e pela realização de entrevistas, alinhando-se aos objetivos da investigação.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa prospetiva com a colaboração da empresa municipal INDAQUA Matosinhos, visando a identificação de possíveis locais de estudo, avaliando o seu estado de conservação, funcionamento e/ou uso perçecionado. Esta fase exploratória envolveu visitas a três dezenas de equipamentos de fornecimento de água de origem não controlada acessíveis ao público, como fontes

e lavadouros, tendo-se realizado pelo menos uma visita a cada equipamento (três desses equipamentos não se conseguiram localizar e no outro caso apenas se encontrou um moinho, denominado “moinho de feijão”(Lavra). Esta permitiu uma primeira caracterização dos espaços, o estabelecimento de contatos facilitadores (essencial para a realização de uma das entrevistas) e a identificação de fatores que poderiam influenciar os comportamentos relacionados com a utilização daquelas águas. Deste estudo de terreno resultou um inventário detalhado das fontes e lavadouros públicos do concelho (figura 1).

Após a fase preliminar, foi necessário definir o contexto em estudo, delimitando-o a indivíduos que utilizam equipamentos abastecidos por água de origem não controlada, especialmente aqueles de uso público, no concelho de Matosinhos.

O contacto com os indivíduos envolveu visitas a diversos locais e a seleção estratégica de um deles para a realização da observação etnográfica. Os entrevistados foram escolhidos por cumprirem determinadas características com interesse para a investigação.

Para uma compreensão mais aprofundada do problema, bem como do contexto histórico e patrimonial, realizou-se uma revisão da literatura sobre o tema. Esta revisão foi crucial para entender o estado atual do conhecimento, identificar lacunas e delinear o quadro teórico que sustentaria a investigação. A análise de diversas fontes, incluindo dissertações, artigos científicos e livros especializados, permitiu a construção de uma visão abrangente das principais abordagens e metodologias. Essa fundamentação teórica contribuiu para a formulação dos objetivos e que a investigação se ancorasse em bases sólidas.

Durante todo o processo, foram consideradas as observações realizadas desde as primeiras incursões exploratórias, incluindo as visitas acompanhadas por um técnico da INDAQUA Matosinhos, que se mostraram particularmente relevantes para a compreensão do contexto.

A análise de conteúdo, fundamentada na teoria de Bardin (1977), permitiu a sistematização e interpretação dos dados recolhidos. Importa referir a necessidade de realizar recolha de dados em simultâneo com a interpretação, voltando a realizar recolha de dados.

A pesquisa foi realizada de forma independente, sem qualquer financiamento externo e a participação foi voluntária e não envolveu qualquer tipo de remuneração

4.6.1 O método etnográfico

Entre os métodos qualitativos disponíveis, opta-se pela etnografia devido às suas características distintivas, que permitem a sua aplicação em diversos contextos e se destacam pelo seu caráter exploratório. Este método envolve a observação dos comportamentos dos participantes, identificando as suas necessidades através de uma observação participante, que presta atenção ao quotidiano, aos lugares, aos diferentes estilos de vida, aos discursos e à maneira como os sujeitos produzem os seus discursos (incluindo a linguagem não-verbal).

Atualmente, as condições para a realização do trabalho de campo e a escrita sobre a cultura do "outro" diferem substancialmente das práticas passadas. Enquanto a etnografia tradicional se concentrava em comunidades isoladas (como nas investigações de Malinowski, Lévi-Strauss e Darcy Ribeiro), a etnografia moderna abrange contextos urbanos, sociedades globalizadas e interações culturais complexas.

Conforme Flick (2009, p. 31), a etnografia "visa uma compreensão dos processos sociais de produção desses eventos a partir de uma perspectiva interna ao processo da participação durante o seu desenvolvimento". Assim, a etnografia tem-se mostrado uma ferramenta valiosa para investigar a complexidade das sociedades urbanas contemporâneas. Conforme Ferro et al. (2022, p. 4-5), "seja um teatro, ou um laboratório, a realidade urbana também possui aspetos e valores estruturados e estruturantes que exigem que os indivíduos desenvolvam as sociabilidades". Também Magnani (2002, p. 11) refere que "não há necessidade de muitos malabarismos pós-modernos para aplicar com proveito a etnografia a questões próprias do mundo contemporâneo e da cidade". Desde as primeiras incursões a campo, a antropologia desenvolveu estratégias, conceitos e modelos que inspiram e fundamentam abordagens sobre novos objetos e questões atuais.

Este método é especialmente eficaz para captar a complexidade das interações sociais, das relações de poder e da construção social da realidade em diferentes contextos culturais. A etnografia destaca-se pela valorização dos significados e interpretações dos participantes e por dar voz aos participantes, o que promove o acesso à verdadeira natureza do fenómeno. Aliás, da Silva (2011, p. 18), defende que compreender as lógicas da ação requer entender como os participantes constroem as suas ações a partir da sua "experiência subjetiva e respetivas valorações e significados". A autora acrescenta, citando Sarmiento que "o sentido da ação é o que a distingue de outros comportamentos, como reações, gestos instintivos ou desempenhos individuais ou coletivos frutos do acaso ou irracionais". A etnografia é, portanto, particularmente

eficaz em diversos contextos culturais para captar a complexidade das interações sociais, das relações de poder e da construção social da realidade.

Atualmente, as condições para a realização do trabalho de campo e a escrita sobre a cultura do "outro" diferem substancialmente das práticas passadas. Enquanto anteriormente a etnografia se concentrava nas comunidades isoladas, hoje abrange também contextos urbanos, sociedades globalizadas e complexas interações culturais. Aliás, nas últimas décadas, a etnografia expandiu-se além da antropologia, sendo aplicada em áreas como negócios, design, saúde, e outras, adaptando-se às especificidades de cada campo.

Segundo Fino (2008), o método etnográfico baseia-se em três princípios fundamentais: o naturalismo, a compreensão e a descoberta, que juntos proporcionam uma abordagem indutiva e profunda do fenômeno em estudo. O naturalismo, enfatiza a importância do contexto na compreensão dos eventos e processos sociais. A compreensão, por sua vez, destaca a necessidade de entender as perspectivas culturais dos membros de um grupo para explicar o seu comportamento. Finalmente, a descoberta adota uma abordagem indutiva, evitando preconceitos resultantes de suposições predefinidas e procurando compreender o fenômeno na sua essência. Estes princípios consolidam a etnografia como um processo contínuo de construção do conhecimento, que vai além da simples análise de resultados, reconhecendo as transformações no investigador, nos participantes e no ambiente estudado.

Nesse sentido, a etnografia deve ser encarada como um processo contínuo de construção do conhecimento, que vai além da análise de resultados e reconhecendo as mudanças constantes no mundo, inclusive as transformações que ocorrem no investigador, nos participantes e no ambiente em que estão inseridos.

A etnografia procura recolher todo o material relevante para compreender o contexto em que os fenômenos estão inseridos. Aliás, conforme refere Fino (2008), o trabalho de campo na etnografia inicia-se com a negociação de acesso ao campo, seguida pela chegada do investigador ao local de investigação, até o momento da sua saída. Assim, a estratégia de investigação etnográfica vai além da simples aplicação de técnicas de recolha de dados, e exige uma compreensão aprofundada dos dados, mas sobretudo do contexto em que ocorrem as ações e interações.

As notas de campo são ferramentas essenciais na etnografia. Elas documentam, em dois momentos distintos, o vivenciado: primeiro, o registo manuscrito durante ou logo após a observação (para não perturbar a normalidade das situações observadas) e um segundo aquando da redação de um texto desenvolvido que detalha o que foi observado durante o período de campo). Esse texto desenvolvido constitui um "diário

de campo” propriamente dito que descreve, o mais detalhadamente possível, a realidade das vidas retratadas no contexto do seu cotidiano.

Para alinhar com os objetivos da investigação, será adotada uma abordagem construtivista, procurando compreender os diferentes significados atribuídos pelos sujeitos ao fenómeno em estudo. Tal como argumentam Amado e Silva (2017, p. 147-170), o método etnográfico deve estar fundamentado numa base conceptual e epistemológica orientadora, utilizando referenciais teóricos que sustentem a interpretação e análise dos dados recolhidos, considerando o contexto social, histórico, político e normativo — guias que permitem a transição da descrição para a interpretação e teorização.

4.6.2 A amplitude das representações sociais no estudo etnográfico

De acordo com Arruda (2002, p. 130), as representações sociais emergem no universo do conhecimento consensual e são uma produção simbólica dos sujeitos inseridos na sociedade. Esse conhecimento consensual refere-se ao senso comum, em contraste com o conhecimento científico, como referido por Moscovici. Embora o universo consensual seja formado através da conversação informal e da vida quotidiana, enquanto o conhecimento científico pertence a um universo reificado e especializado, não existe hierarquia entre estas formas de conhecimento, apenas uma diferenciação nos propósitos que cada uma procura alcançar.

A teoria das representações sociais como que oferece uma objetiva essencial para captar as perceções e práticas dos indivíduos em relação ao uso da água e outros elementos simbólicos da comunidade.

Rechena (2011), baseando-se em Bauer e Gaskell (1999), afirma que as representações sociais possuem uma estrutura matricial ternária, semelhante a um “toblerone”, composta por sujeitos, objetos e contextos ou projetos. Com base na investigação de Jodelet, a autora sugere que o sujeito pode ser visto como portador da representação, onde um objeto é representado dentro de um contexto de grupo social, adquirindo assim significado.

Esta teoria permite analisar como as representações sociais se manifestam em diversos aspetos da vida comunitária. Por vezes, essa contextualização coloca o sujeito num contexto que não o atual, resultando em recordações e narrativas sobre “aquele tempo” e essas memórias demonstram como as representações sociais estão enraizadas no contexto histórico e cultural da comunidade. Um exemplo elucidativo é o

relato da D. Manuela sobre os lavadouros: Neste caso, as memórias da entrevistada e o valor atribuído aos lavadouros ilustram como o passado continua a moldar as representações atuais, fazendo desses locais não apenas espaços funcionais, mas também locais com significados culturais e afetivos.

Conforme Parreira, et al (2018; p. 20), “os elementos afetivos são reconhecidos como constituintes das representações sociais”. De facto, a componente afetiva desempenha um papel fundamental na interpretação das representações sociais, especialmente em contextos relacionados com atividades sociais e que não decorrem na realidade atual, como o relatado e relacionado com os lavadouros. Os elementos afetivos são intrínsecos às representações sociais, as lembranças (emocionadas) mostram como os sentimentos relativamente aos outros, mas também ao tempo e ao local. Estas representações, influenciadas pelos sentimentos, são, assim mesmo, essenciais para a preservação de tradições e práticas culturais, bem como possíveis justificações pela preferência por certas fontes de água.

Conforme refere Parreira, et al (2018; p. 20), são estas “teorias elaboradas pelas comunidades, que lhes proporciona uma compreensão do mundo à sua volta, referência aos mais diversos objetos sociais que pareçam ter alguma importância (...) para a sua existência, identidade e continuidade”. São estas memórias que, com forte apego emocional, que ilustra a vontade na manutenção destes equipamentos em uso quando a sua funcionalidade parece ter sido perdida, mas reforçando a importância dessas práticas na identidade comunitária.

Esta vontade de manutenção dos equipamentos (talvez mais do que dos usos), é corroborada por Spink (1993, p. 303) que destaca que o “sujeito que não é apenas produto de determinações sociais nem produtor independente, pois as representações são sempre construções contextualizadas, resultados das condições em que surgem e circulam. É, ainda, uma expressão da realidade individual, uma exteriorização do afeto” – Spink (1993; p. 303). Esse vínculo afetivo é evidente no apego sentimental que alguns moradores demonstram em relação à sua fonte ou poço de água, elementos que se tornam parte fundamental da sua identidade e memória individual, familiar e, em alguns casos, coletiva.

As representações sociais são, de facto, formas de “apreensão e descodificação do mundo” e que, uma vez constituídas, são integradas no “sistema de valores, atitudes, normas e estereótipos” utilizados para categorizar e interpretar o mundo (Rechena; 2011; p. 220) - este processo é evidente quando o investigador se depara com novos conhecimentos:

A importância das representações sociais na descodificação e apropriação da realidade é ainda mais visível nas atitudes daqueles que passam e bebem da água da

Fonte das Sete Bicas, mesmo quando a informação disponível que refere que o mesmo já sucedia noutros locais: as placas de aviso, mas tal não impede o comportamento. Mesmo quando a interpelação é pessoal, sobrepõem-se as experiências e os quadros de pensamento preexistentes

De facto, o “contexto” individual, conforme referem Bauer e Gaskell, acaba por diferenciar as relações com os objetos, neste caso, tanto com a fonte, como com a placa informativa da qualidade da água. De acordo com Rachena (2011; p. 233), “o ser humano não assimila e descodifica a realidade na sua totalidade, mas de uma forma simplificada e organizada em categorias, resultantes da seleção e organização da informação.” Tal facto pode explicar o motivo pelo qual, na mesma fonte, há também quem se coiba de utilizar a água. O ser humano processa a realidade de forma seletiva, o que explica por que algumas pessoas que visitaram o recinto da Fonte das Sete Bicas e não fizeram uso da água, talvez influenciadas pela placa informativa, ou por outros fatores, optaram por não descer e beber da água. Esses indivíduos, mesmo tendo observado o local, construíram uma representação que os levou a não participar da prática.

Ainda no que se refere às escolhas para o uso da água, poderá referir-se que a nossa mente possui uma tendência a priorizar o passado em relação ao presente e a imagem sobre a realidade. Este prevalecer da memória relativamente à possibilidade de questionamento atual é uma imagem da realidade, colocando a memória ao nível de um conhecimento inquestionável. Esta característica ganha ainda outra dimensão quando além das memórias, os locais (ou os usos) são carregados de valores simbólicos, de perpetuação de tradições e crenças ao longo do tempo.

A falta de informações sobre um determinado tema cria um vácuo que é rapidamente preenchido por ideias e crenças que depois são disseminadas, através de conversas, pela sociedade. Essas representações sociais, moldadas por conhecimentos pré-existentes, ao serem partilhadas, transformam-se em conhecimentos comuns, e, dessa forma, moldam a interpretação da realidade e influenciam as ações (são exemplo dessa tradição oral o adagiário, repleto de verdades que não necessitam de ser “comprovadas”). Apesar de se basearem em estruturas mais antigas, as representações sociais são dinâmicas e adaptam-se às mudanças sociais e culturais. Esta dinâmica também é claramente aplicável tanto ao cancioneiro popular, como aos provérbios que circulam na comunidade, onde as tradições e crenças se mantêm vivas, mas são continuamente reinterpretadas à luz das novas realidades sociais. Aliás, conforme refere Parreira, et al (2018; p. 20) “as teorias elaboradas pelas comunidades, que lhes proporciona uma compreensão do mundo à sua volta, referência aos mais diversos objetos sociais que pareçam ter alguma importância (...) para a sua

existência, identidade e continuidade”. Estas “teorias”, são reveladas na prática, isto é, não são apenas construções abstratas, aplicadas pelas comunidades para definir formas de agir, bem como para interpretar e dar sentido aos diversos objetos sociais que encontram.

Este fenómeno é evidente na temática em estudo, onde crenças populares e provérbios, como os relacionados com a qualidade da água, refletem essas representações (um exemplo disso é o uso da água da rede apenas para fins "mais nobres" e a água de outras origens para outras). Em alguns casos, apesar da existência de água da rede pública, mantêm-se usos de água de outras origens (não necessariamente de origem não controlada), mesmo quando não há evidências objetivas que justifiquem essa distinção. Esses “conhecimentos”, ainda que baseados em informações incompletas ou imprecisas, orientam a interpretação da realidade e a construção de sentidos tanto ao nível mais familiar, como possivelmente alargados à escala comunitária.

De acordo com Rechena (2011), independentemente da perspectiva adotada - seja ao observar, decodificar ou interpretar - quando um sujeito se foca no objeto, na mensagem que ele transmite ou na interpretação pessoal, está-se a lidar com representações sociais, conforme definidas pela psicologia social. No caso específico de espaços comunitários como a Fonte das Sete Bicas, a interação com a fonte demonstra que, por vezes, os indivíduos não têm apenas o um papel passivo. Alguns destes utilizadores trazem as suas representações sociais, como as crenças, e aplicam-nas ao interagir com a água e com o seu contexto, isto é, com a fonte. Aliás, a interação resulta num processo de comunicação silenciosa e reverente (de fé?) dos utilizadores da fonte, expressa através dos gestos e atitudes.

O objeto desta interação (aquela água, daquela fonte), ilustra como as representações sociais moldam a experiência daqueles utilizadores, particularmente dos que atribuem significados mais profundos e complexos aquela prática.

Assim, ao analisar as práticas e perceções da comunidade estudada, este estudo etnográfico revela como as representações sociais, longe de serem meras abstrações, desempenham um papel crucial na construção e na manutenção das identidades e práticas culturais. Elas não refletem apenas a realidade social, mas também a moldam, influenciando as ações e interações dos indivíduos dentro do seu contexto social.

O estudo das representações sociais mostra que os indivíduos assimilam a realidade de maneira simplificada e organizada em categorias, resultantes da seleção e organização da informação. Rechena (2011) explica que o ser humano processa a

realidade de forma seletiva, o que pode levar algumas pessoas a não participarem de certas práticas, como beber da água da fonte, mesmo após observarem o local.

Este estudo etnográfico evidencia que as representações sociais desempenham um papel central na construção e manutenção das identidades e práticas culturais do fenómeno em estudo. Estas refletem a realidade social, mas também a moldam, influenciando diretamente as ações e interações dos indivíduos no contexto social do quotidiano. É com base nestas representações/categorias que os indivíduos acabam por selecionar e processar as informações e, conseqüentemente, condicionar as suas atividades e escolhas, como é o caso daqueles que, mesmo estando no local (casual ou propositadamente), optam por não beber da água da fonte e outros têm um procedimento no sentido oposto.

Assim, a seleção dos entrevistados nesta investigação foi orientada pelo objetivo de captar uma maior amplitude de representações sociais, abrangendo particularmente aquelas construídas no universo do senso comum.

A diversidade dos entrevistados contribuiu para uma análise mais robusta e multifacetada das representações sociais, proporcionando uma visão mais ampla e contextualizada das dinâmicas em jogo na comunidade estudada.

4.6.3 O método etnográfico: estudos sobre a água

O método etnográfico, com origem nos estudos de campo de Malinowski, evoluiu significativamente, tornando-se uma ferramenta sistemática e intimamente ligada à antropologia. Conforme refere Flick (2009, p. 31), a etnografia "visa uma compreensão dos processos sociais de produção desses eventos a partir de uma perspectiva interna ao processo, através da participação durante o seu desenvolvimento", ou seja, tem como objetivo compreender as normas culturais subjacentes às práticas ou costumes particulares.

A expansão do método etnográfico para além do seu campo original também se é demonstrada pela sua aplicação em "estudos hidrológicos" que analisam as práticas culturais relacionadas com o uso da água em diferentes contextos. A água, elemento essencial e onnipresente, continua a ser uma entidade de múltiplas formas e significados, assumindo diferentes papéis e simbolismos em diversas culturas e contextos sociais. Desde a água sagrada em rituais religiosos até ao seu uso quotidiano como recurso vital, a água permeia vários aspetos da vida humana.

Durand (2003), numa evocação etnográfica e análise retrospectiva da abordagem antropológica da água, observa que a "etnografia da água" em Portugal foi, durante muito tempo, limitada, concentrando-se principalmente em crenças e práticas rituais. No entanto, na segunda metade do século XX, uma equipa liderada por Jorge Dias adotou uma abordagem diferente, produzindo uma tecnografia sobre engenhos de elevação de água, moinhos e pisões, com o objetivo de registar realidades em risco de desaparecimento. O autor destaca três investigadores franceses que realizaram pesquisas "etnotecnológicas" sobre a água em Portugal: Colette Callier-Boisvert no Soajo (1994), Fabienne Wateau em Melgaço (2000) e no Alqueva, e Emmanuel Salesse em Cabeceiras de Bast, que exploraram sistemas locais de irrigação, examinando a complexa interação entre cooperação e conflito, e como essas dinâmicas se relacionam com as mudanças sociais e técnicas.

Durand (2003) identifica cinco eixos centrais nos estudos sobre a água, todos ligados à sua capacidade de unir e dividir comunidades. O primeiro eixo trata dos aspetos técnicos da obtenção e uso da água, como construção de poços e uso em moinhos. O segundo relaciona-se com o controlo económico e social da água, incluindo a propriedade dos recursos hídricos e a organização comunitária para o acesso à água. O terceiro eixo aborda o papel da água no quotidiano das comunidades, nas interações sociais e nos ciclos anuais, onde são abordados tópicos como a distribuição dos pontos de abastecimento, as interações comunitárias originadas pelo uso comum de fontes e bebedouros, e o papel da água durante a estação de rega. O quarto eixo trata das representações e conhecimentos sobre a água, como crenças e métodos de procura, sendo analisadas as questões como a linguagem específica para os diferentes tipos de água e os métodos utilizados para procurar e avaliar a qualidade das águas. Finalmente o quinto eixo explora a simbologia da água e o seu papel em rituais e práticas religiosas, destacando a sua dualidade como símbolo de vida e destruição. O autor refere ainda que, apesar da sua riqueza simbólica e funcional, o interesse dos antropólogos por este tema parece estar aquém do seu verdadeiro potencial reflexivo, possivelmente devido à conotação folclorista dos estudos anteriores.

4.6.4 Aproximação ao terreno

Antes da presente investigação, foi realizado um estudo onde se realizaram "visitas prévias" aos locais onde existiam fontes ou lavadouros, tendo-se optado por visitar fontes e lavadouros do conhecimento do investigador: a Fonte das Sete Bicas,

fonte e lavadouro de Custóias, fonte do Parque do Carriçal, tanque da Horta das Austrálias e tanques de lavagem junto ao Mosteiro de Bouças. As visitas permitiram ter uma primeira noção do estado de conservação dos equipamentos, que era particularmente mau no caso dos tanques junto ao Mosteiro e no Parque do Carriçal. Possibilitaram também perceber a utilização dos equipamentos, sendo que apenas se verificou a presença de um utilizador, nos tanques junto ao Mosteiro, mas que não se encontrava a utilizar os tanques, porém fazia uso daquela água para lavar o carro.

Na procura de mais informação, contactou-se o Museu da Memória de Matosinhos (Dr. José Manuel Varela), o que proporcionou uma perspetiva histórica e a evolução dos serviços de água no concelho, com destaque para as mudanças sociais ao longo dos anos (com destaque para “as lavadeiras do Leça”). Apesar de não disporem de estudos específicos sobre fontes e lavadouros de Matosinhos, destacaram a importância da Fonte das Sete Bicas como sendo a mais conhecida do concelho. Além desta, o concelho dispõe de outras fontes, contudo algumas estão sem uso, foram destruídas ou estão soterradas (na sequência de obras “mais recentes”). Desta reunião resultou também alguma da bibliografia consultada na presente investigação, nomeadamente a Monografia de Bouças.

Realizaram-se, também, visitas a seis habitações no concelho de Matosinhos (União de freguesias de Leça do Balio, Custóias e Guifões), agendadas pela empresa INDAQUA Matosinhos, a entidade gestora da água no concelho e a seleção dos locais efetuada por esta, sabendo-se previamente da existência e utilização cumulativa de água da rede pública e de captação própria.

Os moradores referiram que usam água da rede pública para cozinhar e reconheciam os riscos da utilização de água de origem não controlada. Das interações realizadas, uma vez que esta atividade não era a mais “propícia” à observação, foi possível perceber o posicionamento dos consumidores relativamente aquelas águas (“só uso esta água para rega”; “usamos a água da INDAQUA para beber e para cozinhar”; “para beber eu compro água do Luso e para os gatos água do Continente”; “só uso da água do furo para lavar as escadas e as mantas dos gatos”), bem como algumas dúvidas “sei que a água não é boa. Mas e de a água der boa?”.

Foram também efetuadas algumas notas de campo, das quais se destacam:

- “Usamos desta água desde a altura em que a casa foi construída.

Depois quando vieram as águas nós fizemos logo a ligação”

- “Tenho umas casas alugadas lá mais em baixo, mas lá a água é só do furo. Aquela água não deve estar em condições, mas isto assim não pode ser. A INDAQUA tem por a água a passar lá. Já fui à INDAQUA muitas vezes, mas fica muito caro por lá a água”
- “Não é pelo resultado da água que vou mudar”
- “Esta água é mais barata e também só é usada para regar as plantas e lavar o pátio.”
- “Também não há risco em usar esta água pra isto.”
- “Quando compramos a casa já tinha o furo”
- “Não, nunca mandei analisar esta água”
- Não concordo nada com isto. Sempre tive tudo legal. Herdei a casa dos meus pais agora que eles faleceram. (...) Queremos tudo legal e isto está tudo legal. Agora se for preciso pagar, têm é que nos dar tempo. Não acha que para lavar as escadas e as mantas dos gatos serve? Eu quero ter tudo legal.

De uma forma generalizada, os indivíduos tinham a percepção da origem da água e consideravam como provável que a mesma não fosse segura, aliás, davam-lhe um uso menos nobre (como a lavagem dos pátios, roupas de casa ou dos animais), reservando a água da rede pública para os usos que podiam fazer perigar mais a sua saúde. A avaliação empírica do risco foi sempre realizada, as referências eram feitas maioritariamente no passado, e era também empiricamente aceite que as condições se manteriam (ainda que desconhecendo que a água algum dia tivesse sido analisada).

Este estudo prévio proporcionou uma aproximação ao tema (e ao terreno) e contribuiu para a definição do problema de pesquisa, na construção do referencial teórico e na seleção dos instrumentos de recolha de dados.

4.6.5 – Observação participante e escrita de notas de campo

A observação participante é central no método etnográfico, que, segundo Costa (1987), é particularmente eficaz para captar comportamentos, discursos e eventos que, muitas vezes, escapam à consciência explícita dos atores sociais. Como destaca Neto (2021), esses comportamentos “não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real” (Minayo et al., 2001, p. 59). Esta técnica caracteriza-se pela imersão no campo de estudo, permitindo ao investigador observar e

compreender os modos de vida, isto é, as ações, interações e pensamentos dos sujeitos em estudo, a partir da perspectiva dos participantes nos seus contextos sociais.

Um dos momentos cruciais na observação participante é a entrada no terreno. A data escolhida para a observação na Fonte das Sete Bicas não foi aleatória. Após duas visitas prévias (11 de janeiro de manhã e 1 de fevereiro de tarde), onde não se observou a presença de utilizadores da fonte, ou a circular pelo recinto, foi necessário agendar uma terceira visita, adiada por questões profissionais e pelas condições climáticas desfavoráveis (que dificultavam o trabalho “ao ar livre”) – também se visitou, igualmente, a fonte do Parque do Carriçal e o Tanque dos Lavadouros (Custóias), nas mesmas datas, igualmente sem sucesso. A proximidade das festividades da Senhora da Hora influenciou a escolha da data, na expectativa que o evento aumentasse a probabilidade de encontrar também os utilizadores motivados pelas crenças. Embora ainda existisse o risco de não encontrar utilizadores, a probabilidade de sucesso era maior.

A escolha desta fonte específica foi motivada pela sua notoriedade. A observação decorreu, no dia das festividades de Senhora da Hora (9 de maio 2024, no período compreendido entre as 17 e as 19 horas) e foi do tipo não estruturada, informal e espontânea. Para a compreensão do fenómeno, optou-se por uma seleção intencional dos participantes, seres humanos comuns, utilizadores do recinto onde se encontra a Fonte das Sete Bicas, particularmente os utilizadores da fonte. Para a observação escolheu-se um local próximo da fonte e que permitisse observar discretamente, para minimizar a influência no comportamento dos indivíduos, especialmente em relação à utilização da água da fonte.

Silva (2003, p. 86) sublinha que, mesmo quando o investigador já conhece o ambiente onde realiza a etnografia, "a intencionalidade é nova, porque o desafio é outro, porque é outra a nossa disposição nos lugares, porque a pulsão diferente que nos anima escurece os lugares, tornando-os sempre diferentemente reconhecidos, tornando-nos constantemente estranhas nos tempos-espacos mais familiares". Portanto, apesar da familiaridade do investigador com o recinto e com a Fonte das Sete Bicas, a investigação trouxe à tona uma sensação de estranheza que desafiou as perceções preconcebidas. Martins (2012, p. 529-530) refere que "a nossa presença num contexto de investigação está sempre condicionada a fatores de estranhamento; esses estranhamentos não são só por nós vividos e percebidos, nem que seja através da criação de novas perspetivas ou de novos posicionamentos de observação sobre o que já julgamos conhecer (...) mas, também, acionados por todos aqueles que não conseguem inscrever-nos em linhas de referência ou familiaridade". Uma das grandes vantagens dos métodos qualitativos reside precisamente na capacidade de dialogar face a face ou através da proximidade com aqueles que estudamos.

A complexidade da posição do investigador etnográfico destaca-se na necessidade de equilibrar a proximidade e o distanciamento no campo de pesquisa. Optando por permanecer num local neutro, próximo o suficiente da fonte para observá-la, mas discreto o bastante para passar despercebido, o investigador procurou integrar-se no ambiente sem influenciá-lo visivelmente, mantendo, assim, a autenticidade das observações. Inicialmente, o ambiente parecia oferecer apenas o que era natural e óbvio, não revelando nada além disso. No entanto, conforme a atenção se voltava para os detalhes ao redor da fonte, começou-se a perceber a riqueza da envolvente. Após alguns minutos, a atenção pôde finalmente concentrar-se no verdadeiro foco: a fonte e as suas sete bicas. Silva (2003, p. 86) afirma que o investigador está constantemente situado "numa postura de implicação crítica", reconhecendo-se como "inter-sujeitos, corporizados, num determinado contexto material". Esta posição ambivalente faz do investigador parte do ambiente estudado e, ao mesmo tempo, um observador externo, exigindo dele um esforço contínuo para equilibrar a sua envolvimento no contexto com a necessidade de manter uma perspectiva analítica.

Pode dizer-se que a escolha do local foi bem-sucedida, considerando-se que não condicionou as utilizações da água.

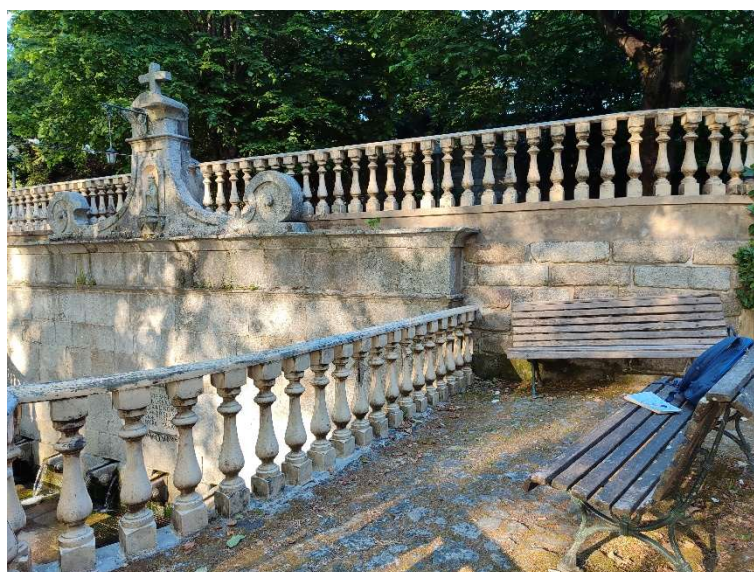


Figura 2 - Local de observação (Fonte das Sete Bicas)

Costa (1987, p. 135-145) afirma que a interação entre o investigador e os observados, sustentada por um quadro de relações sociais, é fundamental para que a informação sobre as realidades sociais seja obtida. Refere, também, que o processo de familiarização com o contexto social é essencial, mesmo em sociedades contemporâneas. Contudo, nesta investigação, não se seguiu a premissa da "aproximação gradual" devido à opção por realizar a observação no dia das festividades.

As abordagens aos utilizadores foram guiadas pelas circunstâncias, priorizando aqueles que permaneciam mais tempo no recinto (como o “casal” que estava sentado num banco por um período prolongado) e as que faziam uso da água, particularmente aquelas que recolhiam a água em garrações. Estas decisões basearam-se na intuição do investigador, com a intenção de desvalorizar hierarquias e construir um retrato fiel da comunidade. As conversações mantiveram-se informais, como recomendado por Costa (1987), para evitar uma “re-edificação dos papéis” do observador e do observado e visando estar próximo da “fonte” do saber, do conhecimento, tal como a água, não se pretendia “filtrado”.

Durante a observação, procurou-se captar todos os aspetos relevantes: o espaço, os atores, as atividades que se realizavam na fonte e à sua volta, os objetos, os sentimentos e, sobretudo, as interações entre as pessoas e o objeto de estudo. A duração da observação foi determinada pela evolução da investigação, encerrando-se quando se atingiu a saturação da amostra, ou seja, o ponto em que novos dados não acrescentavam informações relevantes.

Para sistematizar as informações recolhidas, realizaram-se entrevistas etnográficas. Posteriormente, essa experiência é reelaborada e transformada numa descrição objetiva e científica, procurando transcrever tudo o que fora percebido pelos sentidos.

Não houve segmentação na seleção dos entrevistados com base em hierarquias de poder, geracionais, de género ou académicas, sendo apenas necessário ter respondido afirmativamente ao consentimento informado verbal (mais informação em “considerações éticas”). As abordagens não foram totalmente aleatórias, uma vez que o que se pretendia através da conversação com os protagonistas das práticas sociais, era compreender a simbologia dos acontecimentos e a “explicação” para as práticas verificadas. Portanto, permitiu-se que falassem sobre as suas vivências e fizessem as descrições que entendessem necessárias.

O diário de campo foi fundamental, com anotações detalhadas e descrições pormenorizadas dos factos e vivências, num estilo de escrita denso, pormenorizado (incluindo, sempre que possível, a hora de ocorrência) e criterioso. A investigação de campo, com a sua capacidade de capturar uma descrição minuciosa dos aspetos observados, mostrou-se adequada para permitir uma análise que interligasse os elementos registados, promovendo uma compreensão mais completa do fenómeno estudado.

É importante, contudo, reconhecer as limitações da observação participante. Como refere Mendes (2009, p. 4), baseado em Burawoy, a intersubjetividade transforma o investigador num participante ativo no mundo do outro, estando a observação

condicionada pela subjetividade do investigador e pela sua capacidade de captar todos os estímulos do terreno, além da possível interferência no comportamento dos observados, seja positiva ou negativa.

A recolha dos dados foi realizada de forma consciente, imersiva e orientada para uma compreensão holística e contextualizada dos ritmos, estratégias, formas de agir e modos de pensar dos atores sociais.

4.6.6 – Entrevistas etnográficas

A investigação qualitativa vai além da simples aplicação de técnicas, e entre as várias metodologias, a entrevista destaca-se como uma técnica de recolha de dados particularmente valorizada. Conforme Amado (2014, p. 205), a entrevista complementa a observação participante e a análise documental, sendo crucial para a compreensão das realidades sociais.

Embora a entrevista seja muitas vezes comparada a uma conversa, existem diferenças significativas. Enquanto uma conversa comum tende a ser equilibrada, com uma troca fluida entre os participantes, a entrevista é, em grande parte, unilateral. O entrevistado assume um papel predominante, fornecendo informações que o entrevistador deve interpretar e explorar, direcionando o diálogo para temas específicos de interesse.

Amado (2014, p. 207), citando Quivy e Capenhoudt, refere que as principais características deste método de investigação incluem a transferência potencial de informação "pura" de uma pessoa para outra, envolvendo uma transação com pressupostos inevitáveis como emoções, necessidades inconscientes e influências interpessoais. Esta mostra-se adequada para analisar o sentido que os atores atribuem às suas práticas e aos acontecimentos que enfrentam, incluindo os seus sistemas de valores, referências normativas, interpretações de situações conflituosas ou não, e as leituras que fazem das suas próprias experiências. Desta forma, e tal como refere Mendes (2003), esta técnica possibilita uma compreensão mais ampla da localização social do indivíduo, pelo que vai ao encontro do propósito desta investigação: compreender como as pessoas atribuem significados às suas vivências.

A entrevista etnográfica diferencia-se pela sua capacidade de obter informações que refletem a realidade vivida pelos próprios atores sociais e pela valorização das explicações e narrativas dos entrevistados. É composta por um conjunto de perguntas pré-estruturadas, através das quais o investigador procura compreender como os atores

se relacionam com o tema em questão. Além de captar a experiência relatada pelos participantes, a entrevista etnográfica é eficaz para apreender pormenores da linguagem não-verbal, como gestos e expressões faciais, que podem revelar aspetos subjacentes às respostas verbais.

Outro aspeto distintivo deste tipo de entrevista é a procura de um ambiente confortável para o entrevistado, encorajando-o a falar livremente sobre o que lhe interessa e nos seus próprios termos (na linguagem quotidiana). Aliás, a dinâmica própria da entrevista proporciona informações etnográficas sobre os entrevistados e os seus contextos sociais (evidente, por exemplo, na entrevista realizada na Ponte do Carro). Para alcançar uma compreensão mais profunda, pressupõe-se a utilização tanto de questões estruturais, que procuram delinear os principais temas em discussão, como de questões de contraste, que fornecem informações sobre as dimensões do significado, percebidas e utilizadas pelos entrevistados, para comparar ou diferenciar determinados objetos e/ou eventos nas suas experiências quotidianas. Assim, este tipo de entrevista permite ir além da bibliografia e revelar conhecimento novo, original.

Apesar de toda a liberdade que esta técnica confere ao entrevistado, importa considerar o que refere Amado (2014; p. 82), citando Giddens, que em qualquer interação face a face, o indivíduo traz consigo uma "bagagem de conhecimentos em mão" ou "conhecimentos de senso comum", que usa para interpretar o outro e prever as suas reações. Tal é particularmente relevante na entrevista etnográfica, onde o objetivo é explorar essas interpretações e como elas influenciam a comunicação e a interação. Importa, contudo, estar ciente que o entrevistado também pode estar a negociar as suas identidades, em vez de apenas comunicar ou partilhar significados. Aliás, a riqueza das entrevistas está nessa interação dialógica, "nessa polifonia de vozes presentes e ausentes, que faz toda a riqueza das entrevistas, mais do que numa busca distante e objetiva de factos ocorridos". O que interessa é "estar atento às histórias contadas e às suas implicações pessoais, familiares, comunitárias e sociais mais vastas", Mendes (2003, p. 9-13).

A aplicação das entrevistas permite, portanto, obter dados objetivos, comparáveis nomeadamente com os adquiridos através da pesquisa documental, e dados subjetivos, com ênfase nos valores, atitudes e opiniões dos entrevistados.

Esta técnica distingue-se por dar voz àqueles que, segundo José Manuel Sobral (1999, p. 77), "não têm a perceção de que fazem parte de um grupo que merece ser lembrado pelos 'feitos' dos seus antecessores, ou de que possuem uma história familiar significativa". Por isso, considerou-se importante respeitar a memória e as narrativas desses cidadãos comuns, cujas histórias muitas vezes não são valorizadas socialmente, mas que ficam gravadas através deste tipo de investigação. A realização dessas

entrevistas permitiu aos entrevistados perceber a importância de registar as suas memórias e narrativas familiares, conforme mencionado por Sobral (1999, p. 77), especialmente em contextos sociais onde a vida familiar desses cidadãos é desvalorizada.

Na presente investigação, foram conduzidas quatro entrevistas em fases distintas do processo investigativo, cada uma contribuindo de maneira particular para a compreensão do fenómeno estudado. Das técnicas utilizadas, as entrevistas foram as que implicaram maior investimento de tempo, com a preparação, realização presencial, transcrição e análise dos depoimentos, num total de aproximadamente 180 minutos de entrevistas. Estas, de natureza informal e flexível, assemelhavam-se a conversas nas quais os entrevistados partilharam vivências e experiências pessoais. Amado (2014), citando Hargreaves (1975), destaca que "as entrevistas proporcionam situações que estimulam processos interativos complexos e significativos", permitindo que os entrevistados se expressassem livremente.

As entrevistas foram conduzidas com a intenção de criar um ambiente acolhedor e, tal como refere Morgado (2012) embora se tratasse de uma conversa informal, o entrevistador redirecionava a discussão para os objetivos de pesquisa sempre que necessário, de forma natural e fluida. Essa informalidade, aliada à confiança estabelecida entre entrevistador e entrevistados, foi essencial para o desenvolvimento de um diálogo franco, tendo as entrevistas sido conduzidas de forma a valorizar a linguagem e o significado das palavras, procurando ter acesso às informações contidas na fala dos atores sociais.

Como referido, a realização das entrevistas foi decorrendo ao longo da investigação e nenhuma delas foi rigorosamente agendada. Em todas as situações, o contacto inicial foi informal, descrevendo-se que se pretendia ter "uma conversa, por causa de um trabalho para faculdade".

A escolha dos entrevistados foi feita de forma heterogénea, mas intencional e racional. Foi motivada pelo objetivo de investigação, procurando captar uma variedade representativa de perspetivas relacionadas com o fenómeno em estudo. A sua heterogeneidade permitiu captar diferentes vivências, independentemente do estatuto socioeconómico ou do grau de experiência com a utilização de equipamentos de água de origem não controlada – o que é particularmente desejável para compreender a complexidade do fenómeno.

A seleção da D. Manuela e do Sr. José foi feita com base na sua relevância para a investigação, uma vez que se procurava assegurar que os participantes possuíam características específicas importantes para a investigação, aumentando a validade e a profundidade das análises. Esperava-se também, desta forma, diminuir algum filtro que

pudesse bloquear o acesso à informação. Esta decisão também resultou das limitações de tempo e recursos para o acesso à população, tendo em consideração que essa opção implicaria abdicar do acesso a informações mais diversificadas, especialmente por se considerar que o uso de água de origem não controlada não será muito frequente neste contexto urbano. Contudo, também se entende que a escolha destes entrevistados fortalece a robustez dos resultados, sem comprometer a compreensão detalhada do fenómeno em estudo.

Ao entrevistar D. Manuela, a D. Diana e o Sr. António, todos residentes em Matosinhos há várias décadas, o objetivo era compreender as raízes históricas e as memórias coletivas da população do concelho. A D. Manuela, além de ser natural e residente em Matosinhos, sabia-se de antemão que possuía na sua habitação uma "bomba volante" para retirar água do poço - o que tornou a entrevista particularmente relevante para explorar as dinâmicas e motivações associadas ao uso, passado e presente, de água de origem não controlada.

Em relação ao Sr. José, além de cumprir genericamente os mesmos critérios dos outros entrevistados, destacava-se por ter trabalhado na área da saúde pública entre 1973 e 2012. Com quase quarenta anos de experiência, considera-se um informador privilegiado, especialmente no contexto da água para consumo humano. Esta entrevista visou, portanto, explorar tanto a história do abastecimento de água no concelho e o papel da saúde pública nesse contexto.

Antes de iniciar as entrevistas, realizou-se uma pesquisa sobre o território e as práticas que se pretendia explorar, como os hábitos de lavar roupa nos tanques públicos, o uso de bombas volantes e poços tradicionais, a ida à fonte, os benefícios do abastecimento de água de origem controlada para a saúde individual e pública, e o papel da saúde pública. O papel do contexto, até devido ao interesse em verificar as significações naquele território, eram foco de particular interesse.



Figura 3 - Local da entrevista (Ponte do Carro)

Para todas as entrevistas, foram escolhidos locais tranquilos, com pouco ruído de fundo, para garantir o conforto dos entrevistados. A participação foi voluntária e informada, as entrevistas foram gravadas em áudio com a devida autorização, conforme descrito em “considerações éticas”, e posteriormente transcritas para análise de conteúdo.

A entrevista com o Sr. António e a D. Diana foi realizada nos seus próprios terrenos agrícolas, próximos à Ponte do Carro. De acordo com Koury (p. 537-538), "a trajetória dos moradores é marcada pelo pertencimento ao lugar onde moram e compartilham o cotidiano", e mesmo que estes não sejam originários do local, ali é onde "exercitam os referenciais simbólicos compartilhados nas situações de vida cotidiana". Esse é o espaço onde se desenrola a convivência (e conflitos) entre vizinhos, amigos e parentes.

Os entrevistados da Ponte do Carro foram escolhidos durante as visitas prévias de reconhecimento de terreno com o técnico da INDAQUA, Matosinhos (que também não os conhecia). No dia da entrevista, como não se encontravam na sua habitação, junto da bica, foi indicado que estariam no campo em frente - foi nesse local que decorreu a entrevista. As entrevistas com a D. Manuela e com o Sr. José, foram realizadas nas instalações da entidade patronal do investigador (em horário não laboral).

Para a realização das entrevistas não se elaborou um questionário ou roteiro formal, de acordo com o espírito etnográfico. Estava definido claramente o tema a abordar durante a entrevista, direcionado consoante o entrevistado, e um esboço mental com algumas perguntas e (poucos) apontamentos escritos. A ausência de um roteiro rígido permitiu uma flexibilidade que deixou o entrevistado à vontade para guiar o fluxo da conversa. O diálogo fluiu de forma natural, com tempo para que os entrevistados

pudessem refletir nas respostas ou respondessem espontaneamente, garantindo que o conteúdo não fosse limitado ou perdido.

As entrevistas começaram com perguntas mais simples e neutras, aumentando gradualmente a complexidade. No entanto, as perguntas também iam emergindo naturalmente ao longo da conversa, sem seguir, necessariamente, uma ordem crescente de complexidade. Foram utilizadas perguntas abertas de diferentes tipos: descritivas, estruturais (solicitando explicações sobre termos ou ideias específicas) e de contraste, especialmente quando os entrevistados se referiam ao passado de forma genérica (“antigamente”, “naquele tempo”), bem como perguntas factuais, que fornecessem informações concretas. Ocasionalmente foram surgindo questões associadas a eventos específicos, como a “Revolução de 25 de abril de 1974”. Os entrevistados partilhavam frequentemente as suas perspetivas pessoais por longos períodos – demonstrando como se sentiam “à vontade”.

Após a entrevista, enriqueceram-se as notas de campo com informações adicionais e detalhes relevantes.

Posteriormente, foram transcritas e analisadas com base numa abordagem interativa e construtivista, conforme Bardin. A qualidade da transcrição foi encarada como fundamental para o sucesso da entrevista, tal como referido por Beaud e Weber, citados por Vieira (2018), as “entrevistas serão tanto mais ricas e interpretáveis quanto sua transcrição for precisa e fiel: respeitando os silêncios, destacando as hesitações e subterfúgios, marcando as inflexões da voz, assinale as diferenças de tom, anote os gestos e mímicas que acompanharam a palavra, etc.". Desta forma, foi dada particular importância à transcrição, para recolher a riqueza dos detalhes expressos durante a entrevista, permitindo uma análise mais profunda e interpretativa dos dados.

A relação entre o entrevistador e os participantes foi marcada pela cordialidade e pela confiança. Procurou-se a utilização de termos fáceis e familiares para diminuir possíveis ruídos na comunicação. As pausas, embora por vezes desconfortáveis, também permitiam que os entrevistados refletissem e especificassem claramente o que queriam dizer - a escuta ativa desempenhou um papel fundamental ao transmitir confiança aos entrevistados.

No final, agradeceu-se a todos os entrevistados não só pela “conversa” (foi denominada desta forma pelos participantes até ao momento “pós entrevista”), mas também pelo conhecimento e aprendizagem que proporcionaram ao investigador. Apesar de a “conversa” ter sido aberta e livre, existiu, sempre que possível, um esforço para evitar desvios que pudessem comprometer o sucesso das entrevistas.

Após a revisão da transcrição da entrevista, foi entregue um exemplar em à D. Manuela e outro ao Sr. José, para que pudessem verificar se tudo havia sido

corretamente compreendido pelo entrevistador – prevê-se fazer o mesmo com os restantes entrevistados. Relativamente à entrevista na Ponte do Carro, o agradecimento foi mútuo, tendo o entrevistador sido agraciado com uma generosa dádiva do trabalho dos entrevistados e das águas utilizadas



Figura 4 Agradecimento dos entrevistados da Ponte do Carro

4.6.7 – Documentos e análise documental

A investigação histórica constitui um instrumento fundamental para desvendar o passado e compreender as evoluções (ou origens) dos fenómenos sociais, culturais e políticos do presente. A história fornece um conjunto de informações que auxilia na compreensão das razões que justificam determinados comportamentos e atitudes.

A análise documental é uma ferramenta fundamental nas investigações qualitativas, especialmente quando combinada com métodos etnográficos. Esta complementa as restantes técnicas de recolha de dados, oferecendo uma perspetiva histórica, institucional e conceptual que enriquece a compreensão da realidade investigada. Ao confrontar os dados provenientes dos documentos com as informações obtidas através de outras técnicas, como entrevistas e observação etnográficas, é possível construir um quadro mais completo e preciso do fenómeno em estudo.

Na presente investigação, o foco da análise documental recaiu sobre a história do fornecimento de água e as referências à água na sabedoria popular. Com o objetivo de compreender as transformações ocorridas no setor do fornecimento de água, em particular em Matosinhos, consideraram-se os aspetos legislativos e a contextualização

histórica, procurando-se “reconstruir” a evolução dos sistemas de abastecimento de água, desde o século passado até ao presente.

De acordo com Costa (1987, p. 141), “a consulta de registos localmente produzidos (...) fornece informação complementar e, até certo ponto, pode esporadicamente substituir a observação direta e a conversa ou entrevista informal no fornecimento de descrições de atividades e, especialmente, de depoimentos utilizáveis na caracterização das opiniões, expectativas, quadros de valores e visões do mundo dos sujeitos sociais.” Um exemplo disso é a “Monographia de Bouças”, que, de certa forma, serviu para preparação das entrevistas e observação participante.

A leitura e a interpretação dos documentos históricos foram cruciais para a compreensão das dinâmicas sociais, políticas e económicas que influenciaram o processo de abastecimento de água, particularmente a obra “História das políticas públicas de abastecimento e saneamento de águas em Portugal” de João Howell Pato (2011). Esta, permitiu identificar as políticas, as decisões e os valores que orientaram as ações ao longo do tempo.

Para melhor se compreender o fenómeno relacionado com os usos da água, era fundamental considerar o contexto mais amplo em que esses processos se inserem. Os acontecimentos nacionais e regionais, bem como as dinâmicas locais, exerceram uma influência significativa sobre a forma como a água foi gerida e distribuída ao longo do tempo. Esta contextualização era crucial para compreender as dinâmicas que moldam as narrativas, bem como as interações entre os diversos atores que influenciaram o processo de abastecimento de água em Portugal, contribuindo também, de certa forma, para a construção das identidades local, regional e nacional.

A análise documental não só auxiliou na compreensão dos dados das entrevistas, particularmente das dificuldades vivenciadas pelos entrevistados, mas também permitiu documentar as principais alterações no fornecimento de água ao longo do último século e recuar até duas gerações relativamente aos entrevistados (a entrevistada D. Manuela referiu por várias vezes as dinâmicas familiares com os pais e avós).

A isso acresce o facto que as vivências do investigador são recentes, posteriores ao “ponto de viragem” que foi a revolução de 25 de abril de 1974, sendo que parte do seu conhecimento também provém da transmissão oral e, o restante, da leitura de documentos.

Ciente que as infraestruturas hídricas, como fontes e lavadouros, vão além dos aspetos técnicos e materiais, carregando consigo significados simbólicos e afetivos, procurou-se obter informação que permitisse aceder à sabedoria popular. Considerando que a recolha desta informação implicaria uma permanência prolongada do investigador

e diversificada nos locais optou-se pela análise documental como alternativa. Essa análise incluiu o cancioneiro e adagiário portugueses, bem como um levantamento da toponímia matosinhense (contando também com o conhecimento do investigador e dos seus próximos relativamente ao adagiário).

O adagiário, ou provérbio, é comumente definido como uma expressão popular que reflete uma verdade aprendida a partir das experiências de vida. Estes saberes passam oralmente através das gerações, pelo que parte do conhecimento citado na presente investigação provém diretamente do investigador, complementado com estudos dos investigadores portugueses, José Teixeira e Hermínia Sol (além de pesquisas online, uma vez que, tratando-se de sabedoria popular, esta está mais disseminada, do que os seus autores).

O Cancioneiro de Michel Giacometti, reconhecido etnomusicólogo que realizou importantes recolhas etnomusicais em Portugal, foi também uma fonte essencial para esta investigação. Em colaboração com o compositor Fernando Lopes-Graça, Giacometti oferece na sua obra um percurso pelo universo da música popular portuguesa, documentando com textos e notações musicais como resultado de mais de duas décadas dedicadas a viajar pelo país.

Como Haggerty et al. (2021) referem, dado o seu carácter duradouro, não é surpreendente que as infraestruturas apareçam ocasionalmente em estudos de Memória, incluindo estudos críticos focados em memórias coletivas e sociais e a sua relação com trajetórias culturais, sociais e ambientais. Esses estudos destacam como as infraestruturas mediam dinâmicas afetivas e psicossociais das comunidades.

A memória coletiva, muitas vezes, está intrinsecamente ligada aos locais onde ela se desenvolve, sendo ocasionalmente preservada através da toponímia, o estudo linguístico da origem dos nomes dos lugares e localidades. Neste contexto, foi realizada uma pesquisa no sítio dos sistemas de informação geográfica da Câmara Municipal de Matosinhos¹². Embora não tenha sido feita uma pesquisa exaustiva, procurou-se detalhar um pouco mais sobre a importância da toponímia através do estudo de Carlos Ferreira que, embora focado num contexto urbano diferente, permitiu uma melhor perceção do valor da toponímia como instrumento de preservação da memória coletiva e da identidade local.

A revisão de literatura permitiu conhecer outras investigações na área, conhecer os conteúdos e as questões cruciais e acesso a dados que permitem compreender o fenómeno à luz daquilo que já foi feito, nomeadamente:

¹² <https://infosig.cm-matosinhos.pt/>

- As águas do Porto, de Tito de Bourbon e Noronha apresentada a escola médica ou cirúrgica do Porto (1885);
- Contribuição para a hygiene do analyse sanitaria do seu abastecimento em agua potável, de Adriano Fontes (1908)
- ACQUA - Água, essência na arquitectura de Carlo Scarpa, de Nelson Gomes Mendes (2009)
- Fontes e Chafarizes. O abastecimento de água nos espaços públicos na Baixa Idade Média portuguesa de Gisele Freitas Estrela (2017)
- Origem e (Trans)Formação Urbana: Metamorfose do Lugar e do Tempo no estudo do espaço paroquial de São Mamede de Infesta, de Helena Isabel Neto da Silva (2021)
- Pela descolonização da cidade Redes e experiências urbanas das comunidades africanas e afrodescendentes do Porto, de Beatriz Lacerda (2022)
- Experiências e discursos educativos em torno de jovens com necessidades educativas especiais: contributos de um estudo de caso etnográfico no norte de Portugal, de Jorge Miguel França Santos (2023)

A utilização de fontes documentais é subsidiária, mas, como refere Costa (1987, p. 142), fornece “informação sobre múltiplas dimensões do social, fornecendo a possibilidade de permanente confrontação recíproca e da respetiva análise integrada”. O uso da literatura contribuiu, portanto, para uma compreensão mais ampla e integrada do fenómeno estudado.

4.7 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo, segundo Bardin (1977; p.30-41) é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” que visa obter, procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores (...) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (...) destas mensagens. Esta organiza o conteúdo do material empírico, permitindo uma descrição objetiva e sistemática desse conteúdo, o que facilita a sua análise e interpretação, e possibilita uma reflexão mais atenta e abrangente sobre o material empírico recolhido. Daí, ter-se recorrido a esta técnica para sistematizar e explicar o conteúdo das mensagens dos entrevistados e das notas de campo.

Neste estudo, realizou-se a análise de conteúdo temático de modo dedutivo e/ou indutivo do texto etnográfico (discursos dos entrevistados e notas de campo) e utilizando os dados resultantes da análise documental. Assim, procurou-se corroborar ideias previamente estabelecidas, bem como trazer outras que resultaram dos métodos de recolha do material empírico.

As transcrições das entrevistas, embora extensas, foram elaboradas de forma a preservar a riqueza da interação verbal. Incluem-se as subtilezas da interação verbal (as perguntas, as hesitações e expressões, tanto do entrevistador, como do entrevistado), procurando garantir a contextualização e a compreensão dos quadros interpretativos e, também, proporcionar ao leitor uma imersão mais profunda nos diálogos.

Foram identificados temas e subtemas relevantes, delineando o fio condutor das narrativas, os enredos e os protagonistas. Os temas centrais definidos foram: "Dinâmica diária" (ações do quotidiano em determinado espaço, considerando a fonte/lavadouro como parte integrante da rotina, incluindo passos habituais, problemas e constrangimentos diários), "Medidas para reduzir riscos" (estratégias dos utilizadores para minimizar os riscos associados ao uso daquelas águas) e "Medidas e atuações reconhecidas como impactantes na saúde pública" (ações adotadas ou relatadas com influência na saúde individual, comunitária ou com impacto projetado para as gerações futuras).

A partir dessa categorização, foram interligados subtemas como: "Relação estabelecida com os equipamentos – tanto por indivíduos como pela comunidade", "Tarefas rotineiras vivenciadas: passado e presente do uso de água de captação própria", "Identificação dos utilizadores conhecidos do equipamento", "Captações próprias vs. Acesso à água da rede", "Vantagens do uso dos equipamentos", "Constrangimentos e alterações ocasionais nas tarefas quotidianas", "Dificuldades no acesso e uso da água antes da universalização do acesso", "Relatos de experiências de outros relacionados com aquelas águas", "Utilização de água de diferentes origens para diferentes fins", "Medidas individuais de redução de risco", "Vantagens da água no domicílio e do abastecimento da rede pública", "Usos específicos daquelas águas", "Outras medidas e o impacto dessas medidas", "Alterações de comportamento ao longo do tempo" e "Comparação entre a realidade atual e a de antigamente".

Essa estrutura temática, baseada nos princípios da análise de conteúdo segundo Bardin, permitiu uma compreensão mais aprofundada e interligada das dinâmicas sociais e de saúde relacionadas com os usos das águas, captando as nuances e transformações ao longo do tempo.

Procedeu-se à categorização das entrevistas, tendo-se iniciado por fazê-lo para cada entrevista individualmente (mantendo a estrutura sequencial da entrevista).

Atendendo às anotações efetuadas, e como o texto se encontrava todo em formato digital, optou-se por não proceder ao resumo das entrevistas, procurando evitar a perda de informação.

Procedeu-se à análise das entrevistas comparando os temas entre elas. Essa abordagem permitiu capturar as vozes dos participantes (o objetivo das entrevistas), uma compreensão mais profunda das perspetivas dos entrevistados, identificar padrões, contradições e aspetos mais subtis nas narrativas. As citações diretas dos entrevistados, juntamente com a descrição detalhada de acontecimentos, conferem maior credibilidade aos resultados.

A análise das entrevistas revelou um conjunto interessante e detalhado de dados empíricos, incluindo descrições de acontecimentos, diálogos e citações diretas.

Optou-se por se recorrer à utilização de fragmentos das transcrições, combinada com outros materiais, como a sabedoria popular, procurando conferir autenticidade histórica à análise.

De acordo com o procedimento indicado por Bardin (1977), o processo de análise de conteúdo segue três etapas, que foram adotadas nesta investigação. A análise de conteúdo começou com uma pré-análise, que envolveu a organização do material recolhido, com uma leitura preliminar das notas das entrevistas e das observações etnográficas. Este processo permitiu um contato em primeira mão com a totalidade dos dados empíricos obtidos, facilitando nomeadamente a seleção dos trechos mais importantes, os tópicos emergentes, de acordo com os objetivos do estudo, tanto os previamente definidos, como os que foram emergindo durante a leitura. Essa análise ajudou a construir categorias provisórias, que posteriormente evoluíram para categorias definitivas, servindo como guia para organizar os dados empíricos.

A segunda etapa consistiu na exploração do material empírico e as leituras subsequentes foram, portanto, mais pormenorizadas. Foi essencial tomar decisões para organizar o material empírico e definiram-se categorias e subcategorias temáticas, agrupando as amostras de texto - pequenas amostras do texto etnográfico - em conjuntos com características comuns.

Na análise das entrevistas, deixou-se o investigador guiar pela voz dos entrevistados, quando se referiam a si e quando mencionavam outros, aos sentimentos envolvidos (muitas vezes mais evidentes nos silêncios, que nas palavras) e às ações mencionadas (fossem elas do passado, presente ou intenções/probabilidades de as realizar no futuro). Manteve-se a mente aberta para captar possíveis "surpresas" que pudessem ter sido ignoradas, ou passado despercebidas nas entrelinhas do diálogo. A

abordagem centrou-se, também, nas relações interpessoais, procurando situar os entrevistados em contextos culturais mais abrangentes, considerando tanto as suas semelhanças, como as diferenças.

A terceira etapa consistiu no tratamento dos resultados, onde se procedeu à inferência e interpretação dos dados, com o objetivo de captar os conteúdos manifestos e latentes presentes no material empírico.

Nesta fase final da análise de conteúdo, procedeu-se ao enquadramento dos resultados nos referenciais teóricos selecionados, fazendo uma "aproximação" entre os dados empíricos e a literatura existente.

A análise do significado foi metodologicamente traduzida em unidades de sentido, baseadas nas categorias previamente definidas, seguindo as regras de homogeneidade, exclusividade, objetividade e adequabilidade (Bardin, 1977, p. 36), assim como a pertinência e fidelidade.

O investigador, enquanto cidadão e conhecedor de literatura sobre o tema, tinha conhecimento prévio sobre os usos da água e as dificuldades de acesso a este recurso essencial. No entanto, a análise documental permitiu aprofundar esse conhecimento, evidenciando, por exemplo, as diferenças significativas antes e após a Revolução de 25 de Abril de 1974, um marco histórico que transformou profundamente a sociedade portuguesa. Ao explorar vários documentos, como relatórios do setor da água e dos resíduos, documentos históricos, legislação, manuais de investigação qualitativa e autores de referência, foi possível entender melhor o contexto histórico, social e cultural.

4.8 Considerações éticas

A ética¹³, é um nome feminino que tem a sua origem etimológica no latim *ethica*, -ae, do grego *ethikê*, feminino de *ethikós*, -ê, -ón, do grego *éthos*, -ous, costume, hábito. Designa a “parte da filosofia que estuda os fundamentos da moral “e é o “conjunto de regras de conduta de um indivíduo ou de um grupo.”

Conforme refere Amado (2014), a pesquisa qualitativa, pela sua natureza, pressupõe uma 'praxis ética' fundamental que se caracteriza, acima de tudo, pela necessidade de estabelecer uma relação de confiança mútua entre pesquisador e participante. A sinceridade e a verdade são pilares inegociáveis e a sua ausência compromete a validade da pesquisa. Como tal, e por forma a salvaguardar os superiores

¹³ <https://dicionario.priberam.org/%C3%A9tica>

interesses dos participantes, o presente estudo teve parecer favorável da comissão de ética da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto – FPCEUP - parecer com ref.^a 2023/07-09 de 28/07/2023)¹⁴

Não se prevê impacto ético, social ou político decorrente do presente projeto de investigação. Contudo, entende-se que o mesmo possa ser utilizado no âmbito da definição de políticas concelhias de fornecimento de água à população através de origens alternativas à rede pública, ou relacionadas com a proteção do património.

Apesar de não se prever a divulgação dos resultados, considera-se que estes, ao estarem disponíveis no Repositório Aberto da Universidade do Porto, poderão ser consultados nomeadamente por entidades com dever de intervenção ao nível da gestão da água e do património, como a camara municipal, juntas de freguesia, entidades gestoras da água, unidade de saúde pública ou outras com interesse em conhecer melhor as motivações da utilização da água destas origens. Assim, observações, notas de campo, respostas obtidas no âmbito das entrevistas etnográficas em que fosse possível a identificação da pessoa, serão anonimizadas, mantidas apenas na posse do investigador, as transcrições apenas são acedidas apenas pelo investigador e orientadora e serão destruídas após a conclusão do estudo.

Mais se tem por pertinente informar que, sempre que se verificou interação, tanto nas entrevistas como na observação etnográfica, previamente à recolha dos dados, foi solicitado o consentimento informado verbal livre e informado a cada um dos participantes (no caso das entrevistas, no início da gravação).

Aliás, conforme refere Costa (1987; p. 145) “não se pode fabricar uma identidade qualquer quando se aborda o terreno”. Os investigadores devem-se apresentar “simplesmente como isso mesmo: sociólogos que pretendem estudar a unidade social”. Assim, foi esclarecido em linguagem simples e acessível, o papel académico do investigador e o objetivo da investigação em curso e transmitida informação relativa à privacidade e confidencialidade do estudo, que poderiam colocar as questões que entendessem necessárias e desistir livremente em qualquer momento (sem qualquer tipo de prejuízo pessoal). Foram tidos todos os cuidados para, nas citações, serem omissas todas as informações que possam permitir a identificação dos participantes pelo cruzamento de características. A informação recolhida destina-se a ser utilizada apenas neste contexto, não havendo risco acrescido para a população que utilize “esta água” e não foi garantido qualquer benefício aos participantes no estudo. Mais acresce que o presente não envolve nenhum conflito de interesses por parte do investigador ou benefícios.

¹⁴ Apêndice 1

Relativamente às entrevistas, estas foram gravadas em formato de áudio e armazenadas individualmente, em arquivos que não serão partilhados além da presente investigação. Os arquivos de áudio serão destruídos após a conclusão e defesa do presente.

No que se refere à observação participante, o contexto específico, com indivíduos que estavam a utilizar ou a acompanhar utilizadores de uma fonte pública de fornecimento de água de acesso livre, foi escolhido para observar comportamentos e interações num ambiente natural. Decidiu-se não codificar o local de recolha dos dados, pelo superior interesse de preservar o valor patrimonial e circunstancial do local, especialmente porque a observação ocorreu durante a festa da Senhora da Hora (evento com particular significado para o concelho, e para aquela comunidade em particular) – tendo-se procedido de igual forma com o nome da entidade gestora de fornecimento de água no concelho, por esta ser a única a desempenhar tais funções. Esta abordagem permitiu um enquadramento mais rico e contextualizado dos dados.

Não foram aplicados questionários ou inquéritos formais aos utilizadores ou acompanhantes. A participação foi voluntária e espontânea, e as interações foram registadas através de notas de campo (feitas tanto no momento da interação, como posteriormente). Esta metodologia respeitou a autonomia dos participantes e minimizou a intrusão.

Todos os dados recolhidos, sejam observacionais ou provenientes de interações, são apresentados de forma anonimizada, desconhecendo-se, inclusive, a identificação dos participantes. A presença de população vulnerável, como crianças, também foi tratada com especial cuidado. Estas medidas garantem a adequada proteção da privacidade e a confidencialidade dos envolvidos na pesquisa. Considera-se que esta transparência foi essencial para garantir a confiança, e o consentimento dos participantes.

Entende-se ter sido dado cumprimento, com as devidas adaptações à realidade académica, aos princípios da Carta de Ética das Ciências da Educação (Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação), bem como da Declaração de Helsínquia da Associação Médica Mundial - Princípios Éticos para a Investigação Médica em Seres Humanos (2013).

Outros aspetos éticos mais práticos a referir, uma vez que o estudo colocou o investigador perante dilemas éticos.

Ao selecionar os aspetos da realidade observada e resultante das entrevistas e que são destacados na análise, tiveram de ser tomadas decisões que podem, de certa forma, influenciar a interpretação do leitor

Enquanto investigador (da área da saúde), como posso dar voz àqueles que utilizam água de fontes não seguras e, ao mesmo tempo, não comprometer a precisão e a objetividade da minha análise? Ao confrontar a universalidade do acesso à água potável com a realidade de práticas alternativas, é desafiador o equilíbrio entre a representação das perspectivas dos participantes e a responsabilidade de fornecer informações cientificamente corretas. O vivenciado na Fonte das Sete Bicas evidencia a complexidade desse desafio. Perante a presença de informação sobre a falta de qualidade da água e dúvidas sobre a “validade da informação da placa” e da qualidade da água, foi questionado o investigador sobre o uso daquela água, enquanto era assumido pelo participante o seu uso para confeccionar produtos alimentares para venda ao público. Nesta situação em concreto, a postura de pesquisador isento entrava em conflito com o conhecimento pessoal e profissional. Foi feito um comentário de salvaguarda, que “por precaução” era melhor atentar à informação da placa junto à fonte. Acredita-se que, em situações futuras, uma abordagem dialogada, posteriormente à recolha de dados, poderá ser mais efetiva.

4.9 Sobre as águas | Reflexões sobre a implementação do método

Desafios do método etnográfico

Durante a implementação do projeto, foram identificados diversos desafios relacionados com a adaptação do investigador ao contexto da pesquisa qualitativa, especialmente no que diz respeito à etnografia, um método com o qual tinha pouca experiência prévia. Além da necessidade de equilibrar a pesquisa bibliográfica com o trabalho de campo, as condições climáticas e a disponibilidade limitada do investigador acabaram por atrasar a entrada efetiva no terreno.

Um dos obstáculos mais significativos foi a dificuldade do investigador em se distanciar da sua identidade como profissional de saúde, adotando plenamente o papel de investigador. Essa transição, que exigiu um processo gradual de transformação, revelou-se crucial para o sucesso da investigação. No entanto, a falta de experiência no uso de técnicas de observação e registo de dados tornou-se evidente durante o trabalho de campo, pois o investigador concentrou-se mais nas descrições oferecidas pelos entrevistados, do que nas razões subjacentes às suas ações, o que de certa forma condicionou a profundidade da análise das entrevistas.

Conforme delineado na metodologia, a recolha de dados foi realizada de forma simultânea através de entrevistas, observação direta e análise documental.

Desafios da observação participante

Na aplicação da observação etnográfica nesta investigação, o principal desafio enfrentado foi lidar com o desconhecido, mesmo que o investigador estivesse previamente ciente da tensão existente entre o familiar e o estranho. Desde o início, foi crucial evitar julgamentos e posturas etnocêntricas, pois o objetivo era compreender "os outros" nos seus contextos.

Um aspeto fundamental na aplicação da observação foi a ausência de intermediários. No campo de estudo, a interação era direta, envolvendo apenas a fonte, as pessoas que a visitavam e o investigador. Esse contato direto possibilitou uma aproximação autêntica, sem a interferência de terceiros. Após superar a estranheza inicial e dedicar algum tempo à descrição do local, iniciou-se a interação com os participantes.

Certos "elementos" chamaram a atenção do investigador, como uma pequena luminária (nota de campo), que evocava não apenas memórias de outros locais, mas também trazia à mente os milhares de pessoas que, ao longo do tempo, passaram por aquele local com um propósito maior do que simplesmente saciar a sede. Era necessário distinguir o essencial do acessório e fazer um registo preciso do observado, guiado pelas escolhas e subjetividades do investigador no momento em que vivenciava o fenómeno. Este equilíbrio precário era apenas interrompido pela fidelidade às vozes dos sujeitos e pela necessidade de articular uma análise, ainda que incipiente, do discurso imediato dos participantes.

Uma das principais dificuldades na implementação da observação participante é o controlo limitado que o investigador tem sobre as situações que se desenrolam no campo de estudo. Como destacado por Costa (1987, p. 133), "as situações vão-se sucedendo, quase sempre com escasso controlo por parte do investigador; estão sempre a surgir, mais ou menos subitamente, possibilidades de observação inesperadas, não programáveis, singularmente significativas". O investigador frequentemente se viu confrontado com alterações na realidade social em observação, que surgiam de forma inesperada e exigiam uma grande capacidade de adaptação. A imprevisibilidade e a necessidade constante de reavaliação e ajuste da abordagem tornaram o processo de observação participante desafiador.

Esta imersão implica que o investigador esteja constantemente numa posição em que precisa tomar decisões rápidas e, muitas vezes, intuitivas. Como Costa (1987,

p. 132) observa, "o investigador é obrigado a reagir em plena situação de observação". Nesse momento, o investigador observa e interage ativamente com o ambiente. No mesmo instante em que está envolvido na ação, pode perder detalhes importantes ou não conseguir anotar tudo de forma precisa, sendo necessário equilibrar a observação, a interação e o registo, simultaneamente.

Apesar das dificuldades, o investigador encontrou grande simpatia e abertura por parte dos participantes. Contudo, isso não impediu a manutenção de um elevado nível de responsabilidade, rigor e ética em todas as interações. Mesmo com a facilidade de comunicação que foi se desenvolvendo, o investigador preservou o "anonimato profissional", destacando apenas o seu papel académico, o que promoveu interações respeitosas e focadas nos objetivos da pesquisa.

O principal objetivo no terreno era observar os usos e compreender as motivações para o uso da água da Fonte das Sete Bicas. Ao permanecer no local e dialogar sobre esses temas, foi possível captar as complexidades envolvidas e as motivações dos participantes. Dessa forma, alcançou-se um entendimento mais profundo da história do local, através das narrativas dos utilizadores que partilharam as suas experiências e pontos de vista, proporcionando uma visão detalhada da sua relação com aquela fonte e com aquela(s) água(s).

As entrevistas realizadas no âmbito da observação revelaram a importância das interações espontâneas e bidirecionais, nas quais o investigador captou detalhes que poderiam passar despercebidos. Costa (1987, p. 139) destaca que essas interações são fontes significativas de informações sobre os sistemas de classificações, valores e normas sociais. Essas interações também permitiram que o investigador captasse detalhes "surpreendentes", que surgiram não apenas pelas perguntas feitas, mas também pelas perguntas dirigidas a ele, como no diálogo com uma utilizadora da fonte que recolhia água em garrações.

Desafios da entrevista etnográfica

No âmbito desta investigação qualitativa, as entrevistas desempenharam um papel preponderante na compreensão do objeto de estudo. Realizadas de carácter etnográfico, foram fundamentais para explorar e interpretar os fenómenos investigados, especialmente no contexto do acesso e uso da água. As entrevistas possibilitaram a obtenção de informações a partir dos contextos de cada um dos quatro entrevistados, como para confirmar, ou contrastar, com os dados das entrevistas entre si, com a observação etnográfica e com a análise documental.

As entrevistas tinham como propósito compreender os detalhes históricos e contemporâneos dos usos da água e explorar as percepções dos participantes sobre as práticas relacionadas com esse recurso, atuais ou do passado. Além disso, as entrevistas foram fundamentais para investigar as interações sociais entre os utilizadores daquelas águas, revelando um campo rico de trocas e significados.

Cada entrevista foi marcada por contextos específicos que influenciaram a dinâmica da interação. Por exemplo, a entrevista realizada na Ponte do Carro foi particularmente reveladora em termos dos aspetos culturais ligados ao uso da água, de expressões locais e práticas agrícolas, bem como de dados históricos. Durante essa entrevista, expressões como “curiosidades” e “ir na maré” não só surpreenderam o investigador, como também evidenciaram o seu estranhamento naquele contexto.

As entrevistas também foram marcadas por momentos mais tensos, como a entrevista com D. Manuela e na Ponte do Carro, quando foram abordadas questões pessoais relacionadas com a pobreza vivida – o mesmo ocorreu ao dialogar sobre o impacto de eventos históricos, como o 25 de Abril. Incentivada a partilha de conhecimentos e experiências, muitas vezes surgiram momentos quase de inversão dos papéis entre entrevistador e entrevistados ou de um momento, na entrevista com a D. Manuela, onde ocorreu uma partilha dos nomes dos seus avós, evidenciando a importância da memória familiar e do agradecimento e respeito pelas partilhas.

A última entrevista, com o Sr. José, permitiu explorar de forma mais aprofundada temas abordados nas restantes entrevistas e na observação participante, bem como ter uma perspetiva de saúde pública a nível concelhio. Apesar de conhecer o entrevistado, o estranhamento nesta entrevista é evidente nos silêncios durante o diálogo, que correspondiam a hesitações, bem como as repetições de perguntas, refletindo a complexidade da adaptação do investigador ao novo papel de entrevistador.

Sempre que o investigador não percecionou o alcance das expressões dos entrevistados e, ao superar o estranhamento, pediu esclarecimentos, como no caso da Ponte do Carro (onde foi necessário esclarecer o significado de “curiosidades”).

A proximidade estabelecida com os entrevistados e os pré-conceitos do investigador, por vezes, levaram-no a presumir conhecimento prévio por parte dos entrevistados ou a colocá-los num tempo ou realidade que não eram os seus. Isso constitui uma barreira ao acesso à informação, especialmente quando certas características sociais do investigador, como a sua classe ou atividade profissional, condicionam o processo de recolha de dados. Um exemplo disso foi a forma como D. Manuela abordou o entrevistador, tratando-o pontualmente por “doutor”, ou quando o investigador foi questionado sobre a segurança do uso daquela água, o que exigiu uma resposta criteriosa para não comprometer a investigação.

No entanto, a proximidade com os entrevistados também revelou as limitações e preconceitos do investigador, como quando os entrevistados, ao confrontá-lo com perguntas ou observações, como “Não acha?” ou “Concorda?”, evidenciaram a complexidade das interações e a necessidade de um olhar crítico sobre o próprio processo de pesquisa.

O processo de gravação, transcrição e análise das entrevistas expôs, além de revelações, a complexidade dos testemunhos e das relações estabelecidas durante as entrevistas. A gravação foi essencial para capturar detalhes, como entoações, silêncios e hesitações dos entrevistados.

Para garantir uma interpretação fiel das entrevistas, optou-se por transcrições extensas, possibilitando uma melhor compreensão dos quadros interpretativos dos entrevistados. A análise não se limitou às palavras exatas, mas procurou compreender o significado subjacente, bem como elementos como a entoação, os silêncios e a linguagem corporal (fundamentais para a interpretação dos dados). Contudo, o investigador reconhece que ainda pode melhorar sua capacidade de observar e valorizar a dimensão comportamental e a linguagem não-verbal dos entrevistados, aspectos que acrescentam significado aos testemunhos e que foram capturados nas notas de campo.

Apesar desses desafios, a investigação conseguiu explorar as experiências quotidianas e os significados atribuídos pelos participantes a essas práticas, contribuindo para valorizar essas narrativas e reconhecê-las como fontes legítimas de informação.

5. A beber diretamente da fonte | Resultados e discussão

A água apresenta uma complexidade que vai além da sua simples composição química. O seu significado transcende a mera função de saciar a sede ou de suprir as necessidades higiénicas. A problematização da água e dos significados que lhe são atribuídos é crucial para uma compreensão mais profunda sobre como as sociedades interagem com este recurso e das implicações dessas interações para a saúde pública e o para o meio ambiente.

Conforme destacado por Durand (2003), a água possui uma especificidade que a torna única, tanto no plano simbólico, como técnico. “Com implicações quanto à trama

simbólica através da qual são elaborados os seus significados, esta sua especificidade tem também óbvias consequências técnicas. De facto, em resultado da sua capacidade solvente, ela encontra-se com uma certa facilidade num estado de pureza inadequado aos usos que os humanos fazem dela” (Durand, 2003; p. 21). Essa capacidade solvente que Durand menciona não é apenas uma característica física, mas também carrega um peso simbólico, pois a água, ao misturar-se e transportar diferentes substâncias, adquire novos significados e funções dentro de diferentes contextos sociais. É, portanto, imprescindível problematizar a água em todas as suas dimensões – física, simbólica e social.

Divide-se o presente capítulo em dois subcapítulos. O primeiro onde se descreve a presença da água na sabedoria popular (no adagiário e cancioneros portugueses e na toponímia de Matosinhos) e a caracterização das fontes e lavadouros de Matosinhos feita a partir de uma breve contextualização histórica e com uma caracterização do seu estado atual. No segundo subcapítulo será efetuada uma análise de conteúdo, efetuando uma triangulação dos dados provenientes das entrevistas, da observação participante e da literatura consultada, procurando interrelacionar todas as fontes de informação disponíveis.

5.1 A água na sabedoria popular

A transmissão oral desempenhou um papel crucial na história das populações, especialmente em tempos em que o conhecimento científico não existia ou não era acessível à maioria da população. Esse modo de transmissão de conhecimento permitia a perpetuação de saberes, tradições e práticas essenciais para a sobrevivência e coesão social das comunidades.

A questão da água é um exemplo claro de como a transmissão oral era vital. Nas comunidades, especialmente entre os mais pobres ou geograficamente menos afortunados, a água era frequentemente obtida onde era possível, ao invés de onde seria mais seguro. As fontes de água de melhor qualidade, muitas vezes, eram de uso privado ou restrito.

Antes da existência de registos escritos e do acesso generalizado ao conhecimento científico, as sociedades dependiam da transmissão oral para preservar e disseminar informações vitais. Histórias, lendas, mitos, canções e provérbios eram os veículos principais desse conhecimento, garantindo que as lições aprendidas por uma geração fossem passadas para a próxima. Esse conhecimento englobava desde

técnicas agrícolas, remédios naturais até práticas culturais e religiosas. Nesse contexto, o adagiário e o cancioneiro tiveram um papel essencial na disseminação de comportamentos de prevenção e uso adequado da água.

5.1.1 A água no adagiário

A sabedoria popular, transmitida ao longo do tempo, sublinha a importância da perseverança e da adaptação, como exemplificado no ditado **"água mole em pedra dura, tanto bate até que fura"**. Esse conhecimento, enraizado em práticas antigas, muitas vezes é negligenciado no cotidiano, apesar da sua relevância para o planejamento e a gestão dos recursos hídricos. A tradição oral e a memória escrita em português preservam uma riqueza de ensinamentos ancestrais sobre a água.

Estas expressões populares, transmitidas de geração em geração, levam **"a água ao seu moinho"** com recurso a expressões breves, transmitem conhecimento ou experiências de vida. São utilizadas (habitualmente proferidas) em tom de aviso ou conselho, carregando a história e a cultura do povo que as criou. Os provérbios desempenham também um papel fundamental na preservação de valores culturais e na transmissão de lições aprendidas ao longo do tempo. Eles são vistos como expressões de verdades universais, uma vez que resultam da experiência de vida pessoal ou comunitária. A sua "força de verdade" do provérbio é tal, que funciona como um postulado inquestionável (quase ao nível dogmático) e, por isso, não precisa de validação – tanto é, que a verbalização do provérbio é frequentemente antecédida pelas expressões "é verdade", "é assim que se diz", "bem diz o provérbio que...", "já dizia o povo..." ou "já os antigos diziam".

Os provérbios são mais complexos do que aparentam à primeira vista e têm uma complexidade que nem sempre lhes é reconhecida. Desempenham funções de alerta, como informar, advertir ou aconselhar. Visam convencer a tomar determinada decisão, a repreender ou a educar quem pratica determinado ato (ou pense em fazê-lo). Têm uma "função de arquivo", preservando o saber cumulativo e empírico de séculos, e eram particularmente eficazes em épocas onde a educação formal era escassa. No entanto, como referido por Sol (2009; p. 107) não se pode "estabelecer um paralelismo entre provérbios e analfabetismo, pois nem todos são de cariz popular".

De acordo com Pereira, referido por Sol (2009; p. 107), pragmaticamente, os provérbios podem ser classificados em três domínios: o previsivo (com dizeres relacionados com previsões e/ou informações aplicáveis a todas as épocas do ano, por

exemplo relacionados com previsões climáticas), interpretativo (com conclusões otimistas ou pessimistas), e didático (transmitindo conselhos práticos). Estas funções pragmáticas refletem as “dimensões sociológica, filosófica e pedagógica” dos provérbios.

No contexto do uso comunitário da água, é crucial reconhecer que “enquanto elementos da tradição oral, os provérbios espelham a consciência coletiva das sociedades em que circulam” (Sol, 2009; p. 109). A sabedoria popular, ancorada na tríade “verdade – experiência - sabedoria”, oferece orientações valiosas para a gestão adequada deste recurso essencial. Há também referências à abundância de água, particularmente na forma de chuva ao longo do ano, embora sem considerar os efeitos das “recentes” alterações climáticas.

Historicamente, o acesso à água era difícil, e nem sempre a disponível era de boa qualidade. A necessidade de utilizar água segura e limpa era, portanto, vital, como ilustrado no ditado “água parada: água estragada”. A sabedoria popular enfatiza a importância de garantir que a água seja adequada para o consumo, dado o seu papel fundamental na vida diária e na saúde. Precisava-se, nomeadamente, que não se fosse buscar água ao local menos seguro, bem como não se deixar atrair pelo análise sensorial (não era totalmente válido afirmar que **“dessa água não beberei”**).

Quem não tinha água “na sua posse” (ou nas proximidades), tinha de ir ao seu encalço. Assim, deviam cumprir-se alguns requisitos, como se em cada indivíduo existisse uma *porção de epidemiologista* fazendo-o conhecedor que **“água corrente não mata a gente”**, portanto **“águas paradas, cautela com elas”** e mais, **“água detida”** não só é **“má para bebida”**, como **“faz mal à vida”**. Assim, logo à partida, saber-se-ia se se poderia dar à água o seu uso mais nobre, que é o do consumo. A importância da água é tal, que a sua preservação se demonstra ancestralmente fundamental, não só para beber, como **“com malvas e água fria, faz-se um boticário num dia”**. A preservação da água é uma preocupação antiga, porque, apesar de a água estar disponível abundantemente em alguns locais, deve estar-se advertido que **“quem não poupa água nem lenha, não poupa nada que tenha”** e, mesmo que ela corra abundantemente, tal não está garantido no futuro **“a água da fonte é muita, mas também se acaba”**. Atendendo às condições sanitárias existentes durante muitos anos, nomeadamente no que se refere ao encaminhamento de esgotos e outros resíduos biológicos, a máxima sanitária era que **“água corrente, esterco não consente”**.

Como a procura era por uma **“água sem cor, sem cheiro e sem sabor”**, a avaliação empírica da qualidade da água socorre-se dos sentidos. Importa que todos estejam particularmente “treinados”, da visão até ao paladar (para se evitar uma ingestão incauta). Diz a tradição que também a audição também tem preponderância

na tomada de decisão, porque **“água que não soa não é boa”** e **“a água silenciosa é a mais perigosa”** - senão mesmo, **“é sempre perigosa”**.

Como nem sempre seria possível cumprir as premissas dos sentidos, e como maioritariamente a preocupação era evitar os microrganismos que provocavam vários tipos de doenças, particularmente as gastrointestinais. É tradição (antiga e atual) a prática de ferver a água, porque eram conhecidos os benefícios da “água fervida” para a promoção da saúde. Não raras vezes ainda se ouve esta prática aplicada aos extremos de idade, ou então a quem se encontra menos bem de saúde, que a **“água fervida tem mão na vida”, “ampara” e “alimenta a vida”**. Em suma, “água quente, saúde para o ventre”.

Em várias culturas, a água também está muito associada à higiene espiritual, com referências bíblicas ao seu uso em rituais de purificação. Na tradição popular a água é vista como um agente de limpeza, tanto física, como espiritual, até porque **“a água lava tudo”** – surgindo até uma especificidade da higiene pessoal, em Évora, que refere que **“quem se lava logo pela manhã dá uma pofetada (bofetada) no Pecado”¹⁵**. Contudo, apesar de todos os efeitos benéficos da água, esta não é um garante de tudo porque **“a água tudo lava, menos quem se louva e as más-línguas”**. Apesar disso, não será demais acautelar pelo menos o preceito estético que **“quem se lava e não enxuga, toda a pele se lhe enruga”**.

A análise dos provérbios, também contribui para “interpretar a experiência de uma dada comunidade através da revelação dos seus métodos de previsão meteorológica e técnicas agrícolas, das suas preferências alimentares, do capital simbólico-religioso, mas também dos seus preconceitos” (Sol, 2009; p. 110).

No contexto agrícola, **“a água é o sangue da terra”**, os provérbios também refletem a ligação entre sabedoria popular e as práticas agropecuárias, até porque **“água e vento são meio sustento”**. Aliás, se atualmente a atividade agrícola está mais focalizada em determinados concelhos portugueses, tempos houve em que todos tinham forte atividade agrícola, onde a vida e a subsistência dependiam da “generosidade” das chuvas e dos cursos de água.

Há épocas cruciais para preparar o solo para o plantio e, consequentemente, para que se garantam (boas) colheitas. Muito frequentemente estes saberes relacionam-se com a abundância de água e com a sazonalidade das chuvas, podendo considerar-se, até, a sua aplicabilidade nos dias de hoje, apesar da incerteza climática. Os saberes populares vão acompanhando o ano ao ritmo das práticas agrícolas. No início de cada ano, **“a água de Janeiro traz azeite ao olival, vinho ao lagar e palha**

¹⁵ <https://folclore.pt/proverbios-sobre-a-agua/#gsc.tab=0>

ao palheiro” e é sabido que **“Janeiro molhado não é bom para o pão, mas é bom para o gado”**. Assim, a chuva tem sempre particular valor neste mês - **“a água de Janeiro vale dinheiro”**. O mesmo se poderia dizer relativamente a Fevereiro, uma vez que **“quando não chove em Fevereiro, nem bom prado nem bom celeiro”** já que esta água do céu **“enche o celeiro”**.

No mês de março, quando se inicia a Primavera, já não é de todo proveitoso o “mau tempo”, porque **“Março zangado é pior que o diabo”**, podendo os seus efeitos ser difíceis de remediar porque **“a água de Março é pior do que nódoa no fato”**. A abundância de chuva é tradicional em Abril, onde as águas são **“mil”**, o que é vital, uma vez que **“a água que no Verão há-de regar em Abril e Maio há-de ficar”** e **“fraco é o Maio se o boi não bebe na pegada”**.

Na estação mais quente do ano, não são prováveis fenómenos atmosféricos além do calor, até porque se espera que **“chuva de Julho que não faça barulho”**, caso contrário esperam-se más consequências **“chuva junhal: fome geral”**. Contudo é benéfica a precipitação naquele que é habitualmente o mês mais quente do ano, pois **“chuva em Agosto enche o tonel de mosto”**. Contudo, o calor é o mais frequente, com consequência no mês seguinte **“Em Agosto, ardem os montes; em Setembro, secam as fontes”**. Contudo, do mês de Setembro espera-se uma maior instabilidade meteorológica uma vez que neste mês ou **“seca as fontes ou leva as pontes”**.

No final do ano, **“Outubro quente traz o diabo no ventre”**, como quem diz, trovoadas, e **“se em Novembro houver trovão, o ano seguinte serão bão”**.

De inverno, os fenómenos atmosféricos são mais adversos, contudo esse facto não deverá ser, de todo, surpreendente porque, tanto com as trovoadas (**“a água de trovão cala até ao chão”** e **“água de trovão, nuns lados, dá, noutros, não”**), como os nevões (**“a água de nevão dá pão; a do trovão em parte dá e em parte não”**) são desejáveis.

Pelas várias referências, conclui-se que é ancestralmente reconhecida a importância da chuva e o facto de Portugal ser, habitualmente, um país com pluviosidade distribuída ao longo do ano. De facto, a chuva é crucial para o sucesso das colheitas.

A fartura agrícola e a disponibilidade natural das águas, também se relacionam, nos provérbios, com dias de calendário religioso durante todo o ano: **“A água de Santa Marinha, na meda faz farinha”**, **“Água na Ascensão, das palhas faz grão”**, **“Águas verdadeiras, por S. Mateus as primeiras”**, **“Para que o ano não vá mal, hão-de os rios encher três vezes entre São Mateus e o Natal”** e **“No dia de S. Vicente, toda a água é quente”**.

Ainda no que se refere ao conhecimento das condições climáticas, à chuva, destacam-se as “têmporas de Santa Luzia” e os “remedilhos e temperilhos” (ou “remedelhos e contra-remedelhos”), práticas populares de previsão do tempo.

As têmporas de Santa Luzia são uma tradição antiga, especialmente conhecida na região do Minho. Esta tradição, também chamada de “Sortes de Santa Luzia”, consistia em observar o tempo no dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, para prever o clima dos meses seguintes. Por exemplo, o tempo no dia 13 de dezembro indicaria o clima de janeiro do ano seguinte, o dia 14 de dezembro corresponderia a fevereiro, e assim por diante. Se chovesse bastante a 24 de Dezembro, isso queria dizer que todo o mês de Dezembro no ano seguinte seria também ele muito chuvoso.¹⁶

Também os “remedilhos e temperilhos” são tradições populares portuguesas para prever o tempo ao longo do ano. Estes consistem em observar as condições climáticas entre o dia de Santa Luzia e o dia de Reis e associá-las aos meses do ano seguinte - o dia de Natal é excluído desta contagem. Assim, os “remedilhos” são vistos entre o dia de Santa Luzia e o dia 24 de Dezembro, e os “temperilhos”, de 26 de Dezembro até ao Dia de Reis. Se o estado do tempo for coincidente (nos “remedilhos” e nos “temperilhos”), é esse que se vai verificar no mês respetivo, caso não sejam coincidentes, prevalece o do “Temperilho”.¹⁷

Todo este saber popular era valioso para as comunidades rurais, particularmente no planeamento agrícola. Foram transmitidas durante gerações e refletem a importância do saber popular, particularmente na ausência de tecnologias modernas. Hoje, esta tradição crê-se quase esquecida (atendendo ao desconhecimento e à falta de informação disponível).

Em resumo, a cultura popular portuguesa é rica em sabedoria sobre a água, expressa através de provérbios que não apenas transmitem conselhos práticos, até porque **“a água e a capa nunca pesaram”**. Estes saberes também reforçam a identidade e a coesão de uma comunidade. Esses ensinamentos, enraizados na observação atenta e na experiência coletiva, permanecem como património valioso para a gestão dos recursos hídricos, alimentam a sensação de pertença e da construção de uma identidade coletiva, e preservam os valores culturais de um povo.

¹⁶ <https://www.mitologia.pt/as-temporas-de-santa-luzia-uma-tradicao-639654>

¹⁷ <http://manueljosecunha.blogspot.com/2013/12/remedilhos-e-temperilhos-o-tempo-que-faz.html>

5.1.2 – O cancioneiro português: conhecimento popular e a cultura da água

Além das tradições culturais como a filigrana ou a azulejaria, há também em Portugal muito património imaterial particularmente associado à música, tanto à escala nacional com o fado e o folclore, como a um nível mais regional como o cante alentejano. De entre a tradição oral não se pode excluir aquele que estará, de uma forma global, mais intimamente ligado ao povo e às práticas, crenças e costumes: o cancioneiro português. Aliás, Faria (1899; p. 200) refere que “as cantigas campestres, sejam nos descantes ou desafios, sejam nas chulas e danças, são acompanhadas pela viola d’arame” e que “basta um só tocador para pôr em movimento um grande grupo de rapazes e raparigas que cantam e dançam” em ponto fixo, ou pela estrada fora.”

Nas décadas de trinta e quarenta do século passado, sob o domínio do regime do Estado Novo, o estudioso do folclore Armando Leça empreendeu um trabalho de campo notável na recolha de canções e músicas tradicionais que procuravam refletir a "verdadeira essência" do povo português. Este esforço destacou não apenas a diversidade cultural de Portugal, mas também a importância de preservar e compreender o cancioneiro popular como uma expressão autêntica da identidade nacional.

O cancioneiro popular português é mais do que apenas um repositório de melodias antigas; é um reflexo vívido da história, dos valores e das experiências do povo português ao longo do tempo. Como afirmou Armando Leça (1942), o estudo destas canções é crucial, tal como se se estudam todas as outras raízes musicais, sendo que o cancioneiro permite conhecer a manifestação e participação do povo português através da arte fónica, revelando percepções valiosas sobre a cultura e a sociedade portuguesas.

A relevância do cancioneiro popular vai, portanto, além do mero entretenimento ou nostalgia. Como observou Leça (1942), a música popular mantém os seus elementos próprios, porque não está subordinada às modas, como acontece com a música “cultura”. Tal sugere que as canções tradicionais são preservadas de forma mais autêntica ao longo do tempo, capturando as tradições que podem ser perdidas nas formas de arte mais efémeras, comerciais ou contemporâneas – o autor enfatiza que as canções populares refletem a cultura artística de cada povo, tal como a Filologia, refletindo o seu sentir. Assim, pode considerar-se que o cancioneiro português é essencial para entender não apenas a música e a arte, mas também a história e a identidade do povo português.

O cancioneiro abrange o património cultural material e também o património imaterial relacionado com a água, que inclui os aguadeiros (responsáveis por

transportar água até as pessoas), as lavadeiras (que lavavam roupas nos tanques e nos rios) e vários mitos e crenças associados a fontes, muitas vezes criadas a partir de milagres. Essas tradições revelam a ligação do povo português com a água e sua importância na vida quotidiana e cultural.

As canções refletem tanto a necessidade física da água, como a sua relevância nos espaços sociais e culturais.

Um exemplo de simples alusão à água no cancioneiro é uma chamarrita ¹⁸(dança popular tradicional dos Açores e também presente na Madeira e no Brasil) - intitulada “Basta, pensamento, basta”:

164. BASTA, PENSAMENTO, BASTA (Chamarrita)

A. A. das Neves e Melo
(?) / Açores
1867-1872 (?)

Allegro

Bas - ta, pen - sa - men - to, basta dei - xa - me en - fim des - can -

- sar; um bem que ser meu não pode, é um tor - men to lem - brar.

2

Deixai vós falar quem fala,
deixai vós dizer quem diz;
deixai vós correr as águas
direitas ao chafariz.

3

Coração não gostes dela,
que ela não gosta de ti;
não estejas, coração,
tape, tepe, tepe, ti.
.....

“Basta, pensamento, basta / Deixa-me enfim descansar / Um bem que ser meu / Não pode é um tormento lembrar

Deixai vós falar quem fala, / Deixai vós dizer quem diz; / Deixai vós correr as águas / Direitas ao chafariz

Coração não gostes dela, / Que ela não gosta de ti; / Não estejas, coração, / Tape, tepe, tepe, ti.” (Giacometti, 1981; p.215).

A água a correr, no seu ritmo e movimento, chega a assemelhar-se ao bater do coração (“Tape, tepe, tepe, ti”). Aqui, a água é utilizada para transmitir significados e emoções, desde o desejo de alívio, até à ideia de liberdade e movimento.

As águas que correm livremente podem ser sinónimo de um local onde se pode alcançar a tranquilidade e o descanso e, também, de escapar de um tormento

¹⁸ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/chamarrita>

emocional. As águas fluem livres, sem restrições, seguindo o seu percurso natural, sem serem influenciadas, o que contrasta com as emoções, os pensamentos e os sentimentos indesejados.

Outros motivos há para cantar rios e ribeiros, como por exemplo:



“Ao passar da ribeirinha / Pus o pé, molhi a meia; / Não casi na minha terra, / Fui casar em terra alheia”

A simbologia da água é vasta e multifacetada, com significados que vão desde a purificação e renovação até à transformação e renascimento e, diz-nos Armando Leça (1942) que esta canção tem variantes musicais e poéticas em terras da Maia, Beira Baixa, Aljustrel e até no Algarve.

Nesse contexto, a travessia de um curso de água, como uma ribeirinha, pode ser interpretada simbolicamente como uma jornada de transição e transformação na vida pessoal. A passagem pela ribeirinha, mais do que o incómodo de “molhar a meia”, pode representar um momento em que os noivos, deixam para trás o passado e os padrões antigos para “embarcar” numa nova fase da vida.

A travessia da ribeirinha, com toda a sua carga simbólica, justifica-se não apenas como um ato físico, mas também como um ritual de passagem emocional.

Outro exemplo é a canção “Era um pai que tinha três filhas (Aldininha)” em que, além do discurso do incesto - “- Aldininha, minha filha,/ hás-de ser a minha amada” e “- Aqui tem minha mão direita,/faça dela o que quiser;/bem se pode ir gabar/que sou filha e mulher” - é destacado o papel da água e não só na vertente de suprir a necessidade básica de matar a sede.

Este “retrato social” demonstra ainda o discurso da violência, relacionado com a possível desobediência à figura paternal (e masculina) : “- Eu a água não tá dou,/ eu a água bem tá dava;/ mas se o teu pai o soubesse ‘té a cabeça me cortava”;

O discurso inclui, ainda, a componente da religiosidade e da água, aqui também eventualmente ligada à simbologia da purificação:

“Aldininha não quer água,/ Aldininha já está morta; /os anjos à volta dela / e um rego d’água à volta. Aldininha não quer água, /ela tem-na à cabeceira,/que Iha mandou Deus do Céu/ num jarro de vidraceira”. (Giacometti, 1981; p183).

Depois, o sinal da presença de Deus que transforma a existência humana, banhando-a de água, símbolo da eternidade no Cristianismo – através da água, Aldininha fica finalmente livre do mal e da injustiça dos homens.

A música “Aldeia da Roupa Branca” também é um retrato da maneira como a água está entrelaçada na vida quotidiana e na cultura portuguesas. A canção descreve a vida numa aldeia onde a água é essencial para a lavagem das roupas brancas, mas também representa a comunhão entre as pessoas, que se encontram nos tanques públicos enquanto realizam as suas tarefas diárias.

Nesta canção, o rio (da aldeia) e o sabão são participantes ativos no processo de lavagem, sendo o rio advertido que o sabão não só não o mata, como tem o poder de transformar os peixes em algo precioso (“cor de prata”). Todo o processo relacionado com a lavagem é descrito e, de certa forma, pormenorizadamente (a roupa branca é estendida no monte para secar ao sol e a sua brancura é tal que é comparada à neve). Não só pela letra, mas também o ritmo da música, dão uma sensação de alegria e gratidão pela água (e pelo rio), que desempenham um papel vital na vida e no trabalho da comunidade.

Tal como a música, o filme de 1938, dirigido por Chianca de Garcia, mergulha na vida quotidiana e nos costumes pitorescos, capturando a essência da vida rural, as tradições e a luta pelo sustento.¹⁹

Nas muitas localidades costeiras, como Matosinhos, a ligação mais intensa com a água remete, incontestavelmente, para o mar. Armando Leça, numa conferência realizada no Clube de Leça da Palmeira em 1942, descreveu de forma vívida a forte ligação do povo com o mar, abordando o seu papel como elemento inspirador. Descreveu o mar calmo como “banzeiro, mansidão com o luzeiro das estrelas”, um cenário que encanta os poetas e alimenta a inspiração criativa.

No entanto, Leça também reconheceu a face trágica do mar, representada pelo “mar na arrebentação, asfixia, incha, estoira as vítimas, empurra-as para terra” – como diz a quadra popular: “...o marinheiro / ...toda a vida trabalha / Em cima da sepultura”.

No cancionário popular português, as referências ao mar são escassas em comparação com os temas rurais, como observado por Alberto Sampaio que refere que: as experiências marítimas das empresas de navegação não parecem ter penetrado

¹⁹ <https://www.rtp.pt/programa/tv/p19296>

profundamente na alma popular, deixando um vazio nas representações musicais do mar, ficando-se pela poesia. (Leça, 1942)

A canção “A Barquinha Feiticeira”, recolhida na “estação acquística de Pedras Salgadas em 1898” demonstra o referido:

“A Barquinha feiticeira / Vai cercando o mar irado, / Enquanto as aguas à praia / Me trazem saudades / D’um ente adorado. / Ai!... / Sinto o meu corpo gelado, / Vejo esse quadro d’horror! / Mas com valor da barquinha, / La vae direitinha, / Das ondas à flôr.

(...)

A feiticeira barquinha / Já vem à praia chegando; Deus os meus rogos ouviu. / Lá vejo o meu filho / De joelhos orando. / Ai!...”

Armando Leça também se questiona porque é que o povo português canta tão pouco sobre as cenas marítimas, atribuindo como possível causa o “arrepio” da “mortandade trágica” provocado pelos desastres frequentes. O fundo do mar é um depósito de saudades e memórias, como tão poeticamente expressou Afonso Lopes Vieira: «o fundo do mar está cheio / Das grandes saudades / Dos nossos, que as tempestades / Lhe sepultaram no seio» (Leça, 1942; p. 195)

Na sua “giravolta de lés-a-lés”, ou seja, no seu trabalho desenvolvido pelo país entre 1939 e 1940, ouviu referências ao mar desde o Algarve até ao Minho (particularmente nas áreas costeiras): “no amanhecer da ribeirinha Leça ouvi coros à maiatas, talvez aquelas que calcorreavam pelas estradas ermas a cantar. Palmilhavam até à praia de Matosinhos. Enchiam as canastras sardinheiras e regressavam apregoando de aldeia em aldeia “Viva da Costa!... Vivinha”!...” Testemunhou os cais de embarque repletos: “abeirado com Leixões vimos anos e anos, magotes de emigrantes sobre os cais de embarque com sacolas e filharada. Embarcavam, não atraídos pelo desconhecido, mas sim empobrecidos, escorraçados do solo natal, tentados alguns pela propaganda das agências dos passaportes” (Leça, 1942; p. 195-209).

Por exemplo na Apúlia, uma vila com uma comunidade piscatória no concelho de Esposende, onde se canta a personificação da água do mar:

“Se o mar tibesse barandas / Como tem embarcações: / Trazia-me o meu amor, / Em certas ocasiões” (Leça, 1942; p. 153)

O mar, com sua imensidão e mistério, é tanto o cenário romântico, como o desafio que separa corações - a água é símbolo de união e separação, de esperança e desafio.

Seja como cenário romântico, desafio a ser superado ou símbolo da passagem do tempo, a água é uma fonte de inspiração e significado para os poetas e músicos.

Em Celorico de Basto, a água é representada de forma mais íntima e pessoal:

“Fostes ao correr da auga, / Meu amor fizeste bem / Perdeste-me as soidades / Eu t’as perderei também” (Leça, 1942 p. 153).

O correr da água é metaforizado como o curso da vida e do amor, fluindo incessantemente e levando consigo as lembranças e as saudades. Nesta canção, a água não é de um rio do esquecimento, mas antes uma lembrança da transitoriedade da vida.

A canção "Cavaco do Rio" (recolhida em Coimbra em 1882), é uma expressão poética que reflete a profunda ligação entre a natureza, especificamente o rio, e os sentimentos humanos, em particular os relacionamentos amorosos (Neves; 1895)

“Ai, este rio lindo é, / E d’umas águas bem puras / Ai, assim fossem as lágrimas / Do amor que tu me juras”

Denota-se a admiração pela beleza e pureza das águas do rio que como que se comparam às lágrimas de amor, sugerindo a esperança por uma expressão pura e sincera dos sentimentos.

“Fui despedir-me do rio, / Das pedrinhas de lavar, / Só de ti, meu querido bem / Eu me não posso apartar.”

Vê-se um apego ao rio, descrevendo uma despedida emotiva das margens deste e das características pedrinhas de lavar – que levam o rio para outras funções e demonstram, à data, a prática da utilização deste recurso natural para a lavagem de roupas.

“Muitas voltas dá o rio / Ao redor do amieiro / Mais voltas dá o amor, Sendo leal, verdadeiro.”

A complexidade e imprevisibilidade do amor é de certa forma comparável à sinuosidade do curso do rio.

"Cavaco do Rio" é uma canção que transcende a mera descrição da paisagem natural, explorando os temas universais do amor, da lealdade e da ligação emocional através de uma reflexão profunda sobre a complexidade e a beleza dos relacionamentos humanos em sintonia com a natureza.

A água, enquanto meio e local de lavagem de roupas é referida em "Fui-te ver, 'stavas lavando" (Giacometti, 1981; p.263):

217. FUI-TE VER, 'STAVAS LAVANDO

F. Lopes-Graça
(?) / Alentejo
194?

Dolente

Fui - te ver, 'sta-vas lá - van-do, fui - te ver, 'sta-vas lá - van-do, no ri - o sem as - sa - bão;

lá - vas em á - guas de ro - sas, lá - vas em á - guas de ro - sas, fi - ca - te o chei-ro na mão.

2 3

Fica-te o cheiro na mão, (bis)	Adora-me o meu retrato, (bis)
fica-te o cheiro no fato;	adora meu coração;
se eu morrer e tu ficares, (bis)	fui-te ver, 'stavas lavando, (bis)
adora-me o meu retrato.	no rio sem assabão.

A lavadeira é colocada no rio a desempenhar o seu trabalho e, na ausência de sabão, sugere uma abordagem diferente: o uso de "águas de rosas". A água é apresentada como um elemento purificador e refrescante e que transforma a tarefa mundana de lavar no rio. O efeito da água parece ir além da limpeza física e o recurso à "água de rosas" é enfatizado, ficando o cheiro tanto na mão, como no fato. Do árduo trabalho acaba por resultar, além da roupa lavada, a persistência de um aroma agradável a "águas de rosas", deixando uma marca duradoura na pessoa que a usa. Esta imagem pode ser interpretada como uma metáfora da influência duradoura que certas experiências e memórias têm nas nossas vidas (até mesmo as mais simples).

Mas, por vezes, o foco é dividido entre a lavadeira e o local de onde provém a água, como na canção de embalar "Nana, Nana, Meu Menino" (Giacometti, 1981; p15):

3. NANA, NANA, MEU MENINO

Canção de berço

G. Sampaio
S. Gens / Póvoa de Lanhoso, Viana do Castelo
1890-1933 (?)

$\text{♩} = 46$

Na - na, na - na, meu me - ni - no, qu'a mãi - zi - nha lo - go

ben: ____ foi la - bar os teus pa - ni - nhos à po - ci - nha de Be - lén. ____

Ou, em 3 as

Na - na, na - na, meu me - ni - no, qu'a mãi - zi - nha lo - go ben: ____

foi la - bar os teus pa - ni - nhos à po - ci - nha de Be - lén. ____

15

“Nana, nana, meu menino / Qu’a maizinha logo bem / Foi labar os teus paninhos / À pocinha de Belén”

Esta música popular transmite sobretudo um sentimento de carinho materno. Uma mãe embala o seu filho, enquanto canta uma canção de embalar. A mãe parece só interromper esta importante tarefa do “cuidar”, para ir lavar os “paninhos” na “pocinha de Belén”. Esta “pocinha” pode ser interpretada como uma fonte ou poço onde as mães vão para lavar a roupa dos seus filhos, não estando esta localizada num lugar qualquer, mas sim no local onde nasceu o menino Jesus.

As fontes de água, frequentemente representadas como locais de encontro e interação social, são também destacadas no cancioneiro português. A água que brota dessas fontes não simboliza apenas água fresca, mas também pureza e renovação.

A “dança de roda” denominada “Oh minha pombinha” também menciona a água da fonte: “...Olhos pretos vão à fonte, / Que irão eles lá fazer? Vão gosar um bem que adoram / E água fresca beber” (Neves, 1898)

A pergunta retórica sobre o que os olhos pretos irão fazer à fonte é seguida pela resposta que eles vão “gosar um bem que adoram / E água fresca beber”, revelando a importância emocional da fonte de água para os “olhos pretos” e sugerindo que eles vão lá para desfrutar de um prazer que lhes é querido e para saciar sua sede com água fresca.

Já a canção “Bate, Lavadeira”, retrata poeticamente o trabalho árduo, e muitas vezes negligenciado, das lavadeiras, destacando a cena da lavagem de roupa nas margens do rio.

*“Em quanto o rio sosinho / Vae de longada pr’a o mar, / Fica triste a lavadeira /
Sempre a lavar, a lavar*

Bate, lavadeira, / Lavadeira, bate / Que as nossas cantigas / Não teem remate

*Que dirão os marinheiros / Do barquinho manso e leve, / Quando virem nossos
braços / Tão brancos da cor da neve?*

*Que dirá o próprio rio / Quando vier disfarçado, / Beijar-me o pé dentro d’água /
Tão fresquinho e tão lavado? “ (Neves, 1895)*

Enquanto o rio flui tranquilamente em direção ao mar, a lavadeira fica para trás, triste e solitária, continuando o seu trabalho incansável de lavar roupa. Esta imagem contrasta a serenidade da natureza, com a lida constante da lavadeira.

Interessante, também, a analogia entre os braços das lavadeiras e os marinheiros que navegam no rio. Enquanto os marinheiros desfrutam da liberdade, as lavadeiras exibem os seus braços brancos como a neve e os pés frescos e limpos, resultado do seu trabalho árduo. O rio observa silenciosamente a ligação íntima entre as lavadeiras e o rio. As lavadeiras, com a sua força e determinação, batem e esfregam as roupas com vigor, enquanto cantam as suas canções e são esquecidas pela sociedade.

Já na "A Minha Lavadeira", o foco está no trabalho das lavadeiras (e também nas emoções):

*“O meu peito é uma árvore / Onde se enxerta o amor / Quem vem tarde leva a
rama, / Quem vem cedo leva a flor.*

*Já morreu quem me lavava, / Minha bela lavadeira, / Fazia a roupa de neve /
N’aquela fresca ribeira” (Neves, 1898)*

Neste pequeno poema com várias referências naturais, a lavadeira, que já faleceu, é descrita como bela. Talvez por isso o trabalho da lavadeira é pintado evocando uma cena idílica e tranquila, com a menção à roupa que ela lavava na "fresca ribeira". Não é apenas uma reflexão sobre o trabalho da lavadeira e da perda da mesma, mas é também uma celebração da sua vida e do seu legado – apesar do papel secundarizado da mulher na sociedade à época, reconhecendo a importância do seu trabalho.

A canção "Senhor da Serra" é um exemplo vívido das crenças populares associadas a determinadas fontes de água, destacando a importância desses locais como pontos de peregrinação e devoção.

Este “descante é muito antigo e vulgaríssimo em todas as romarias” evoca um sentimento de fé e esperança na proteção divina em tempos de adversidade:

“Oh gentes da christandade, / Vamos ao Senhor da Serra, / A pedir-lhe que nos livre / Da peste, da fome e guerra

Rapazes e raparigas, / Vamos ao Senhor da Serra: / Tem lá uma bella fonte, / Quem tem sede bebe n’ella (...)”

São convocadas as "gentes da christandade" para se dirigirem ao “Senhor da Serra”, um local de devoção religiosa, para pedir proteção contra as calamidades “da peste, da fome e da guerra”. Uma característica específica deste local de devoção é uma “bella fonte” que sacia a sede a todos. Beber da água desta fonte pode ser interpretado sobretudo como um ato de fé, mas também como forma de purificação, capaz de trazer alívio físico e espiritual aos que a ela recorrem.

Esta canção é, portanto, um testemunho da profunda fé e devoção das comunidades religiosas em relação aos locais sagrados e às fontes de água que também são consideradas portadoras de bênçãos e garante de proteção divina.

Na música popular "Senhora Sant’ana", um canto de trabalho, também ressoam elementos de devoção religiosa:

36. SENHORA SANT'ANA**

Canto de trabalho pela Quaresma

M. Giacometti
Merúal, Urrô/Arouca, Aveiro
1963
F. Lopes-Graça

Mulheres

$\text{♩} = 42$

Se - nho - ra San - t'A - na. Se - nho - ra San -
Don - de se as - san - tou, (te) don - de se as - san -
- t'A - na as - su - biu ao mon - te. as - su - biu ao mon - (te).
- tou nas - ceu lá ma fon - te. nas - ceu lá ma fon - (te).



2

Que fonte tão santa, (bis)
que augua tão bela; (bis)
vieram'nos anjos, (bis)
e bueram nela. (bis)

A figura da “Senhora Sant’ana”, que, segundo a tradição, “assubiu ao monte” e, desse feito, nasceu uma fonte. É clara a ligação entre a presença divina e a água, sugerindo que a fonte é um presente sagrado concedido pela intervenção da santidade. A isto acresce a descrição da fonte “tão santa” e com “augua tão bela”, o que intensifica a ideia da sacralidade daquela água que, por ser de tal qualidade, até os anjos “bueram nela”.

Estes cantares capturam não apenas a utilidade prática de locais de fornecimento de água (fontes) ou de lavagem de roupas, mas também a sua importância como espaços de interação. Elas são testemunhas vivas da estreita relação entre o povo e a água, e como símbolos perduráveis da identidade cultural.

O cancioneiro também foi influenciado pelos Matosinhenses, Faria (1899; p. 199) refere que “a poesia popular do concelho de Bouças contribuiu significativamente para os colecionadores portugueses de canções. Desde a Ramaldeira, originária da freguesia de Ramalde, que fez parte do julgado e depois do concelho de Bouças, uma canção popular que data do início do século atual, até ao “Carvalho Milagroso”, vários cantos surgiram deste povo, ou de musas estranhas por fatos aqui ocorridos.

Faria (1899; p. 199-204), referindo-se ao cancioneiro popular, destaca que a canção popular “Regadinho”, é apresentada por César das Neves em “Cancioneiro

Popular” como originária de S. Mamede d'Infesta e que, de certa forma, menciona a interação entre a água e o amor:

“ O cravo depois de secco / Significa amor perdido; / Antes que eu queira não poss / Tirar de ti o sentido.

Água leva o regadinho / Vae regar o alecrim; / Vira par e troca par, / Vira-te pr'a aqui Joaquim.

Quando a rosa é mais bonita / Tantos mais espinhos tem; / Teus feitiços tem-me preso, / Só a ti eu quero bem.

Água leva o regadinho / Vae regar o almeirão; / Vira par e troca par, / Vira-te pr'a aqui João”. (...)

Já no que se refere ao “Carvalho Santo”, este tem-lhe associada uma história (ou lenda): em 1895, Leça do Balio ganhou destaque por conta de um evento considerado milagroso: um deslizamento de terra que levou consigo um antigo carvalho, que, surpreendentemente, se deslocou de pé sem cair. “Os supersticiosos da região viram nisso “um milagre e o carvalho foi reputado santo”. Com o deslizamento, as águas acumuladas foram “libertadas”, emergindo como uma nascente ou bica que o povo logo acreditou ser milagrosa, especialmente pela proximidade com o chamado “Carvalho Santo”. A fama dessas águas espalhou-se rapidamente - a credulidade era estranha e o “concurso de crentes de toda a parte era numeroso”, pelo que usaram a fama de milagroso que o carvalho começava a ter.

Os jornais da época referiam que houve até quem aproveitasse a situação, comercializando outras águas como se fossem da fonte milagrosa e que recipientes com a água milagrosa chegaram a ser vendidas a preços exorbitantes. Embora o carvalho tenha secado no verão seguinte, a sua madeira foi utilizada para esculpir uma imagem de Nossa Senhora dos Remédios, reforçando a crença no poder curativo daquelas águas. Esse suposto milagre é ainda hoje comemorado na Festa de Nossa Senhora dos Remédios — Carvalho Santo (no primeiro domingo de agosto). Além do já referido, a ocorrência milagrosa inspirou também uma “cantiga e versos mais ou menos indecorosos” que se espalharam rapidamente pelo norte do país.²⁰

²⁰ <http://www.jf-custoias-lecabalio-guifoes.pt/pt/freguesias/leca-do-balio/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial>

*“As raparigas da Maia / Pediram ao S. José / Que lhes desse um carvalhinho /
Que andasse pelo seu pé.*

*Ai que me aleijas, / Ai que me aleijaste, / Ai que me feriste, / Ai que me mataste.
Raparigas cá da roda / Vinde aqui p'ra o nosso pé / Não vá armal-as o demo, /
Que o carvalho santo é.*

*Ai que me aleijas, / Não sejas teimoso, / Vamos raparigas / Ao carvalho
milagroso.*

*O carvalho milagroso / Tem uma biquinha ao pé; / Alegrae-vos, raparigas, / Que
o carvalho vosso é.*

*Ai que me aleijas, / Ai que me doe tanto, / Dá me um copo d'agua / Do carvalho
santo.*

A música popular portuguesa tem uma grande tradição de canções que celebram as fontes de água, locais centrais na vida das comunidades. Entre essas canções, destaca-se a "Fonte das Sete Bicas", uma composição que exalta a importância e a magia das fontes em Portugal, a da Senhora da Hora em particular, destacando-se nomeadamente os versos:

*“Vamos os dois campos fora, / Para a Senhora da hora / Onde sem bailar não
ficas. / E assim que a Lua se esconda, / Vamos beber água à fonte / À fonte das sete
bicas. / Pelas sete bicas da fonte.*

*Se te queres casar, / Anda meu amor à fonte comigo / Eu peço ao Senhor para
casar contigo / E vais ver se é ou não como eu digo*

*Casaremos na Igreja, / Para que toda a gente veja / A minha linda mulher. /E já
depois de casados / Como somos educados / Iremos agradecer / À fonte dos
namorados.”²¹*

As fontes eram os lugares onde as mulheres iam mergulhar os cântaros para trazer água para casa. Essas idas à fonte, porém, não serviam apenas para recolher água; elas também fomentavam encontros e convívios que também resultavam em namoros ou casamentos. Assim, as fontes foram-se tornando imortais na memória

²¹ <http://asminhascantigas.blogspot.com/2013/09/a-fonte-das-sete-bicas.html>

coletiva, não apenas pela água que forneciam, mas pelas histórias de amor e união que ali se iniciavam.

A "Fonte das Sete Bicas" é mais do que apenas um local onde as águas cristalinas fluem; é um espaço de encontro, esperança e tradição. Segundo a crença popular, as águas puras dessa fonte refrescam tanto os corpos como as almas dos que a visitam. A canção de nome "Se Te Queres Casar" popularizada por Artur Ribeiro (1924-1982)²², quase que foi tomada pelo próprio nome da fonte. Os versos da canção capturam a representação da tradição e do amor na cultura popular portuguesa, sendo a Fonte das Sete Bicas o cenário principal. Na letra, o protagonista convida sua amada a acompanhá-lo até a fonte, um local que é visto como um símbolo de união, sorte e promessa de um futuro juntos. Aliás, o protagonista promete que, ao chegarem à fonte, a sua amada verá a verdade nas suas palavras, sugerindo que o compromisso entre os dois se tornará mais sólido ali.

A narrativa também menciona a Senhora da Hora, expandindo o cenário para um campo aberto e ligando o amor à proteção e à fé. O convite para dançar e beber água da fonte antes do amanhecer reforça a ideia de celebração, combinando elementos de natureza, amor e tradição, ou não fosse aquela fonte conhecida como "a fonte dos namorados".

A canção, portanto, não só celebra o amor, mas também a importância das tradições e dos rituais que consagram as relações na cultura portuguesa. A natureza, representada pela fonte, pela água, pelo campo e pelo Sol, serve como pano de fundo para uma história de amor que é tanto uma promessa de felicidade futura, como uma celebração das raízes e da pureza dos sentimentos.²³

Através das canções, a água torna-se uma linguagem que todos entendem, um espelho onde se reflete a alma do povo português, reflete a sua realidade física e social e expressa os seus sentimentos. À medida que estas melodias atravessam as gerações, a água permanece como um símbolo duradouro da identidade e da cultura portuguesas, fluindo através do tempo como um rio perene de inspiração e significado.

5.1.3 – A água na toponímia matosinhense

Ao aprofundar a análise do papel da água na comunidade, considerou-se também necessário incluir as referências toponímicas atuais do concelho de

²² https://www.youtube.com/watch?v=Mds_XisKciE

²³ <http://coisas-da-fonte.blogspot.com/2015/05/coisas-da-fonte.html>

Matosinhos. A toponímia²⁴, que é o estudo da origem dos nomes dos lugares, permite desvendar aspetos menos conhecidos da história, cultura e tradições das comunidades, proporcionando uma compreensão mais profunda do passado coletivo. Já Ferreira (2013, p. 35) descreve a toponímia como sendo relativa "a um espaço físico, biológico, humano". Este espaço está inserido "numa dialética temporal de produção/destruição, transformação/evolução da paisagem (...) num processo histórico de transformação contínua". Ferreira (2013, p. 45) destaca ainda que "o povo, através de uma 'etimologia popular', sente a necessidade de atribuir uma motivação e significação aos topónimos com que convive diariamente. Com o passar dos anos, o significado original perde-se, e esses nomes adquirem o estatuto de topónimos".

Conforme Ferreira (2013; p.45), "cada topónimo guarda na sua designação o tipo de atividades agrícolas, indústrias, de povoamento, de conquistas e reconquistas e outras desenvolvidas pelo homem e pela natureza dentro desse espaço e, quando não temos registos históricos escritos, podemos utilizar as designações de topónimos como verdadeiros documentos, como verdadeiras fontes históricas, que nos podem fornecer informações riquíssimas e da mais variada natureza"

A toponímia é essencial para compreender a história de municípios e localidades, pois faz referência a eventos históricos, antigas atividades (como feiras e profissões já desaparecidas), elementos naturais (particularmente relacionados com a água) e homenageia figuras locais ou nacionais.

Esta breve análise, sem a intenção de realizar um estudo toponímico detalhado ou um levantamento abrangente — considerando que minha formação e conhecimento nessa área são limitados e não permitem conclusões mais profundas, além de não ser o foco principal desta investigação —, permite afirmar que o concelho de Matosinhos possui uma toponímia significativa relacionada com a água e as atividades a ela associadas. Isso destaca a importância deste recurso natural para estas comunidades, identifica os lugares onde estavam localizados os recursos hídricos e revela práticas culturais e económicas, como a agricultura, a pesca e também os pontos de encontro social, como fontes e lavadouros. Contribui, portanto, para uma compreensão mais profunda do território e da relação histórica das comunidades com o seu ambiente natural. Oferece uma visão das práticas culturais, sociais e económicas que moldaram o território ao longo do tempo, o que faz da toponímia património (muitas vezes subvalorizado e, em alguns casos, negligenciado).

A toponímia de Matosinhos relacionada com a água, reflete entre outros, a importância de certas atividades económicas cruciais para o desenvolvimento do

²⁴ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/toponímia>

concelho, como a pesca, as lavadeiras e a agricultura e o uso da força. Por exemplo, em Matosinhos, encontramos a *Rua, Praça e Bairro dos Pescadores* e a *Rua do Marujo*, e em Guifões a *Rua e Travessa Viver do Mar*, bem como a *Rua Faina do Mar*, em Lavra, todas relacionadas com a pesca. A *Praça dos Lavadores*, na Senhora da Hora, e na *Rua do Lavadouro*, em Santa Cruz do Bispo poderão lembrar as lavadeiras. A agricultura é marcada em locais como a *Rua, Travessa e Viela do Regadio*, em Matosinhos, e a *Rua do Reguinho d'Água*, em Guifões.

Os nomes ligados ao abastecimento de água sublinham a importância destes recursos e dos equipamentos para as comunidades locais. Exemplos disso são a *Rua, Calçada e Travessa da Fonte*, em Guifões, a *Rua Fonte da Vila*, em Matosinhos, a *Rua Nova da Fonte dos Alhos*, em São Mamede de Infesta, e a *Rua e Caminho da Fonte da Moura*, em Leça do Balio. Outros nomes, como *Rua da Fonte das Sete Bicas*, na Senhora da Hora, Travessa, *Rua e Viela da Fonte Velha*, em Custóias, e *Largo da Fonte Seca*, em Leça da Palmeira, indicam a existência de fontes atuais e históricas, e a relevância dessas águas ao longo do tempo. Nomes peculiares como Travessa da Fonte da Muda, em Matosinhos, e *Rua Fonte da Cacheira*, em Leça do Balio, podem remeter a mitos, crenças ou acontecimentos marcantes, enquanto a *Rua e Alameda da Água Viva*, em Leça do Balio e Matosinhos, respetivamente, sugerem a presença numerosas nascentes que surgiriam à superfície.

Sr. José: Ele havia uma fonte também que depois ficaram... que é...quem vem do cemitério para baixo, que se vira à direita (tentando explicar-me, novamente, também com gestos).

(...)

Sr. José: (...) Essa já era em Matosinhos. E também..., mas depois, depois levantaram... mas chegamos lá a acolher água também que dava imprópria. Que era... tinha uma fonte... ali num montezinho..., que agora fecharam aquilo... Mas isso nos anos 70...

Miguel: (...) quais eram as fontes que eram mais utilizadas, (...)

*Sr. José: Utilizavam as fontes públicas... Havia uma fonte pública ali... que chamava-se **"fonte pública do real (...)**que iam lá muitos buscar água.*

(...)

*Sr. José: **A Fonte das Sete Bicas, ia lá muita gente abastecer-se de água.***

(...)

*Sr. José: Sim, Senhor... Sim, a **Fonte do Cuco...também, também.***

A ligação do homem com o mar em Matosinhos é também claramente visível na toponímia, não apenas pelas profissões citadas, mas também por referências às praias, como *Rua e Passeio da Praia*, em Perafita, *Rua da Praia do Marreco*, *Avenida da Praia*

de *Angeiras e Passeio Marítimo*, em Lavra. As características do mar são refletidas em nomes como *Rua Mar da Cartola*, *Rua Mar do Apertado* (Apartado?) e *Rua do Mar Novo*, em Matosinhos, e também da proteção divina evocada na *Rua de Santa Marinha*, também em Matosinhos.

Embora o Rio Leça tenha um impacto profundo na geografia de Matosinhos, outros cursos de água também deixaram marcas importantes na toponímia local, evidenciando o seu papel na fixação das populações e no desenvolvimento dos lugares. Exemplos incluem a *Rua e Viela da Lagoa* e *Rua dos Lagos*, na Senhora da Hora, *Rua do Ribeiro*, em Guifões, *Rua do Ribeiro do Viso*, na Senhora da Hora, e *Rua, Travessa, Praceta, Alameda e Viela das Ribeiras*, em Perafita. Outros topónimos associados a cursos de água relevantes são *Rua do Rio da Aldeia*, em Leça do Balio, *Rua e Travessa do Rio da Bouça*, em Lavra, *Rua do Rio Novo*, em Leça do Balio, e *Rua Encosta do Rio*, em Guifões.

D. Manuela: Não. À minha beira... à minha beira tem um Rio das lavadeiras, que era o Rio que antigamente... que nós íamos lá lavar a roupa. Sim, eu ia muitas vezes com a minha falecida avó e com a minha mãe também cheguei a ir, mas mais com a minha avó que eu ia...

De acordo com Menéndez Pidal (1968), citado por Ferreira (2013), os nomes dos lugares são a voz dos povos desaparecidos, transmitida de geração em geração, de boca em boca, e que chega até nós pela tradição ininterrupta na pronúncia de quem hoje habita esses lugares (tradução livre). Muitos nomes de lugares são transmitidos de geração em geração, sem constar nas placas toponímicas das vias, preservando expressões locais, e resistindo, em muitos casos, às mudanças impostas pelos decisores políticos. Os topónimos capturam a essência das histórias, lendas e mitos que moldam a identidade de uma comunidade, sendo, assim, muito mais do que meros indicadores geográficos; eles são registos vivos do passado.

5.2 História das fontes de Matosinhos

Matosinhos conta atualmente com várias fontes, bicas, tanques (ou lavadouros) que não só são testemunhos do passado, como ainda têm serventia.

Em 1899, o médico Francisco Fernando Godinho de Faria, fazia um importante retrato do concelho de Matosinhos, à época com a designação de Bouças. A conhecida *Monographia* do concelho é indispensável para se conhecer a história do concelho de

Matosinhos, mesmo com as reconhecidas incertezas que os dados emprestavam às estatísticas:

Mas, focando no que à água diz respeito, a referida Monographia dedica-lhe um capítulo (p. 44-51), pelo “importantíssimo papel que ela desempenha na higiene alimentar e na geral”. À época, Godinho de Faria destacava os riscos da falta de água: “pouca agua obriga a recorrer à má; agua abundante mas constituída por excesso ou deficiência de princípios convenientes ao organismo, a uma boa digestão gastro-intestinal e aos usos culinários é igualmente um mal; mas água para bebida que, além, ou independentemente do desequilíbrio dos seus princípios constituintes, é viveiro de bacillos pathogenicos, isso é que representa um mal incommensuravelmente superior à que vem eivada apenas d’aquell’outros defeitos.”

O autor refere o abastecimento garantido em alguns domicílios: “de poços abertos nos quintais das casas de habitação se servem em geral os moradores de Bouças, sendo em quase todo o concelho água de razoável qualidade, merecer da natureza do subsolo granítico, silicioso, raríssimo calcário, algures argiloso, sendo nestes dois casos de inferior qualidade.” Apesar disso, considera que “as águas dos poços vão desde más até boas consoante as condições diferentes em que os mesmos se encontram” .

Como nem todos os tinham tão fácil acesso à água, o autor dá conta que existiam “em todas as freguesias a fontes públicas, das quais se abastecem alguns habitantes que não possuem poços, e às quais também recorrem no pino e fim dos verões mais rigorosos aqueles a quem a água em casa secou”. Contudo, “as águas das fontes são por via de regra inferiores às dos poços” devido a diversos fatores como a “má constituição geológica” e a “impureza do terreno em que brotam”.

Além das “fontes de bica”, existiam outras no concelho, “infelizmente em muito maior número, a que chamaremos de afoga-caneco. São espaços mais ou menos quadrados, cujo fundo é térreo, a cobertura de pedra pousando sob 4 paredes laterais, uma das quais é aberta desde o nível da água até ao teto para por aí se introduzir o corpo da pessoa que, para extrair a água, imerge um caneco ou vaso de barro que em seguida guinda cheio em troca da imundice de que a parte exterior da vasilha de ordinário é portadora”.

A qualidade e segurança da água eram preocupações de saúde pública à época, sabendo-se que “as águas potáveis são um veículo de transmissão de um grande número de moléstias, dentre as quais citaremos como bem averiguadas as lombrigas, as ténias, a febre tifóide e o cólera”. Assim, e com o propósito de se selecionar uma água melhor para consumo, Faria (1899) afirma que “será tanto melhor água de uma fonte quanto maior for o trajeto que ela percorrer até ao ponto de queda, sendo até este

um processo de auto purificação das águas correntes a ponto de chegarem a perder os micróbios de que eram portadoras” – quiçá quanto de científico e quanto de popular tinha esta recomendação. Havia ainda outras recomendações para melhorar a água ou torná-la mais segura: “a má composição química e bacteriológica pode opor-se também a ebulição, a filtração central para as grandes aglomerações, a prévia filtração artificial pelos vários filtros domésticos conhecidos – Pasteur, Chamberlain, etc., não falando noutros meios de purificação de menos proveito, com pela filtração se chega a melhorar águas inquinadas por sais minerais.”

Matosinhos, até 1863, era abastecido exclusivamente pelos poços das casas. Nesse ano, dois cidadãos, João José dos Reis e Manoel da Silva Santos, instalaram a fonte de Bica, conhecida como “dos Dois Amigos”, na Rua da Igreja. Esta perdurou até o verão de 1897, quando uma longa “estiagem” reduziu os mananciais e secou a fonte, o que a “municipalidade” a abrir quatro novos poços na freguesia “colocando lhes bombas metálicas, para utilização pública, quer para bebida e usos culinários, quer para as restantes necessidades, como são a lavagem de roupas, limpeza de utensílios e habitações, irrigação das latrinas, bebida dos cavalos e lavagem de carruagens” (na Rua de França Júnior, perto da Rua do Godinho, na Praça Passos Manuel, na Praia dos Pescadores e na Rua Ivens). Mais tarde, em 1898, devido à contínua falta de chuva que enfraquecia o lençol freático, foi aberto mais um poço (no Largo de Sant’Anna). Próximo deste local havia também água disponível, porém não de igual forma para todos, conforme refere Faria (1899): “é certo que ao longo do adro da igreja paroquial de Matosinhos debitam bastante água as três bicas do chafariz pertencentes à real confraria do Bom Jesus de Matosinhos, mas como não é pública não pode ser computada no número de mananciais esta povoação, sendo só aproveitável pelo público, para lavagem, a que, já fora do quadro, corre para duas taças.”

Contudo, e apesar o descrito pelo médico Godinho de Faria (que viria a ser o último Presidente da Câmara durante a monarquia - entre 1906 e outubro de 1910), este também refere que não se deve inferir que a câmara tenha “desprezado este grande problema que sobre ela pesa”, sabendo-se que este tema tem sido “alvo de atenção em muitos países, de par com uma boa canalização subterrânea para a saída de dejetos”.

Em 1887, uma comissão foi criada para tratar do abastecimento de água na vila. Em julho de 1888, Georges Hastings e Evaristo Nunes Pinto solicitaram à câmara a concessão para fornecer água potável, mas o processo arrastou-se até dezembro de 1892, quando apresentaram o projeto e as condições.

Eles propuseram captar água dos mananciais da Senhora da Hora e fornecer água “para irrigação de 10 ruas nas 2 freguesias da vila durante os três meses do estio, para incêndios, a assentar 30 bocas de incêndios nas 2 povoações” e a “não exigir

quantia superior a 150 réis por metro cúbico aos particulares que quisessem” utilizar aquela água. “Cessariam no fim de três anos as fontes públicas, visto não ser obrigatório o consumo” e estas seriam substituídas por 2 marcos fontenários em cada povoação destinados a fornecer água para bebida”. A captação seria feita por uma galeria entre Sandim e a Barranha “até onde se julgasse preciso para obter e conter o volume de água necessária ao consumo da Vila”, com a água a seguir por canos até um tanque de decantação e depois para um reservatório. Uma rede de canalização distribuiria a água pelas ruas de Matosinhos e Leça (foi estudado o aproveitamento das águas do rio Leça, “mas a dispendiosidade da obra secou-lhes a vontade de concluírem o plano).

O processo foi, contudo, moroso. Em 1892, a Câmara reconheceu a viabilidade técnica do projeto de abastecimento de água da Senhora da Hora, contudo declarou não poder “no presente, aceitar o projeto e condições por não o comportarem as forças do município”. Aliás, este manancial de água era de uma qualidade inquestionável, “Que água potável de mais fina qualidade que a do manancial da Senhora da hora a Câmara não encontraria dentro do concelho, nem da que é captada do Rio Sousa, para o seu abastecimento, isso é que não padece dúvida alguma, e sob este ponto de vista a Vila ficaria abastecida em condições superiores às da maior parte das cidades portuguesas e estrangeiras; os melhores desejos, porém, são em tais circunstâncias atraídos pela parte económica”.

Esta situação, além do desagrado geral (e das consequências nefastas da falta de acesso à água), era difícil para a autarquia. A solução encontrada, em 1894, foi a “Compagnie Générale des Eaux pour l’Étranger”, venceu um concurso para o fornecimento de água, apesar das dificuldades financeiras e jurídicas enfrentadas, mas “Bombardeada a variação municipal pelos canhões das dificuldades pecuniárias que o aproveitamento da água potável da Senhora da hora lhes dirigia, largou a procurar socorro na companhia das águas do porto, e, com quanto convencida de pior alojamento, o certo era que lhe sorria a barateza da instalação, onde a higiene também residia”.

Em 1895, a Câmara de Matosinhos solicitou ao rei a aprovação do contrato. No entanto, conflitos com a Câmara do Porto e a recusa da companhia francesa em aceitar algumas modificações atrasaram o processo. Em 1899, ainda havia esperança de que as câmaras envolvidas protegessem os seus interesses: “estamos certos de que as duas câmaras hão de acautelar os seus interesses presentes e futuros e que a atual vereação envidará todos os esforços para que não se protraia por mais tempo a satisfação deste melhoramento que há tantos anos aguarda o termo”, afirmava Godinho de Faria (1899).

À época, o concelho era provido desta forma relativamente às fontes públicas: no lugar de Bouças, havia uma fonte municipal de "afoga-caneco", e na Senhora da Hora, junto à capela, existia outra fonte, com sete bicas que jorravam abundantemente água de excelente qualidade. Essa fonte, de origem antiquíssima "está a cargo e mais ou menos pertença da Confraria da Senhora da Hora". Possivelmente é contemporânea à construção da capela em 1514, foi realocada em 1893, movendo-se alguns metros do seu local original. As sete bicas, antes orientadas de nascente para poente, passaram a estar alinhadas de norte a sul.

A "poente da linha férrea da Póvoa", encontrava-se a "fonte dos Lagos", de afoga-caneco, "borbulha grossos veios de água finíssima" - em 1872, houve uma tentativa de "tornar seu" este manancial, mas a Câmara interveio com uma ação cível.

Em Palmeira, havia quatro fontes de bica: a da Vila, na rua Fonte de Vila, a da "Amorosa, no lugar com o mesmo nome, e duas à entrada da estrada que conduz a Santa Cruz, próximo aos moinhos do Snr. Balthazar". Desde os primeiros anos do concelho de Bouças que "as municipalidades consagraram algumas quantias dos seus poucos réditos às duas primeiras". Em 1861, houve atenção especial para as "fontes de Vila e do Signal", e nos anos seguintes, as vereações cuidaram delas periodicamente (instalando uma bomba metálica na fonte do Signal em 1897 e, em 1898, "oferece ao público mais um poço no Largo do Castelo e outro na Agra").

Em Infesta, havia cinco fontes públicas: uma fonte de bica em Picoutos (que necessitava de "reparos urgentes, os terceiros que a Câmara manda realizar") e quatro de afoga-caneco nos lugares da Ermida, Fonte, Moalde e Telheiro. No Balio, existiam três fontes de afoga-caneco, nos lugares de Recarei de Cima, Monte de Recarei e Gestal. Lavra contava com quatro fontes de afoga-caneco, localizadas em Pampelido, Paiço, Antela e Angeiras. Em Perafita, havia duas fontes de água potável: uma de bica, no lugar de Freixieiro, e outra afoga-caneco, no lugar da Vinha da Bouça. Custeias tinha três fontes, todas de afoga-caneco, nos lugares de Custeias, Fonte do Cuco e Esposade do Fundo ("esta última designada "Fonte do Pereira"). Santa Cruz do Bispo dispunha de três fontes: uma de bica, na Aldeia de Baixo, e duas de afoga-caneco, no lugar de Aguiar. Por fim, em Guifões, existiam três fontes de afoga-caneco, uma no lugar de Lomba e duas no lugar de Guifões.

O autor destaca ainda, neste capítulo, uma peculiaridade relacionada com o fornecimento de água junto das "estâncias balneares", referindo que "nos dois últimos anos estâncias balneares congéneres têm querido lançar o descrédito sobre estas duas praias de banhos baseado na pouca e má água que aqui se fornece aos frequentadores da praia". Contudo, além dos mananciais de água existentes no concelho, também se verificava a "distribuição domiciliária de água da companhia do Porto e de uma mina de

Leça em carros que de manhã e de tarde a vendiam a 40 reis o almude” (medida de 25 litros, habitualmente). Este destaca ainda que a água disponível nas duas freguesias não causou doenças, com exceção de “alguns casos de febre tifoide” no final do verão, que também ocorreram em outras freguesias do concelho e em maior número no ano anterior, “igualmente no Porto, que bebe boa água, bacteriologicamente considerada, e em quase todas as povoações do país” – o que demonstra o elevado valor económico da água, bem como da rivalidade entre os concelhos.

5.3 As fontes e lavadouros de Matosinhos na atualidade

A ligação do concelho de Matosinhos com a água é antiga. Quando a distribuição de água não era universal, não se dispensava a existência das fontes e dos lavadouros públicos – chegando inclusive a coexistir no mesmo local. Estes, além da sua função vital no fornecimento de água desempenhavam, um papel crucial na vida social diferentes comunidades do concelho.

Embora Matosinhos não tenha um património tão rico, como o concelho do Porto, possui algumas fontes e lavadouros públicos de interesse. Possivelmente estes equipamentos passam despercebidos até mesmo aos próprios moradores, por estarem acostumados à sua presença, por se terem habituado a vê-los “desde sempre”, porque secaram, porque deixaram de ser utilizados, porque estão escondidos pelo novo urbanismo ou pela vegetação não cuidada.

Fontes, lavadouros e outros equipamentos de fornecimento de água, são fragmentos do passado que resistem às mudanças e à avidez do passar do tempo. São pedaços de património, mas também contadores de histórias de pessoas e comunidades, de uma época em que a água estava no centro da vida quotidiana. São, portanto, parte integrante do património cultural e histórico do concelho.

Atualmente essa ligação com a água é, popularmente, associada ao porto de Leixões (construído no final do século XIX e o maior porto artificial de Portugal) e às praias do concelho, particularmente a praia de Matosinhos. Historicamente, o concelho caracterizava-se pela atividade agrícola (no século XVI, “Matosinhos” tornou-se um centro produtor agrícola e pecuário importante, com a concessão de um Foral por D. Manuel I em 1514, tornando-se à época num “dos principais polos abastecedores do

Porto”) e, num passado não muito distante, pelas suas lavadeiras que “povoavam” o rio Leça²⁵.

De forma a completar uma lista pessoal das fontes e lavadouros públicos, foram solicitadas informações à autarquia e à entidade gestora em baixa, INDAQUA Matosinhos, devido ao conhecimento mais detalhado que estes possuem sobre o território. Contudo, apenas a INDAQUA Matosinhos respondeu à solicitação, fornecendo dados atualizados que permitiram complementar a lista de equipamentos existentes, bem como facultou a possibilidade de uma visita acompanhada por um técnico aos diferentes locais.

Com as informações recebidas e uma visita ao terreno realizada a 1 de fevereiro de 2024, foi possível proceder à atualização e revisão da listagem pré-existente de equipamentos de abastecimento de água. A visita permitiu verificar *in loco* estado de conservação dos equipamentos, o que contribuiu para uma atualização mais precisa e detalhada dos dados, bem como para aferir da localização exata das infraestruturas.

Durante o levantamento no terreno foram identificados diversos equipamentos, distribuídos pelo concelho, e que, na generalidade, se apresentam em razoável estado de conservação. Alguns lavadouros, além dessa função, também possuem bicas que permitem o enchimento de recipientes, o que amplia a sua utilidade desses equipamentos públicos. Contudo, a maioria tem nas proximidades informação “água imprópria para consumo”.

Procurou-se ainda identificar a localização da Fonte da Rua da Cal, em Leça do Balio, mas não se conseguiu encontrar.

Já no que se refere à Fonte dos Alhos não se conseguiu localizar com rigor e, consequentemente, avaliar o seu estado de conservação, visto o acesso pela Rua do Pinheiro Manso estar vedado com um portão que se encontrava fechado (junto à Rua Nova da Fonte dos Alhos). A fonte da Rua 9 de Julho (Perafita) está localizada num terreno particular que não só se encontra vedado o acesso, por portão, como a bica por onde jorrava a água se encontrava destruída.

Do levantamento no terreno, foi possível verificar a existência dos seguintes equipamentos referidos no ponto seguinte

²⁵ <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/cultura/historia-de-matosinhos>

5.4.1 A ida às fontes

"Descalça vai para a fonte Leonor, pela verdura; Vai formosa e não segura" – estes versos de Luís de Camões evocam uma época e um imaginário que marcaram profundamente a sociedade portuguesa até há menos de um século. Esta descrição não se cingia apenas ao mundo rural, estendendo-se também ao contexto urbano.

Para a fixação da sua população, bem como para os que escolhiam Matosinhos como local de residência, era forçoso que o concelho estivesse apetrechado de equipamentos públicos adequados, nomeadamente os relacionados com o fornecimento de água.

Ao longo dos anos, algumas fontes e tanques (ou lavadouros) de Matosinhos desapareceram, o que pode ser atribuído à sua utilidade na sociedade moderna. Contudo, o mesmo argumento pode fundamentar o facto de alguns destes equipamentos ainda subsistirem, atestando a sua utilidade prática, bem como o valor simbólico e cultural que possuem.

A distribuição de equipamentos hídricos por quase todas as freguesias do concelho reflete a importância destas infraestruturas para as populações, bem como para a sua história e desenvolvimento. A sua existência na atualidade, além da sua função, representa a relação intrínseca entre as pessoas, a água e o território.

Fonte da Cacheira (Leça do Balio)



Figura 5 - Fonte da Cacheira (tanque e fonte)

A fonte da Cacheira está situada numa reentrância da paisagem e protegida por um manto de telhas. Este nome peculiar, desperta a curiosidade sobre a sua origem.

De acordo com o dicionário, “cacheira²⁶” é um nome feminino que significa cacete, moca, pau tosco, cajado, ou até mesmo a um tecido grosseiro de lã como um cobertor ou uma vestimenta. No entanto, a ausência de informação específica sobre a origem do topónimo, leva a teorizar sobre as suas possíveis raízes. Uma hipótese sugere que o local poderia estar ligado à agricultura ou pecuária, talvez associado a uma mulher que residisse naquele local ou fosse responsável por essas atividades próximo daquela fonte (esta interpretação é mais literal e prática). Outra possibilidade relativamente ao nome, mais efabulada, é o facto de ele ser o feminino de “cacheiro”, como o ouriço. Segundo o dicionário Priberam, “cacheiro²⁷” adjetiva aquele “que se esconde” ou que é ardiloso, astuto ou enganador. Optando (propositadamente) por esta segunda hipótese, podemos imaginar que a fonte estivesse escondida ou representasse algum risco devido à sinuosidade do terreno ou dificuldade de acesso à fonte.

Independentemente da origem exata do topónimo, a Fonte da Cacheira permanece aqui como um enigma, envolto certamente em histórias e significados que se misturam com a paisagem, com as tradições e com a imaginação. O nome peculiar convida a imaginar o passado, tecendo histórias de trabalho árduo, lugares escondidos e perigos à espreita.



Figura 6 - Fonte da Cacheira (pormenor placa)

²⁶ <https://dicionario.priberam.org/cacheira> e <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cacheira>

²⁷ <https://dicionario.priberam.org/cacheiro>

No local da fonte, há também um lavadouro. O equipamento atual ostenta uma placa informativa: “lavadouro público tradicional da Fonte da Cacheira”, da junta de freguesia de Leça do Balio. A sua idade gravada na pedra (edificado em 1948) desafia o tempo, e o traço recente de inscrições grafitadas despertam a necessidade de atenção para evitar a degradação e abandono.

“tem uma placa informativa com o nome da fonte”.(nota de campo)

“então é pena estar todo riscado e grafitado, porque está muito bem conservado” (nota de campo)

Dividido em três, separando o local de lavagem do de enxaguamento, o lavadouro, alimentado por uma simples fonte, testemunha os dias passados de quem ali se reunia para lavar roupa, conversar, matar a sede e levar água para outras paragens.

“mais um tanque com divisórias - e este até tem mais do que duas habituais” (nota de campo)



Figura 7 - Fonte da Cacheira (pormenor separador do tanque)

Apesar de estar vazio, o equipamento não parece estar sem uso - uma garrafa de água repousa solitária, perto da bica da fonte. A garrafa, “meia de água”, não parece ter sido ali deixada ao acaso, indicia, inclusive, uma utilização recente - apesar da informação próxima alertando para uma qualidade da água incompatível com a sua ingestão. A cena, por si só, é um paradoxo visual. A garrafa, em contraste com o cenário bucólico, parece destacar-se e também ser estranhamente negligenciada. O seu

conteúdo, uma incógnita, mas testemunha da interação humana com o ambiente circundante.



Figura 8 - Fonte da Cacheira (pormenor fonte, garrafa e placas)

“que engraçado a placa a dizer água imprópria para consumo e mesmo por baixo da placa está uma garrafa com água - é porque alguém anda aqui a beber”

Enquanto a água jorra da bica da fonte, a garrafa permanece estática, como se estivesse em contemplação da água corrente e do edificado que a envolve. Esse aparente ato de desleixo e falta de civismo pode também ser interpretado como um desafio à recomendação, um gesto de rebeldia contra as restrições impostas.

Fosse qual fosse a intenção, a presença da garrafa evoca uma narrativa sobre a relação entre as pessoas e aquele local. A garrafa permaneceu ali, enquanto a fonte continuou a jorrar e a alimentar o tanque, como se desejasse contar sua própria história. Talvez ainda hoje, ou daqui a alguns dias, alguém se lembre de recolher a garrafa, ou talvez ela permaneça ali, como um símbolo ambíguo da complexidade da vida moderna e da interação humana com a natureza.

Fonte Cândido dos Reis (Custóias)



Figura 9 - Bica Travessa Cândido dos Reis

*“já tinha vindo ao lavadouro aqui perto e não ia descobrir esta fonte”
(nota de campo)*

Próximo à Rua Cândido dos Reis, em Custóias, encontra-se uma pequena nascente de água corrente e com abundância. Apesar de estar situada em domínio público, o acesso à fonte é marcado por um portão discreto, que sugere mais uma tentativa de preservar e valorizar este local, que impedir o acesso.

*“apesar do portão, este não impede a entrada. Acho que é mais a vegetação e o verdete que fazem com que ninguém vá ali buscar água”
(nota de campo)*

O portão e gradeamento em bom estado contrastam com o abandono do interior do “recinto”. Uma escadaria leva a um terreno lamacento e à bica da nascente. Ao fundo, junto ao jorro de água, distinguem-se no pavimento pequenos cubos de granito (uma calçada). Uma placa da INDAQUA Matosinhos serve como um lembrete austero: a água não é própria para consumo humano.

Contudo o acesso, só por si, já demovia, senão todas, pelo menos algumas tentativas de acesso. A bica, cravada num bloco de granito ligeiramente elevado, sugere um possível valor místico ao local – está como que a elevar-se do solo, parece instalada num simples retábulo. A água jorra abundantemente, sem um destino específico, fluindo livremente e, agora, sem um propósito aparente.

A vegetação, como um exército verde, avança mesmo sobre as águas, tecendo um véu que quase oculta a nascente. Este cenário, vestido de abandono, mascara o potencial latente de um recurso que clama por reconhecimento e renovação. A nascente aguarda, paciente, por olhos (e mãos) que a redescubram, permanecendo como um contínuo e mero murmúrio da natureza.

Fonte do Parque do Carriçal



Figura 10 - Fonte Parque do Carriçal

O Parque Urbano do Carriçal, uma criação da Arquiteta Margarida Fontes, é um refúgio verde no meio da agitação urbana da freguesia da Senhora da Hora. Este espaço é um ponto de encontro para feirantes durante a movimentada feira semanal, para entusiastas da natureza e para famílias para momentos de descontração. O parque é um exemplo de biodiversidade, com cursos de água, um lago tranquilo e uma vegetação diversificada com eucaliptos, pinheiros, carvalhos e sobreiros, além de outras espécies ornamentais. Algumas dessas árvores têm as suas raízes na história do local, outras foram replantadas na sequência das obras do Metro, refletindo um compromisso com a conservação e a sustentabilidade ²⁸.

“o parque está com bastante gente, principalmente a correr. E alguns idosos a passear com crianças “ (nota de campo)

²⁸ <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/ambiente/parques-e-jardins/parque-urbano-do-carrical-parque-manuel-pinto-de-azevedo> e <https://www.uf-smish.pt/cultura-e-turismo/parque-urbano-do-carrical/>

“este espaço é muito agradável – tantas árvores e caminhos por entre as árvores”

A fonte de água do parque encontra-se em estado de abandono. A estrutura deteriorada, a iluminação vandalizada, as paredes riscadas e um fluxo reduzido de água e o facto de esta estar imprópria para consumo (conforme placa informativa no local) limitam a sua utilidade – e comprometem a beleza do local. A escassez de água é tal que esta fonte não permite sequer o enchimento de qualquer tipo de reservatório, tendo uma utilidade limitada praticamente aos animais que por ali passam.

“a fonte parece estar cada vez pior... aliás, quase que já nem deita água. Sai mais água pela fuga na escada, do que pela fonte. Tudo partido, tudo riscado... enfim. Quase que nem um cão ou gato pode usar este espaço” (nota de campo)

“a placa informativa da qualidade da água, até isso está grafitado” (nota de campo)

“não permite o enchimento de recipientes” (nota de campo)

Apesar de estar situado numa área central, cercado por pontos de referência como a Igreja Matriz, o Parque Manuel Pinto de Azevedo, a A28, a Estrada da Circunvalação, duas estações do Metro e o NorteShopping, o Parque Urbano do Carriçal proporciona um ambiente sereno e tranquilo. Contudo, a falta de manutenção dos elementos relacionados com a água e com a memória do local, especialmente ao grande manancial que é conhecido por “mãe d’água”, confere ao Parque uma certa penumbra de esquecimento.

Ponte do carro: Bica da Rua da Ponte do Carro (Guifões) e Tanque do parque



Figura 11 - Ponte do Carro (panorâmica)

A beleza natural que envolve o Parque da Ponte do Carro facilmente nos cativa. O verde é a cor predominante, quer pelo seu aspeto selvagem, quer quando moldado pela intervenção humana.

“este espaço é tão bonito, mas está sempre vazio” (nota de campo)

A ruralidade ainda se faz presente nesta pequena área do concelho de Matosinhos, mesmo estando a apenas à distância de cerca de 3km, de carro, de um grande centro comercial em Leça da Palmeira. Este não só é abundante em água subterrânea, como é banhado pelo rio Leça.

“ali, daquele lado, devia ser onde li que era a praia aqui do Leça” (nota de campo)

Os escassos equipamentos presentes, num cenário que poderia sugerir uma certa sensação de abandono, têm o privilégio de estar imersos numa atmosfera campestre. Fica a sensação que, neste mesmo concelho, poderiam viver-se outras vidas, sonhar outros sonhos, experimentar outras realidades, longe do frenesim do quotidiano.

“vê-se ali uma ruína, talvez fosse uma casa” (nota de campo)

O tanque está instalado no parque da Ponte do Carro no vale do rio, numa “zona de terreno bastante acidentado, essencialmente florestal, na envolvente de uma ponte medieval sobre o Rio Leça” ²⁹. Atualmente o parque é constituído por um conjunto de pequenas plataformas interligadas por percursos pedonais e tem sido alvo de intervenções de melhoramento, estando incluído na intervenção intermunicipal de revitalização (os “passadiços do Leça”). O núcleo edificado revela uma histórica associação à vida ribeirinha naquele local.



Figura 12 - Ponte do carro (ponte)

A ponte, que identifica o local, data do século XII e liga as freguesias de Guifões e Santa Cruz do Bispo, e está classificada imóvel de interesse público desde 1971 (Decreto nº 516/71, DG, 1ª série, n.º 274 de 22 novembro 1971 / ZEP / Zona "non aedificandi", Portaria, DG, 2ª série, n.º 95, de 23 abril 1973). Esta terá sido fundamental durante séculos na ligação das duas margens do rio e, claro, no desenvolvimento e vida económica da região, e foi passagem dos peregrinos nos Caminhos de Santiago³⁰.

²⁹ <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/ambiente/parques-e-jardins/parque-da-ponte-do-carro>

³⁰ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4974



Figura 13 - Ponte do Carro (tanque)

Apesar do pequeno tanque sito no parque parecer pouco utilizado aquando da visita, não se pode negligenciar que o bom estado do mesmo, bem como do parque em que se insere, que este possa ser utilizado por utilizadores ocasionais (peregrinos, caminhantes) ou praticantes de campismo selvagem (particularmente nos meses de verão).

“o espaço parece estar a ser recuperado... algumas coisas parecem mais cuidadas, mas o tanque junto ao rio está com uma daquelas fitas vermelhas e brancas para impedir o acesso – mas não impedem nada

Ponte do Carro (Guifões)



Figura 14 - Bica e tanque da Ponte do Carro - Guifões

“O acesso por Guifões é mesmo mais fácil” (nota de campo)

Ao cimo do referido parque, do lado de Guifões, localiza-se uma pequena bica na Rua da Ponte do Carro que, segundo moradores, se insere em terreno particular. Apesar desta se encontrar em local não sinalizado e de manutenção pouco cuidada, sabe-se que tem serventia regular:

“Esta água sabe para que é que é boa? Para curtir as azeitonas” (nota de campo- transeunte)

“O padeiro também bebe desta fonte” (nota de campo- transeunte)

A água desta pequena bica, essencial à subsistência da comunidade de lavradores que aqui se estabeleceram, tem sustentado a vida e o trabalho ao longo das décadas. Entre os rostos que conhecem profundamente cada canto deste lugar, destaca-se um casal de figuras franzinas, marcadas pelo tempo. As mãos calejadas e a pele queimada pelo sol são testemunhas de uma vida de trabalho árduo e ao ar livre. Há cinco décadas, vieram de Baião e, desde então, vivem e trabalham nesta terra

“esta bica, junto à casa, é mesmo escondida. Está tudo cheio de vegetação à volta” (nota de campo)

A pequena bica, que ainda hoje serve a comunidade, está protegida por muros toscos, feitos à mão, e cercada por uma vegetação abundante, mantém a força do seu caudal até os dias de hoje. A água segue livre e de forma abundante. É gratificante observar a beleza natural e a ruralidade que envolve toda esta área, um testemunho vivo da resiliência e dedicação dos seus habitantes.

Bica da Rua Real de Cima (Sra. da Hora)



Figura 15 - Fonte Real de Cima

Na Freguesia da Senhora da Hora, encontramos uma fonte cuja água brota com uma timidez que mal se faz notar. Caracteriza-se por uma estrutura rudimentar e uma bica e parece ter sido construída recentemente. Os blocos de granito que encimam o passeio são interrompidos por um bloco de mármore com a bica, que, devido ao abandono e à sujidade, perdeu o seu brilho original e a água, outrora certamente prometida em abundância, agora escasseia, reduzida a um fio frágil e hesitante.

O design da fonte, com linhas geométricas simples, evidencia uma abordagem modernista. No entanto, a sua localização próxima da linha de metro de superfície e de um parque de estacionamento impede que este equipamento se destaque na paisagem urbana, tornando-o quase impercetível. Parece que a fonte luta por um lugar de destaque que nunca alcança, desconectada deste cenário.

“não se entende porque manter esta fonte. Ainda por cima aqui nesta zona perto do Pedro Hispano” (nota de campo)

Apesar de ser uma fonte recente e estar localizada próxima a áreas de grande afluência, próxima do Hospital Pedro Hispano e de algumas moradias de construção recente, a fonte encontra-se num estado precário passando, certamente, despercebida aos olhos dos transeuntes.

A placa que adverte sobre a qualidade da água é, também, um sinal de que nem tudo que é construído mantém o seu propósito.



Figura 16 - Fonte Real de Cima (pormenor banco e saída de água)

“parece mais um capricho estético” (nota de campo)

“De fonte já tem pouco, e está aqui uma fonte quase sem água, e com mau aspeto” (nota de campo)

Esta fonte, outrora com muito movimento, hoje está acompanhada apenas por um banco de pedra – possivelmente trata-se de mais de uma tentativa de enriquecer o lugar, mais do que uma resposta às necessidades da comunidade. Apesar das suas potenciais funcionalidades, o estado atual da fonte levanta dúvidas sobre a sua relevância e a eficácia deste recurso utilitário. A vida flui ao redor, mas a fonte permanece isolada, uma ilha de pedra num mar de atividade humana.

Fonte das Sete Bicas (Senhora da Hora)



Figura 17 - Fonte das Sete Bicas

“o parque está muito bem arranjado e limpo – a fonte parece ter mais destaque que a igreja, que só parece estar localizada num local de passagem, no caminho de acesso à fonte”. (nota de campo)
“estes bancos de madeira devem ser bons para se estar” (nota de campo)

A fonte certamente mais conhecida do concelho é a Fonte das Sete Bicas. Está localizada na periferia de uma igreja de invocação à Senhora da Hora que, segundo os registos, foi mandada construir para cumprir uma promessa, em 1514, em troca da graça de ter um filho. O parque onde se encontra esta fonte, na freguesia da Senhora da Hora, possuía o nome original de “Mãe d’Água”, devido à existência de uma grande nascente subterrânea. Esta fonte, e a festividade associada ao local, conferiram particular importância ao lugar e contribuíram para a criação da povoação da Senhora da Hora. Aliás, tal era a importância desta povoação que, em 1836, foi elevada a sede do concelho de Bouças e três anos mais tarde a Vila de Bouças. Assim se manteve com tão importante estatuto até 1853, ano em que foi criada a Vila de Matosinhos, para onde foi transferida a sede do concelho.³¹

A Fonte das Sete Bicas atual é uma reconstrução de 1893, que remontará a tempos muito anteriores (como referido acima, citando Godinho de Faria; 1899). Aliás, as fontes da Senhora da Hora são referenciadas desde 1623 e ainda hoje persistirá a

³¹ <https://www.uf-smish.pt/senhora-da-hora/> e <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/cultura/historia-de-matosinhos>

tradição de atribuir a esta poderes de fertilidade³². A fonte também é conhecida pelas suas “características casamenteiras”, dizendo-se que quem beber de um só gole das Sete Bicas no dia da festa da Senhora da Hora, casa-se no prazo de um ano.

“A fonte continua bonita” (nota de campo)

A Fonte das Sete Bicas destaca-se não apenas pela sua estrutura física, mas também pelo rico simbolismo que possui. As sete bicas da fonte evocam a ideia de plenitude e perfeição, ecoando as referências bíblicas aos sete sacramentos, as sete virtudes e os sete dons do Espírito Santo, bem como representa os sete dias da semana, sugerindo um ciclo completo e um ritmo natural da vida.



Figura 18 - Fonte das Sete Bicas (pormenor inscrição)

“fluxo constante de água transparente”. (nota de campo)

A abundância de água neste local sugere uma ligação com antigos cultos pagãos relacionados à fecundidade, uma vez que a água é frequentemente vista como um símbolo de vida e renovação e que como aquele é, segundo a tradição, o “lugar exato onde a Virgem Nossa Senhora da Hora apareceu” (conforme inscrição no local), poderá tratar-se da tentativa de cristianização de um local pagão. Aliás, “a origem desta fonte deve-se exatamente à existência de sete nascentes na Alameda das Sete Bicas, de água milagrosa para os mais antigos, de primeira qualidade nos finais do século XIX e inícios do século XX, até serem construídas as fábricas fronteiriças, dos Carrinhos a

³² <http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/igreja-da-senhora-da-hora-sete-bicas/>

Norte e Oeste, a do Ribera a Este, que a poluíram, sendo que, no presente, é água imprópria para consumo humano³³.

Enraizada na história de Senhora da Hora, a Fonte das Sete Bicas permanece atualmente como um símbolo de tradição. Está integrada num parque murado que lhe confere um destaque nobre. Este santuário, embora aparentemente não muito frequentado, ganha vida durante eventos especiais, atraindo aqueles que procuram não só a beleza do local, mas também, possivelmente, a ligação com às suas raízes e às lendas que lhe estão associadas.



Figura 19 - Fonte das Sete Bicas (pormenor placa informativa)

Apesar do seu bom estado de preservação, não se verificou a presença de utilizadores nas visitas prévias aquela em que se realizou a observação participante. Admite-se que, para tal possa contribuir a placa que adverte sobre a qualidade da água.

“tanto a fonte como o parque estão vazios” (nota de campo)

“novamente tudo vazio – vou esperar um pouco” (nota de campo - visita 2)

“nem o parque infantil está a ter uso... numa zona em que passa tanta gente, parece que ninguém entra” (nota de campo - visita 2)

“as bicas estão com verdete, mas a água corre e bem todas elas” (nota de campo - visita 2)

³³ <https://paroquiasenhoradahora.pt/index.php/paroquia/patrimonio/nucleo-antigo/parque-das-7-bicas>

Certamente que, apesar de menos frequente, é possível que ainda haja quem não resista à tentação de beber água da Fonte das Sete Bicas, formulando algum desejo ou não, mantendo viva a tradição e a crença nas propriedades milagrosas daquela água. O referido aviso, embora necessário para a saúde pública, cria uma interessante “contradição”: a água, outrora procurada pelas suas supostas propriedades milagrosas, agora é motivo de cautela. Está-se perante um equilíbrio entre a preservação do património cultural, e a responsabilidade pela saúde pública.

Bomba volante (Perafita)



Figura 20 - Bomba volante

No recanto da Rua José Joaquim Andrade (em Perafita) persiste um equipamento de abastecimento de água *suis generis* que, em tempos passados terá sido importante para a comunidade local: uma bomba volante datada 1938. Ostentando a inscrição da Câmara Municipal de Matosinhos, este artefacto carrega consigo a memória de um uso intensivo pela comunidade local.

“esta bomba fica mesmo escondida” (nota de campo)



Figura 21 - Bomba volante (bica e suporte)

Atualmente, as bombas elétricas assumiram a tarefa de extrair água dos poços, mas nem sempre foi assim. Antigamente a extração era realizada, nomeadamente, por bombas manuais, como a presente bomba volante - também conhecida por “bomba moderna”.

“está cheia de ferrugem. Será que ainda funciona”? (nota de campo)

Composta por uma roda de ferro suspensa num eixo, funciona fazendo-se girar manualmente uma manivela. Esta roda movimenta um êmbolo de ferro que, ao subir e descer, aspira a água do poço através de uma válvula móvel. Este engenhoso mecanismo permitia a extração de água com pouco esforço, mesmo quando a roda girava a baixas rotações. Muitas vezes, estas bombas eram protegidas por casas para preservar o equipamento, como parece ser o caso da existente nesta rua.

Este tipo de equipamento difundiu-se pelo território nacional, particularmente associado ao Estado Novo, simbolizando a preocupação com o abastecimento de água em aldeias e vilas - ainda é frequente ver este tipo de equipamento em quintais e terrenos particulares (menos frequente na via pública).

Mesmo com o passar dos anos, a bomba ostenta uma aparência robusta, com a sua estrutura de ferro fundido e sua alavanca aparentemente funcionais. Aquando da visita ao local, um morador mencionou que o poço se encontrava seco e que a bomba só funcionava se lhe fosse adicionada água manualmente, tornando o processo pouco prático:

“só funciona se se colocar água no poço” (nota de campo - transeunte)

A bica rudimentar, composta por uma conduta metálica, também apresenta sinais de desgaste. Outrora, a água fluía dessa bica para um tanque de pedra e os utilizadores certamente utilizavam as duas barras de ferro apostas num pequeno reservatório para sustentar um jarro, uma vasilha ou um alguidar. Enquanto o recipiente enchia, esse tempo seria acompanhado por uma conversa com os vizinhos, quiçá para se inteirar das notícias locais. A bomba não era, certamente, apenas uma ferramenta importante para a sobrevivência, mas também um local de interação comunitária.



Figura 22 - Bomba volante (bica, tanque com suporte e placa CM Matozinhos 1938)

“apesar da bomba funcionar, não sai água pela bica. Tem um ar deteriorado, mas é apenas ferrugem. A manivela faz a roda girar sem grande esforço” (nota de campo)

Embora sem função aparente, a bomba de água manual ainda exerce um certo fascínio. A estrutura enferrujada da bomba, o granito desgastado do tanque e a placa de pedra evocam o passado, mas também são uma mensagem de esperança e resistência, da luta contra as adversidades. Assim, mais do que um mero objeto, a bomba ergue-se como um monumento à engenhosidade humana.

Fontes da Feira de Santana (Leça do Balio)



Figura 23 - Fonte Feira de Sant'Ana (Junta de Freguesia)

“não se vê ninguém aqui” (nota de campo)

“o recinto ainda parece maior agora que está vazio” (nota de campo)

O Campo de Santana, localizado em Leça do Balio, ocupa cerca de 5 hectares e é um espaço conhecido pela feira semanal que lá se realiza. A paisagem é caracterizada pelo património arbóreo, apesar de estar inserido numa zona habitacional. O parque foi cuidadosamente planificado e organizado, com espaços definidos para a montagem de tendas, com piso em terra batida e cubos de granito, o que lhe confere um ar rústico e tradicional. Resulta, assim, numa atmosfera acolhedora e funcional para as feiras que ali decorrem, especialmente as feiras de São José (19 de Março), Sant'Ana (26 de Julho) e São Miguel (1.º domingo de Outubro).

“espaço parece bem organizado e que os espaços já estão definidos para colocar as tendas da feira” (nota de campo)

No ponto mais alto do Campo (da feira), encontra-se a capela de Sant'Ana. Ela está cercada num adro murado, que destaca a sua importância religiosa, mas que também a separa, de forma clara, do espaço destinado ao comércio de bens. A área arborizada, dominada por plátanos, mas também com sobreiros, carvalhos e outras árvores, resulta num ambiente sereno, alheado do bulício urbano circundante.

A entrada para o campo de feira, como se uma porta existisse, é pela Rua de Santana, que marca a fronteira com o concelho da Maia, é assinalada por um cruzeiro

datado de 1940 (em comemoração aos centenários da independência e da nacionalidade)³⁴.



Figura 24 - Fonte Feira de Sant'Ana n.º3

No Campo de Santana, e ao longo da Rua D. Frei Jerónimo de Brito e Melo, encontram-se, estrategicamente distribuídas pelo recinto, quatro fontes de água, de design modesto, com um único corpo retangular, apetrechadas com uma torneira de mola, aparentemente moderna, e uma base rudimentar (para apoiar recipientes, ou para pequenas lavagens"). Duas das fontes delas são adornadas com desenhos simples: uma estrela (cruz?) e outra com losangos nas suas faces.

"estas fontes são as primeiras que vejo com torneira aqui no concelho - têm torneiras de mola e estão todas a funcionar" (nota de campo)

"As fontes são quase todas iguais e são muito simples. Estão ao longo do parque e só a outra é que está situada assim como no centro de um largo, junto à junta e à capela a praça" (nota de campo)

³⁴ <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/ambiente/parques-e-jardins/campo-da-feira-de-santana>



Figura 25 - Fonte Feira de Sant'Ana n.º2



Figura 26 - Fonte Feira de Sant'Ana n.º1

Embora as torneiras demonstrem modernização, não se verificam evidências de uso recente. No entanto, imagina-se que as fontes “ganhem vida” nos dias de feira, ou quando são utilizados os “churrasqueiros” comunitários do recinto.

“estes grelhadores devem dar muito jeito, principalmente é esta autocaravana que está aqui parada” (nota de campo)

“água e um churrasqueiro e estas mesas de pedra... e o sossego que aqui está” (nota de campo)

Fontes e tanques da Quinta da Conceição

A Quinta da Conceição, no coração da união de freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira, é um refúgio natural e um convite ao encontro com a história e a natureza. Situada junto à foz do rio Leça e contornando uma das docas do porto de Leixões, a Quinta tem diversos espaços, incluindo espaços arborizados, áreas relvadas delimitadas por sebes e diferentes percursos mais ou menos lineares. A vista estende-se sobre as águas, testemunhas de tempos em que apenas lá estava o Leça e as suas margens, sem porto.

“a esta hora não está quase ninguém a passear no parque” (nota de campo)

Historicamente, a Quinta da Granja era o lar dos frades franciscanos, que em 1481 ergueram um convento em honra de Nossa Senhora da Conceição. A imagem sagrada batizou o lugar, e mesmo após a venda do convento em 1837 aquando da extinção das ordens religiosas, a Manuel Guimarães (“por seis contos”), a essência permaneceu no local. Originalmente uma propriedade privada construída como residência de verão nos finais do século XIX, a Quinta da Conceição foi adquirida pela Câmara Municipal de Matosinhos em 1968 e transformada num parque público.

Foram efetuadas várias remodelações realizadas pela autarquia, incluindo melhoramentos projetados pelo arquiteto Fernando Távora (em colaboração com o arquiteto paisagista Ilídio de Araújo) na década de 1960, tendo-se mantido elementos históricos como o antigo claustro do convento, chafarizes, um portal manuelino, a capela de São Francisco, entre outros. Contudo, e apesar das remodelações efetuadas pela Câmara de Matosinhos, em 2009, criando novos equipamentos e procedendo à conservação de outros, “os leceiros não se esquecem do lago dos patos, do campo de mini-golfe e do circuito de manutenção, entretanto desaparecidos...”³⁵. Considera-se, portanto, que falta devolver as restantes memórias valorizadas pela população.

³⁵ <https://www.leca-palmeira.com/quinta-da-conceicao-2/> e <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/ambiente/parques-e-jardins/quinta-da-conceicao-e-quinta-de-santiago>

Na Quinta da Conceição, merece uma observação atenta a “fonte do peixe”, uma escultura que desafia o tempo e convida à reflexão. Agora silenciosa, ela guarda por certo histórias de uma água que já não flui, mas cuja memória está eternizada na pedra.



Figura 27 - Quinta da Conceição (fonte do peixe)

Esta fonte, com a sua beleza serena, é um enigma esculpido – atendendo até à falta de informação sobre a mesma. O peixe, outrora fonte de vida, repousa na pedra imóvel. A água, que fluía, como um sopro pela boca do peixe, agora não se ouve sequer o seu sussurro. O retábulo, no cimo, tem um tronco humano, um “totem” de humanidade sem rosto nem membros, como que a estabelecer uma ligação entre o homem e a natureza.

“a fonte do peixe é estranha. Tem várias coisas aqui representadas e não parece muito bem conservada. Está seca. Terá sido mudada de sítio?” (nota de campo)

O peixe, historicamente, possui múltiplos significados em diferentes culturas, representando desde a natureza até à espiritualidade - na tradição cristã, o peixe é associado a milagres e é símbolo de Cristo, de fé e salvação - o que faz sentido num espaço que já foi um convento. O tronco humano masculino pode evocar a relação entre o homem e a natureza, simbolizando força e a vitalidade, mas também vulnerabilidade e transitoriedade da vida humana. Na base da fonte, uma concha, símbolo de fertilidade e proteção - nas tradições mitológicas, a concha é vista como um símbolo de nascimento e transformação, representando a ligação entre o mundo terreno e o espiritual, como visto na famosa obra de Vénus de Botticelli. Assim, a combinação destes elementos,

numa fonte de água, pode fazer desta uma representação da água como fonte de vida. Ainda que sem pretensões para fazer a interpretação da composição escultórica, o certo é que a "fonte do peixe" convida a refletir sobre a interligação entre os seus diversos elementos, o homem, a natureza e o divino.

Outra fonte de destaque na Quinta da Conceição é a fonte da "carranca". A sua estrutura é simples, mas imponente. É formada por uma carranca de onde jorra a água, complementada por um tanque que funciona como reservatório. A carranca, um elemento decorativo comum em fontes e outras construções, confere-lhe ancestralidade, mas também adiciona um toque de mistério — a expressão facial exagerada (e assustadora), é frequentemente associada à proteção contra o mal e a má sorte. O tanque, em pedras irregulares e gastas no seu perímetro, tem musgo a cobrir-lhe as paredes. Estes conferem à fonte um tom de rusticidade, sugerindo até que esta existe naquele local há muito tempo (faz parte daquela paisagem). A fonte tem água corrente e abundante e não dispõe de qualquer informação que demova a sua utilização — é o único equipamento deste tipo que não possui placa informativa da qualidade da água.



Figura 28 - Quinta da Conceição (fonte da carranca)

No topo da fonte, encontra-se um crucifixo, embora sem a figura de Cristo, estabelecendo também uma ligação à religiosidade do local. A combinação da carranca, de onde brota a água, com o crucifixo que a encima, pode parecer antitética, convidando à reflexão sobre a relação entre o sagrado e o profano. O trabalho em granito semelhante a ondas, junto ao crucifixo, podem evocar a proximidade do rio Leça ou do mar, elementos vitais para a história e o desenvolvimento do concelho. Aliás, essa ligação “das águas”, pode ter sido fonte de inspiração para a conceção da fonte,

reforçando o seu significado e importância para os diferentes contextos vividos naquele espaço.

Para além das fontes do peixe e da carranca, e excluindo propositadamente a fonte ornamental e a piscina, há ainda outros dois elementos relacionados com a água que merecem destaque. Um pequeno tanque de granito, que já apresenta alguns limos, abastecido por uma "meia cana" em granito por onde a água flui naturalmente. Existe também um tanque de grandes dimensões, quase como um espelho de água, que nos dias de verão se poderá tornar uma alternativa à piscina projetada pelo premiado arquiteto para a Quinta da Conceição - tal é a profundidade que este tanque apresenta.

*“este tanque maior, quase que é uma alternativa à piscina lá de cima.
Este deve ter sido utilizado para banhos – ou ainda é” (nota de campo)*

Apenas um dos tanques tem uma placa informativa que indica "água imprópria para consumo", sendo que o segundo tanque constitui apenas, aparentemente, um elemento paisagístico.



Figura 29 - Quinta da Conceição (tanque pequeno)

“realmente neste tanque esqueceram-se de colocar a placa sobre a qualidade da água” (nota de campo)



Figura 30 - Quinta da Conceição (tanque grande)

5.4.2 Se fores lavar | Os lavadouros

Os lavadouros, que em tempos eram palcos de atividade comunitária, estão hoje em silêncio, aparentemente entre o abandono e do esquecimento. Este declínio é mais do que a perda de uma rotina diária; é a erosão do património social e cultural.

Ser lavadeira era um trabalho, um meio de subsistência para famílias e, em particular, para as mulheres. Lavar roupa, fosse na água fria da ribeira (“que o sol aqueceu”) ou na água corrente das torneiras trazida pelo saneamento, era um trabalho árduo, mas essencial.

As lavadeiras, em Matosinhos, transportavam as roupas (geralmente à cabeça) até ao rio Leça, onde as lavavam nas margens, utilizando tinas e outros utensílios. Havia também a prática de “lavar a cavalo”, em que as mulheres lavavam de pé, o que proporcionava uma postura mais confortável para o trabalho (informação recolhida informalmente com o Eng. Rocha dos Santos).



Figura 31 - Lavadeiras no Rio Leça (anos 30/40) - fotografia de Andrelino Fernandes (Biblioteca Forlbela Espanca)³⁶

Apesar da fama das lavadeiras do Leça, este recurso natural não era acessível a todos - os transportes e as redes viárias eram bem diferentes das atuais – e, a distribuição de água canalizada só começou a ser uma realidade em Matosinhos no início de 1900. Assim, eram necessários (e úteis) equipamentos públicos como os lavadouros. Estes locais de lavagem consistiam em tanques amplos, com água (preferencialmente) corrente, onde as lavadeiras se posicionavam ao redor, algumas de pé, outras de joelhos, esfregando as roupas e outros têxteis sobre pedras.

Com a construção do porto de Leixões (no final da década de 1890) e a contaminação do rio, principalmente decorrente da atividade da indústria têxtil, é de crer que os lavadouros públicos, outrora possivelmente com menos uso, tenham ganho alguma importância e, contribuído, para o fim da tradição de lavar a roupa no rio Leça.

A isto acresce que desde o século XVIII existem dispositivos destinados a facilitar a lavagem da roupa com ajuda mecânica, mas foi apenas na década de 1930 que as máquinas de lavar automáticas começaram a surgir e a generalizar-se. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, em 1987, 44% dos lares em Portugal tinham máquina de lavar roupa e, em 2015, esse número já ultrapassava os 95%. (Portugal a lavar roupa no tanque.³⁷

³⁶ <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10157903332021230&set=a.355038011229>

³⁷ <https://www.publico.pt/2017/08/11/culturaipsilon/noticia/objectos-quase-obsoletos-portugal-no-tanque-1781532>

O poeta Fernando Pessoa, na obra "Novas Poesias Inéditas", retrata uma lavadeira que canta enquanto lava roupa num tanque³⁸.

A lavadeira no tanque
Bate roupa em pedra bem.
Canta porque canta e é triste
Porque canta porque existe;
Por isso é alegre também.

Ora se eu alguma vez
Pudesse fazer nos versos
O que a essa roupa ela fez,
Eu perderia talvez
Os meus destinos diversos.
(...)

No passado, a existência feminina era frequentemente confinada ao cumprimento de determinados papéis ou propósitos. Conforme o poeta insinua, o seu canto pode emergir da ausência de reflexão sobre sua própria vida. De um ponto de vista mais literal, a lavadeira certamente entoava canções simplesmente porque era um costume naquele ambiente.

Os lavadouros não eram apenas espaços para lavar roupas; eram locais de encontro, onde certamente se trocavam histórias e notícias, onde se forjavam amizades... ou até mesmo onde a expressão "lavar roupa suja" ganhava um significado mais amplo. Este epicentro da comunidade é o habitat da lavadeira, que, com o seu trabalho físico e repetitivo, torna-se musa para o poeta particularmente na sua autenticidade.

Apesar do aumento da participação feminina em diversos setores da sociedade, ainda persistia a percepção que as mulheres deviam desempenhar principalmente os papéis de mãe e esposa. Essa perspetiva tradicional perpetuava a imposição de confinar as mulheres ao ambiente doméstico, diminuindo sua presença e importância no espaço público.

Os lavadouros públicos configuravam-se, então, como espaços urbanos projetados para socialização e confraternização, para o uso feminino. Essa mudança, embora representasse um avanço na condição social feminina, ainda era limitada.

38

Os lavadouros tiveram também um papel crucial na promoção da saúde pública, conforme destaca o Dr. Oliveira Lima, professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Inspector de Higiene e Sanidade Municipais na cidade do Porto em 1937 na sua obra “Os Lavadouros públicos dos Pôrto. Separata do «Boletim de Higiene e Sanidade Municipais». Este refere que, poucos dias após assumir o cargo, foi solicitada a sua atenção para a situação alarmante dos lavadouros, uma vez que não havia, à época, “um único lavadouro em condições simplesmente razoáveis de higiene; todos mereciam antes a designação de sujadouros públicos”.

Os tanques eram utilizados mesmo apesar das péssimas condições de funcionamento “que mais parecia que as pobres mulheres estavam mergulhando a roupa em lama, tal a densidade e a imundície da água, além disso, exalava um cheiro nauseabundo”. O Dr. Oliveira Lima salienta as considerações simples e despretensiosas que faz sobre este importante problema de higiene urbana, enfatizando que a lavagem de roupa, tanto no Porto como noutras cidades, muitas vezes foi uma causa de transmissão de doenças graves e uma potencial fonte de perturbação séria para a saúde pública.

Era, portanto, necessário que os lavadouros fossem construídos e utilizados de forma a reduzir o risco de “conspuração”, ou seja, manter os padrões de higiene no local. Desta forma, o Dr. Oliveira Lima, definiu critérios para a sua edificação e uso (baseado na sua experiência no Lavadouro de Cartes, no Porto). Contudo, era fundamental que os lavadouros fossem utilizados “em perfeita harmonia com o plano a que obedece”, sendo crucial que as lavadeiras não mergulhassem a roupa no tanque errado, pois isso anularia os benefícios do equipamento, especialmente “no ponto de vista que principalmente nos interessa, o da higiene”.

A “modernidade” trouxe novas tecnologias e comodidades, mas alguns lavadouros continuam presentes e, agora, também como símbolo da tradição e da vida comunitária. Em Matosinhos, estes espaços ainda são utilizados, nomeadamente para a lavagem tapetes, carpetes e outros têxteis cujo tamanho impossibilite a lavagem nas vulgares máquinas de lavar roupa.

Tanque dos lavadouros (Custóias)



Figura 32 - Tanque dos lavadouros

Na Rua General José Vicente Freitas, em Custóias, próximo a várias "casas de lavoura", encontra-se um lavadouro público comunitário que remonta a meados do século XX (1950). Este equipamento, composto por uma bica e um tanque de lavagem coberto por telhado, ocupa um espaço generoso, assemelhando-se a um largo. A sua presença é facilmente visível por quem passa pela estrada.



Figura 33 - Tanque dos lavadouros (pormenor placa Matozinhos)

“o acesso à bica, além de escondido, está enlameado” (nota de campo visita 2)



Figura 34 - Tanque dos lavadouros (bica)

O tanque, dividido em áreas específicas para lavagem e enxaguamento, possui instruções manuscritas para garantir que todos os utilizadores, novos ou antigos, saibam como utilizá-lo corretamente. As inscrições "água limpa não lavar" num dos tanques e "lavar" e "tanque de lavagem" noutro, são suficientemente claras para orientar os utilizadores menos atentos ou inexperientes (apesar de lhe faltar uma "explicação" para essas instruções). Espera-se, portanto, que os utilizadores sigam as regras estabelecidas, para manter a qualidade da água e promover a sua utilização sustentável.

"este tanque é peculiar, não pela sua construção mas por que até tem as instruções escritas à mão nas paredes" (nota de campo)



Figura 35 - Tanque dos lavadouros (instrução "água limpa não lavar")

“as poças de água no chão, junto ao tanque, parece que alguém esteve ali a fazer alguma coisa e transbordou água - mas não se vê sabão”
(nota de campo)



Figura 36- Tanque dos lavadouros (instrução "tanque de lavagem")

Este lavadouro público apresenta-se bem conservado e apto para continuar a servir como ponto uma lembrança do passado, mas também como local de lavagem de roupas (e de encontro), apesar da placa que adverte sobre a qualidade imprópria da água para consumo, colocada junto à bica.

Segundo relatos da D. Fátima, vizinha do lavadouro, a utilização do lavadouro tornou-se ocasional – mais frequente nos meses mais quentes. Embora ainda haja quem o utilize regularmente,

"um senhor de Guifões que ainda hoje veio aqui lavar a roupa" (nota de campo – testemunho D. Fátima)

A utilização reduziu-se significativamente em comparação com outros tempos

Tinham muito mais uso quando "aquelas casas eram casas de lavoura" (nota de campo – testemunho D. Fátima)

A D. Fátima admitiu também ser uma utilizadora ocasional do equipamento, mas opta por lavar a roupa em casa na maioria das vezes. A água que abastece o equipamento, como explicou, provém do ribeiro próximo e a sua qualidade da água varia de acordo com as condições do caudal, como é visível pela transparência da água. Tal

demonstra que este lavadouro em particular representa um vínculo palpável entre diferentes épocas: simbolizando tanto a realidade histórica, como as exigências atuais.

Tanque e fonte do Rio da Aldeia (Leça do Balio)



Figura 37 - Tanque Rio da Aldeia



Figura 38 - Tanque Rio da Aldeia (panorâmica)

A Rua de Recarei, em Leça do Balio, era parte de uma importante via de circulação regional, denominada *Karraria Antiqua*. Esta via tem as suas origens numa antiga estrada secundária da época romana que se prolongava desde Cedofeita (concelho do Porto) até a região da Maia. Contudo, muitos dos que hoje percorrem esta

antiga e movimentada rua, ou exploram as suas proximidades, poderão desconhecer tanto o seu significado histórico, assim como um equipamento de utilização pública localizado na Rua D. Frei Lopo de Pereira de Lima: um lavadouro.

“Não há ninguém utilizando o lavadouro no momento da visita.” (nota de campo)

Este lavadouro foi estrategicamente construído próximo ao ribeiro das Avestas, que tem origem em Custóias e que, apesar de maioritariamente subterrâneo, revela aqui um segmento ao ar livre. O nome “rio da aldeia”, conferido a este local, demonstra a relevância das águas para aquela comunidade, sendo também este o nome de um dos lugares que constituem a freguesia.³⁹



Figura 39 - Tanque Rio da Aldeia (pormenor Rio da Aldeia)

As normas estipuladas pelo Dr. Oliveira Lima em 1937, que tiveram como exemplo o lavadouro de Cartes em Campanhã, Porto, estabeleceram critérios para a edificação e uso destas infraestruturas. Era essencial que a água fosse “renovada constantemente” e que os lavadouros incluíssem compartimentos distintos para a lavagem e o enxaguamento, além de “rampas de lavagem em pedra com uma inclinação suficiente”. O lavadouro localizado na Rua D. Frei Lopo de Pereira de Lima, construído dois anos após a publicação dessas normas, em 1939, segue esses preceitos. A água é fluída continuamente pela bica para o primeiro tanque, transbordando deste para um segundo a uma cota inferior, onde a água ensaboada é acumulada para a lavagem. O processo de enxaguamento deve realizar-se, portanto, no tanque mais próximo à

³⁹ <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/ambiente/agua/rios-e-ribeiros>

nascente. Estes requisitos estruturais também se verificam noutros lavadouros da região, como os de Pampelido e Paiço (em Lavra), no Parque da Lomba (em Guifões) e em Custóias (no “tanque dos lavadouros”).

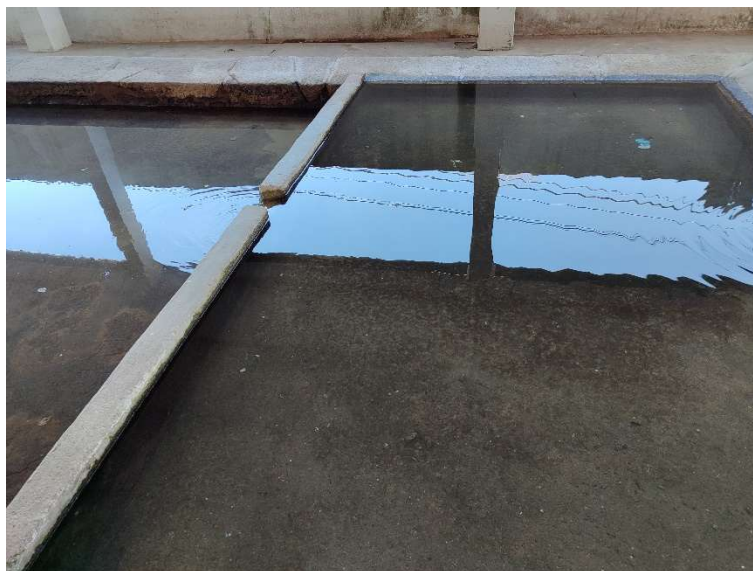


Figura 40 - Tanque Rio da Aldeia (pormenor separador do tanque)

Este lavadouro, tem, portanto, uma aparência “tradicional”, evocando pequenas casas (espaçosas e sem divisões internas), cobertas com telhado apoiado em traves de madeira. A construção ampla proporciona um espaço generoso para as atividades de lavagem, criando um ambiente arejado e acolhedor para as lavadeiras.

“o tanque está em bom estado de conservação” (nota de campo)



Figura 41 - Tanque Rio da Aldeia (tanque e fonte)

O lavadouro da Rua D. Frei Lopo Pereira de Lima, apesar de mostrar sinais de uso reduzido, possui um estado de conservação que oferece boa perspectiva da sua utilidade para a comunidade. Apesar dos avisos sobre a qualidade da água, a presença de resíduos de embalagens nas proximidades indica que o local ainda é frequentado, o que sugere que o lavadouro e sua função original ainda são valorizados e a cumprir o papel de um equipamento público, isto é, estar ao serviço da população e contribuir para a melhoria da qualidade de vida e para o bem-estar geral. O "rio da aldeia", esse continua a correr, mantendo o seu papel importante para o desenvolvimento do lugar e da "sua" comunidade.

"alguns vestígios de uso recente – resíduos ao lado do tanque" (nota de campo)



Figura 42 - Tanque Rio da Aldeia (pormenor "resíduos")



Figura 43 - Tanque Rio da Aldeia (pormenor placa informativa)

Horta das Austrálias (Matosinhos)

O Parque das Austrálias foi criado em 2014, como uma iniciativa para integrar a natureza na malha urbana. Ocupa uma área significativa de Reserva Ecológica Nacional (1,6 hectares), que anteriormente estava sujeita à erosão e invasão por espécies não autóctones. O nome “Austrálias” faz referência às árvores que costumavam preencher o local, mas que foram substituídas por espécies nativas durante a intervenção urbana que completa agora uma década.



Figura 44 - Tanque Horta das Austrálias

“este parque ficou mesmo muito bem arranjado e as hortas parecem até ter bastante movimento, apesar de apenas hoje só está um senhor, aparentemente reformado, a tratar da horta” (nota de campo)

“este espaço está muito agradável, mas isto vazio e ao final da tarde pode dar uma sensação de insegurança” (nota de campo)

O parque dispõe de uma horta biológica (com 36 talhões), com um número significativo de “agricultores urbanos” e algumas infraestruturas que contribuem para fortalecer a ligação das pessoas com a vida rural e a produção de alimentos saudáveis e proporcionar a oportunidade de estar em contacto com a natureza, apesar da proximidade da autoestrada⁴⁰.

No meio do parque, existe um tanque de granito com água corrente e abundante, com possuí dimensões “generosas”, que lhe permitem diversos usos. Dentro dele flutuava uma “escova da roupa” a boiar na água. Talvez simbolize a vontade (ou necessidade?) de um regresso, de haver mais roupa por lavar. Demonstra, é certo, que essa escova está intrinsecamente ligada às tradições e às práticas atuais.

*“o tanque teve uso recentemente, tem ali uma escova e sabão a boiar”
(nota de campo)*

⁴⁰ <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/comunicacao-e-imagem/noticias/noticia/inaugurado-parque-das-australias> e www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/parque-das-australias/



Figura 45 - Tanque Horta das Austrálias (pormenor escova e sabão)

Nestes equipamentos, a escova não parece obsoleta, continua a ser um utensílio fundamental. O seu uso, além de representar uma prática ancestral, também demonstra a resiliência dos seus utilizadores e, quiçá, testemunha a importância de preservar as tradições e técnicas antigas, que continuam a servir as comunidades de maneira eficaz e sustentável.

Tanques de Bouças (Matosinhos)

Atualmente, num pequeno vale entre a A28 e o núcleo urbano de Matosinhos, encontramos um lugar praticamente esquecido: Bouças. Nesse local, nasceu *Matusiny*, um aglomerado de pequenas e sinuosas ruas e vielas que se expandiram, originando o Julgado de Bouças. O historiador Joel Cleto descreve esse lugar como um “fóssil do urbanismo medieval”, que se desenvolveu em torno do mosteiro e da sua igreja

Na Alta Idade Média, o concelho de Bouças foi marcado pela fundação de mosteiros e conventos, nomeadamente o Mosteiro de Bouças. Este mosteiro, cuja origem remonta ao século X, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do aglomerado populacional e, no século XIII, liderou a divisão administrativa do Julgado de Bouças, que é a base do atual concelho de Matosinhos. Embora restem poucos vestígios do primitivo mosteiro, sabe-se que já existia no ano de 944 e que abrigou, durante a Idade Média, a icónica imagem do Bom Jesus de Matosinhos, datada do

século XII (e que mais tarde, no século XVI, foi transferida para a Igreja do Bom Jesus de Matosinhos).⁴¹

Ao adentrar na rua do convento, deparamo-nos com uma espécie de aldeia encastrada no interior da cidade. As cruzes remanescentes testemunham que o local foi, outrora, um lugar de profunda religiosidade. Ao percorrer a rua, deparamo-nos com um descampado. Nesse local, a estrada termina e dá lugar a um caminho de terra batida, com várias marcas de rodados.

Testemunhou-se um condutor aproveitando aquele espaço, e a água disponível, para lavar o automóvel

- ele mencionou que era "mais barato" - demonstrando que ainda se podia fazer alguma serventia daquele espaço (nota de campo)



Figura 46 - Tanque Mosteiro de Bouças (acesso)

O local possui tanques de lavagem de roupa, mas não são os tradicionais tanques comunitários. São tanques de betão, pequenos “monoblocos”, com uma rampa de lavagem e uma saída de água que se tapava com uma velha rolha de cortiça (reutilizada até à exaustão, isto é, até que se partisse).

Pode considerar-se este espaço como uma transição entre os tradicionais lavadouros comunitários e a prática da lavagem doméstica das roupas. Os pequenos tanques permanecem naquele descampado, testemunhando o passar do tempo, possivelmente ao mesmo tempo que “os seus semelhantes” começavam a habitar

⁴¹ <https://www.publico.pt/2009/05/07/jornal/matossinhos-quer-recolocar-no-mapa--o-lugar-que-esteve-na-origem-do-concelho-305451>

quintais, varandas ou “lavandarias”, antes da universalização das máquinas de lavar roupa.



Figura 47 - Tanque Mosteiro de Bouças (pormenor tanques)

“Isto tão perto aqui de uma zona com interesse histórico e está tudo partido, está vandalizado.” ((nota de campo)

Atualmente existem meia dúzia de tanques no local, embora, certamente, já tenham coexistido naquele espaço, pelo menos, o dobro (a julgar pelo espaço). O local parece abandonado. Há lixo espalhado pelo chão, próximo aos tanques e até mesmo dentro deles. As marcas de vandalismo são evidentes, indicando uso inadequado e danoso. Os tanques estão partidos e, na situação em que se encontram, não servem para qualquer propósito. A água corre, tentando cumprir sua função, mas não é possível lavar roupa ali. As paredes estão enegrecidas pela humidade e sujidade. Tudo está riscado: paredes, tanques e a cobertura. Até a rede que deveria separar a cobertura do terreno vizinho também está em mau estado, ao sabor do vento, e a vegetação cresce livremente. Há sacos de lixo rasgados, talvez espalhados por animais errantes. Nem mesmo a palavra “paz” inscrita nas paredes, acompanhada de uma estrela vermelha, consegue trazer uma sensação pacífica ao local. O aspeto sujo, degradado e vazio transmite até uma sensação de insegurança.

“o chão está sujo, os tanques estão partidos, há lixo pelo chão... até vedação está toda estragada. Estas marcas aqui nesta zona de terra batida deve ser de mais alguém que vem para aqui lavar o carro ou assim” (nota de campo visita 2)

“Parece que ninguém deve vir para cá” (nota de campo)

O som da água corrente vai teimando em fazer-se presente, num local onde apenas já só se pode imaginar o murmúrio das conversas, as roupas estendidas ao sol, a dançar ao vento como se fossem bandeiras. Mas talvez haja esperança - um pássaro passa por perto, como que observando a borda do tanque partido, e vê naquele espaço um abrigo.

“parece estranho e também um desperdício esta água aqui sempre a correr nestes tanques” (nota de campo)

Lavadouro de Custóias (Esposade)



Figura 48 - Tanque Largo da Capela - Esposade

O lavadouro público instalado no largo da capela de Esposade, em Custóias, não se encontrava na listagem dos equipamentos, e talvez se perceba o motivo.

“acho que já percebemos porque é que este tanque não estava na lista – está tudo abandonado” (nota de campo)

“está tudo cheio de silvas, muitas silvas e vegetação no tanque e nas escadas – nem dá para descer” (nota de campo)

Este equipamento encontra-se em mau estado de conservação, exposto à indiferença do tempo (e dos homens). Situado numa cota inferior e envolto por uma vegetação densa que o abraça, o lavadouro parece destinado a ser engolido pela envolvente. As escadas, outrora caminho de acesso ao trabalho diário, estão tomadas pelas silvas, numa clara disputa entre o edificado e a natureza pelo domínio do espaço. Desprovido de habitações nas imediações, parece ter sido esquecido pela população e pelos decisores políticos.

Uma placa metálica enferrujada adverte que a água é imprópria para consumo. A água que já foi cristalina e convidativa, hoje está estagnada e escura, longe de poder ser utilizada para lavar roupa.

“Até o aviso da “água imprópria para consumo” aqui é diferente, é da junta e está oxidado” (nota de campo)



Figura 49 - Tanque Largo da Capela - Esposade (pormenor placa informativa)

As marcas do tempo e da indiferença humana parecem querer apagar este património da memória coletiva.

Lavadouros do Paiço e Pampelido (Lavra)

A vila de Lavra fica no extremo norte do concelho (separada do concelho de Vila do Conde pelo rio Onda), é habitada principalmente por lavradores abriga a única comunidade de pesca artesanal do concelho de Matosinhos. O termo "Lavra" é mencionado pela primeira vez no título de doação da freguesia de Vila Chã (Vila do

Conde) em 1033, onde se refere ao "território labremse et Portugal". Atualmente, Lavra é composta por oito lugares, dos quais fazem parte Pampelido e Paiço⁴².

No que se refere aos lavadouros públicos, existem atualmente dois equipamentos deste tipo em Lavra e, apesar do atual estado de degradação dos lavadouros do Paiço e do Pampelido (ainda?) os coloque fora de uso, estes são certamente testemunhos vivos da história local.



Figura 50 - Tanque do Paiço (ribeiro)

Em Paiço, um pequeno ribeiro serpenteia ao lado do lavadouro, oferecendo-lhe a água para que cumpra a sua função. O lavadouro instalado a uma cota mais baixa do que a Rua Dr. José Domingues dos Santos, é acessível por escada (semelhante aos lavadouros da Cacheira e da Rua D. Lopo Almeida). Possui um conjunto de três compartimentos distintos, cada um a uma cota diferente e separados fisicamente uns dos outros, permitindo uma organização eficiente do processo de lavagem. O tanque possui cobertura, estando naquele momento sem telhado, apenas com um “esqueleto” em vigas metálicas. A pedra de lavagem é inclinada e está colocada a uma “boa altura”, permitindo uma posição de lavagem mais elevada e, portanto, mais ergonómica, destacando-se dos restantes tanques, por ter como que uma gravação ondulada.

⁴² <https://www.perafita-lavra-santacruzbispo.pt/conhecer/lavra/>



Figura 51 - Tanque do Paço (pormenor pedra de lavagem)

Estes “detalhes” arquitetónicos evidenciam a preocupação com o conforto e uma visão pensada nos utilizadores, fazendo deste um local mais aprazível para a lavagem de roupa. Destaca-se, ainda, o pavimento junto ao lavadouro, em bom estado de conservação, e que possui uns “rasgos” para o escoamento das águas, particularmente as resultantes da lavagem, que, de outra forma, se poderiam acumular.



Figura 52 - Tanque do Paço (panorâmica)

“o lavadouro manutenção – da última vez que tinha passado aqui tinha telhado, acho que era daquelas telhas vermelhas. Os muros estão caiados” (nota de campo visita 2)

O equipamento parecer estar em manutenção: além do telhado, os muros que cercam o tanque receberam uma nova camada de tinta branca, destacando-se no verde do cenário circundante. No entanto, destaca-se a ausência de qualquer placa informativa da qualidade da água (frequente noutros lavadouros). O lavadouro, no seu estado atual, expressa a vontade de devolver a dignidade ao equipamento público.



Figura 53- Tanque Pampelido (pomenor 1955 Câmara Municipal de Matosinhos)

O lavadouro do Pampelido está situado a poucos metros da praia da Memória. Enquanto o imponente obelisco da praia da Memória celebra o momento histórico em que "o Portugal Velho acaba e o Novo começa", marcando o desembarque das tropas liberais de D. Pedro IV em 1832 e o início de uma era para o país ⁴³, o lavadouro representa uma componente simples da vida quotidiana daquela comunidade. Se o primeiro representa uma transição histórica para Portugal, o segundo simboliza uma mudança nos costumes e nas práticas sociais da comunidade local.

Este equipamento também é constituído por dois tanques, com uma cobertura em betão, alimentados por uma pequena bica. Devido à sua localização num ponto muito baixo, a bica dificilmente permite o enchimento de reservatórios para o transporte de água para outros locais. A pedra de lavagem está posicionada a uma altura relativamente baixa em relação ao pavimento, sugerindo que o processo de lavagem fosse provavelmente, feito de joelhos. A localização do tanque, na proximidade de uma escola primária, centenária, confere ao lavadouro uma localização estratégica e conveniente para uso dos habitantes locais. Dada a sua localização, é expectável que,

⁴³ <https://www.perafita-lavra-santacruzbispo.pt/conhecer/patrimonio/>

ocasionalmente, turistas curiosos possam visitar o local, ao explorar a ruralidade do concelho ou enquanto “fazem caminho” rumo a Compostela.

“este tanque está muito bem localizado, perto da escola. Isto já deve ter feito sentido – a escola também já não utilizada como escola. A fonte e a escola devem ser da mesma época.” (nota de campo)



Figura 54- Tanque Pampelido

A placa indicativa com a inscrição de 1955 reforça a ligação deste espaço ao passado; a presença da vegetação a cobrir a superfície da água de um dos tanques, o outro tanque está praticamente seco e a placa informativa sobre a qualidade da água alertam para as preocupações de saúde (e higiene) do presente.

Atualmente, estes lavadouros lavrenses encontram-se vazios, desprovidos da presença das lavadeiras. No entanto, a recuperação do tanque em Paiço dá um novo ânimo na vertente da preservação destes equipamentos.

*“As bacias estão secas e vazias, sem qualquer sinal de uso recente”
(nota de campo)*

“só um fio de água no fundo e com um tapete verde” (nota de campo)



Figura 55- Tanque Parque da Lomba (placa identificativa)

O Parque Ambiental da Lomba é um espaço inserido numa Zona de Reserva Ecológica Nacional que se destaca, entre outros aspetos, por abrigar um lavadouro tradicional, quase centenário. Inaugurado há quase duas décadas, em 2005, a criação do parque resultou de uma intervenção municipal com o objetivo de preservar o património existente e valorizar aquele local. No entanto, apesar dos esforços para melhorar a funcionalidade do espaço, o lavadouro parece estar destinado ao abandono. A falta de água e a consequente falta de utilidade fazem questionar se os objetivos da intervenção foram plenamente alcançados.⁴⁴

A intenção original era requalificar o lavadouro e transformá-lo num “espelho de água”, mas, atualmente, o lavadouro está seco e não reflete sequer a as vigas da cobertura que se encontram revestidas por uma vegetação seca. Além disso, o seu perímetro está parcialmente vedado com barreiras metálicas.

“o espaço está vedado com grades, que estranho” (nota de campo)

*“Isto sem água... e as grades já parecem estar aqui há algum tempo”
“parece estar tudo abandonado” (nota de campo)*

⁴⁴ <https://www.jn.pt/arquivo/2005/amp/antigo-lavadouro-da-lomba-virou-um-espelho-de-agua-512097.html/> e <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/comunicacao-e-imagem/noticias/noticia/inauguracao-do-parque-ambiental-da-lomba-guifoes>



Figura 56- Tanque Parque da Lomba (panorâmica)

Este lavadouro público de Guifões é hoje apenas o somatório das paredes e do fundo do tanque. As aberturas circulares no fundo, onde provavelmente estavam “ferrolhos” que impediam a passagem de água, agora estão visíveis, testemunhando a ausência de atividade no local. Uma placa de granito da estrutura, tem gravado o ano de 1932 e situa o equipamento em “Matozinhos” - evoca tempos passados em que a grafia e a importância do equipamento eram diferentes. Como que num diálogo temporal, essa pedra tem outra sobreposta, em mármore, que chama literalmente à “atenção” que a água é imprópria para consumo – afirmado, nesta, pela Junta de Freguesia de Guifões. Estas camadas de informação e de história, dispostas uma sobre a outra, reforçam a complexidade e a evolução do espaço ao longo do tempo. A placa cravada na pedra parece querer sobrepor-se à informação original, demonstrando uma mudança: o conhecimento anteriormente gravado na pedra para perdurar no tempo, já não é válido. Tal facto, de certa forma, demonstra como o conhecimento e as práticas são efémeros, e as marcas “a martelo e cinzel” não são suficientes para tornar o conteúdo permanente.



Figura 57- Tanque Parque da Lomba (pormenor placas sobrepostas)

No momento atual, o espaço está livre de resíduos e mais protegido contra as cheias –

“já não há água há muitos anos”. Antigamente a “água vinha do rio e causava inundações”. (nota de campo – transeunte)

“a junta pagou a um vizinho, que é pedreiro, para construir um muro”.

Como resultado, o terreno já não sofre inundações, mas o lavadouro ficou seco e deixou de servir o seu propósito (tanto o antigo de lavagem de roupa, como o idealizado enquanto espelho de água).

Embora tenha sido alvo de melhorias físicas, a sua vivacidade e utilidade foram perdidas, deixando apenas vestígios do passado, memórias do lavadouro cristalizadas nas pedras de granito, como os pequenos minerais que o formam.

Lavadouro e fonte da Vinha da Bouça (Perafita)

Numa era onde o novo constantemente substitui o antigo, neste lugar da freguesia de Perafita há lugares que não só resistem ao tempo, como procuram manter viva a memória coletiva e os equipamentos públicos utilizáveis para os seus “fregueses” - o lavadouro da Vinha da Bouça é um desses raros espaços.



Figura 58 - Tanque Vinha da Bouça

“A julgar pelo acesso, não é nada fácil encontrar isto”. (nota de campo)

Apesar do seu estado de conservação exemplar, quando comparado com os seus “semelhantes” de Matosinhos, o lavadouro da Vinha da Bouça permanece, certamente, incógnito para muitos. O facto de o equipamento estar tão bem cuidado e permanecer “fora do radar” do cidadão comum (e dos moradores locais?) faz questionar se o silêncio lá se verifica, reflete o desapego relativamente ao mesmo.

“não deve ter muitos utilizadores, aqui à volta só há casas de lavoura. Mesmo esses possivelmente só conhecem o lavadouro se forem antigos, está mesmo escondido.” (nota de campo)



Figura 59 - Tanque Vinha da Bouça (pormenor resíduos)

O acesso a este lavadouro é feito por escadas de granito, uma característica comum aos lavadouros de Custóias ou Leça do Balio, onde os equipamentos também se encontram instalados em cotas mais baixas. O tanque, cheio de água, parece já não esperar por lavadeiras diligentes. Alguma sujidade acumula-se, denotando um presente descuidado. Garrafas de bebidas alcoólicas e outros resíduos de embalagens, parecem testemunhas efémeras de um edificado de 1938 que ainda se mantém firme. Destaque para a pedra de lavagem, que se encontra numa posição alta, tornando a posição de lavagem da roupa mais “confortável”, relativamente a outros.

“alguns resíduos, garrafas, ali num cantinho – às tantas até há alguém a utilizar o espaço” (nota de campo)



Figura 60 Tanque Vinha da Bouça (pormenor pedra de lavagem)

A União das Freguesias de Perafita, Lavra e Santa Cruz do Bispo reconhece a importância deste património. Desde 2021, conforme divulgado nas redes sociais, que um projeto ambicioso de recuperação foi iniciado, com o objetivo de valorizar o património arquitetónico e, por extensão, enriquecer a qualidade de vida e o ambiente da região. Mostram assim que os decisores, também reconhecem a importância destes equipamentos enquanto património arquitetónico, mas também para a construção da identidade coletiva, como que fazendo uma ligação entre gerações.⁴⁵

⁴⁵ <https://www.facebook.com/100064855023981/posts/2281543175313540/>

6. Mergulhar a fundo | Analisando a água por camadas

6.1 Identidade local e memória coletiva no uso de lavadouros e fontes

Os lavadouros e fontes de Matosinhos são mais do que estruturas para a obtenção de água, são monumentos à memória coletiva, carregados de significado e identidade cultural. Ao longo dos anos, esses equipamentos foram testemunhas silenciosas da vida quotidiana da comunidade, constituindo espaços de encontro, de troca de experiências e de construção de relações sociais. Como afirma Sobral (1999), a memória não é um fenómeno individual, mas social, sendo construída e reconstruída ao longo do tempo. As lembranças associadas aos lavadouros e fontes são transmitidas de geração em geração, moldando a identidade da comunidade e fortalecendo os laços sociais. A água, elemento central nestes equipamentos, adquire um simbolismo especial.

Antes da distribuição generalizada de água, que só ocorreu nos finais dos anos 80 e 90 do século passado, essas fontes e lavadouros desempenhavam um papel central na vida comunitária, mas também contribuíam para os casos de doença relacionados com o uso de água de origem não controlada.

*Sr. José: Lentamente e praticamente agora... **passado aí dos anos, talvez 80, 90... toda a gente tinha água***

(...)

Miguel: E... notou-se isso também na saúde da população, não é?

*Começaram a **diminuir os casos... os casos de doença?***

Sr. José: Claro, de doença... diarreias, etc. provocados pela água.

Antes disso, a forma de abastecimento (não se poderá designar como um sistema de abastecimento), era precária e a sua distribuição desigual.

Miguel: Mas... tem ideia... de... aqui se calhar não... não sei se haveria tanto... das pessoas terem que percorrer alguma distância para irem buscar água.

Sr. José: Aqui... aqui não. Aqui a havia essas fontes na proximidade.

***Quer dizer** (quase que mudando de ideias), por exemplo, no Rio da Aldeia, **podiam correr a 500 metros** ou assim... aquela zona do Rio da Aldeia, todos iam lá buscar água.*

Miguel: (...) Eu vi também umas... além de algumas fontes... que tive a ver, vi uma bomba volante.

*Sr. José: **Haviam as bombas volantes** que... que tiravam água... e haviam as bombas de picota, também. Eram as duas maneiras que tirar a água... Mas isso era... era **em zonas que, na altura, não havia muita eletricidade nas casas**. Depois eram os motores, pescavam a água.*

Miguel: Sim.

Sr. José: (...) havia um em Perafita também... Que era pública, que as pessoas...

Miguel: Num recantozinho da estrada?

Sr. José: Sim, num recanto

Miguel: Essa acho que ainda funciona. Eu passei lá este ano... E... passou... estava um Senhor a passar na rua e ele disse que ainda funcionava, mas tinham que lhe por água.

Sr. José: Ai sim? Estava...desferrou! Diz-se assim, desferrou. Que chamavam isso... que tinha que ter um cano que tinha que ter sempre água.... Quando muita gente, passado muito tempo... e a água evaporava-se e já não pescava... tinham que meter água por cima, depois já dava.

O engenho foi assistindo persistindo no tempo e respondendo à necessidade de obter água. A referida bomba volante ainda se encontra acessível (na Rua José Joaquim Andrade, datada de 1938) e, apesar de estar seca, ainda funciona

***“só funciona se se colocar água no poço”** (nota de campo, bomba volante)*

O que faz questionar da sua preservação, além do valor patrimonial, afinal é um instrumento que serve para “pescar” algo que naquele local já não existe.

Ainda demorou muito

Junto à Ponte do Carro, numa das freguesias mais periféricas do concelho, também é referida a morosidade em ter acesso à água da rede:

Miguel: E quando vieram para cá, ainda não tinha então água da rede, pois não?

*Sr. Adolfo: Oh, isso **ainda demorou muito**.*

D. Diana: Ai não era só daquela mina

De uma forma genérica, o acesso à água da rede pública foi tanto mais tardia, quão mais distante a freguesia se afastava da urbanidade de Matosinhos e Leça da Palmeira. No Padrão da Légua, por exemplo:

Miguel: (...) E quando veio morar para cá, a casa não tinha água da rede? (em 1964)

*D. Manuela: Não, não. Lá está, tínhamos um poço. Que depois é que aprofundámos mais este. Já no tempo, também do meu avô, tínhamos o poço que tinha, fazia-se assim (gesticula com os braços) e a água vinha para encher, para encher uma bacia.
(...)*

Miguel: Mas o poço, por exemplo, tinha água o ano todo? Havia alguma em que...

*D. Manuela: Havia falhas, falhas de água... prontos... e enchia-se duas pias ou quê... Passado um bocadinho, já não tínhamos (...). O meu pai meteu depois, sei lá, acho que depois de saírem os caseiros é que o meu pai pensou em meter água da companhia **porque estava sempre a faltar**.*

*Miguel: E seria mais ou menos a por volta de que ano, tem ideia?
(...)*

D. Manuela: Foi quando se deu isto do 25 de Abril...

O hábito, a tradição do uso vinha já de há duas gerações. O que motivou a alteração do comportamento foi apenas o facto de a água estar “sempre a faltar”. Apesar de a habitação possuir água de captação própria, a escassez hídrica demonstrava que aquela forma de abastecimento não era suficiente.

Nestas captações particulares, a água levantava sempre muitas dúvidas, particularmente no que se refere à sua qualidade, mas também à quantidade – longe de ser uma água suficiente e segura. Essa preocupação não era infundada e a origem da água lembrava ditos antigos que “a água da fonte é muita, mas também se acaba”. Portanto, a realidade enfrentada pelas pessoas que viviam com a constante ameaça de escassez, enfatizava uma utilização sustentável deste bem.

O mesmo processo tardio de fornecimento de água verificava-se junto à Ponte do Carro, do lado de Guifões:

Miguel: Porque eles a água aqui da companhia, ele só puseram já depois do 25 de Abril, não foi?

*D. Diana: **Ui!! Isso lá muito tarde** (como que se lamentando e quase surpreendida com a pergunta)
(...)*

*Sr. Adolfo: Não, **nos anos já 90**.*

D. Diana: Ai, isso já foi muito tarde.

(...)

D. Diana: Ah sim... são muito quilhados para botar água. “

Além da demora no abastecimento de água, entende-se pela expressão popular que o tempo de espera foi grande, bem como que não haveria vontade política para

fazer chegar a todos um bem tão valioso, revelando, inclusive, a dificuldade na superação daquela necessidade.

Até há bem pouco tempo se verificava o uso de vários tanques, lavadouros públicos, para a lavagem das roupas em Matosinhos:

*“Sr. José: **Lembro-me de lavarem naqueles tanques principalmente de Leça do Balio.***

Miguel: Aquele que fica abaixo da escola?

Sr. José: Sim, que fica na rua da aldeia

Sr. José: Lavavam lá a roupa...”

*“D. Manuela: (...) À minha beira... à minha beira tem um Rio das lavadeiras, que era o Rio que antigamente... que **nós íamos lá lavar** a roupa. Sim, eu ia muitas vezes com a minha falecida avó e com a minha mãe também cheguei a ir, mas mais com a minha avó que eu ia...*

(...)

*D. Manuela: Tem... aí é ... na altura... **Na altura eram 2 tanques.** Aquilo tem umas escadinhas. Eu por acaso olhe... é lá à minha beira, mas... Nunca mais lá fui.”*

Já no que se refere ao abastecimento de água, a população matosinhense para se abastecer tinha, portanto, que fazer um uso regular das fontes (pelo menos até à década de 80 do século passado):

Miguel: (...) quais eram as fontes que eram mais utilizadas, as fontes públicas... que a população mais utilizava?

*Sr. José: Utilizavam as fontes públicas... Havia uma fonte pública ali... que chamava-se “**fonte pública do real**”, salvo erro. Perto do Pedro Hispano, que **iam lá muitos buscar água.***

(...)

*Sr. José: **A Fonte das Sete Bicas, ia lá muita gente abastecer-se de água.***

Miguel: Não era só na festa?

*Sr. José: Não.. **iam lá com vasilhas, encher vasilhas de água...Garrações.***

(...)

*Sr. José: Sim, Senhor... Sim, a **Fonte do Cuco...também, também.***

Miguel: Que acho que também havia muita gente que ia lá abastecer.

Sr. José: Sim, senhor, era verdade.

Miguel: (...) Tem ideia se eram mais pessoas de cá, ou se eram pessoas de fora?

*Sr. José: **Eram mais pessoas cá.** (...)*

Contudo, apesar as condições consideradas deficitárias em Matosinhos, eram relativamente melhores quando na perspetiva de outro entrevistado. Esta diferença de

opinião não resulta só do seu olhar técnico, mas também porque lhe foi questionado termo de comparação, relativamente ao ano de 1960:

Miguel: (...) notou alguma diferença entre a realidade de (nome do concelho, no distrito de Braga de onde é natural) para Matosinhos na altura?

*Sr. José: **Muita. Muita diferença.***

Miguel: Que diferenças é que notou assim mais?

*Sr. José: **Muito mais desenvolvido o concelho de Matosinhos.** (...)*

Miguel: (...) Mas... como... diz-me que achou mais desenvolvido, mas eram as casas? A nível dos serviços?

*Sr. José: Em todos os aspetos. Sim, isso... **Tudo mais desenvolvido no aspecto de... de, por exemplo, toda a gente tinha eletricidade aqui... e lá, na minha aldeia, havia alturas... havia pontos que não havia água potável, nem eletricidade nessa altura.***

Esta caracterização é feita em termos comparativos, daí que aos olhos deste entrevistado fosse, na mesma altura, considerado Matosinhos um concelho desenvolvido, podendo até nem ser essa a opinião dos matosinhenses à época. De facto, o concelho de Matosinhos em 1960 era caracterizado por uma distribuição mais deficitária e desigual, porque eram várias as freguesias (e não apenas lugares das freguesias), com carência no fornecimento de água (mesmo considerando o retrato traçado por Godinho de Faria em Monographia de Bouças)

Sr. José: Tenho. Comecei a trabalhar em Novembro de 73.

(...)

Miguel: (...) desde que... que veio para cá, não é, até que começou a trabalhar cá... Notou alguma evolução no concelho? Já tinha alguma coisa mudada? Ou seja, neste entre 1960 e 73...nestes 13 anos

*Sr. José: Sim. Porque já **havia muito mais abastecimento de água potável, embora não cobrisse todo o concelho...***

Miguel: Tem ideia assim... de algumas zonas mais sensíveis?

Sr. José: Olhe Leça do Balio, por exemplo. (silêncio) Lavra... Guifões... e até S. Mamede de Infesta.

(...)

*Sr. José: Quer dizer, **não quer dizer que todas as casas não tivessem água potável. Muitas tinham, mas algumas não tinham. Era água do poço.***

Portanto esta exclusão do acesso não era específica das freguesias mais periféricas, ou atualmente mais rurais e a utilização das fontes era complementada com o uso dos poços e minas.

A quantidade de água, mais do que a qualidade desta, ia marcando a urbanização do concelho, mas não só. No caso particular dos usos da água e na

situação específica da Ponte do Carro, era a disponibilidade da água, além das necessidades dos pequenos produtores domésticos, que definia o plantio:

*D. Diana: **Aqui sempre, sempre metemos milho, daquele lado e metemos batata** deste (apontando para os diferentes locais) e **algumas curiosidades agora deste...** (...)*

Miguel: Mas, por exemplo, o que vocês plantam aqui também tem a ver com a quantidade de água que tem no terreno, não é?

*D. Diana: **Temos acolá acima, naquele ciminho um poço, umas minas.***

(...)

*D. Diana: (...) meter assim por exemplo, como ele ainda hoje esteve a meter, **um bocadinho de cebolo**, no outro cebolo da margem, nestas curiosidades... **que aqui é mais quente e recebe mais água.***

A facilidade de acesso e uso da água marcava o quotidiano. A prática da lavagem de roupas deixa bem marcadas no discurso as dificuldades vivenciadas:

*D. Manuela: Eu sei que ia e vinha com aqueles baldes, **ainda me lembro de vir com os baldes***

(...)

*D. Manuela: Alguma que era pesada, ficava lá estendida. Depois, ao fim da tarde... ou eu e o meu avô íamos buscá-la. Metíamos na bicicleta a roupa... e eu no selim da bicicleta, que ele fez uma cadeirinha. Não sei se foi por... não sei, tive assim ... até **era uma boa infância que eu tive. Tive sim senhora.***

(...)

Miguel: (...) tem boas recordações daquele tempo, de antigamente, do tanque

D. Manuela: Sim, sim, sim...

Apesar das dificuldades vividas, algumas bem marcadas e explicitadas, como o transporte das roupas de e para o tanque, o balanço das vivências era positivo. O engenho (e o uso da bicicleta) permitiam encarar as dificuldades num diálogo que se foi tornando cada vez mais facilitado e menos desequilibrado.

(...)

D. Manuela: Olha velhos tempos, velhos tempos.

Miguel: Mas bons

*D. Manuela: **Mas bons! Mas olha também agora não queria esse tempo.** Acho que...*

Miguel: Era muito difícil, não é?

Embora a expressão “bons velhos tempos” seja frequentemente usada, as dificuldades enfrentadas no passado não nos fazem querer revivê-las. As experiências

são guardadas na seção das boas memórias, revisitadas com carinho, mas de um passado que não se deseja repetir. Como destaca Durand (2003, p. 18), “após alguns anos, as memórias já têm poucas certezas sobre o desenrolar dos acontecimentos ou os papéis dos diversos protagonistas”.

6.2 Influência cultural e histórica nas representações sociais da água

As práticas observadas e os testemunhos das entrevistas revelam uma profunda ligação entre a comunidade e a água. Evidenciam também como essas práticas são transmitidas e como influenciam a cultura e história locais. Além do uso quotidiano da água, existe também um local particular onde a água possui um simbolismo, uma dimensão além da natural, na Fonte das Sete Bicas. As fontes e lavadouros, de uma forma geral, representam de alguma forma as comunidades em que se inserem.

Algumas das práticas referidas pelos entrevistados, começaram a ser desempenhadas com quem lhes transmitiu os procedimentos a adotar e a sua importância: os pais ou avós.

*D. Manuela: (...) nós íamos lá lavar a roupa. Sim, eu ia **muitas vezes com a minha falecida avó e com a minha mãe também cheguei a ir**, mas mais com a minha avó que eu ia...*

(...)

D. Manuela: Oh claro... e iam lavar as carpetes e os tapetes. Com... com a bacia na cabeça, com aquelas rodilhas... cheguei a ir muitas vezinhas... (...) Íamos lá mais que uma vez, que eu lembro-me, eu era pequenita. Eu lembro-me de ir com a minha falecida avó. Ir lá muitas vezes buscar aquela roupa.

Não eram apenas as transmitidas entre gerações os conhecimentos relativos aos cuidados com a água. Algumas boas práticas, como as instruções para conservar o património associado também se passavam geracionalmente:

D. Manuela: As pias conservam-se. Que de vez em quando eu encho, que é para elas... Como é que... Como é que eu hei-de explicar... que é para elas não abrirem?

Miguel: Para não estalar, não é?

*D. Manuela: Ora... como meu **falecido pai dizia** (em concordância): “**Tem sempre as pias, nem que seja como meia d'água**”, que é pra elas... porque ali atesta o calor (...)*

Ainda que muito dos testemunhos se refiram ao passado, a água de origem não controlada ainda faz parte do quotidiano em Matosinhos. Os seus usos já não serão tão diversos, contudo, é frequente o seu uso para rega e, também a este nível, todo o processo está devidamente gizado e testado na prática:

D. Diana: A gente levámos (...)a bomba lá para cima (...)

*Sr. Adolfo: E no fim da **rega**, retirar a retirar a bomba.*

Miguel: Portanto, todos os dias têm que fazer isso?

D. Diana: É quando precisamos da água!

(...)

Miguel: Voltando outra vez um bocadinho aqui a água, então vocês têm que trazer água para aqui, não é? Ou com a bomba...

*D. Diana: **Ah temos todas encanadas**, olhe, vê o cano?... (aponta para o campo). Se ela vem, **enchemos para aqui primeiro** (apontando para o terreno e alguns reservatórios lá deixados). **Depois ligamos acolá, depois regamos aqui...** e é assim (...)*

Naquele local a sustentabilidade é a palavra de ordem. As plantações são as da época do ano e em função da água. Na abundância das águas, sejam elas da chuva ou da mina, estas correm de campo em campo, por força da gravidade, e os “excedentes” são armazenadas em bidões de plástico. Os frigoríficos velhos são reutilizados como floreiras.

Ainda leva água de lá

Mas não são só os moradores daquele local os que usufruem da sua existência. Há muitos beneficiários de zonas mais distantes e fazem-no para diferentes fins:

*D. Diana: ...**Vêm aqui buscar**...num carrinho, numo carro... **levam garrações** para botar assim mesmo. **Regam os quintais**, para não estar a gastar da companhia,*

*Sr. Adolfo: **Até já vieram aqui de lá de cima de Custóias com um carro...** e levaram a mala do carro, cheia de **latões de água para regar hortas**.*

*D. Diana: Ah faz muito jeito...**o vizinho vai buscar lá que é para o toiro...** Para o gado que tem a... tinha toiros, mas agora é como eu, também tem só galinhas, mas **ainda leva água de lá...***

Sr. Adolfo: É tem só galinhas agora...

*D. Diana: E **governa-se com ela de lá**.*

(...)

Miguel: E ainda vai ali muita gente, então, às vezes buscar água?

*D. Diana: **Vai!!***

*Sr. Adolfo: **Ainda vão**, ainda vão lá buscar.*

A água da bica da Ponte do Carro (em Guifões), bem como da outra bica junto da ponte, ainda são utilizadas atualmente para o seu fim mais nobre: o consumo humano. Contudo, é admitido que este uso é pontual:

Miguel: E ali naquele tanquezinho à beira da vossa casa, para que é que acha que as pessoas usam aquela água? Usam para beber, usam para cozinhar para lavar?

D. Diana: Ah agora é só um velhote, que eles lhe chamam de “burro”, que mora prá ali...

Sr. Adolfo: Mora aqui em cima (aponta) ...

D. Diana: Que ele vez em quando vai lá.

*Sr. Adolfo: **Vêm buscar uns garrafõezitos dela***

Miguel: Mas porque acha que ele vem? Ele não tem água em casa? Ou porque gosta mais daquela...

D. Diana: Tem! (sem margem para dúvidas). Tem... deve ter, não deve?

Sr. Adolfo: Tem, tem.

*D. Diana: Mas **para beber tem de ser da dali** (...).*

A considerar pela descrição deste utilizador habitual, depreende-se que talvez não lhe reconheçam muitas virtudes – apesar da simbolicamente o burro ser um animal de alguma nobreza, contudo admite-se que a forma como o adjetivam poderá estar associada a alguns comportamentos e/ou estilos de vida menos de acordo com o comportamento padrão (mas é algo que não foi questionado). Contudo, este não é o único que se abastece naquele local:

Esta água é boa para “curtir as azeitonas”; “até pelo padeiro bebe desta fonte” (nota de campo, ponte do carro)

*D. Diana: E este **padeiro, vai lá para beber!***

Miguel: Sim o padeiro tinha-me dito, não é?

Sr. Adolfo: Ele para e vai lá beber...

Desta forma, se verifica que, afinal, o local não é apenas procurado por alguém com apelido pouco elogioso, mas também por quem tem profissão com reconhecimento social. Além destes, que apesar de não serem designados nominalmente, existem outros os utilizadores anónimos daquelas águas:

*Sr. Adolfo: **Quem passa à beira de uma estrada e vê uma bica de água, o que quer é parar para ir beber água fresca.***

(...)

*Sr. Adolfo: Por exemplo esses agora que vêm ali para os treinos (?), se quiserem beber, a bica está a correr... **chegam ali e bebem!***

Igual princípio é referido pelo Sr. José, como quem se sustenta nas “leis da oferta e da procura”, e não se referindo necessariamente a esta fonte:

*Sr. José: (...) **Passou numa fonte, se tiver sede, vai beber!** (como se fosse mais que um dado adquirido, quase uma determinação legal!)
Não é?
Miguel: É isso, não é? A pessoa passando...
(...)
Sr. José: É uma água que corre... vai beber.
Miguel: Exatamente. Portanto, a questão da água corrente como uma garantia que a água que estará...
Sr. José: (interrompendo) Que está própria!*

Aplica-se, portanto a sabedoria popular do adagiário português, “água corrente não mata a gente”. Cuidados só são necessários com as restantes águas: “águas paradas, cautela com elas.

Regressando às águas da Ponte do Carro, sabe-se que a sua utilização já não é tão constante, tendo uma utilização sazonal – não fosse aquela área ajardinada, e recentemente recuperada, mais procurada no verão.

*Miguel: Muito bem, então ali a utilização daquela fonte tem mais no Verão, não é que possa passar alguém.
D. Diana: É...é mais no verão... agora vão lá poucos. Há muita água.
(...)
D. Diana: Sim...garrações, latões, garrafas.... Sim, senhora! Precisa muita gente e a gente não... não... Não diz nada... (...)*

Há portanto, liberdade para quem daquela água quiser fazer uso. Não só a água se encontra disponível, como não é feito qualquer comentário sobre a sua utilização.

Se estas fontes têm uma componente histórica ou cultural de menor relevo no domínio do conhecimento público, há outra em Matosinhos, mais especificamente na freguesia da Senhora da Hora, que cuja referência histórica e tradição estão bem documentadas: a Fonte das Sete Bicas. Esse reconhecimento é devido aos valores e crenças atribuídos aquela água e às bicas, sete, que compõem a fonte. É uma das fontes mais conhecidas do concelho, se não a mais conhecida, e teria muitos utilizadores:

*Sr. José: Sim, **património** sim. Não sei se está classificado! (teve uma postura mais cautelosa que a minha!) Sei que a Fonte das Sete Bicas... é, é... **muito, muito importante aqui em Matosinhos. Toda a gente conhece a Fonte das Sete Bicas.**
(...)*

*Sr. José: A Fonte das Sete Bicas é **conhecida a quase no país todo**.*

O uso daquela água teria outros fins, nomeadamente o de juntar duas pessoas sob o desígnio do “amor eterno”. Contudo, ao nível da saúde pública, a preocupação estava na redução do risco para os utilizadores:

*Sr. José: (...) e a água nunca lhe fez mal, iam lá beberem água. **E também uma questão económica**. Se haviam de gastar água da rede pública... consumiam aquela. É claro, nós depois **íamos insistindo sempre que deviam abastecer-se de água da rede pública**, que era de confiança. A outra podia provocar doenças, etc. Mas, não chegava a toda a gente.*

Esta fonte tem, portanto, todo um contexto histórico e cultural que a distingue das restantes, tendo particular significado para o concelho de Matosinhos.

Na maré lavávamos todos

A história relatada pelos testemunhos é clara ao apontar uma evolução histórica, com mudanças claras ao nível do património hidrológico, mas também das representações sociais – até porque alguns dos equipamentos visitados e citados hoje já não se usam. Veja-se, a título de exemplo, na Ponte do Carro (do lado de Guifões), em que aquilo que hoje se parece apenas com uma pequena bica, tem escondido no interior da vegetação um tanque de maiores dimensões e que antigamente dava outra importância aquele local (e aquelas águas):

*D. Diana: Era... ui, **até vinham as lavadeiras**... Todos nós éramos nove caseiros, nove! Agora não, agora somos dois aqui e dois acolá... somos quatro (entristecida). Mas nós éramos nove.*

Miguel: E então tinham que ir buscar a água, vinham, vinham com os cântaros ou baldes?

*D. Diana: Ai não, **lavávamos lá naquele tanquinho**, com você viu... tem coisa lá...*

Miguel: Sim, aquele à beira do rio, não é?

D. Diana: Não, aqui! (referindo-se à pequena bica que “resta” no terreno privado)

(...)

*D. Diana: (...) Agora que ninguém lá vai lavar, mas **na maré lavávamos todos, não havia outro sítio onde lavar**... era lá.*

Miguel: E se calhar até vinha gente de fora lavar aqui, ou não?

D. Diana: Vinham os caseiros de acolá da subida (aponta), também não tinham água...e...e...vinham ali (...)

D. Fátima, vizinha do lavadouro:

a utilização do lavadouro é mais frequente nos meses mais quentes;

*há “um senhor de Guifões que ainda hoje veio aqui lavar a roupa”,
Há menos gente a lavar agora, em comparação com o tempo em que
“aquelas casas eram casas de lavoura”.*

A D. Emília admitiu também ser uma utilizadora ocasional do equipamento, mas opta por lavar a roupa em casa na maioria das vezes.

A água que abastece o lavadouro vem “do ribeiro” e a qualidade da água varia de acordo com as condições do caudal (nota de campo, Tanque dos Lavadouros)

As fontes, e alguns tanques, parecem de abandonados, o que vai demonstrando que com o passar o tempo o valor da água (e dos equipamentos urbanos) tem vindo a diminuir. Particular lamento para quem vivenciou o seu uso (e, possivelmente, maior lamento para quem fazia uso):

*Sr. José: Aonde **havia também, uma fonte mas agora, também, a tiraram**, era no Carriçal. Também era uma fonte, onde as pessoas iam muito buscar água lá (conforme tinha visto na análise documental).*

(...)

Sr. José: Mas agora...

Miguel: (interrompendo novamente) Não deita quase água nenhuma, não é?

*Sr. José: **Não, não deita água...** Mas é, não é onde deita essa pouca água, era cá em baixo!*

(...)

Miguel: Aquilo está um bocado vandalizado.

*Sr. José: **Sim. Agora não, não cai água nenhuma. (como que com algum lamento pela falta da água naquele local)***

Miguel: É. Alguns sítios estão assim mais vandalizados... e há um “bocado”, queria-lhe falar e não me estava a lembrar... O parque da Lomba, que é à beira do rio. Que foi uma obra do Narciso Miranda...

*Sr. José: **aquela ponte bonita que estava lá (dizendo muito baixo e com alguma tristeza** – este comentário só foi percebido aquando da transcrição...)*

Um “vizinho” informou que no lavadouro “já não há água há muitos anos” e que antigamente a “água vinha do rio e causava inundações”. Contudo, isso agora já não se verifica porque “a junta pagou a um vizinho, que é pedreiro, para construir um muro”. Como resultado, o terreno já não sofre inundações, mas o lavadouro ficou seco e deixou de servir o seu propósito (Parque da Lomba)

Relata-nos ainda uma situação específica, de uma fonte que ficou marcada na memória:

Sr. José: Ele havia uma fonte também que depois ficaram... que é...quem vem do cemitério para baixo, que se vira à direita (tentando explicar-me, novamente, também com gestos).

(...)

Sr. José: (...) Essa já era em Matosinhos. E também..., mas depois, depois levantaram... mas chegamos lá a acolher água também que dava imprópria. Que era... tinha uma fonte... ali num montezinho..., que agora fecharam aquilo... Mas isso nos anos 70...

Parreira et al. (2018; p.20) refere que “os elementos afetivos são reconhecidos como constituintes das representações sociais, opondo-se [...] às posturas estritamente cognitivistas que destacam apenas o papel da formalização do pensamento nas mesmas”. A entrevistada, ao recordar os tempos em que os tanques eram utilizados por nove caseiros, dos quais apenas quatro permanecem, expressa um sentimento de perda. Ela manifesta tristeza pela mudança na realidade comunitária, revelando como esses locais agora evocam nostalgia. Ao afirmar que “agora ninguém lá vai lavar”, a D. Diana expressa a perda de uma parte da identidade coletiva.

O mesmo sentimento é observado no relato do Sr. José, que lamenta o estado de abandono das fontes: “Mas agora... não deita água... Mas é, não é onde deita essa pouca água”. A emoção, embora de forma subtil, está presente no seu discurso, parecendo revelar um vínculo emocional com aquela fonte especificamente, mostrando que a degradação física das fontes reflete uma degradação simbólica. A tristeza com que ele se refere à fonte, que antes era importante para a comunidade (“onde as pessoas iam muito buscar água lá”), exemplifica como a representação social daquela fonte é profundamente influenciada pelos sentimentos de quem a vivenciou.

Apesar de tal ser referido nestes dois testemunhos, as representações sociais não são apenas uma coleção de pensamentos individuais, mas uma construção coletiva que reflete a experiência partilhada de um grupo. Conforme refere Parreira et al. (2018; p.20), deve-se “considerar o conjunto de ideias, atitudes, valores e conhecimentos elaborados pelo grupo social e retraduzidos pelo indivíduo na sua experiência particular”. Desta forma, no contexto dos tanques e fontes mencionados, a opinião da D. Diana e do Sr. José não deve ser tida como isolada, mas representativa de um sentimento mais amplo dentro da comunidade.

Apesar das inúmeras vantagens da domiciliação da água da rede, os tanques públicos foram sendo depois também abandonados, perdendo interesse e a utilidade.

*D. Manuela: Portanto, **são 3 todos seguidos que o meu falecido pai fez.***

(...)

*D. Manuela: Ai são grandes... O de cá é enorme. **É enorme é! Porque a gente mete lá até as passadeiras e tudo...** as carpetes e tudo. Meto lá e depois tira-se. (...)*

(...)

D. Manuela: É. Não, não... Desde que o meu pai fez aquilo, a gente deixou de vir cá abaixo

Miguel: Sim

D. Manuela: Com a roupa que era muito pesada. Era muito pesado e a minha avó também já não podia

(...)

D. Manuela: (...) depois a gente foi crescendo, foi como tínhamos água, já não íamos lá tantas vezes... já não íamos lá lavar...

Estas atividades comunitárias foram-se extinguindo enquanto tal e foram sendo transferidas para o espaço particular, para a comodidade do terreno onde a habitação fora construída.

A falta de manutenção dos equipamentos públicos já era assinalada por Godinho de Faria (1899; p.51) quando refere que em Infesta, que era “abastecida publicamente por cinco fontes (...) a necessitar de reparos urgentes, os terceiros que a Câmara manda realizar”. Também mais recentemente a falta de zelo relacionada com limpeza e mudança de águas para a não criação de depósitos no fundo do tanque. É relatada:

“Sr. José: Esses tanques de uma vez deram um trabalho!!! Criou-se mosquitos por toda a parte! (outro dos problemas relacionados com a água). “O que era?” Fomos averiguar, e os tanques estavam cheios de larvas! (depois de referir a origem do problema, partilha a solução adotada) Abriu-se a água, portanto os tanques ficaram secos, acabaram os mosquitos!

Miguel: Pronto! (breve silêncio, como que para apreciar os procedimentos adotados, a eficácia do diagnóstico e da solução) É porque, às vezes...

Sr. José: E foi na Quinta da Conceição isso. “

Ainda que em contexto que não o do consumo humano, a falta de manutenção destes equipamentos, ainda que sem o seu uso originário, pode promover o desenvolvimento de vetores, com risco para a Saúde Pública.

Ao nível histórico, talvez por no presente ano se assinalar os cinquenta anos da Revolução de Abril, verificou-se que este marco histórico referido em todas as entrevistas como um ponto de mudança. O dia 25 de abril de 1974 foi um acontecimento marcante e as interações testemunham melhorias significativas vivenciadas nos anos pós-revolução e que tornaram o país melhor:

Miguel: (...) As coisas mudaram muito do 25 de Abril para cá, porque eu sou ...eu nasci depois do 25 de Abril...

D. Diana: Pois foi, pois foi...

(...)

Miguel: Mas também concordam que, não é, que houve aqui uma mudança muito grande

*Sr. Adolfo: **Sim, houve, houve...***

Miguel: O povo passou a ter condições de saúde e para e para viver muito melhor?

*D. Diana: **Tudo, tudo!***

*Sr. Adolfo: **Isto mudou muito. Mudou radicalmente.***

D. Diana: À bem... (suspira) A vida da antigamente? À bem... Passava-se muito! (volta a elevar a voz, indignada com o passado) o meu pai, o meu falecido pai... Escondeu... um... contava ele... mais um irmão que eram muito amigos... escondeu uma caixa de milho... Por lá... à beira da mesa, à beira da mesa...

E seguiu com o seu testemunho contando pormenorizadamente como o seu progenitor não só teve uma ideia artilosa, como escapou à polícia política, como preservou um *stock* de um dos bens mais precioso à época: a comida.

As condições socioeconómicas, que também afetam as representações e práticas relacionadas com o uso de fontes e lavadouros, eram muito diferentes antes de 1974. O contexto era bem diferente do habitual, nomeadamente o que é referido junto à ponte do carro:

D. Diana: E quem tinha bois e arado e tudo... quer dizer, pronto, lavradores. E depois a lavoura começou a não dar muito bem... E, não, não foi só aqui, foi em todos os lados. Em cima e em todos os lados. Começaram a fazer casas pós fulanos que vinham das aldeias para cá, está perceber? Naquele tempo para uma casinha pequenina e era com poucas divisões e divisões pequeninas. E a pessoa acolitava-se a isso. Agora não, agora ou tem que ser boas, ou então não tem...

A descrição revela como as condições socioeconómicas moldavam as práticas e expectativas das pessoas antes de 1974. As famílias viviam em casas pequenas e com poucas divisões e a adaptação às circunstâncias difíceis era diária e uma necessidade para a sobrevivência – eram quanto chegasse, quando chegava pouco – “e a pessoa acolitava-se a isso”. As condições socioeconómicas têm um impacto profundo nas práticas e comportamentos das pessoas. A entrevistada ilustra como a adaptação às circunstâncias difíceis era uma realidade comum antes de 1974. Com o tempo, as expectativas mudaram, e hoje as pessoas esperam melhores condições de vida.

Verificaram-se, depois de 1974, muitas mudanças e muito significativas nos últimos anos ao nível da qualidade de vida e da saúde pública. Poderá dizer-se que são mudanças recentes, até pelo facto de, por exemplo, haver recordações, vividas na primeira pessoa, da chegada do abastecimento público às habitações.

Miguel: E, lembra-se, lembra-se perfeitamente, então de chegar à água da companhia não é, às casas.

*D. Manuela: **Sim, lembro-me** porque depois o meu falecido pai meteu. (...)*

*Miguel: **Isso já foi depois de 74?***

*D. Manuela: **Sim** (...)*

(...)

Miguel: Pensando no seu neto, não é? E pensando na sua vida como quando tinha a idade dele, era muito diferente. Esta questão do acesso à água?

D. Manuela: Claro, claro.

Miguel: Não é, porque só... não ter que andar, só ter que andar a carregar a água, não é? Porque era muito peso...

D. Manuela: Carregávamos a água para dentro, para dentro de casa, era ...

As mudanças notavam-se nas diferentes perspetivas, ao nível individual e coletivo, ao nível da saúde da população, ao nível nacional e à escala concelhia:

Miguel: Portanto, foi um.... Uma melhoria para o concelho.

*Sr. José: Uma **melhoria estrondosa para o concelho**.*

A água como símbolo cultural e histórico: observações na Fonte das Sete Bicas

Atendendo à notoriedade da Fonte das Sete Bicas e do simbolismo que lhe é atribuído, procurou-se aferir um pouco mais sobre o valor simbólico das águas e da própria fonte para melhor compreender as práticas naquele contexto local.

A fonte é referida, sobretudo, pelas suas “propriedades” casamenteiras e por ser visitada particularmente no dia das festividades da Senhora da Hora:

“Miguel: (...) Lembra-se de ir a alguma fonte beber água? Porque às vezes havia algumas fontes.

D. Manuela: Havia ali na Senhora da hora, a fonte das 7 Bicas.

Miguel: Ok, aquela à beira da igreja?

*D. Manuela: Sim, sim. Que **até lhe chamavam a fonte dos namorados**.”*

(...)

Miguel: ... mas lembra-se que ouvi falar de alguém que tenha ido lá? Se ia lá muita gente todos os anos... porque havia muita, muita romaria lá na festa da Senhora da Hora.

D. Manuela: Sim, sim. Dantes havia, mas eu se fui lá, foi uma vez ou duas.

D. Manuela: Cheguei a ir lá... cheguei a ir lá com o meu avô também.

Miguel: Mas terá ido na altura da festa ou fora da festa?

*D. Manuela: E eu acho que foi **na altura da festa** que nós fomos lá. Eu acho que foi porque ele comprou-me... comprou-me cavacas*

A festividade da Senhora da Hora era mesmo uma das maiores romarias do grande Porto – foi esse também um dos motivos para a realização da observação etnográfica naquele local e naquela data específica. Muitos romeiros certamente iriam pela festa, mas seguramente que outros iam com alguma devoção ou, pelo menos, com uma segunda intenção de se fazer cumprir a lenda:

Miguel: Então lembra-se das pessoas também irem lá beber?
*D. Manuela: A água? Lembra-me de beber...como **chamavam a fonte das Sete Bicas e bebia um bocado de água em cada coisa***
Miguel: Em cada bica.
D. Manuela: E eu também cheguei a beber um bocado de água.
*Miguel: **Mas acha que as pessoas bebiam por sede, pela brincadeira de beber todas, ou era mesmo para casar?***
D. Manuela: Sei lá, não sei
Miguel: O que é que acha?
*D. Manuela: Sei lá, eu não sei, **não lhe sei explicar** (dá um ar de riso). Eu fui lá porque prontos... **Toda a gente dizia que era a fonte dos namorados e eu olha, também fui**, mas não foi por casar porque o....não casei assim tão nova (ri-se).*
Miguel: Não foi por causa da fonte?
*D. Manuela: Eu era mais por causa da fonte... e **havia gente que ia lá, olhe ainda agora, há gente que vai lá aos garrafões... aquela água é boa. Antigamente era, antigamente era.** (como que a interrogar-se)*
(...)

Ainda hoje aquela água é procurada e, aparentemente, apenas para o seu consumo, não com as eventuais intenções de arranjar namorados, ou de ser casamenteira:

Miguel: (...) Se calhar ali, nas “Sete Bicas” também há alguma questão de crenças, não é? Por causa da “lenda das Sete Bicas”.
*Sr. José: **Da lenda dos casamentos...** ... e da Fonte das Sete Bicas, sim também. A Fonte das Sete Bicas ... e **há até canções dedicadas à Fonte das Sete Bicas**”.*

De facto, a canção não só existe, como está gravada por vários artistas. Diz a canção que faz a descrição da envolvente e do local em específico (“Vamos os dois campos fora, / Para a Senhora da hora”), do procedimento específico a adotar (“Vamos beber água à fonte / À fonte das sete bicas. / Pelas sete bicas da fonte”). O ritual, de acordo com a referida canção, inclui um pedido divino (“Eu peço ao Senhor para casar

contigo”) e termina em forma de agradecimento (“E já depois de casados / Como somos educados / Iremos agradecer / À fonte dos namorados.”)⁴⁶

Esta tradição era, portanto, muito enraizada:

(...)

Miguel: (...) havia a tradição das pessoas irem lá beber que era para casar, não é?

*Sr. José: **que era para casar** (concordando com o referido)*

Miguel: Tem ideia de, na sua juventude, as pessoas irem lá também por este motivo?

*Sr. José: Não me lembro... Quer dizer, **constava isso, mas eu nunca vi... eu nunca vi. Mas constava isso, que iam lá fazer “juras de amor eterno”**.*

(...)

Miguel: E que as pessoas tinham que beber, então, acho que das Sete Bicas, não é? Que era para poderem casar.

*Sr. José: **Para poderem casar**.*

(...)

Miguel: E por que acha que elas se abasteciam na mesma? Por necessidade? Por costume?

*Sr. José: **Por costume!** (uma verdade inabalável) Sempre beberam aquela água.*

Nesse sentido, procurou-se compreender melhor este fenómeno, permanecendo no recinto onde se localiza a fonte no dia das festividades da Senhora da Hora para realizar a observação participante. A presença no terreno, forneceu notas importantes relativamente ao local e ao que este representa para os seus utilizadores.

O número de bicas daquela fonte indicia um significado além do óbvio. A fonte tem sete bicas e o número sete é também “símbolo da plenitude, aponta para os sete sacramentos, para os sete dons do Espírito Santo, para as sete virtudes, para os sete dias da semana...”. Contudo, “o número sete das “bicas” pretende dar significação religiosa a um culto pagão da fecundidade, associado à abundância da água neste local.”⁴⁷

O dia da observação convidava a um passeio no parque. Foram mais os frequentadores do parque, do que os utilizadores da fonte – algo espectável. Contudo, enquanto o investigador se acostumava ao contexto, e tinha pouco tempo para isso, eis que surge uma utilizadora da fonte:

*NC 2 - 17:22h - uma Senhora **avança, desce a escada, e com as mãos, bebe da fonte** usando a bica do lado direito. Apenas de uma delas. Bebe com a mão em concha. Olhou para mim enquanto*

⁴⁶ <http://asminhascantigas.blogspot.com/2013/09/a-fonte-das-sete-bicas.html>

⁴⁷ <https://paroquiasenhoradahora.pt/index.php/paroquia/patrimonio/nucleo-antigo/parque-das-7-bicas>

descia... os seus óculos escuros devem ter espelhado o seu anonimato no meu, a nossa discrição mantém-se. Enquanto escrevo a senhora, que, entretanto, acabou de beber, sobe ... a sua roupa alva ascende rapidamente e, da mesma forma, desaparece pelo meio do parque.

Este foi o primeiro registo de um utilizador do parque a recorrer à fonte para beber, aproximadamente cinco minutos após ter iniciado a observação. Indicia que o local para observação tenha sido bem selecionado: permite a observação e não condicionou o uso da fonte.

*NC4 - 17:38h - o senhor do verde vai embora... sai em passo lento, acompanhado por uma criança que leva pela mão e por uma senhora de cabelo preto. **Sou observado, é natural...** tão natural como o ambiente e a água. Reparo que no cimo da fonte há uns cabos com pequenas lâmpadas... e uma candeia mas que é eletrificada. Entretanto duas senhoras aproximam-se da escadaria e não descem, tal como o casal. Falam baixo, contemplam pouco tempo, não coincidem por segundos e seguem por caminhos opostos. A Candeia, com ar ancestral, está agora provida por uma recente lâmpada branca em espiral.*

Os principais utilizadores daquela fonte são senhoras. Bebem por apenas uma das bicas, particularmente a da esquerda, ou começando por esta.

*NC10 - 17:57h - uma **senhora** está a lavar a cara na fonte do **lado esquerdo**... vai seguindo uma a uma... beberica, com a mão em concha, em todas elas. Também se refresca... e molha os pés. Molha as palmas das mãos e molha o rosto. O companheiro (?) fica nas escadas. Olha indiferente, não se manifesta... nem apoia, nem pergunta se a água é boa, se foi refrescante ou se se cumpriu alguma tradição.*

*NC 14 - 18:15h – (...) A **senhora** do outro casal (que, entretanto, desceu) **bebe da fonte da esquerda**. O senhor segura na carteira enquanto a senhora molha as mãos nas restantes bicas... ela volta atrás e bebe um pouco de cada bica.*

*NC22 - 18:59h - estou quase a preparar-me para ir embora... (...) Um casal surge - **ela** destaca-se pelo seu cabelo vermelho. **Dirige-se à fonte e molha a mão esquerda em todas as bicas. Com a mão molhada, molha a mão direita e repete este ritual em todas as sete bicas até que saem os dois.***

Diz o poeta, Carlos Tê, que o lado esquerdo “é mais forte do que o outro, é o lado da intuição. É o lado onde mora o coração”. Certamente que o poeta não explica este comportamento da preferência pelo lado esquerdo. No cristianismo, e está-se aqui

num local e festividade com (atual) fundamento cristão, o lado perfeito é o lado direito, é desse lado que o Cristo se coloca, “à direita do Pai” – pelo que se pode especular que essa opção está nos antípodas daquela premissa da perfeição, ou nos antípodas do cristianismo. Tal como referido acima, está-se a atribuir uma simbologia religiosa a um culto pagão.

O recinto convida a registos fotográficos e isso mesmo é testemunhado, destacando-se o facto das fotografias serem tiradas “à fonte” - não se verificou qualquer registo fotográfico que envolvesse a presença humana junto com a fonte ou as suas bicas:

*NC1 - 17:19h - aproximam-se das escadas 2 senhoras. Não consigo ouvir o que dizem - a música da festa não permite. Pop anglo-saxónico substitui, quiçá, a música tradicional portuguesa. Sai um telemóvel do bolso e **procura-se melhor ângulo para a fotografia**. Apenas a Senhora do vestido às flores tira fotografia. Feita a fotografia abandonam o local com a mesma calma com que chegaram.*

*NC18 - 18:33h - 2 jovens aproximam-se da fonte. Ele permanece com o telemóvel - olhando para o ecrã, escrevendo, ouvindo... alheado do que vai à volta. **Enquanto isso ela parece estar a fotografar (a fonte)**.*

*NC19 - 18:34h – (...) Os jovens descem a escada... **ela procura como que o melhor enquadramento para a foto***

*NC24 - ... (entretanto) Mais uma foto que outro casal com uma criança tiram a fonte e às suas bicas. Não descem, **apenas tira uma foto...** talvez a placa os tenha demovido.*

*NC 27 - 19:01h – (...) neste caso bebem os dois. Neste caso só contemplam a fonte depois, só depois “do feito” **têm tempo para tirar a fotografia**. Todas as fotografias foram feitas à fonte, nenhuma foi das conhecidas “selfies”. Não há dúvida do foco, do motivo.*

Dizem que é tradição

Além dos registos, para recordação ou partilha social, iam surgindo utilizadores e sendo revelados os motivos do uso e do valor daquelas águas. Um dos motivos será, claramente, a atribuição de características específicas, divinas, aquela água e aquelas fontes:

*NC 14 - 18:15h – (enquanto falava com a “senhora dos caladinhos”) casal demora se junto à fonte. **Não bebe, molha as mãos... lê a placa (com a inscrição de ali ter aparecido Nossa Senhora)**. Olha as mãos*

e coloca a mão molhada na placa. **Benze-se** (ela)... conversam os 2 junto à fonte... outros 2 estão no cimo das escadas. A Senhora que está junto à fonte olha para cima, olha para o céu... talvez esteja a rezar. Agora falam os 2... o outro casal que estava em cima não espera pela “vaga” e deixa também ficando a aguardar junto da placa (informativa da qualidade da água). A senhora **olha para a imagem de pedra, de Nossa Senhora, e fala como que com ela.** (...) O primeiro casal recua, mas fica junto às bicas. As mãos dela pousadas uma na outra enquanto permanece um pouco de olhos fechados. **Põe as mãos no peito dele, faz um gesto como que a benzer e dá-lhe um abraço comovido... ela chora.**

NC 16 - 18:26h – **Benze-se e despedem-se da fonte com um beijo (dando um beijo na pedra).** Sobem rapidamente as escadas, não os consegui alcançar. Volto a olhar, discretamente, e ela está no cimo, por trás da imagem da santa... rezando certamente. **Tem a mão, com a palma aberta, na pedra – nas “costas” da Santa.** Permanece com os olhos fechados, em silêncio... ele fica atrás, observa. Água que sobeja das Bicas, no chão, agora é procurada pelas pombas do parque, que se demoram na fonte, como outros, por breves momentos. Em cima, **a senhora “despede-se da fonte”, dá um beijo na parede e desce as escadas (laterais).**

Estes utilizadores parecem estar ali por acreditar não só poder daquela água ou das fontes. Eles dirigem a sua atenção particularmente para a imagem de Nossa Senhora, parecendo refletir sobre o que se encontra gravado na pedra da fonte “aqui apareceu nossa senhora louvado seja o sanctissimo sacramento”. A simbologia da água e os seus efeitos medicinais estão enraizados na cultura popular, por exemplo na canção “Senhor da Serra” para alcançar a proteção divina em tempos de adversidade. Nela recorre-se à mobilização popular, para ir ao “Senhor da Serra”, onde tem uma “bella fonte”, pedir-lhe que os livrasse da “da peste da fome e da guerra” (Giacometti, 1981; p. 235).

NC21 - 18:36h - a jovem das fotos **molha a mão e com ela o pescoço (a parte de trás).** Sobem a escada e desaparecem no meu campo de visão. Aqui os utilizadores têm pressa... Isto exceto a senhora que esteve a rezar. A tarde vai caindo e o calor desaparecendo. Enquanto aqui estive, segundo o programa, rezou se a novena na igreja antiga. Faltam agora pouco mais de 10 minutos para a missa da solenidade, também aqui ao lado, na igreja velha.

A simbologia da água também está presente nos provérbios, que ao longo do tempo, sintetizam o conhecimento empírico das comunidades e que refletem, também, uma mistura religiosidade e o equilíbrio com a natureza. São disso exemplo a água de Santa Marinha, que na meda faz farinha, em que a água simboliza a prosperidade,

associada à proteção divina sobre as colheitas, ou a água na ascensão, das palhas faz grão, em que a água pode ser vista como algo que tem uma força transformadora.

Também no que se refere à explicação dos motivos para o uso daquela água em particular, por vezes a resposta não só não é muito elucidativa, como demonstra a existência de dúvidas quanto à explicação para a ação:

*NC7 - 17:49h - uma Senhora desce sorrateiramente (encostada “ao muro” do meu lado). Das 7 fontes, mas não foi de um fôlego só. Molhou a blusa e também os pés... falei com ela: **bebe ali todos os anos na festa “não sei porquê, mas faço isto”**. “**Dizem que é tradição**”; “Faço todos os anos”; “**faço porque é tradição, das 7**”(bicas)!”*

*NC8 - ... “**Uma pessoa tem medo**” - por causa da placa. (O casal que referi acima, sorrindo no banco, e dirige-se até às bicas. Moravam no Viso, vinham lá ocasionalmente (disseram-me). O senhor refere-me que a placa “**foi colocada por causa dos drogados, para despistar**”. Fala-me mais um pouco e diz: “**coitadinha da festa**”. Acrescenta: para mim, **no ultramar, esta água era champanhe**” – referiu-me que esteve a cumprir serviço militar em Moçambique. Foi para lá pouco antes da revolução, em janeiro 74. Contudo, só conseguiu regressar a Portugal quase um ano depois da revolução. Disse ter carregado muitos corpos ainda depois de 25 de abril de 74 - não foi como referiram por cá que a guerra acabou naquele dia, bem pelo contrário porque se intensificou no local onde ele estava. Fala-me um pouco comigo, ao cimo das escadas, e vão embora.*

De uma forma quase sobreposta, o investigador acaba informado da tradição do consumo daquela água, bem como do “medo” associado à sua utilização. Contudo, o valor daquela água é argumentado como sendo relativo – ali, como que é menorizado o seu valor da água com aquela placa informativa, noutro contexto, o da Guerra do Ultramar, aquela água teria um valor muito superior ao banal valor que se atribui a esse líquido, “era champanhe”.

A da companhia é que está própria

A fonte tem, em local visível, uma placa informativa relativa à água – contudo esta parece ter, afinal, uma outra motivação, a da retirada do local de pessoas relacionadas “com os consumos”. Acredita-se no valor daquela água, aceita-se o consumo baseado na tradição, contudo, há uma descrença na informação e nos propósitos da colocação daquela informação à população. A mesma desconfiança foi reforçada mais tarde:

NC26 - ... *entretanto ouço o casal que se demorou na inscrição: “a água da companhia é que está própria”, dizem então irónico.*

NC 27 - 19:01h - *casal chega à fonte e ambos bebem de todas as 7 Bicas... vão conversando e não consigo entender tudo o que dizem, retenho o seguinte: “que leva lixívia para matar as coisas”. Tão depressa bebem, como sobem a escadaria. Ao contrário de outros, neste caso bebem os dois.*

Há, contudo, outros utilizadores para quem a água da fonte é prática, acessível. A abundância de água é para uma utilização banalizada pelo hábito do seu uso.

NC 13 - 18:11h - *aproxima-se uma Senhora de bata azul... será farda? Traz um garrafão de plástico e um par de garrafas de 1,5L. Tenta encher na bica... de vez em quando olha para trás. Interpelo-a à subida. Refere que na sua opinião “a água tinha que ser analisada para ser consumida”. Está numa barraca com uma moça ali na festa. “Os grandes empresários têm que vender garrafas”; “sempre vieram aqui encher”. Acrescenta: “nunca ouvi dizer que alguém morreu”. Aquela água é “tão fresquinha e tão boa”. Como referiu está a trabalhar numa barraca da feira, feira essa que ela faz já há 42 anos. Ainda que se possa admitir que a qualidade da água não seja boa, aquela água “para cozinhar não tem mal, é para fazer os caladinhos”. Despede-se de mim, apressada, e leva consigo, afinal, 2 garrafões e uma garrafa de 1,5L.*

Aquela água tem vários argumentos a favor. Apesar de se admitir que tinha que ser analisada previamente, tal poderá até não ser assim tão necessário, uma vez que é uma “água fresquinha e tão boa” – já o referira do Dr. Eduardo Burnay, delegado de saúde de Lisboa, em 1895, que um (dos nove requisitos) para que uma água fosse considerada potável era que fosse fresca e a sua temperatura não fosse superior a 16°C (Burnay, 1895). Os motivos para utilizar aquela tentativa de demover do uso daquelas águas são afinal estratégias para que se mantenha a comercialização da água. Aliás, dão segurança do seu uso o facto de a água ser para cozinhar, recuperando o tradicional método de desinfeção pela fervura, aliás, como diz o povo: “água fervida tem mão na vida” ou “água fervida alimenta a vida”. Também é argumento o facto de desconhecer que alguém morreu pelo seu consumo. Supõem-se, portanto, outras motivações que não as crenças para o uso daquela água, aliás, existem utilizadores aparentemente mais regulares e, possivelmente, com motivos económicos ou práticos:

NC 17 - 18:30h - *uma Senhora e um rapaz mais jovem aproximam-se com garrafões... “ó mãe, despacha-te”, protesto a ele... vão enchendo os garrafões nas bicas do lado direito. Enquanto isso 2 jovens iam descer. Um deles: “ei, água imprópria para consumo”, já não desceram. Enquanto isso lavam-se os garrafões... enxagua-se com*

*água corrente e passam ao **enchimento de quatro garrações de 5litros**... a senhora demora-se mais.*

Verificaram-se outros exemplos aparentemente semelhantes de uso daquela água que não o instantâneo, eventualmente com motivações económicas ou por ser mais prático. Contudo, é importante considerar que essa conclusão pode não refletir a realidade – trata-se apenas de uma dedução feita pelo investigador. Dada a reputação ancestral das propriedades desta água, é possível que ela seja destinada a usos específicos e especiais. Desde há séculos, as pessoas acreditam no poder regenerador da água, utilizando-a em diversas práticas de cura e bem-estar. Afinal, como diz o antigo ditado popular: “com malvas e água fria, faz-se um boticário num dia”. Portanto, e destacando a sabedoria popular e a confiança nas propriedades medicinais daquela água, com ingredientes simples e naturais, também é possível criar remédios eficazes

Para alguns utilizadores, a informação da placa é suficiente para os demover, contudo, e apesar de terem verbalizado o seu conteúdo, uns não demovem os outros da vontade (necessidade?) de utilizar aquela água.

*NC19 - 18:34h - regressa o jovem dos garrações... vem buscar **mais três garrações** e a “**mãe**” **leva outros três**, ao colo, como quem carrega um bebé. (...)*

A necessidade de água daqueles utilizadores, mãe e filho, era pontual (atendendo às quantidades), mas indiciava que a prática fosse corrente.

Alguns utilizadores optam por não consumir aquela água. Possivelmente duvidam das crenças associadas àquelas águas, ou então, talvez já não necessitem deste atributo sobrenatural que lhe é atribuído:

*NC12 - 18:10h - aproxima-se um casal: “**queres beber?**”, pergunta ele. Não saem do cimo das escadas. Tento observar pelo canto do olho enquanto escrevo... estes dão dois passos para o lado e voltam para trás... nenhum bebeu.*

Neste caso, permanece a dúvida se teriam bebido se não tivesse surgido a questão “queres beber”? Possivelmente a verbalização da dúvida tenha dado outra força da decisão tomada.

Para outros utilizadores, a água serve perfeitamente o propósito de se refrescarem - talvez ignorando os tais outros atributos daquelas águas. Isso verifica-se particularmente com as crianças:

NC 20 - ... Três crianças descem as escadas a correr... e voltam a subir com a mesma velocidade.

NC22 - 18:45h - posso colocar a atenção novamente na periferia... o parque voltou a ter crianças, e agora também uma bola - faria um desenho se tivesse “engenho ou arte”.... A criança da bola vai embora... não sem antes ir molhar (refrescar? Lavar?) As mãos na bica, a segunda do lado direito.

NC24 – (...) Enquanto isso, uma criança desce, molha as mãos e com elas o cabelo... volta para o parque.

NC 25 - 19:00h - o parque parece começar a ficar ainda mais calmo, alguns passos apressados... toca o sino. Toca 7 vezes, 7 como as bicas. O rapaz do cabelo “molhado” volta... está com os pés quase na água - as pequenas sapatilhas pretas estão certamente molhadas... volta a molhar o cabelo com as mãos e sai.

NC28 - 19:04h - volta o rapaz, agora molha as mãos e com elas o rosto e os lábios. (...)

Verificou-se que, as crianças, quando acompanhadas por adultos, são por vezes influenciadas a alguns comportamentos. Não se poderá afirmar que não os tivessem autonomamente, mas parece haver aqui uma clara interferência, uma diferença para as outras crianças que surgiram mais sós junto à fonte.

NC5 - 17:43h - uma criança desce... “claro que não”, “claro que sim”, diz. **Molha as mãos... “está fresquinha”**. Lava as mãos na bica, a segunda do lado esquerda e “beberica”. **O adulto: “molha-te, molha-te”**... o adulto não desce, fica em cima... observa e comenta. Nenhum vê (ou comenta) a placa. (17.44h) Saem os dois... parece que o dever foi cumprido pelo jovem e pelo seu “instrutor”.

NC9 - ... uma avó e um neto... contam as bicas, leem a placa do cimo da escadaria e seguem. O galo vai cantando e a música anglo-saxónica dá lugar ao ensaio dos artistas.

NC 11 - 18:04h - parou o ensaio... o som da água só é acompanhada por uma ou outra voz distante, indecifrável. Chegam senhor, talvez com a filha e a neta. Ele fica, elas descem as escadas. A Senhora lê (alto): “água imprópria para consumo”. Pergunta, “**queres beber?**” “**Vai só molhar as mãos**”. As pequenas mãos molham se na bica, a segunda do lado esquerdo. “**Foi bom?**”, pergunta. A resposta foi um sincero e entusiástico “sim!!” Falam, no meio das escadas, sobre a água... não percebo o que dizem. Falam e gesticulam dizendo que aquela água “vai para outro lugar” e que “a Junta devia cuidar”. Enquanto escrevo a criança já chegou ao parque e a discussão sobre a água afastou-se ainda mais do topo da escadaria.

Poderia inferir-se uma possível iniciação, um criar do hábito de ir aquele local e fazer uso daquela água – fazer como os aqueles adultos também o fizeram outrora (porque não o fizeram naquele momento), ou até por o terem quando eram “mais novos”. A pergunta repete-se: “queres beber”? Contudo aqui o resultado foi ligeiramente diferente.

O testemunhado revela também a preocupação de manter o local com as melhores condições possíveis – e as melhores condições deveriam, ao que tudo indica, incluir uma água que deveria ser boa e correr livremente. Responsabiliza-se, ao nível desta opinião, o poder autárquico à escala da freguesia por zelar por aquele património público.

Constata-se que não utiliza aquela fonte apenas quem quer namorar (casar?), ou para beber água. Usam-na várias crianças, algumas “pela mão” de um adulto:

*NC 15 - 18:22h - o segundo casal sobe as escadas, enquanto uma senhora desce com uma criança, ainda bebé, pela mão. Não consigo ver bem, mas a “senhora da criança” abeira-se da bica da direita (tento chegar-me um pouco à frente, discretamente). **Está a segurar a criança, pela mão, junto à água.** Molha as mãos da criança, com ela ao colo, em todas as 7 bicas. Sobem as escadas as duas, agora com as mangas arregaçadas... (...)*

Em alguns casos, os adultos questionam-se se as crianças, enquanto seres mais frágeis, devem utilizar aquela água:

*NC 29... enquanto escrevo, ouço: “**num bás à água, num bás**”. Era a criança que com as suas mãos alimentou o vento e as pombas com pão. Bens necessários, ditos dos mais básicos e essenciais: água e pão... e, quiçá, a fé, as crenças.
... a música parou, o ensaio terminou. São 19:08h. E embora mas o acautelado que disse a criança para não ir à água desce as escadas com ela. Criança posta de bruços (no colo do adulto), com o braço segurando-a entre as pernas, malha as mãos nas 7 Bicas. **“É uma vez, não é mais...”**, acrescenta: “só pode ser uma vez a cada dia” - finalizava assim o sábio que acompanhava a criança.*

O parque não era povoado apenas por pessoas, nem a água era útil apenas para estas. Nos momentos de menor atividade humana, constatou-se que a água também se demonstra útil para os animais que circundam pelo parque:

*NC3- 17:30h - as crianças vão chegando ao parque ao ritmo da água que corre. A fonte corre abundante, pelas 7 Bicas... só **ocasionalmente uma pomba ou outra se chega para o abeberamento.***

*NC6 - 17.46h - um senhor com boina e o seu cão... bebes a primeira fonte e volta a beber... **tira a água em concha com a mão e convida o cão a beber (“toma, bebe”)**. Um casal idoso observa... (o senhor não bebe das fontes todas, só de uma (será suficiente?)*

Fica, portanto, claro o valor simbólico da água pelas descrições observadas e do valor simbólico, foi possível perceber um sentimento de pertencimento entre os participantes. Como Sobral (1999) sugere, esse sentimento de que fazem parte de algo que vale a pena recordar foi um aspeto central para a compreensão das dinâmicas sociais na comunidade.

Além de recurso vital, é também um recurso espiritual e cultural que vai ganhando significados pelas práticas que decorrem no local, ligadas sobretudo à tradição, mas que não se esgotam aqui e incluem outros aspetos da vida quotidiana.

A lenda refere o cerimonial de beber das sete bicas, mas parece existir todo um conjunto de rituais de uso – conforme demonstra a observação realizada, com a preponderância registada o “lado esquerdo”, o que confere algum carácter místico.

São práticas de transmissão cultural que são transmitidas geracionalmente – apesar de, no caso específico das Sete Bicas, ser referido que festividade não tem o fulgor de outras épocas.

6.3 Dinâmica social e relacional | Impactos na saúde e bem-estar individuais e na saúde pública

As diferentes perceções influenciam o comportamento e as práticas do uso da água. Era uma prática comum, as habitações, na ausência de fornecimento de água da rede pública ou de fontes públicas nas proximidades, que os moradores construíssem poços.

*D. Diana: A casa? **A casa tinha poço!**
Sr. Adolfo: **Era tudo poço e minas.**
D. Diana: Era...*

Esta prática, apesar de ter implicações mais ao nível da saúde individual, também era fonte de preocupação por parte da Saúde Pública.

Miguel: Porque muitas casas tinham poço, não era?

*Sr. José: **Tinham poço.** (mostrando o trabalho feito) **Também demos instruções no sentido de melhorar.... a qualidade dos poços,** revestidos no interior (começa a elencar as medidas legalmente previstas e que foram sendo transmitidas no terreno junto da população), subindo a 30 cm... impermeabilizando-os à volta e subindo a uma altura de 30 cm... 30-40 cm.*

Miguel: Porque também acho que havia ainda muitas situações em que as pessoas tinham criação de animais, não era? Daí a importância também de impermeabilizar e dar estas recomendações.

*Sr. José: Isso... e **tinham fossas sépticas-... fossas sépticas, que não tinham o saneamento ligado à rede pública***

As medidas de conservação e manutenção dos poços eram antigas. Conforme refere Pato (2011; p. 40), o Código de 1896, já considerava como sendo despesas obrigatórias das autarquias, as destinadas à «construção, conservação e reparação de reservatórios de água, poços, fontes e aquedutos municipais», bem como as de «prevenção e combate de epidemias», sendo que “no que diz respeito às atribuições propriamente ditas, não se distinguia de forma significativa relativamente ao código anterior”.

Apesar das melhorias no abastecimento ao longo dos anos, continuavam a verificar-se problemas para a saúde da população decorrente do uso de água de origem não controlada:

Miguel: (...) No início da sua atividade aqui, portanto, nos anos 70 (...) aqui a cobertura da água da rede pública também não era muito significativa...

*Sr. José: Não, não era. **Não chegava a todos os lados...** Aqui a sede (leia-se a sede do concelho), em Matosinhos... Matosinhos e Senhora da Hora.... A Leça da Palmeira... Isso eram cobertas.
(...)*

Sr. José: S. Mamede tinha parte que era coberto.

A ausência de fornecimento de água de origem controlada, tinha implicações na saúde da população.

Dizia-se para não usar essa água, porque essa água não era de confiança

Verifica-se, também, que os normativos legais, mesmo passados mais de 30 anos da publicação da legislação que regulamentava a construção das edificações, ainda se encontravam com cumprir em alguns locais, sendo frequentes as contaminações dos poços:

Sr. José: (...) as fossas que... que **quando havia perto do poço, que tinham de ser impermeabilizadas no seu interior.**

(...)

Sr. José: Tinha que ser impermeabilizadas no seu interior **por causa de... não haver escorrências para os poços de água...** e afastadas também, 10 metros.

Miguel: Isto para aplicar o regeu, não é? Que é de 53, acho eu 53... ou 56...

Sr. José: 53, salvo erro.

Miguel: Portanto, apesar destas regras terem nascido aqui em 53, nos anos 70 e 80, ainda não se.... nalguns casos ainda não se cumpriam, não é?

Sr. José: **Não, não se cumpriam...**

Miguel: Também havia alguma construção que era ilegal, não é?

Sr. José: **Muita construção ilegal...** é, é. Quando foi do 25 de Abril, construiu-se ilegalmente centenas... (dá ênfase) ou milhares de casas.

(...)

Sr. José: (interrompe) **fazia o poço da maneira...e a fossa... às vezes sem grandes condições, depois foram melhorando.**

Além dos terrenos contaminados, também as fossas sépticas (as dos próprios, ou da vizinhança) eram foco de contaminação para aquela água de consumo. Aliás, conforme refere Pato (2011; p. 162), “permaneciam por resolver os problemas infraestruturais, agora agravados pela emergência de habitações clandestinas sem condições de higiene, novo surto de menores dimensões voltava a ocorrer em 1975”, referindo-se a um novo surto de cólera em Portugal.

Fui-te ver ‘stavas lavando

A preocupação com a saúde pública, no que à água dizia respeito, não se esgotava na água de consumo proveniente das fontes públicas. Também os lavadouros públicos eram locais de vigilância sanitária, até porque alguns deles também tinham bicas – e, conforme já referido, bastava haver “água corrente” e consumidores com sede...

Miguel: E tenho ideia de também terem dado algumas instruções.

Sr. José: **Aos tanques... aos tanques públicos, sim. Nós... quando... quando... quando eram abastecidos com água das minas, dizia-se para não utilizar essa água, porque essa água não era de confiança.**

Era, à época, de extrema importância salvaguardar o cumprimento do normativo legal relativo à água para consumo, bem como ao saneamento. Além destes requisitos,

foram definidas regras, nomeadamente pelo Dr. Oliveira Lima, Inspector de Higiene e Sanidade Municipais na cidade do Porto em 1937. Este, na sua obra “Os Lavadouros públicos dos Pôrto”, procurava encontrar solução para os então designados de “sujadouros públicos”, tendo definido regras de construção e utilização dos lavadouros:

*Miguel: Porque esses até tinham um sistema... que **tinha uma trave a meio**, não é? **para dividir a água** de um lado, que era para lavar e de outro lado, para enxaguar...*

*Sr. José: **Correto era sim senhora.***

Miguel: Pronto... e eu vi que havia tinha um... tinha seguido esta instrução... tinha vindo do Porto, também, onde eles já tinham construído os tanques neste sentido, que era para que a água de passar...

*Sr. José: **Lavavam de um lado e enxaguavam no outro.** (...)*

Era, portanto, necessário contrariar de certa forma o provérbio “a água lava tudo”. De facto, era necessário que a água de lavagem se encontrasse devidamente limpa para que se pudesse lavar higienicamente as roupas.

Outro tipo de preocupação, verificado nos lavadouros, mais relacionado com o bem-estar das lavadeiras, era o requisito construtivo que facilitava a posição de lavagem (mas não era uma prática generalizada):

Miguel: Eu sei que há uns tanques que eles estão, são um bocadinho mais altos para se conseguir lavar melhor e não estar de joelhos era desses?

*D. Manuela: Não, não, não, não... **A gente estava em pé** (...)*

De uma forma generalizada, os entrevistados referem que as práticas diárias associadas ao uso de fontes e lavadouros já não são mantidas, ou então foram transformadas ao longo do tempo. Historicamente, conforme documentado pelo adagiário e até pela poesia, estes espaços (e tarefas) eram marcados por uma divisão de género, com o envolvimento predominante de mulheres nessas atividades.

O espaço dos lavadouros, particularmente aquele junto da água, era como que uma linha de fronteira de divisão de género: era um espaço destinado às mulheres, era o espaço das lavadeiras.

“Sr. José: Lavavam de um lado e enxaguavam no outro.

Miguel: Para passar por água, enxaguavam. E eram essencialmente senhoras, não era?

*Sr. José: **Sim, eram senhoras.**”*

O mesmo era confirmado pela D. Manuela:

Miguel: Eu não sei, não sei se... havia muita gente que ia para lá, muitas mulheres não era? eram as senhoras que iam para lá lavar...
*D. Manuela: **Oh claro... e iam lavar as carpetes e os tapetes. Com...** com a bacia na cabeça, com aquelas rodilhas (...)*

Este não era, contudo, pré-requisito de acesso, porque aquele espaço também era frequentado por crianças (numa época em que a infância tinha uma duração mais reduzida)

“Miguel: E tinha muitas meninas pequeninas também na altura lá, como a D. Manuela.
D. Manuela: Sim, sim, sim, sim, Senhor.
Miguel: Ou seja, se calhar enquanto as senhoras, as lavadeiras, estavam a lavar a roupa, se calhar vocês ali meias a brincar, meias a trabalhar.
D. Manuela: Sim é, estava a brincar com as outras. (...)”

Estes espaços são descritos por um ambiente de confiabilidade e proximidade. Sobretudo nos lavadouros públicos, é referida azafama e a boa disposição, como era costume das lavadeiras:

Miguel: Mas, por exemplo, lá no... no tanque, aquilo também era um ambiente bem-disposto, não era?
*D. Manuela: **sim, sim, sim, havia pessoas até que cantavam e tudo.***

Pode imaginar-se as lavadeiras a cantarem canções típicas do cancioneiro português, havendo várias que referem as lavadeiras, particularmente quando estas lavavam nos rios como a canção “Fui-te ver, ‘stavas lavando” (Giacometti, 1981; p.263):

*“Fui-te ver ‘stavas lavando
fui-te ver ‘stavas lavando
no rio sem assabão
lavas em águas de rosas
lavas em águas de rosas
fica-te o cheiro na mão”*

De facto, uma das características identificativas destes locais era destacada pelo olfato, pelo cheiro a sabão.

Além da proximidade, da confiabilidade e da boa disposição, também está associada à memória dos tanques, o esforço aplicado na tarefa, particularmente no transporte da roupa (enquanto criança).

*"D. Manuela: **Alguma que era pesada, ficava lá estendida.** Depois, ao fim da tarde... ou eu e o meu avô íamos buscá-la. Metíamos na bicicleta a roupa... e eu no selim da bicicleta, que ele fez uma cadeirinha. Não sei se foi por... não sei, tive assim ... até era uma boa infância que eu tive. Tive sim senhora.*

(...)

D. Manuela: Mas eu... nós nunca... ninguém nos lavou a roupa. Usava-se aqueles liteiros... Os liteiros de pôr na cama... em vez de ser cobertores, eram liteiros, está compreender? E nós íamos lavá-los... e lavava-se, pois aquilo é... torna-se muito pesado e deixávamos lá escorrer. Depois o meu falecido avô, quando viesse da pedreira, vinha por lá buscar. Outras vezes até ia...

Miguel: E como é que sabiam qual era a vossa roupa?

*D. Manuela: **Porque sabiam que cada qual chegava lá e pegava na roupa** que... que era delas e a outra ficava, **nunca nos faltou nada.***

Miguel: Mas, mas se.... Por exemplo, o seu avô, quando vinha então da pedreira, vocês ainda estavam lá?

(...)

*D. Manuela: **Naquele sítio era a nossa roupa. Não mexiam. Às vezes éramos os últimos a ir lá buscar** (...)"*

Um exemplo peculiar que demonstra como a dinâmica da vida comunitária era feita na base na confiança. Numa época em que a comunicação à distância não era instantânea, havia a certeza que todos os bens que eram colocados em local comum, permaneciam nesse local até que o seu proprietário os viesse (reconhecer) e recolher.

Conforme refere Arruda (2002), a representação social "não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta" (p. 134), a representação do espaço dos lavadouros como "comunitário e de animação" não é uma mera descrição objetiva ou neutra da realidade, mas uma construção social. Esta construção é moldada pelas experiências, memórias e contextos históricos dos entrevistados, reforçando a ideia de que a realidade social não é captada de forma estática, mas traduzida a partir das vivências de quem a experimenta.

Ao destacar elementos como o cheiro a sabão e o ambiente de "confiabilidade e proximidade", é exemplificada essa percepção, é filtrada por aspetos sensoriais e sociais, que atribuem ao local um significado específico que vai além da observação objetiva. A presença de crianças nesses espaços, também sugere uma variação nas interpretações num espaço que se define ser de divisão de género, específico para as mulheres.

Damos-lhe a água

Além da confiança, a vida comunitária também era marcada pela partilha, nomeadamente da água - mesmo quando era necessário fechar o acesso à água:

*D. Diana: Por isso tinha uma portinha. E depois tiraram-na..., mas **tinha uma porta, para ninguém entrar.***

Sr. Adolfo: Tinha lá uma porta...

D. Diana: Sim.

*Sr. Adolfo: **E a minha chegou a ter uma porta também.***

D. Diana: Uma porta... e depois taparam, mas depois vizinho até fez um buraco.

(...)

*Sr. Adolfo: **Ele deu uma chave a cada caseiro.***

Miguel: Ah pronto.

*D. Diana: Ele deu uma chave a cada caseiro. Agora, **os de lá fora vem aqui buscar quando for verão, eles vem aqui buscar mais água de que nós!** (parece demonstrar alguma injustiça...). Olhe, vêm lavar os carros, vêm buscar água... e eu sei lá para o quê? Ai... eles vêm aqui muito... e para regar...*

A *serventia* daquela água, por parte do vizinho, é como se esta fosse um direito de ambos, numa perspetiva de distribuição mais democrática daquele bem com o qual o terreno está servido:

*D. Diana: Quando precisar, tem aquele terreno, que agora está lavrado, ele vai semear a... pimentos, tomates e outras coisas mais...e **vai lá buscar água.** Às vezes assim ao balde (demonstra com gestos) e bota.*

Miguel: O balde, não é?

*D. Diana: Nós **damos-lhe a água quando estamos,** mas nem sempre... às vezes vem.*

*Sr. Adolfo: **Quando ligamos a bomba, ele enche os latões que têm ou rega com a água também***

(...)

*Sr. Adolfo: **Mas quando não estamos e ele precisa... vai lá buscar***

É, portanto, uma partilha que nem sequer exige a presença. É um bem público, um bem disponibilizado graciosamente. São locais, e épocas, marcados pela cooperação e confiança mútua, nos lavadouros, nos campos agrícolas, entre outros.

Já no que se refere às fontes, já se percebe que a sua utilização por parte da população é, por vezes, mais cautelosa. Verifica-se uma perceção clara dos benefícios e dos malefícios do uso de certas águas para determinados fins. Há diferentes mecanismos populares para a avaliação desses riscos, nomeadamente com o recurso ao adagiário: preferência da água corrente e fresca, em detrimento da água parada. Desta forma a comunidade percebia os riscos de saúde associados ao uso da água de fontes não controladas e, dessa forma, influenciavam as suas práticas quotidianas.

Em relação ao facto de outras pessoas se abastecerem nas fontes de água de origem não controlada, parece não se verificar qualquer tipo de preconceito ou inconveniente:

*D. Diana: **Vai lá beber e não tem mal nenhum** (baixa o tom de voz)... Mas nós, não sou franca, não é... **antes quero da companhia**, porque dizem que é melhor porque está*
Sr. Adolfo: Tratada
D. Diana: Assim... desinfetado, tratada... e eu olhe, é assim...
Sr. Adolfo: E esta pode ser boa e pode não ser...
*D. Diana: **A que compro para de noite e tudo... eu compro os garrações, mas a maior parte teve da companhia**, está feito. De lá, não vou... não vim. Dizem que não.*

É um convencimento do uso baseado “no que dizem” que define o *modus operandi* relativamente ao uso da água daquela bica, a escassos metros da habitação. Água da mesma mina que é utilizada, pelos próprios, para a prática agrícola – apenas após a transcrição foi perceptível a compra de água relacionada com “a noite”, pelo que o facto ficou por esclarecer, podendo especular-se que se da água advir algum efeito secundário, seria mais complexo lidar com este no horário noturno.

Aliás, leitura idêntica verificou-se na primeira abordagem do terreno onde uma senhora informava que:

*Para **beber eu compro água do luso** e para os **gatos água do continente**. Só uso a **água do furo para lavar as escadas e as mantas dos gatos** (nota de campo aproximação do terreno)*

*“Esta água é mais barata e também **só é usada para regar as plantas e lavar o pátio**.” (nota de campo aproximação do terreno)*

*“Também **não há risco** em usar esta água pra isto.” (nota de campo aproximação do terreno)*

Os riscos e benefícios estão, muitas vezes, presentes nas decisões. No caso específico das águas, considera-se que os utilizadores estão agora cientes das consequências do uso de determinada água - como se verifica, por exemplo, quando os mesmos indivíduos utilizam águas de origens diferentes para diferentes fins. Esta perceção do risco realizada pela população, era percebida a pelos profissionais de saúde pública:

*Miguel: **Aí mesmo se calhar havia outras pessoas que, mesmo tendo água em casa, se calhar ainda recorriam às fontes.***

*Sr. José: **Sim. Mais para rega. A água potável.... Bebiam água da rede pública.***

Miguel: (...) E depois também usavam as fontes e também havia alguns tanques que também eram utilizados para lavagem de roupas.

*Sr. José: Tanques públicos. **Tanque públicos onde iam lavar a roupa.***

Por sua vez, os profissionais de saúde pública procediam à avaliação do risco no terreno, e faziam por se ir cumprindo a legislação publicada em 1951, sobre a construção dos poços, bem como das fossas sépticas – o Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU):

Miguel: Não sei se vocês davam parecer quando, por exemplo, queriam abrir algum poço ou mina.

*Sr. José: Sim **dávamos parecer no sentido conjunto...** nós dávamos parecer à construção e...e... **tinha que dizer-se qual era o abastecimento, se era da água pública ou do poço. No caso de ser poço, obrigávamos a que o poço cumprisse o RGEU** (leia-se Regulamento Geral das Edificações Urbanas) que era o artigo, salvo erro, 103 e 104 e 105.*

Miguel: (...) Portanto aqui a questão do 102...do 103 ao 105 para os poços (enquanto tiro anotações). E então, mas disse-me que era parecer conjunto. Qual era a outra entidade que estava...

Sr. José: Quem dava parecer era a Câmara.

(...)

Sr. José: (...) O parecer era vinculativo...da saúde! (reforçando da importância da atividade realizada e do papel da delegação de saúde)

(...)

Miguel: Mas tanto poços particulares como de empresas?

*Sr. José: Sim. **Empresas também.***

Miguel: OK... Pronto e os particulares também não podiam... não é como agora que nós vemos os avisos, não é?, de “faço furos” e não sei quê.

*Sr. José: **Não. Tinham que obedecer a esse regulamento, o RGEU. E aquele... E quando havia... quando havia queixas... também haviam queixas, que nós íamos lá e que o poço não estava de acordo com o REGEU, também era notificado o proprietário a colocar o poço ao abrigo dessa lei.***

Era, portanto, uma fonte de preocupação para os serviços de saúde pública o cumprimento desta legislação, tanto ao nível das habitações, como das empresas.

As representações sociais da água também foram influenciando (desafiando) diferentes intervenções de saúde pública, relacionadas com a melhoria das condições de higiene e saneamento. Uma das ações de vigilância mais comuns na saúde pública era a colheita de águas, procurando desta forma aferir, periodicamente, da salubridade das águas:

Miguel: Como é que era feita então, a vigilância mais ou menos nessa altura...

*Sr. José: **Os poços particulares era quando havia reclamações. Porque... ou... ou doenças, ou assim... que diarreias o quê, íamos***

lá fazíamos uma espécie de inquérito e depois colhíamos a água para analisar.

(...)

Sr. José: *(...) **As fontes de maior relevo, no caso da Fonte das Sete Bicas, a Fonte do Cuco e outras, nós periodicamente analisávamos em água sem haver nenhuma queixa.***

Miguel: *Era considerado como fazendo parte do sistema, não é?*

Sr. José: *Sim, do sistema.*

Miguel: *OK. E tem ideia de como é que eram normalmente os resultados? Se eram bons...*

Sr. José: ***Eram quase sempre impróprios para consumo... e depois nós aconselhávamos a que fervessem a água...***

(...)

(referindo-se à Fonte das Sete Bicas)

Sr. José: *(...) **Sei que nós realmente, quando analisávamos a água, que vinha imprópria** (sentenciando qualquer dúvida sobre a qualidade da mesma) **(...)***

(...)

Sr. José: *Um pormenor da Fonte das Sete Bicas: quando nós colhíamos água de verão normalmente era potável. De Inverno, não. Mas normalmente de verão, dava água potável - bacteriologicamente. (com ênfase demonstrando que era um facto já espetável...)*

Miguel: *Sim*

Sr. José: *Quimicamente não. Apresentava (silêncio, enquanto fazia o exercício de memória) nitratos e outras coisas. Mas, bacteriologicamente, era potável!*

As respostas demonstram uma realidade complexa em relação à qualidade da água. A vigilância da água em poços particulares era reativa, ou seja, só ocorria após reclamações de doenças relacionadas à água, enquanto nas fontes públicas de maior importância a água era analisada periodicamente. Os resultados das análises mostravam uma realidade preocupante: a água, especialmente em poços particulares, era frequentemente imprópria para consumo humano e, nesses casos, era recomendado que fosse fervida (não havia risco imediato para a saúde da população).

Este retrato dos poços era ainda mais preocupante, ao nível da saúde pública, atendendo que estes existiam também em alguns espaços de utilização coletiva:

Miguel: *Porque se calhar ainda fez vistorias, por exemplo, estabelecimentos que tinham poço*

Sr. José: *Sim... tinham, tinham. **Muitos, muitos poços** que haviam muitos poços... **principalmente mercearias...** tinham água do poço.*

Miguel: *Usavam água do poço... Restauração, se calhar, foram... foram pondo água da rede, não é?*

Sr. José: *Não... **A restauração quase que tinha toda água da rede pública. E, se não tinha... tinham que ter o sistema de tratamento***

específico... dos poços. E tinham que mandar analisar a água também, para nos mostrar que a água era própria.

Miguel: Ok. Mesmo, por exemplo, a indústria... estava a pensar nas conserveiras, essas, se calhar, também iam tendo se calhar das duas águas, não era?

Sr. José: Sim, das duas águas. (...)

O uso de água de poços era, portanto, mais generalizado, verificando-se o seu uso em estabelecimentos comerciais, como mercearias. O mesmo poderia também ocorrer em estabelecimentos de restauração, contudo, nestes seria necessário um sistema de tratamento específico e análises regulares que garantissem a qualidade da água. À medida que se verificavam melhorias nas condições de captação e uso de água, as exigências iam aumentando e os resultados eram visíveis ao nível da saúde pública.

Uma das intervenções mais frequentes dos serviços de saúde pública ao nível das águas para consumo de origem não controlada, é a divulgação de informação à população. Essa prática ainda é feita atualmente no âmbito da sua competência de vigilância, nomeadamente referenciada no Decreto-Lei n.º 69/2023.

Sr. José: (tomando a iniciativa) **Também nós fazíamos análise à água da rede pública.**

Miguel: Sim.

Sr. José: Também íamos...**Havia pontos fixos** onde nós íamos todas as semanas. Ou, outra vez, a outra semana íamos aos outros.

(...)

Sr. José: **Uma semana fazíamos uns, a outra semana fazíamos outros.**

(...)

Miguel: E depois da rede começar a ser construída, a qualidade era mais ou menos igual em toda a rede?

Sr. José: **Água boa em todo o lado!** (um facto inquestionável)

Sr. José: Nunca, que eu me lembre... nunca houve assim nenhuma...nenhuma, a não ser que às vezes aquela a pressão, quando a pressão era baixa, que a canalização tinha alguma fuga, podia haver uma cont.... (interrompe) Mas raramente... **99% da água era sempre boa, era garantida.**

De acordo com estes dados partilhados pelo experiente profissional da saúde pública, o programa de vigilância da água para consumo humano era regular, com análises em pontos fixos, abrangendo a totalidade do concelho. Os resultados dessas análises eram consistentemente positivos, indicando uma boa qualidade da água – exceto onde se verificava baixa pressão da água e fugas nas canalizações, o que era raro. Contudo, não há regra sem exceção, e a taxa de cobertura da rede é de “apenas” 99%, ficando, portanto, algumas habitações sem acesso a água da rede pública:

*“Tenho umas casas alugadas lá mais em baixo, mas lá a água é só do furo. **Aquela água não deve estar em condições, mas isto assim não pode ser.** A INDAQUA tem por a água a passar lá. Já fui à INDAQUA muitas vezes, mas fica muito caro pôr lá a água” (nota de campo, estudo exploratório)*

Uma das medidas preventivas mais comuns adotadas pelos serviços de saúde pública juntamente com as entidades gestoras (fossem elas juntas de freguesia ou autarquias, antes da existência dos sistemas de abastecimento multimunicipais), era a colocação das placas informativas. Nessas placas eram afixados os resultados da qualidade da água (obtidos no âmbito dos programas de controlo ou de vigilância da qualidade da água), e/ou informação, se fosse o caso, que a água era de origem não controlada - contudo, habitualmente, estas placas são interpretadas como a água sendo “imprópria para consumo”:

Miguel: E os resultados, punham também à beira das fontes na altura? Quando faziam as colheitas tinham placard?

Sr. José: Sim. Tinha uma placa, mas não éramos nós que colocávamos. Pedíamos à Câmara para colocar.

A colocação da tal placa a informar da qualidade da água está generalizada no concelho de Matosinhos:

*Sr. Adolfo: Porque tem...**tem a placa a dizer que ela é imprópria para consumo** ...*

*D. Diana: **Não tem a placa. Tiraram-na!** (eleva o tom de voz, indignada)*

Sr. Adolfo: Já tiraram? (questiona surpreso)

D. Diana: Ah, não tem nada!

*Sr. Adolfo: Olha que eu ainda não reparei, **mas isso era só uma precaução**, segundo disseram.*

D. Diana: Puseram-na... a Câmara...

(...)

Miguel: Mas esta aqui é privada, não é? Pelo que vocês me explicaram...

Sr. Adolfo: Aquilo é privado, (...)

*D. Diana: **Mas a camara... é, é... quem tem obrigação de se... lá por... e por isso ela pôs lá**, mas aquilo não, aquilo é do, do (nome). Aquilo é privado...*

NC24 - ... (entretanto) Mais uma foto que outro casal com uma criança tiram a fonte e às suas bicas. Não descem, apenas tira uma foto... talvez a placa os tenha demovido. (Fonte das Sete Bicas 2024)

A população vê na câmara municipal a entidade com o dever de fazer este tipo de alerta à população, mesmo quando a fonte está acessível ao público e localizada em terreno particular. Esta intervenção preventiva está enraizada nos procedimentos adotados pelos serviços de saúde pública, em articulação com as autarquias e entidades gestoras e ainda hoje se utiliza este meio de transmissão de informação à população. Esta, apesar da clareza da informação contida, é vista como suscetível de diferentes análises e comportamentos por parte dos utilizadores:

*Miguel: **E as pessoas iam seguindo?***

*Sr. José: **Não!** (perentório). **A maior parte não seguia.***

Miguel: E não sei se eram vocês que colocavam as placas....

Sr. José: Não, solicitávamos à Câmara.

Miguel: Câmara ou Junta, não era?

*Sr. José: **Câmara!** À Câmara! Nós pedíamos à Câmara para colocar a placa com indicação que a água era imprópria para consumo.*

(...)

*Miguel: Ok... **E a informação mantinha-se lá, ou, na sua ideia, a população às vezes tirava aquilo.***

*Sr. José: **A maior parte mantinha.***

Miguel: Mantinha? (com alguma surpresa)

*Sr. José: **Mantinha lá, mantinha... O que não quer dizer que as pessoas não se abastecessem na mesma, mas a informação estava que a “água era imprópria”.***

Esta medida por vezes não é bem aceite pela população, sendo frequentemente removida (arrancada), daí a surpresa por parte do investigador, não só por ter constatado a presença generalizada das placas (colocadas recentemente, a julgar pelo estado de conservação), como por não ser habitual a população ter esse procedimento. Apesar de as placas permanecerem nos locais, a efetividade da sua colocação é posta em causa, uma vez que o conteúdo das mesmas é ignorado:

*NC8 - ... **“Uma pessoa tem medo” - por causa da placa. (...)***

*Acréscita: para mim, **no ultramar, esta água era champagne”***

(Fonte das Sete Bicas 2024)

Ainda que fosse prática corrente e a população fosse cada vez mais instruída, este tipo de informação nem sempre era bem entendida – havendo incluindo situações em que era entendida como “menos bem-intencionada”

*Sr. José: Ter aquele... Uma vez ali na fonte do real, estavam lá a encher garrações e nós passamos lá e **alertamos as pessoas: “não utilizem essa água, que essa água é imprópria”.** Não, o que o*

senhor quer é que a gente vá ali ao continente comprar os garrafões de água.

Miguel: (ri-se) Então isso já foi anos 90, porque o continente é ali e início de 90, não é 80 e muitos 90

Sr. José: Sim é... nos 80, 90. Não me lembro, mas sim em 1990, 90.

NC 13 - 18:11h – (...) “Os grandes empresários têm que vender garrafas”; “sempre vieram aqui encher”. Acrescenta: “nunca ouvi dizer que alguém morreu”. (...)

NC26 - ... entretanto ouço o casal que se demorou na inscrição: “a água da companhia é que está própria”, dizem então irónico.

NC 27 - 19:01h – (...) “que leva lixívia para matar as coisas”.

“Não é pelo resultado da água que vou mudar” (estudo exploratório)

Dos dados obtidos retiram-se algumas conclusões interessantes sobre a perceção pública e a comunicação de informações de saúde pública. Há uma clara desconfiança em relação às autoridades e às suas recomendações. Verificam-se reações de ceticismo, bem como a suposição de que havia um interesse comercial por trás dessa recomendação (a compra de água engarrafada). Os dados transmitem também que certas práticas e desconfianças são persistentes ao longo do tempo (entre as duas referências passam-se três décadas).

Miguel: (..) Portanto... se calhar ainda eram desculpas... que a população já usava se calhar... Já, já são crónicas, não é?

Sr. José: Já são crónicas, sim (repete, concordando comigo mas num tom de voz mais baixo). Olhe, mas esse argumento de saber a lixívia é utilizado muito isso... porque dizia que “a lixívia ainda faz pior que esta água” (dá ênfase ao recordar esse testemunho). “Isso não, a lixívia é para desinfetar” (dá-me a resposta, que dava à população...e fá-lo da mesma forma pausada na palavra “desinfetar”).

(...)

Sr. José: É sim, é. E... dizer que nunca morreram, que a água nunca lhes fez mal... (...)

O excerto desta entrevista com o Sr. José e as notas de campo na Fonte das Sete Bicas revelam uma resistência da população local ao uso da água da rede pública, refletindo uma série de representações sociais que se têm perpetuado ao longo do tempo. Essas representações estão ligadas a crenças populares e culturais que se contrapõem ao conhecimento científico sobre a qualidade da água. Como evidenciado no diálogo, os argumentos utilizados para defender o uso da água de fontes naturais, como "a lixívia ainda faz pior que esta água" ou "nunca ouvi dizer que alguém morreu", são exemplos de justificações que têm raízes profundas no contexto cultural.

Segundo Parreira et al. (2018), estas justificações podem ser compreendidas à luz do conceito de *themata* cultural proposto por Moscovici. O pensamento dicotómico, que organiza as representações sociais, é visível na distinção que os entrevistados fazem entre a "água da fonte" (natural e inofensiva) e a "água da rede" (tratada, mas considerada prejudicial por conter químicos como a lixívia). Essa oposição reflete uma antinomia cultural que, como Moscovici descreve, torna-se explícita nos discursos quando há mudanças significativas no contexto social, como a introdução da água canalizada.

A perpetuação dessas representações sociais, como Parreira et al. (2018) mencionam, pode ser entendida através das estratégias de comunicação identificadas por Moscovici, em que a difusão — a forma menos centralizada de comunicação — permite a proliferação dessas ideias sem uma verificação rigorosa, o que facilita a sua aceitação e resistência a mudanças. A dissociação entre o discurso popular e o conhecimento científico é evidente quando a população argumenta, de maneira irónica, que "a água da companhia é que está própria", minimizando o conhecimento científico, em detrimento da sabedoria coletiva.

Estas afirmações, e comportamentos, podem ser reflexo de experiências passadas ou de uma comunicação ineficaz por parte das autoridades. A menção aos "grandes empresários" e à venda de garrafas sugere uma percepção que os interesses económicos influenciam as recomendações de saúde pública, o que contribui para a desconfiança.

De facto, o povo diz que a água, para ser boa, tem de ser uma "água sem cor, sem cheiro e sem sabor". Esta crença reflete a importância da pureza e da qualidade da água para o consumo humano, no entanto, tal nem sempre é garantia de uma água segura.

Apesar das dificuldades, sempre se acreditou que essa abordagem pedagógica tinha a sua eficácia. No mínimo, fornecia à população conhecimento suficiente para que pudessem fazer um uso informado daquela água. A educação para a saúde e a consciencialização sobre a qualidade da água são fundamentais para garantir a saúde pública e prevenir doenças relacionadas com o consumo de água contaminada.

Em 74 houve cólera em Matosinhos

Um exemplo de uma grande preocupação com a água a nível nacional, foi o surto de cólera que se verificou em Portugal em 1974 - "o seu primeiro caso seria detectado em Tavira, a 24 de Abril de 1974, na véspera da revolução, expandindo-se a

partir daí a todo o país (...) o surto seria considerado extinto em Outubro” com um total de “2371 casos, registavam-se 41 mortos” (Pato, 2011; p. 162).

Sr. José: (...) em 74 houve cólera em Matosinhos.

Miguel: Então... e que ideia é que tem dessa altura?

Sr. José: Nós andávamos, os técnicos... eu!! (...) a informar e a fornecer pastilhas de cloro para colocarem na água... A aconselhar a ferverem a água...

Miguel: E essas pastilhas era o Estado que fornecia?

Sr. José: Sim. E também havia lixívia, hipoclorito de sódio, que forneciam e nós... tinham que pôr uma quantidade de gotas para um litro de água e proporcionalmente eles eram instruídos no sentido utilizar tantas gotas para cada “X” quantidade de água. Hipoclorito de sódio... em garrafas, que eram fornecidas pela Direção-Geral de Saúde.

(...)

Sr. José: (...) Deram-se vários casos aqui em Matosinhos...de cólera...

Estas foram algumas das medidas implementadas à época. A intervenção realizada definiu várias “medidas programáticas de luta contra a cólera” que incluíam educação sanitária das populações, medidas de vigilância epidemiológica e medidas de proteção sanitária ambiental como a cloração das águas de abastecimento público, desinfecção individual da água, análises às águas residuais, evacuação adequada dos excretos, proibição da rega com esgoto e remoção adequada e tratamento do lixo (Pato, 2011; pp 164-165).

Desde os anos setenta, que se vem verificando melhorias ao nível de infraestruturas e saúde pública, sendo claro, na perspetiva do experiente profissional de saúde pública, do seu contributo e do serviço onde desempenhou funções:

Miguel: (...) o que é que pode dizer: graças ao nosso trabalho da saúde pública, (...) o que é que... o que é que o concelho ganhou? (...)

*Sr. José: **Ganhou bastante, ganhou bastante!** Em informações e em trabalho com aquilo de...de pesquisa... e das colheitas das águas, sobre os riscos também... O aconselhamento das pessoas como deviam, portanto, construir os poços. E dar os pareceres, que dávamos sobre isso e estabelecimentos e a habitação também!*

*Miguel: Mas, **pensando em específico esta questão das águas**, uma mudança radical desde que começou a trabalhar até agora, não é?*

*Sr. José: **Sim, sim. Eu acho que sim. Mudou, tshh** (como que sublinhando o nível elevado da mudança) **totalmente, mudou totalmente!** (reconhecendo as alterações e reconhecendo-se também como parte dessa mudança)*

Miguel: E era uma preocupação grande da saúde pública quando começou, não é?

Sr. José: Sim a água.

Destaca-se, portanto, um impacto positivo das transformações verificadas no concelho, para o qual contribuiu o serviço de saúde pública local. Houve um progresso notável no serviço de abastecimento e, conseqüentemente, na qualidade da água fornecida. Para este incremento da qualidade também contribuíram as atividades no terreno como vistorias, aconselhamento à população (nomeadamente sobre a construção de poços e fossas séticas) e as colheitas de água tendo-se, desta forma, mitigado riscos para a saúde da população.

6.4 Políticas públicas e regulações | transformação dos espaços públicos

As políticas públicas, nacionais e ao nível local, têm desempenhado um papel significativo na formação das representações sociais sobre o uso de água de origem não controlada. As perceções da população em relação a essas políticas são naturalmente variadas, refletindo a variabilidade de opiniões nomeadamente sobre a sua eficácia e impacto.

Além disso, as políticas de gestão da água, que visam regular o uso e a distribuição deste recurso, também enfrentam desafios na sua implementação. A eficácia dessas políticas pode ser comprometida por diversos fatores, nomeadamente a resistência da população local, que pode não ver benefícios imediatos ou tangíveis. Assim, a interação entre políticas públicas, mudanças territoriais e perceções sociais cria um cenário complexo e dinâmico, onde o acesso e o uso da água são negociados e redefinidos.

Historicamente, as mudanças no território influenciavam o acesso à água, aos terrenos e, conseqüentemente, à prática agrícola:

D. Diana: Fazia aquele por baixo da linha, que agora eles andam a abrir para fazer....

Sr. Adolfo: Para os passeios do Leça...

*D. Diana: Sim, sim os passeios de Leça. Isto **pertencia tudo ao mesmo senhorio, porque foi o comboio que partiu, está a perceber?***

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo: Para passar a linha de comboio, eles partiram o terreno.

D. Diana: E ficou o terreno... e o terreno em baixo... e ficou este do campo para cima... mas e eu pagava diferente do de lá de baixo... neste ali de cima e depois...

Os dados demonstram como as mudanças territoriais, neste caso a linha do comboio, impactaram significativamente a divisão e o uso do terreno. Desta construção resultou a divisão do terreno original, que pertencia a um único senhorio, refletindo-se numa mudança na prática agrícola e da utilização do solo.

Nunca mais lá fui

Também as alterações no abastecimento de água impactaram nas atividades desenvolvidas na Fonte das Sete Bicas:

*D. Manuela: **Eu era mais por causa da fonte...** e havia gente que ia lá, olhe ainda agora, há gente que vai lá aos garrafões... **aquela água é boa. Antigamente era, antigamente era.** (como que a interrogar-se)*

(...)

*D. Manuela: Ah... (alguma surpresa). Olha, **nunca mais lá fui. Mesmo agora até com a Senhora da hora** (referindo-se à festividade), **quando a gente costuma ir lá, dar sempre uma voltinha lá por dentro... lá por dentro. Mas já há muito tempo que não vou lá.***

O progresso tecnológico, embora inegavelmente vantajoso, trouxe também uma transformação significativa no valor e no papel social desses espaços públicos que agora se encontram mais vazios.

No que se refere à água de consumo humano, por exemplo, a modernização foi trazendo dispositivos que facilitavam o processo a recolha da água do interior da terra. Um desses instrumentos, agora peculiar, era designado por bomba volante.

Miguel: Já estava lá a bomba?

*D. Manuela: Já, já... Já estava lá quando eu... quando nós fomos para lá, **quando eu fui para lá, já estava lá a bomba.***

*Miguel: Sim.... Portanto, aquilo **era mais um bocadinho mais fácil do que num poço normal?***

*D. Manuela: **Sim, sim, sim...** Porque nós tínhamos que puxar assim para encher o balde (gesticula com os braços para cima e para baixo). Agora não, agora tínhamos a bomba que enchíamos os tanques.*

Miguel: Mas está a falar da bomba elétrica que tem agora ou está a falar de uma bomba assim deste género como está nesta fotografia? (mostrei imagem de uma bomba volante/bomba moderna)

D. Manuela: Estou a falar desta bomba (aponta para a imagem) (...)

*Miguel: Este é em Perafita... Na rua José Joaquim de Andrade. Este encontrei-o na rua e este ainda está a funcionar. **A sua ainda funciona?***

*D. Manuela: **Não, não, não.***

Miguel: Está com ferrugem?

*D. Manuela: Sim, está. **A minha já não funciona.***

Miguel: A sua funcionou quantos anos na sua casa?

D. Manuela: Ai muitos anos... muitos anos, muitos anos.

Além de ser necessário um esforço menor para retirar a água, estas bombas permitiam que o processo mais higiénico: o uso desta tecnologia não implicava a imersão, vezes sem conta do balde na *massa de água*, minimizando, desta forma, algum risco de conspurcação.

Miguel: Porque isso ainda foi de alguma forma inovador, porque as pessoas conseguiram tirar água mais fácil do que mandar o balde, não é?

*Sr. José: **Muito mais fácil e mais higiénico***

Foi, portanto, uma importante melhoria ao nível das captações de água, sobretudo domésticas – apesar de terem existido (e ainda persistirem) bombas volantes de uso público.

Ao nível ambiental, a legislação e as regulações municipais também tinham um grande impacto na qualidade da água. Aquando da entrevista da Ponte do Carro é relatada uma situação relativa à deposição de resíduos, que provoca algum espanto à luz do conhecimento e práticas atuais. Apesar da realidade atual, ao nível da poluição ambiental não se comparar à de antigamente, há problemas persistentes e que ainda podem comprometer a qualidade da água e, neste caso, dos solos:

*D. Diana: (...) Antigamente sabe o que eles punham? **Era os lixos da Câmara, que isso era mesmo ruim...** Eu recorda-me quando vim viver para aqui. Eu vim de acolá assim para baixo (aponta para explicar a localização) e esta rua ainda era em terra.*

Sr. Adolfo: Era tudo em terra batida.

*D. Diana: E então... e era um cheiro!! (dá ênfase) **Era um cheiro!!! Ai que cheiro!!** (leva a mão ao nariz, apertando-o com o polegar e o indicador)*

*Sr. Adolfo: **A queimar os plásticos, a limpeza do lixo...***

*D. Diana: Não, não... era a queimar os plásticos. **Era cheiro mesmo deles botar o lixo a granel para os campos.***

(...)

*D. Diana: Não. **Era para eles escolherem porque aquilo é bom. Era vidros, era plásticos... andei no meio sei lá quantos anos a tirar daqui da terra porque os lavradores tinham botado isso***

A denúncia destas práticas inadequadas de gestão de resíduos no passado, especifica os impactos negativos visíveis que essas práticas tiveram na comunidade – ao nível da qualidade do ar (com a queima de plásticos), da qualidade da água e dos solos (com o depósito de resíduos a granel) e ao nível da incomodidade (provocada pelos maus cheiros). A revelação destaca a importância de práticas ambientais adequadas de para evitar impactos negativos na comunidade e no meio ambiente.

A introdução da água da rede pública transformou profundamente o quotidiano das populações, trazendo benefícios como o abastecimento generalizado de água potável e, conseqüentemente, o acesso a máquinas automáticas para lavar roupas. Essas inovações impactaram diretamente o uso e o valor social das fontes e lavadouros, que antes desempenhavam um papel central na vida comunitária. Observa-se uma sensação de perda associada ao abandono e ao desuso desses espaços, que, com o tempo, foram deixados de lado em favor de soluções mais práticas e convenientes.

A substituição gradual dos lavadouros por tanques de betão e, posteriormente, pelas máquinas de lavar trouxe comodidade, mas também alterou as dinâmicas sociais. Os lavadouros e as fontes, que antes eram pontos de encontro e convivência entre as pessoas, começaram a perder importância e visibilidade, resultando num certo isolamento nas relações comunitárias.

Apesar dessa mudança, ainda há incerteza nos discursos sobre o futuro desses equipamentos públicos. Embora o seu valor social tenha diminuído, a ideia de reabilitá-los é bem recebida por algumas pessoas, que veem neles um potencial para recuperar parte da história e identidade locais. No entanto, muitos lavadouros e fontes correm o risco de se tornarem apenas memórias, à medida que perdem sua função original e o vínculo com a vida quotidiana.

“Miguel: E como é que era... era mesmo... Era no rio que lavava?

D. Manuela: Era mesmo no rio, ainda lá há. Agora não sei se é utilizado, se não é...

Miguel: Mas tem um acesso fácil para o rio, para se ir lá lavar? ou tem um tanque?

D. Manuela: Tem... aí é ... na altura... Na altura eram dois tanques.

*Aquilo tem umas escadinhas. **Eu por acaso olhe... é lá à minha beira, mas... Nunca mais lá fui.**”*

Tanto os entrevistados, como os próprios lavadouros, são modificados à medida que as pessoas constroem e reconstróem a percepção desses espaços, conforme refere Arruda (2002; p. 137), ao afirmar que “a representação social opera uma transformação

do sujeito e do objeto”. A entrevistada revela uma representação de um passado que já foi vivido, mas que, ao ser recordado, vai sendo moldado pela subjetividade do momento presente. A incerteza que refere em relação ao uso atual daquele lavadouro reflete como a função e o significado daquele espaço se transformou com o tempo. Essa transformação não é apenas material, mas é também simbólica: o lavadouro passa a ocupar um lugar diferente, não se encontra no uso cotidiano, mas é um espaço que pertence à sua memória e à identidade daquela comunidade.

A relação entre conceito e percepção torna-se clara na medida em que o lavadouro, enquanto espaço de memória, adquire um novo significado, sendo reinterpretado no presente. Ao mesmo tempo, a percepção da entrevistada sobre aqueles espaços, ao evocar tanto as suas recordações, como as incertezas, revela como a representação social do objeto está em mudança, refletindo, também, a transformação dos valores e das práticas quotidianas da comunidade.

Como é a que a gente há-de fazer?

Apesar da disponibilidade da água de origem não controlada e dos avanços tecnológicos, o processo de utilização para a agricultura de subsistência ainda se enfrenta várias dificuldades, como é este caso particular:

*D. Diana: A gente levámos, **ainda nos custa muito, porque temos que levar a bomba lá para cima, porque roubam-nos.***

Sr. Adolfo: Sim...

D. Diana: Roubaram-no já uma. (...)

Miguel: Pois faz muita falta. Mas também não dá para proteger aquilo de maneira nenhuma, não é?

*D. Diana: Pois não! **Como é a que a gente há-de fazer? (indignada)***
Ele tinha-a presa com arames no fundo...

Sr. Adolfo: Mas eles mexeram, mexeram, mexeram...

(...)

*D. Diana: Lá foi... E nós **agora vimo-nos obrigados a trazer de casa, um fio para aqui e daqui levamos lá para cima. Sempre a enroscar e tornar outra vez a trazer para aqui todos os dias.***

Sr. Adolfo: E no fim da rega, retirar a retirar a bomba.

Miguel: Portanto, todos os dias têm que fazer isso?

D. Diana: É quando precisamos da água!

A falta de água continua, ainda hoje, a dificultar algumas práticas do quotidiano. A entrevista revela as dificuldades enfrentadas na agricultura de subsistência, especialmente devido à insegurança e à consequente falta de água. Além do exigente

trabalho do campo, a solução disponível exige esforço físico e tempo, como que adicionando mais uma camada de trabalho diário e um motivo para abandonarem a prática agrícola.

Quem tem o acesso e o controle dos recursos hídricos, bem como do patrimônio edificado é o Estado. É também o Estado que define as “regras” que estipulam se determinada água está própria ou imprópria. Desta forma, foi a interferência do poder político que determinou os usos das águas, com o propósito (legítimo) do uso de uma água segura. Contudo, também são essas medidas que, em consequência, e direta, ou indiretamente, privam a comunidade do acesso à água, ao não promover a reabilitação dos equipamentos públicos como fontes e lavadouros, ou quando estes são destruídos ou inutilizados.

A água, além do seu valor vital para as comunidades, também emerge como um elemento central em conflitos de diferentes escalas, desde disputas internacionais até desavenças em nível local. Segundo Frias (2001), “a explicação estaria, à partida, numa lógica social que compreenderia a dialéctica entre um bem que é 'posto em comum', a água, e uma interação que toma a forma de conflito, ou de desafio entre membros de uma mesma sociedade, relativamente 'homogénea', tendo em conta diferenças sociais e até mesmo disparidades” (Frias, 2001, p. 2). Nesse contexto, a água torna-se um ponto de tensão nas dinâmicas sociais, como no conflito ocorrido “de 1998... ou 2008”, junto à ponte do carro, cuja resolução ainda parece incompleta.

*Sr. Adolfo: E eles, e eles ao fazer furos para tirar água, antes da água da companhia, a **água secou toda**.*

Miguel: Sim.

(...)

Sr. Adolfo: ... secou tudo. Porque a (nome da empresa) tinha que fazer (...)

Miguel: Que se calhar também têm furo, não é? Devem ter...

Sr. Adolfo e D. Diana: Eles têm!

*D. Diana: **Eles fizeram furo e os outros ficaram sem nada, ficaram aqui consumidos...***

*Sr. Adolfo: E tiveram que meter água da companhia... e **nós, à sombra deles, eles vieram a ficar com a água toda por aí abaixo***

*D. Diana: Aqui, na maré das pencas, que era pra meter as pencas, ora isso é Setembro, não era pra aí, **não havia água nenhuma**, mas tornou a vir... porque eles depois deixaram de...*

Sr. Adolfo: Eles foram obrigados a meter água da companhia... uns tantos metros cúbicos de água da companhia por mês. Porque, até aí,

...

(...)

Miguel: Pois é vocês aqui a sofreram com a falta de água, não é?

*D. Diana: **E eles tiraram tudo aos lavradores**, quer dizer, mas agora tornou a vir*

Esta descrição ilustra como a gestão de um recurso comum, essencial para a vida quotidiana, pode desencadear disputas quando fatores como disparidades sociais locais estão em jogo. Conforme menciona Farias (2001), o conflito nasce "do jogo de identidade que tem a água como pano de fundo. Ele assenta em condutas de desafio e numa ética de equidade" (Farias, 2001, p. 2). Embora esse conflito seja antigo, a indignação que o cerca permanece atual – afinal, não se tratava de uma privação qualquer. Numa economia de subsistência, onde a expressão "a água é o sangue da terra" ganha ainda mais significado, a falta de acesso à água transforma-se numa ameaça direta à vida, à segurança alimentar e à dignidade humana.

Os agricultores, que dependem das chuvas e das fontes naturais para irrigar as suas plantações, sentem intensamente os efeitos da escassez hídrica, especialmente nos meses mais quentes. No caso específico, essa escassez teve origem em intervenção humana, intensificando o conflito. Trata-se claramente de uma disputa desigual, entre uma empresa que se instala na região e os habitantes locais, que tiram da terra parte do seu sustento, tornando a privação da água um elemento de profunda injustiça e vulnerabilidade social.

Outra situação de conflito, relacionada com o acesso à água (em menor escala) foi também referida noutra entrevista:

*D. Manuela: É, é. Tivemos ainda água muito tempo, muito tempo. Depois, houve uma altura de muito calor, muito calor, muito calor e enchemos uma pia. **Já não tínhamos mais água para encher...** Tanto que até essa caseira, que era a única que estava lá, mas depois saiu, alevantava-se de madrugada, mas não tínhamos mais água de lado nenhum. Doutor levantava-se madrugada, porque nós ouvíamos a bomba.*

(...)

Miguel: Mas então, quando vocês se levantavam, ela já tinha usado a água.

D. Manuela: Claro, já tinha... já tinha o tanque cheio. Já tinha os tanques que precisava, não é, um para lavar outro para passar. Já tinha os tanques cheios quando nós íamos para coisar a água...

Miguel: Sim.

*D. Manuela: Lavar o tanque e dar à bomba, **já não tínhamos água.***

Apesar da abertura de poços e da construção de tanques domésticos, essas medidas não resolveram de forma efetiva o problema da água, seja em termos de qualidade, seja em termos de quantidade. Esta situação de conflito relacionada com a água ilustram a afirmação de Farias (2001), que argumenta que "o conflito é mais do que um elemento da sociedade: agonístico ou anómico, é uma dimensão constituinte

da dinâmica social" (Farias, 2001, p. 2). Ou seja, a disputa pela água reflete uma luta entre "duas classes", que competem pelo controle e uso desse recurso num cenário marcado pela ausência de normas sociais claras e pela ineficácia da governança a essa escala.

Essa dinâmica social em torno da água evidencia como os conflitos não só são influenciados pelas estruturas sociais, mas também ajudam a moldá-las. Num contexto de desigualdade e fragilidade, a gestão da água transforma-se num campo de batalhas simbólicas e materiais, onde, por regra, aqueles com menos poder sofrem as maiores consequências, enquanto o grupo dominante controla os recursos de forma desproporcional.

Coloca-se então a questão, tendo disponível água de mais do que uma origem, como a rede pública e a água de origem não controlada, que fatores influenciam as suas tomadas de decisão. Um dos critérios é o da saúde, certamente, pois, como já referido, para "beber" é referido o uso de água da rede pública ou até de água engarrafada. É preciso, então, tentar aprofundar os motivos que justificam aqueles usos:

Miguel: E também, se calhar, havia pessoas que tinham água do poço e também, à primeira, não queriam fazer a ligação à água da rede, não é?

*Sr. José: **Pois não, que era mais barata...** mas o regeu obrigava... Obrigava não... Sim, de certa maneira, obrigava. Um artigo do regeu obrigava, quando passasse água da rede pública, as habitações tinham que estar ligadas à água da rede.*

Miguel: Mas a população também não aceitava muito bem isso, não é?

Sr. José: Não, então (sublinhando, a constatar o óbvio) ... iam gastar dinheiro.

Miguel: Se tinham água de borla...

Sr. José: E depois iam gastar dinheiro...

Testemunhou-se um condutor aproveitando aquele espaço, e a água disponível, para lavar o seu automóvel - ele mencionou que era "mais barato" - demonstrando que ainda se podia fazer alguma serventia daquele espaço. (Tanque de Bouças)

O processo de modernização implica a resistência da população a mudanças, particularmente como neste caso em que envolvem custos adicionais – mesmo quando há benefícios a curto, médio e longo prazo. Aliás, a resistência à mudança, especialmente quando envolve custos, é uma reação natural. A obrigatoriedade legal de ligação à rede pública de água, apesar de necessária para garantir a qualidade e a segurança do abastecimento, enfrentou resistência devido ao impacto financeiro

imediatamente nas famílias. Os dados demonstram, portanto, a importância de as políticas públicas considerarem, aquando da implementação de mudanças estruturais, a sensibilização e o apoio à população durante e para essa transição. Contudo, a água de origem não controlada continua a demonstrar vantagens muito claras aos olhos dos seus utilizadores:

*Miguel: No outro dia tinha-me dito que aquela que **água e até a da mina, que era melhor por causa das azeitonas, não é?***

*Sr. Adolfo: **Sim, sim...***

*D. Diana: **Ai porque não tem cloro** (como quem afirma uma verdade tão óbvia que quase não se entende como eu não a consegui entender logo!)*

*Sr. Adolfo: **Se puserem águas ou da companhia** (a gata vai miando, como que a querer entrar na conversa, enquanto deambula por entre os três conversadores e a D. Diana fala para ela: “ai vamos lá então...”)
nas azeitonas, elas ficam moles, porque tem química.*

(...)

*D. Diana: **Até há plantas... há plantas que também...***

*Sr. Adolfo: **Sim... se puser da mina, que é água corrente, não tem mal nenhum, ficam sempre duras!***

*D. Diana: **É. É, é.***

Estes dados revelam uma forte preferência dos utilizadores pela água de origem não controlada. É para os entrevistados inquestionável que a água “natural” é superior para certos usos, influenciados que estão pelas suas experiências diretas e tradições locais. A ausência de químicos, especialmente o cloro, é vista como uma vantagem significativa, pois preserva a qualidade dos produtos agrícolas, como as azeitonas e também as plantas.

*D. Diana: **Já um fulano, que também é de lá de cima do Penafiel, e... Foi lá para Trás-os-Montes e trouxe azeitonas e veio ali prepará-las.***

*Sr. Adolfo: **Vem ali sempre prepará-las.***

As declarações, categóricas, não permitem qualquer tentativa de contestação. De facto, não só são verdadeiras, como há pessoas que vêm de longe para seguir o mesmo (sábio) procedimento. No entanto, a água não é fator único responsável pelo bom resultado das colheitas.

*D. Diana: **Coração, Brócolo...muito fresquinho!! E os corações também estão muito bonzinhos.***

*Miguel: **E não tem nada a ver com as coisas do supermercado.***

D. Diana: São mais gostosos!

Sr. Adolfo: Não tem, porque não há química.

D. Diana: Se você comprar um repolho de supermercado e comer deste... este sabe mesmo ao repolho o outro não. Não sabe a nada.

Miguel: E por que que acha que é assim essa essa coisa diferente?

Acha que é da Terra? Acha que é da água?

Sr. Adolfo: Não, não é... é das químicas que eles levam.

Há uma clara preferência pelos produtos hortícolas caseiros que, além de mais frescos são mais saborosos – esta percepção é reforçada pela comparação direta com os produtos de supermercado, menos saborosos.

A preferência pelos produtos caseiros está ligada à valorização da naturalidade e autenticidade dos alimentos. A água, embora não seja excluída da responsabilidade pela qualidade dos produtos, é menos enfatizada em comparação com a ausência de químicos, que é considerada como a principal razão para essa diferença.

O mesmo também é demonstrado relativamente a outros produtos que antigamente eram produzidos “em casa”, quando por lá se criava (e matava) o porco:

D. Diana: Você sabe o que é que eu comprei aqui atrasado? Olhe, aqui atrasado fui ao (nome do supermercado). Tem lá assim muito comer e tinha lá uns pernis. Eu gosto muito ali, maravilha. (a segredar) O pernil ali é muito bom, eu gosto! Mas lá trouxe... oh nem sabor a tinha nada! (indignada). Nunca mais compro nada disso ali.

Miguel: Sim. Já está resolvido, ali, não se traz mais.

D. Diana: Ui, não presta! Esteja calado...aquilo é como comer e não saber nada. Como uma batata ou uma coisa qualquer....

Há, como é evidente, todo um conhecimento e adoção de práticas em função das vivências. São notórias as alterações sociais e ambientais que influenciam as práticas do quotidiano.

A regulação, particularmente ao nível local, das câmaras municipais, ou de proximidade, como as juntas de freguesia, poderão desempenhar um papel importante na preservação dos equipamentos públicos como as fontes e lavadouros.

Miguel: E agora, estava a pensar, porque eu vi também vi algumas notícias sobre isto, nalguns sítios em Braga, eles estão a recuperar os lavadouros. O que é que achava se recuperassem lá o lavadouro? (...)

Miguel: Gostava se fizessem?

D. Manuela: Claro, para melhorar aquilo eu acho que....

Miguel: E para dar assim mais vida ao espaço, não é?

(...)

Miguel: Mas se fizessem lá alguma coisa, se calhar ainda ia lá espreitar, a ver a animação.

*D. Manuela: **Oh sim, sim ainda era capaz de lá ir, porque aquilo...recorda-se os tempos de nós irmos lá.***

*Miguel: **E acha que é importante manter estas recordações?***

*D. Manuela: **Eu acho que sim (...)***

Desta forma, explicita-se que a realização de intervenções de recuperação poderá ser bem vista, a considerar pelo referido nas entrevistas. Essa preservação deveria ser entendida de forma holística, por forma a garantir a promoção da saúde da população, enquanto se fomenta a identidade dos lugares, preservando o património, as tradições e as memórias individuais e coletivas.

6.5. Desaguando...

As representações sociais desempenham um papel crucial na forma como as pessoas percebem e interagem com a água, a vida quotidiana e a preservação do património. As águas de captação própria continuam a ser tidas como mais natural e benéfica. Essa representação social é constrói-se a partir das experiências diretas dos indivíduos e das tradições locais, que valorizam a água de formas distintas (por exemplo, pela sua pureza, pela ausência de químicos). A água tratada ainda é vista atualmente como inferior devido à utilização de produtos químicos no processo de tratamento, o que lhe confere alguma desconfiança devido à interferência humana nos recursos naturais. De uma forma geral, a valorização da pureza da água reflete a importância cultural e simbólica atribuída à preservação do natural e à continuidade das tradições.

Outro ponto relevante é a adaptação às condições socioeconómicas, que molda a forma como as pessoas percebem e se ajustam às suas circunstâncias. Antes de 1974, as dificuldades socioeconómicas forçaram muitos a viver em condições precárias, uma adaptação que revela uma representação social de sobrevivência e aceitação das limitações impostas pela realidade económica individual e do país. À medida que as condições socioeconómicas melhoraram, as representações sociais também mudaram, e as expectativas quanto às condições de vida elevaram-se. Esse processo reflete uma nova realidade de aspirações e padrões sociais, em que a melhoria da qualidade de vida passou a ser vista como um direito e uma necessidade.

A preservação dos equipamentos públicos, como lavadouros e fontes, está profundamente relacionada com as representações sociais de valorização do património e da memória coletiva. A recuperação desses espaços não é apenas uma questão funcional, mas também simbólica, pois reflete a necessidade de preservar a identidade comunitária e as tradições locais. A ideia de que a revitalização desses espaços pode trazer mais vida à comunidade e aumentar sua atratividade demonstra como as representações sociais vinculam a preservação do património cultural à melhoria da qualidade de vida. A recuperação desses locais públicos é vista como um reforço da coesão social e da identidade comunitária, ao mesmo tempo em que projeta uma visão de futuro que integra o passado.

Estes resultados evidenciam como as representações sociais moldam as percepções e práticas relacionadas à água, às condições de vida e à preservação do património.

7. Conclusão

A presente investigação qualitativa sobre, permitiu uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e culturais associadas às fontes e lavadouros públicos do concelho de Matosinhos. No entanto, ao longo do processo, surgiram desafios metodológicos e reflexões sobre possíveis melhorias que poderiam ter sido implementadas para obter resultados ainda mais abrangentes e detalhados. Um dos primeiros pontos a considerar para futuros estudos semelhantes é a necessidade de melhorar a capacidade de registo simultâneo durante as interações no campo. O ato simultâneo de entrevistar e tirar notas, prestando atenção aos entrevistados e a todo o contexto, provou ser desafiador, dado que a dinâmica da comunicação exige atenção plena, sem interferir no fluxo da conversa. A utilização de fotografias e filmagens como recurso de registo poderia ter sido explorada de forma mais sistemática, uma vez que essas ferramentas permitem documentar momentos específicos que ilustram as vivências observadas – apesar de lhe terem inerentes, também, outras questões éticas. Embora a fotografia e a filmagem apresentem um filtro seletivo – já que nem tudo pode ser capturado – ainda assim, ampliam os dados em estudo, fornecendo informações visuais que complementam as observações etnográficas.

Admite-se, também, que uma maior bagagem teórica e metodológica teria conferido sobretudo uma maior profundidade à análise dos dados recolhidos. A preparação prévia, em termos de conhecimentos teóricos e práticos, poderia ter

facilitado a interpretação das interações observadas, fornecendo uma estrutura mais robusta para as conclusões tiradas. Outro aspeto a ser considerado é o tempo passado em campo. Uma presença mais prolongada e não apenas na Fonte das Sete Bicas, mas também nos outros equipamentos identificados ao longo da investigação, teria possibilitado um aprofundamento da observação etnográfica. Teria, também, permitido observar as ações e verbalizações dos utilizadores de forma mais continuada e consistente, revelando, possivelmente, padrões de comportamento mais claros e as dinâmicas de relacionamento entre os utilizadores e o investigador ao longo do tempo.

Através desta pesquisa, tornou-se evidente que o olhar atento de um investigador no campo é insubstituível, uma vez que a complexidade e a fluidez das interações sociais exigem uma abordagem direta e imersiva. Como refere Minayo (1992), citada por Gomes em Minayo et al. (2001, p. 79), "o produto final da análise de uma pesquisa, por mais brilhante que seja, deve ser sempre encarado de uma forma provisória e aproximativa", reconhecendo que as conclusões de uma investigação nunca são definitivas e que o conhecimento é sempre passível de evolução. Tal foi a linha de pensamento que guiou o investigador para a importância de uma postura aberta e reflexiva, entendendo que as interpretações podem ser superadas por novos dados no futuro.

Um dos resultados mais significativos desta investigação foi o levantamento dos equipamentos de abastecimento de água existentes no concelho de Matosinhos. Este levantamento tem grande potencial para apoiar futuras investigações e intervenções, tanto no âmbito da saúde pública, como no planeamento de melhorias nas infraestruturas de abastecimento de água.

Além dos contributos teóricos, a presente investigação também sugere algumas intervenções práticas que podem melhorar o acesso e a utilização dos lavadouros e fontes públicas em Matosinhos. A colocação de sinalização adequada, que indique a localização desses equipamentos a partir das ruas adjacentes. Além disso, a disponibilização de informações históricas que valorizem o património cultural associado a esses espaços também é fundamental. A melhoria da iluminação é outro ponto crítico - uma iluminação adequada não apenas realçaria os detalhes arquitetónicos dos equipamentos, como também permitiria a sua utilização segura e eficiente durante a noite ou em dias de menor luminosidade. Sugere-se, ainda, um arranjo urbanístico que valorize o perímetro desses equipamentos, promovendo uma maior integração destes equipamentos/espaços com o tecido urbano.

Os resultados desta investigação podem ser úteis para a implementação de programas de educação para a saúde, com o objetivo de promover o uso de fontes de água seguras, mas preservando simultaneamente o património material e cultural.

Entende-se também que os dados recolhidos podem apoiar a definição de intervenções de saúde pública de precisão, direcionadas aos utilizadores destes equipamentos e fornecer informações valiosas para o diagnóstico ambiental, de saúde, socioeconómico e patrimonial no contexto local.

Esta investigação também desafiou alguns preconceitos iniciais, como a suposição de que o uso de água de fontes não controladas estava intrinsecamente relacionado a dificuldades financeiras. As entrevistas e observações realizadas revelaram que as motivações são mais complexas e diversificadas, o que sublinha a importância de não se fazerem suposições simplistas sobre os comportamentos sociais. Considera-se que esta investigação não retrata apenas as vivências individuais, mas também contribui para uma compreensão mais ampla das experiências humanas em contextos semelhantes.

Embora os resultados obtidos sejam limitados devido ao contexto temporal da investigação, acredita-se que estes resultados podem ser relevantes tanto para as entidades responsáveis pela gestão das infraestruturas hídricas, como para futuras investigações que explorem o potencial da etnografia aplicada à saúde pública.

Por fim, a investigação procurou responder de forma coerente às questões formuladas no início do estudo. Através de uma abordagem ética e rigorosa, procurou-se garantir a maior fidelidade possível às interpretações dos dados, sempre em consonância com a literatura existente e o quadro teórico adotado. Esta investigação representa, assim, um passo para uma melhor compreensão das práticas sociais associadas aos usos das águas e destaca o valor da investigação qualitativa no campo da saúde pública e do património cultural.

A Utilização da Água de Origem Não Controlada e a Relação com a Educação para a Saúde

A gestão da água de origem não controlada é uma questão complexa e relevante para a saúde pública. O uso dessas fontes, como poços ou nascentes e dos lavadouros, sem controle de qualidade adequado pode acarretar sérios problemas de saúde, sobretudo para as populações mais vulneráveis. A educação para a saúde surge como uma ferramenta essencial para capacitar essas populações, promovendo práticas seguras e prevenindo doenças. O modelo ecológico de promoção da saúde, conforme descrito no “Referencial para a Educação para a Saúde”⁴⁸, destaca que a saúde é influenciada por fatores individuais, sociais e ambientais. Este modelo propõe que a

⁴⁸ Homologado por despacho de 16 de maio do Senhor Secretário de Estado da Educação

promoção da saúde não se limite à mudança de comportamentos individuais, mas também envolver a criação de ambientes socioeconómicos que favoreçam escolhas saudáveis.

Os determinantes de saúde, como o ambiente físico, os estilos de vida e o sistema de saúde, desempenham papéis fundamentais na forma como as comunidades utilizam e gerem os seus usos das águas. A criação de ambientes favoráveis que garantam o acesso à água segura e a educação sobre práticas higiénicas são cruciais para a promoção da saúde. Segundo Lalonde (1974), citado por Graça Simões de Carvalho, é igualmente importante promover mudanças no ambiente físico, por exemplo, procurando desenvolver metodologias que permitam uma utilização adequada e segura destes equipamentos públicos, facilitando escolhas mais saudáveis.

Quando se trata de água de origem não controlada, a implementação de políticas públicas que melhorem a qualidade ambiental pode reduzir significativamente os riscos à saúde, promovendo práticas mais seguras e sustentáveis nessas comunidades. Aliás, o conceito de *empowerment* é central para a promoção da saúde.

O *empowerment* significa dar às pessoas e comunidades o controle das suas vidas e saúde. Isso inclui o desenvolvimento da literacia para a saúde, que é a capacidade de aceder, entender e utilizar informações sobre saúde de maneira eficaz. Kristine Sørensen, na sua visão para a literacia em saúde na Europa, enfatiza que essa literacia é fundamental para a tomada de decisões informadas e para a promoção da qualidade de vida. No caso da água de origem não controlada, é essencial que as comunidades estejam informadas dos riscos e benefícios do consumo da água dessas fontes, em detrimento da simples colocação de placas informativas, para que possam tomar decisões informadas e seguras ⁴⁹

A mudança de paradigma proposta por Sørensen sugere uma transição da atenção nos sistemas de saúde, para as pessoas e para as suas necessidades. Isso implica que os esforços para aumentar a literacia em saúde devem ser adaptados às realidades locais e às necessidades das populações envolvidas.

A educação para a saúde, por sua vez, pode ocorrer tanto em contextos formais, como não formais. A comunidade é um local central para essa educação, onde as interações sociais e o contexto local desempenham papéis vitais na disseminação de conhecimentos e na adoção de práticas saudáveis. Pais, et al salientam que a educação participativa e colaborativa realizada nas comunidades pode levar ao *empowerment* tanto individual como coletivo, promovendo uma maior literacia em saúde. Isso, por sua

⁴⁹ <https://www.who.int/publications/i/item/9789240038349>

vez, facilita a adoção de práticas mais seguras, nomeadamente em relação ao uso da água

Também existem estudos que mostram que, em escolas, a participação em projetos comunitários de educação para a saúde também pode aumentar o conhecimento sobre direitos de saúde e acesso aos cuidados, além de promover uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pelas populações que utilizam estes equipamentos.

Portanto, a promoção da saúde no contexto do uso de águas de origem não controlada deve ser abordada de maneira integrada, considerando os múltiplos determinantes de saúde e a criação de ambientes favoráveis que incentivem estilos de vida saudáveis. A educação para a saúde, tanto em contextos formais como nas comunidades, desempenha um papel fundamental na capacitação dos indivíduos para tomar decisões informadas e adotar práticas seguras. A visão de literacia para a saúde como uma competência essencial no século XXI, conforme proposta por Kristine Sørensen, reforça a necessidade de se focalizar no *empowerment* e na educação, para alcançar uma saúde pública mais equitativa e eficaz.

Seja através de comunicações formais ou informais, através da divulgação de resultados e outras atividades, é possível consciencializar a população sobre os riscos do uso de água de origens não controladas, alertando-as, por exemplo, sobre as possíveis contaminações tanto microbiológicas, como físico-químicas por pesticidas, metais pesados, bem como referindo a água como meio de transmissão de doenças como diarreias, febre tifóide e hepatite A. Também se poderão planear medidas de saúde pública de precisão, como campanhas direcionadas a comunidades específicas, utilizando dados locais para identificar e mitigar riscos de saúde, bem como envolver a distribuição de materiais educativos, realização de *workshops* comunitários ou a implementação de sistemas de tratamento e/ou de monitorização da qualidade da água.

Estes resultados servem, também, para compreender melhor a importância que estes equipamentos públicos tiveram no desenvolvimento da comunidade e do seu papel atual.

Referências bibliográficas

- Águas do Douro e Paiva – Grupo Águas de Portugal (2023). Quem Somos. Acedido em 5 de julho de 2023 <https://www.addp.pt/dados.php?ref=quem-somos>;
- Almeida, Lúcio Meneses de - Os serviços de saúde pública e o sistema de saúde = public health services and the health care system. Revista Portuguesa de Saúde Pública. ISSN 0870-9025. Vol. 28, Nº. 1 (Janeiro/Junho 2010), p. 79-92
- AMADO, João & SILVA, Luciano Campos (2017); Manual de Investigação Qualitativa em Educação, Universidade de Coimbra, 2017;
- Aprender uma coisa nova por dia. ([s.d.]). Sapo.pt. Recuperado 15 de setembro de 2024, de <https://aprenderumacoisanovapordia.blogs.sapo.pt/os-proverbios-e-os-meses-do-ano-1134>
- Bourdieu, Pierre. 1930-2002 A Distinção: crítica social do julgamento / Pierre Bourdieu; tradução Daniela Kern; Guilherme F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.
- Burnay, E. 1895. «Instruções aos Srs. Sub-Delegados de Saúde», in Boletim da Delegação de Saúde do Distrito de Lisboa. Lisboa: Imprensa Nacional;
- Carvalho, Á. C., Matos, C., Minderico, C., Almeida, C. T. d., Abrantes, E., Mota, E. A., Nunes, E., Amann, G. P. v., Lopes, I., Bettencourt, J., Ribeiro, J. P., Ladeiras, L., Durval, M., Martins, M., Narigão, M., Frango, P., Leal, P., Graça, P., Melo, R., & Lima, R. M. (2017). Referencial de educação para a saúde;
- Convenção sobre os direitos da criança e protocolos facultativos. - Lisboa: Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, D.L. 2016 – disponível em unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf
- Cordeiro, G. Índias. (2003). Capítulo 1. A antropologia urbana entre a tradição e a prática. In G. Índias Cordeiro, L. V. Baptista, & A. F. da Costa (éds.), *Etnografias Urbanas* (1-). Etnográfica Press. https://www.researchgate.net/publication/272564607_Etnografias_Urbanas
- Coentrão, A., & Cardoso, M. D. (2018, maio 8). Portugueses sabem que a água é escassa, mas não a poupam. Público. <https://www.publico.pt/2018/05/08/sociedade/noticia/portugueses-sabem-que-a-agua-e-escassa-mas-nao-a-poupam-1829168>

- COSTA, António Firmino. «*A pesquisa de terreno em Sociologia*», in In Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto (orgs.). *Metodologias das Ciências Sociais* Porto: Afrontamento (1987)
- da Silva, S. M. (2011). *Da casa da juventude aos confins do mundo: etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*; Edições Afrontamento
- Decreto-Lei n.º 306/2007, de 27 de agosto do Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional (versão consolidada);
- Decreto-Lei n.º 194/2009, de 20 de agosto do Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional (versão consolidada);
- Decreto-Lei n.º 69/2023, de 21 de agosto. Diário da República n.º 161/2023, Série I. Presidência do Conselho de Ministros. Lisboa;
- Dias, J., & Galhano, F. (1986). Aparelhos de elevar a água da rega. Contribuição para o estudo do Regadio em Portugal. Lisboa: Publicações Dom Quixote – <https://books.openedition.org/etnograficapress/6168> consultado a 25/03/2024
- Dolnicar, S., & Hurlimann, A. (2009). Drinking water from alternative water sources: differences in beliefs, social norms and factors of perceived behavioural control across eight Australian locations. *Water Science and Technology: A Journal of the International Association on Water Pollution Research*, 60(6), 1433–1444. <https://doi.org/10.2166/wst.2009.325>
- Dolnicar, Sara, & Hurlimann, A. (2011). Water alternatives—who and what influences public acceptance?: Water alternatives-what influences the public. *Journal of Public Affairs*, 11(1), 49–59. <https://doi.org/10.1002/pa.378> consultado a 05/09/2024
- Durand, J.-Y. (2003). A diluição do consenso: a água, de “fonte de vida” a “património colectivo”. *Etnografica: revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*, vol. 7 (1), 15–32. <https://doi.org/10.4000/etnografica.2869>
- Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos, *Relatório anual do setor de águas e resíduos em Portugal 2010*, Vol. 1, p. 18–23, novembro de 2011
- ERSAR - Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos. Água segura 2021 - Acedido a 1 de Março de 2023. <https://www.ersar.pt/pt/consumidor/qualidade-da-agua;>
- Ferreira, Vitor. (2000). Cidade e Democracia: Ambiente, património e Espaço Público. CIDADES, Comunidades e Territórios. 10.7749/citiescommunitiesterritories.dez2000.001.art01.
- Ferreira, C. (2013). *Sendim - Terra de Miranda: Geografia e Toponímia*. Lisboa: Âncora Editora.

- Ferro, L., Abalos Júnior, J. L., & Marmanillo Pereira, J. (2022). ATORES URBANOS, TRAJETÓRIAS E PROJETOS DE VIDA NA CIDADE: Abordagens etnográficas em perspectiva. *ILUMINURAS*, 23(63). <https://doi.org/10.22456/1984-1191.129068>
- FARIA, F. Fernando Godinho (1899) – Monographia do Concelho de Bouças
- Ferrarrotti, Franco, «Acerca de la Autonomia del Método Biográfico», in Jean Duvignaud, Sociologia del Conocimiento, México, Fondo de Cultura Económica, 1982, p. 127)
- Fino, C. N. (2008). A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In Christine Escallier e Nelson Veríssimo (Org.) Educação e cultura (pp. 43-53). Funchal: DCE – Universidade da Madeira;
- Ferreira, C. (2013). *Sendim - Terra de Miranda: Geografia e Toponímia*. Lisboa: Âncora Editora
- FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa/ Uwe Flick; tradução Joice Elias Costas. – 3. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009; ISBN 978-85-363-1711-3
- Frias, A. (2001). Fabienne Wateau. Conflitos E Água De Rega: Ensaio Sobre A Organização Social No Vale De Melgaço. *Etnografica: revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*, vol. 5 (1), 198–203. <https://doi.org/10.4000/etnografica.3575>
- GIACOMETTI, Michel e LOPES-GRAÇA, Fernando (1981). *Cancioneiro Popular Português*. Lisboa: Círculo de Leitores;
- Gil, Antonio & Souza, Dercia & Bidart de Novaes, Marcos & Da Silva, Edson & Maia, Anselmo. (2014). EXIGÊNCIA DO CONSENTIMENTO INFORMADO NA PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO. 82-104;
- Guimarães, H. (2010). Concepções, crenças e conhecimento -afinidades e distinções essenciais. XIX. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11019/1/ConcepCrenConhec_Quadrant_e_pp81-102.pdf
- Haggerty, J. H., Dunn, J., Gansauer, G., Ewing, S., & Metcalf, E. (2021). Social memory and infrastructure governance: a century in the life of a rural drinking water system. *Environmental Research Infrastructure and Sustainability*, 1(3), 035004. <https://doi.org/10.1088/2634-4505/ac26d1>
- Health promotion glossary of terms 2021. (2021). World Health Organization;
- Hurlimann, A., Dolnicar, S., & Meyer, P. (2009). Understanding behaviour to inform water supply management in developed nations – A review of literature, conceptual model and research agenda. *Journal of Environmental Management*, 91(1), 47–56. <https://doi.org/10.1016/j.jenvman.2009.07.014>

- In PEREIRA, Beatriz Oliveira ; CARVALHO, Graça Simões de - “Actividade Física, Saúde e Lazer : A Infância e Estilos de Vida Saudáveis.” Lisboa: Lidel Edições Técnicas Lda, 2006. ISBN 972-757-423-8. p. 19-37.
- Jorge, R. (1888). Saneamento do Porto. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira;
- Koury, M. G. P. (2014). Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa pessoalidade. *Etnografica: revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*, vol. 18 (3), 521–549. <https://doi.org/10.4000/etnografica.3811>
- Kulinkina, Alexandra V, Shinee, Enkhtsetseg, Guzmán Herrador, Bernardo Rafael, Nygård, Karin & Schmoll, Oliver. (2016). The situation of water-related infectious diseases in the pan-European region. World Health Organization. Regional Office for Europe. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/329534>
- Lei n.º 58/2005 de 29 de dezembro – na sua versão consolidada. Diário da República n.º 249/2005 – Série I-A Assembleia da República. Lisboa;
- March, H., Garcia, X., Domene, E., & Sauri, D. (2020). Tap water, bottled water or in-home water treatment systems: Insights on household perceptions and choices. *Water*, 12(5), 1310. <https://doi.org/10.3390/w12051310>
- LEÇA, A. (1942). *Música Popular Portuguesa* (2ªed), 1. Porto: Editorial Domingos Barreira, p. 7 a 10 - Livro digitalizado para a ‘Biblioteca do Povo’ página de divulgação de conteúdos sobre etnografia, folclore, tradições, usos e costumes portugueses - Porto, 10 de Março de 2019)
- LIMA, Doutor Oliveira – Os Lavadouros públicos dos Pôrto. Separata do «Boletim de Higiene e Sanidade Municipais» - da Câmara Municipal do Pôrto. Numero 3 – Novembro –Dezembro de 1936. Tipografia Leitão
- Lisboa, M. (2016). *Metodologías de investigação sociológica: problemas e soluções a partir de estudos empíricos/* coord. Manuel Lisboa ; autores Ana Lúcia Teixeira... [et al.]. - 1ª ed. - Vila Nova Famalicão : Húmus, 2016; <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/75093> .
- Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), 11–29. <https://doi.org/10.1590/s0102-69092002000200002>
- MARTINS, Humberto, «“Tu não és daqui... estás só aqui durante um tempo!”: explorando os lados sombra de uma experiência de trabalho de campo», *Etnográfica* [Online], vol. 16 (3) | 2012, posto online no dia 08 outubro 2012, consultado o 01 junho 2024. URL:

- MENDES, José Manuel. Perguntar e observar não basta, é preciso analisar: algumas reflexões metodológicas. 2003. Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra; Disponível em: <https://ces.uc.pt/pt/publicacoes/outras-publicacoes-e-colecoes/oficina-do-ces/numeros/oficina-194> - Consultado a 2/10/2023.
- Minayo, M. C. d. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2001). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade (Vol. 29). Editora Vozes.
- Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed.; São Paulo: Hucitec; 2014.
- MOREIRA, H. Critérios e estratégias para garantir o rigor na pesquisa qualitativa. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v. 11, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/6977>
- Moscovici, Serge; Representações sociais: investigações em psicologia social / Serge Moscovici: editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. -5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007
- Neves, César das, 1841-1920, compil.; Campos, Gualdino de, 1847-1919, co-autor; Braga, Teófilo, 1843-1924, Cancioneiro De Musicas Populares Vol 3 1898 - disponível em <https://archive.org/details/cancioneiro-de-musicas-populares-vol-3-1898>
- Oral History Interview Guide – The Historical Society of Pennsylvania;
- Pais, S. C., Rodrigues, M., & Menezes, I. Community as a Locus for Health Formal and Non-Formal Education: The Significance of Ecological and Collaborative Research for Promoting Health Literacy;
- Pais, José (1986). Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana. Analise Social. XXII. 7-57.
- Parreira, P., Sampaio, J., Lisete, Paiva, T., & Alves, M. (2018). Análise das Representações Sociais e do Impacto da Aquisição de Competências em Empreendedorismo nos Estudantes do Ensino Superior Politécnico Instituto Politécnico da Guarda.
- Pato, J. H. (2011). História das políticas públicas de abastecimento e saneamento de águas em Portugal.
- Perassi, R. L. de S., Varnier, T., Forcelini, F., & Merino, G. A. D. (2019). Justificativa teórico-epistemológica para adoção de etnografia rápida na área de

- Pinto, I., Campos & C., Siqueira, C. (2018). Investigação qualitativa: Perspetiva geral e importância para as ciências da nutrição. *Acta Portuguesa de Nutrição*, 14, páginas 30-34, doi <http://dx.doi.org/10.21011/apn.2018.1406>.
- PORTUGAL, Águas de; “Atitudes e Comportamentos dos Portugueses face à Água - Relatório Quali-Quantitativo” 2018 e 2021
- Provérbios e expressões populares sobre a água. (2023, fevereiro 13). Folclore.PT; gestor. <https://folclore.pt/proverbios-sobre-a-agua/>
- RECHENA, Aida. Teoria das representações sociais: uma ferramenta para a análise de exposições museológicas. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n. 41, p. 211-244, 2011
- Relatório Anual dos Serviços de Águas e Resíduos em Portugal – RASARP 2010 - ERSAR (2010). *Relatório anual do setor de águas e resíduos em Portugal*. Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos.
- Relatório Anual dos Serviços de Águas e Resíduos em Portugal - RASARP (2022) Volume 2 – Controlo da qualidade da água para consumo humano – ERSAR
- Relatório Anual dos Serviços de Águas e Resíduos em Portugal - RASARP (2023) Volume I – Controlo da qualidade da água para consumo humano – ERSAR
- Relatório Anual dos Serviços de Águas e Resíduos em Portugal - RASARP (2023) Volume II – Controlo da qualidade da água para consumo humano – ERSAR
- SILVA, Manuela Moreira da; “Uso da água para os humanos versus natureza – conflito ou pacto de sobrevivência”; *Revista APDA*, Edição 27, 4º trimestre 2022; Associação Portuguesa de Distribuição de Águas; Lisboa.
- Sobral, J. M. (1999). Da casa à nação: passado, memória, identidade. *Etnografica: revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*, vol. 3 (1), 71–86. <https://doi.org/10.4000/etnografica.2689>
- SOL; Hermínia, “ 'Em meses de inverneira, histórias à lareira'. Provérbios e dizeres enquanto transmissores de valores culturais e de identidade”, *Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement*, nº spécial, automne / hiver 2009, pp. 105-113. <http://carnets.web.ua.pt/>
- SOUSA, Lúcio (2007); A prática da antropologia; Universidade Aberta;

- Spink, M. J. P. (1993). O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cadernos de saúde pública*, 9(3), 300–308. <https://doi.org/10.1590/s0102-311x1993000300017>
- Teixeira, José (2017) “Mais importante que a verdade: o valor argumentativo dos provérbios”, in Soares, Rui e Lauhakangas, Outi (Org.), 10º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios/ 10th Interdisciplinary Colloquium on Proverbs. Actas ICP16 Proceedings, Associação Internacional de Parameologia/ International Association of Paramiology (AIP-IAP), pp. 550-560. (ISBN 978-989-98685-7- 1) outubro 2017
- Viegas C. Alterações climáticas e impacto na qualidade da água. In: Barbosa J, editor. Riscos climáticos e a saúde dos portugueses: futuro(s) por imaginar e construir. Lisboa: Médis – Companhia Portuguesa de Seguros de Saúde, S.A.; 2023. p. 183-191.
- Vieira, R., & Vieira, A. (2018). Entrando no Interior da Escola: etnografia e entrevistas etnográficas. *Revista contemporânea de educação*, 13(26), 31–48. <https://doi.org/10.20500/rce.v13i26.14641>)
- Unidade Local de Saúde de Matosinhos, E.P.E.; Unidade de Saúde Pública de Matosinhos; Câmara Municipal de Matosinhos; Plano Municipal de Saúde 2019_21; Matosinhos 2018;
- United Nations - UN-Water Decade Programme on Advocacy and Communication and Water Supply and Sanitation Collaborative Council; The Human Right to Water and Sanitation - Media brief;
- United Nations - UN-Water Decade Programme on Advocacy and Communication and Water Supply and Sanitation Collaborative Council; The Human Right to Water and Sanitation Marks - Media brief;

Apêndice I – parecer favorável da comissão de ética da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto – FPCEUP



COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER (Ref.º 2023/07-09)

A Comissão de Ética (CdE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, tendo examinado os documentos do projeto de investigação denominado «*Fonte das palavras: motivações do “uso das águas” – um estudo etnográfico*», submetidos para apreciação ética pelo mestrando **Miguel Maia** e com orientação da **Prof.ª Doutora Sofia Marques da Silva**, emite um **parecer favorável** à realização da pesquisa.

A CdE recomenda, no entanto, que sejam considerados:

- os modos de devolução de resultados, designadamente à comunidade onde o estudo é efetuado;
- a correção da sigla do nome da faculdade na pg. 16 do anexo.

Parecer favorável

A CE é favorável à realização do projeto.

FPCEUP, 28 de julho de 2023

A Presidente da CE,

Prof.ª Doutora Carlinda Leite

Apêndice II – Declaração explicativa⁵⁰



Declaração

Pelo presente atesta-se que Miguel Ângelo Teixeira Maia, aluno do Mestrado em Educação para a Saúde, se encontra a realizar um estudo etnográfico relacionado com o consumo de água, com o objetivo de explorar e compreender as dinâmicas sociais, culturais ou outras associadas a este tema (*Fonte das palavras: motivações do "uso das águas" – um estudo etnográfico*).

O principal objetivo deste estudo é conhecer e analisar as práticas, comportamentos e atitudes das pessoas em relação ao consumo de água disponibilizada em equipamentos acessíveis ao público.

Esta abordagem de investigação pretende, através de um contacto direto com as comunidades e contextos onde ocorre o consumo de água, compreender as perceções, os significados atribuídos e os desafios enfrentados pelas pessoas nesta área.

Pretende-se, em proximidade com as comunidades envolvidas, identificar os fatores socioculturais que influenciam as escolhas e os hábitos de consumo destas águas, através da análise de dados qualitativos, ou seja, não serão feitos questionários, inquéritos ou semelhantes.

Deste estudo espera-se que resultem informações relevantes para a área da Educação para a Saúde, contribuindo para o desenvolvimento de intervenções educativas mais eficazes neste domínio, se necessário.

Ao participar no projeto, permitirá melhorar o conhecimento sobre a experiência dos utilizadores daquelas águas.

A participação neste estudo é voluntária, anónima e sem compensação monetária ou outra - se decidir participar, poderá deixar de o fazer a qualquer momento.

Este estudo garante o anonimato dos participantes, assim como a confidencialidade dos dados recolhidos - Em nenhum tipo de relatório ou de publicação que eventualmente se venha a produzir, será incluído qualquer tipo de informação que possa conduzir à identificação dos participantes.

Em caso de dúvida poderá questionar o investigador, ou comunicar através do contacto: up202204010@med.up.pt

O presente estudo será assegurado pelo autor e investigador supracitado, sob orientação da professora Sofia Marques da Silva – professora associada Centro de Investigação e Intervenção Educativas /Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Porto, 14 de julho de 2023

⁵⁰ Documento a ser devidamente validado (para entrega aos participantes)

Apêndice III – Transcrições das Entrevistas

Entrevista | D. Manuela

Miguel: Pronto Dona Manuela... Já pus aqui o telefone a gravar a nossa conversa. Estamos a ter esta conversa aqui, porque a Dona Manuela me disse que tem uma bomba no seu terreno. A dona Manuela mora, há quantos anos aqui em Matosinhos, mais ou menos? A D. Manuela é de cá?

D. Manuela: Nasci em Leça do Balio.

Miguel: Nasceu em Leça do Balio, onde?

D. Manuela: No Monte da Mina.

Miguel: No Monte da mina...

Miguel: Pronto, e então depois veio morar para Matosinhos com que idade?

D. Manuela: Veio... Ah isso já não me lembro, mas sei que fui criada com os meus avós desde pequena. Desde pequena, pronto morava... morava a minha mãe e o meu pai e as minhas avós moravam lá juntos.

D. Manuela: Depois tive ali com eles, era o meu avô que me levava para a escola.

Miguel: Por isso, teria mais ou menos entre os 6 e os 10 anos, não é?

D. Manuela: Sim, sim, sim, mais ou mais ou menos, mais ou menos. Porque os meus avós tinham então os tais caseiros... e pronto e eu vivia ali com eles. Entretanto, eles faleceram. Primeiro foi o meu avô e depois foi a minha avó. E a minha mãe tinha um tio, mas esse tio era divorciado, que era o meu... tinha um tio ... tinha um irmão e esse meu tio era divorciado, mas tinha problemas.

Miguel: Mas quando veio, por exemplo... Lembra-se da casa de Leça do Balio?

D. Manuela: Lembro-me, lembro-me

Miguel: Pronto, quando mudou de lá para cá, acha que mudou para uma casa melhor? A casa era mais ou menos idêntica?

D. Manuela: Era, era mais ou menos idêntica. Era, era uma casinha ali no, portanto, ali chama-se Ermida, ou lá o que é, mas era Padrão da Légua. Aquilo... aquilo era Padrão da Légua. Mais à frente tinha o meu falecido avô também, que era sapateiro - que era pai do meu pai - onde o meu pai morou lá com os irmãos e a mãe. E depois vim aqui para Custóias, para esta casa. Esta casa tem perto de 100 anos. Esta casa... esta e a

que está apegado a mim. Portanto, eu estou no meio de uma que tem a mesma idade da minha. E do outro lado, também estou... que era a casa do... a Casa ainda lá está gente... que ele trabalhava na maternidade, que era doutor Rogério. Portanto, também tem a idade da minha casa, porque eu sou... aquelas três ali, são muito antigas mesmo, mesmo muito... Claro que depois nós fomos melhorando.

Miguel: E foram construindo mais casas lá à volta ou só tem as três? É que eu não conheço o sítio onde mora?

D. Manuela: Não conhece?

Miguel: Não.

D. Manuela: Não, não ... de antigas?

Miguel: Não, de agora

D. Manuela: Não, não, não. Tenho do outro lado, sim, sim, sim, sim... Mas não têm tantos anos como as minhas.

Miguel: São mais recentes. E quando veio morar para cá, a casa não tinha água da rede?

D. Manuela: Não, não. Lá está, tínhamos um poço. Que depois é que aprofundámos mais este. Já no tempo, também do meu avô, tínhamos o poço que tinha, fazia-se assim (gesticula com os braços) e a água vinha para encher, para encher uma bacia.

Miguel: Ou seja, tinha... tinha tipo uma manivela, não era?

D. Manuela: Era uma coisa de pau.

Miguel: Sim...

D. Manuela: De antigamente... depois, então é que

Miguel: Mas tinha um balde e uma corda?

D. Manuela: Tinha, tinha um baldinho. Depois a gente trazia água para cima dentro desse balde. – USO POÇO

Miguel: Mas tinha que fazer muito esforço?

D. Manuela: Claro que sim, claro. Antigamente era...

Miguel: E era muito fundo?

D. Manuela: Era fundo, era. Eu não sei quantos metros ele tem, mas sei que é fundo.

Miguel: E ainda tem esse poço?

D. Manuela: Tenho... Não! Tenho outro agora. Agora tenho outro. Porque como é: afundaram aquele poço e é o que eu tenho agora. Mas a bomba já não trabalha. Depois tivemos a bomba, a bomba trabalhava, mas agora já não trabalha a bomba.

Miguel: Mas o poço, por exemplo, tinha água o ano todo? Havia alguma em que...

D. Manuela: Havia falhas, falhas de água... prontos... e enchia-se duas pias ou quê... Passado um bocadinho, já não tínhamos água porque a água que a gente serve é água de poço. Ainda não havia água da companhia. O meu pai meteu depois, sei lá, acho que depois de saírem os caseiros é que o meu pai pensou em meter água da companhia porque estava sempre a faltar.

Miguel: E seria mais ou menos a por volta de que ano, tem ideia?

D. Manuela: Não, não tenho.

Miguel: Que idade é que acha que tinha?

D. Manuela: Sei lá, eu acho que já namorava para o meu marido quando o meu pai meteu... à volta dos que 15 anos...15, 16 anos eu comecei a namorar para o meu marido tinha 15 anos.

Miguel: Hum, hum...

D. Manuela: Foi quando se deu isto do 25 de Abril...

Miguel: Ok, então, foi mais ou menos em 74 não é?

D. Manuela: É, é. Devia ter sido. Que o meu pai depois, depois que ainda tínhamos uma caseira, pois lá está... No sítio que eu moro, que eu estou, tínhamos lá uma caseira e a caseira, como o poço estava sempre a faltar água, ela disse ao meu pai se não era melhor meter água da companhia e o meu pai pronto, meteu. Meteu nas casas todas.

Miguel: Mas a...Os seus vizinhos também tinham poço ou não tem ideia?

D. Manuela: Não, não éramos só nós. O poço era só nosso.

Miguel: Mas eles tinham um poço deles ou não?

D. Manuela: Não, não. Serviam-se todos da bomba. Os caseiros que nós tivemos lá, serviam-se todos da bomba.

Miguel: Mas os vizinhos os das outras casas?

D. Manuela: Ai das outras casas não sei.

Miguel: Pronto, mas se calhar o mais provável é que tivessem poço ou uma bomba destas?

D. Manuela: E é capaz de ter... ou então deixaram secar... Não sei. Sei que em minha casa eu trabalho com a água do poço para a máquina. Ainda tenho água, para já suficiente. A pia, ora, temos... eram 4 caseiros... temos 3 pias... Ainda se enche, mas é de água da companhia a pia...

Miguel: Mas está a dizer a pia, os tanques de lavar roupas?

D. Manuela: Portanto, são 3 todos seguidos que o meu falecido pai fez.

Miguel: Mas são tanques daqueles de... de betão? Ou são tanques daqueles como havia dos tanques públicos para lavar a roupa?

D. Manuela: Hum....

Miguel: De que tamanho é que são, mais ou menos, tem ideia?

D. Manuela: Ai são grandes... O de cá é enorme. É enorme é! Porque a gente mete lá até as passadeiras e tudo... as carpetes e tudo. Meto lá e depois tira-se. E eu depois passo com a mangueira, porque eu tenho um terraço para isso.

Miguel: E lembra-se... quando, quando foram instalar lá a bomba? Não se lembra?

D. Manuela: Ah não...

Miguel: Já estava lá a bomba?

D. Manuela: Já, já... Já estava lá quando eu... quando nós fomos para lá, quando eu fui para lá, já estava lá a bomba.

Miguel: Sim.... Portanto, aquilo era mais um bocadinho mais fácil do que num poço normal?

D. Manuela: Sim, sim, sim... Porque nós tínhamos que puxar assim para encher o balde (gesticula com os braços para cima e para baixo). Agora não, agora tínhamos a bomba que enchiamos os tanques.

Miguel: Mas está a falar da bomba elétrica que tem agora ou está a falar de uma bomba assim deste género como está nesta fotografia? (mostrei imagem de uma bomba volante/bomba moderna)

D. Manuela: Estou a falar desta bomba (aponta para a imagem). Isto é um tanque aqui, é? (aponta para a peça em granito que recolhe a água e onde se podem pousar os recipientes) Os nossos não são assim...

Miguel: Este é em Perafita... Na rua José Joaquim de Andrade. Este encontrei-o na rua e este ainda está a funcionar. A sua ainda funciona?

D. Manuela: Não, não, não.

Miguel: Está com ferrugem?

D. Manuela: Sim, está. A minha já não funciona.

Miguel: A sua funcionou quantos anos na sua casa?

D. Manuela: Ai muitos anos... muitos anos, muitos anos.

Miguel: Portanto, quando foi para lá, terá sido... mais ou menos em 60, 1960 não é? Pelas contas que me disse...

D. Manuela: Sim, nasci em 59...

Miguel: Portanto, 60 e poucos, não é? Foi para lá com 6 anos.

D. Manuela: É, é. Foi, foi.

Miguel: E funcionou, se calhar, até depois de se casar?

D. Manuela: Sim, sim. Sim, sim ainda funcionou.

Miguel: E, portanto....

D. Manuela: Ainda enchia muitas vezes os tanques com a bomba... Depois é que deixou de dar, estava sempre a falhar a água.

Miguel: Sim... E a água tinha normalmente vinha branquinha.

D. Manuela: Sim, sim

Miguel: E tinham que levar água também para casa, não era?

D. Manuela: Sim. Não! Comprávamos aos garrafões... que não bebíamos daquela, daquela... água.

Miguel: Sim, mas para tomar banho e assim como é que como é que fazia?

D. Manuela: Ah para tomar banho... Não tínhamos umas condições como agora temos.

—

Miguel: Sim.

D. Manuela: Era numa bacia grande.

Miguel: E tinham que aquecer a água, não era?

D. Manuela: Exatamente aquecíamos... Era uma bacia muito grande que a gente tomava banho ali.

Miguel: No Inverno é que era mais difícil.

D. Manuela: Tomávamos banho... porque na cozinha que... que a minha filha tem hoje, aquilo cozia-se lá pão e tinha aquelas salgadeiras, que você também não se lembra daquilo, pronto havia aquelas salgadeiras que a minha avó metia as carnes...

Miguel: Para conservar

D. Manuela: Para conservar, para conservar... E estava sempre, como é, temperadas, sempre ...sempre temperadas ali...

Miguel: Sim.

D. Manuela: E pronto e quando ela queria, ía lá, tirava assim um naco, aquilo partia-se assim uns bocadinhos e cozia e comíamos aquilo.

Miguel: Porque eu tenho ideia de se usar as salgadeiras, de ouvir falar, claro, sim, antes dos frigoríficos.

D. Manuela: Claro, não tínhamos frigorífico. Não tínhamos, tivemos depois, mais tarde, mas muito mais tarde é que porque... prontos, era uma vida assim... (nostálgica e com alguma “vergonha”) Era uma vida assim, como é, muito pobre e não havia assim ... Eu ia para a porta da padaria, lá à minha beira, buscar fermento.

Miguel: Mas se calhar, por exemplo, arranjava-se mais facilmente o peixe do que a carne nessa altura? Porque estava-me a dizer que a carne que se conservava nas salgadeiras, o peixe se calhar era mais fácil por ser próximo de Matosinhos, não é?

D. Manuela: Sim, mas eu não me lembro de comer muitas vezes peixe...

Miguel: Se calhar seria mais caro, não é? Se calhar era mais caro, é por isso.

D. Manuela: Era, era...

D. Manuela: O que me lembra, lembra-me muitas vezes, a minha falecida avó vendia flores que era do nosso quintal, para fazer algum dinheiro. Porque nós tínhamos muito ... muitas flores de maneira, o que é...

Miguel: Sim.

D. Manuela: E ela apanhava as flores e eu ia com a minha falecida avó. Vinha aqui, que agora já nem sei se ainda é aquela rua, como se chama, aquela que diziam que era de Manuel sem pila?

Miguel: (Risos)

D. Manuela: (Risos; com vergonha)

D. Manuela: Antigamente, antigamente era... aquela rua.

Miguel: Sim.

D. Manuela: E nós, eu vinha com a minha falecida avó, lembra-me muito bem, de nos darem de comer. Eu vinha a pé! Vinha a pé com ela, porque aquilo era tudo montes!

Miguel: Mas vinha a pé de onde? Desde o Padrão da Légua...

D. Manuela: Não filho, vinha a pé desde Custóias para... para aqui para Matosinhos. Porque isto era tudo o montes, mesmo até à minha beira, onde tenho as casas, agora os andares, era tudo monte, tudo, tudo... (nostalgia) E eu vinha vinha com ela, vinha com com ela e depois ela vendia, não era, as flores todas... E havia sempre uma senhora, que já morreu, pois, que nos dava uma tigelinha de sopa e um bocado de carne em cima de um bocado de broa.

Miguel: Mas quando vinha aqui para Matosinhos, ia para onde vender as flores?

D. Manuela: Lá está, era na rua, naquela rua... (com vergonha, fazia referência à rua já referida anteriormente), era naquela rua que vai ter mesmo ao mercado.

Miguel: Ok... e, por exemplo....

D. Manuela: Agora está tudo modificado!

Miguel: Eu sei que, se hoje em dia, se nós tivermos sede, vamos a qualquer lado facilmente comprar uma garrafa de água ou pedir um copo de água. Lembra-se de ir a alguma fonte beber água? Porque às vezes havia algumas fontes.

D. Manuela: Havia ali na Senhora da hora, a fonte das 7 Bicas.

Miguel: Ok, aquela à beira da igreja?

D. Manuela: Sim, sim. Que até lhe chamavam a fonte dos namorados.

Miguel: Ok... E lembra-se de ir a mais alguma além dessa?

D. Manuela: Não. À minha beira... à minha beira tem um Rio das lavadeiras, que era o Rio que antigamente... que nós íamos lá lavar a roupa. Sim, eu ia muitas vezes com a minha falecida avó e com a minha mãe também cheguei a ir, mas mais com a minha avó que eu ia...

Miguel: E como é que era... era mesmo... Era no rio que lavava?

D. Manuela: Era mesmo no rio, ainda lá há. Agora não sei se é utilizado, se não é...

Miguel: Mas tem um acesso fácil para o rio, para se ir lá lavar? ou tem um tanque?

D. Manuela: Tem... ai é ... na altura... Na altura eram 2 tanques. Aquilo tem umas escadinhas. Eu por acaso olhe... é lá à minha beira, mas... Nunca mais lá fui.

Miguel: E aquilo tem... tem 2 tanques divididos a meio, não é? Tem uma coisa, uma parte mais alta a dividir....

D. Manuela: Sim, sim, sim, sim, sim... que até lhe disse. Até diziam que, num era para lavar e outra era para passar a roupa, faz de conta, lavava-se aqui, não era, e ia-se passar a roupa ali no outro (gesticula).

Miguel: Para a água não ficar suja de uma para a outra.

D. Manuela: Sim.

Miguel: Eu não sei, não sei se... havia muita gente que ia para lá, muitas mulheres não era? eram as senhoras que iam para lá lavar...

D. Manuela: Oh claro... e iam lavar as carpetes e os tapetes. Com... com a bacia na cabeça, com aquelas rodilhas... cheguei a ir muitas vezinhas... e depois, havia pessoas que não tinham aonde estender a roupa. Nós por acaso tivemos sempre. Trazíamos a roupa para casa. Íamos lá mais que uma vez, que eu lembro-me, eu era pequenita. Eu lembro-me de ir com a minha falecida avó. ir lá muitas vezes buscar aquela roupa.

Miguel: E tinha muito movimento?

D. Manuela: Tinha, tinha... porque não havia assim grandes águas em casa, claro, o nosso poço estava sempre a falhar, a falhar, a falhar...

Miguel: Então aquilo até era uma boa obra... uma boa obra pública para vos ajudar, não é?

D. Manuela: E agora... Eu não sei se aquilo ainda tem água... não faço a mínima ideia. Aquilo é à beira da linha do metro, mesmo na estação de Custóias, passa-se a linha, mais abaixo... Tem uma casita ou duas, salvo erro... E tem os tanques tudo coberto

Miguel: Já era coberto na altura?

D. Manuela: Já, já, já....

Miguel: Eu sei que há uns tanques que eles estão, são um bocadinho mais altos para se conseguir lavar melhor e não estar de joelhos era desses?

D. Manuela: Não, não, não, não... A gente estava em pé e lavar ou de joelhos... com aquelas travezinhas não era? lavava eu em casa, às vezes o chão, o nosso chão. Era daquele soalho sim, soalho mesmo ... daquele, pronto, o que se usava naquela altura. E o meu falecido avô comprou uma... Como é que hei-de dizer? Uma escova para a gente lavar o soalho, para a gente... Era eu que ajudava a minha avó a lavar o soalho

Miguel: Sim

D. Manuela: Com sabão. Água e sabão e um pano para passar.

Miguel: Então nos tanques também era de certeza um cheirinho a sabão

D. Manuela: De sabão, que sim, era ao sabão daquele... daquele de barra azul.

Miguel: Sabão azul e branco, não é?

D. Manuela: Ou barra cor-de-rosa... nós usávamos cor-de-rosa para dentro. Para nos lavar, claro

Miguel: Sim para os banhos, não era? E o azul e branco é que era para a roupa?

D. Manuela: Era, guardávamos esse para a roupa. Depois que se fez aqueles tanques, como os caseiros saíram, o meu falecido avô... ah não, já foi tempo do meu pai, botou aquilo tudo, a “barracada” que tínhamos logo na entrada, tínhamos... aquilo em antes chamava-se um “aido”, aquilo onde o meu avó guardava as bicicletas, e tinha um lagar!

Miguel: Mas, por exemplo, lá no... no tanque, aquilo também era um ambiente bem disposto, não era?

D. Manuela: sim, sim, sim, havia pessoas até que cantavam e tudo.

Miguel: E lembra-se de uma música que elas cantavam?

D. Manuela: Não.

Miguel: Não lhe estou a pedir para cantar, não?

D. Manuela: Não doutor, mas não me lembra. Eu sei que eu ia, eu era a companhia da minha avó. Eu sei que ia e vinha com aqueles baldes, ainda me lembro de vir com os

baldes, depois saíamos lá, aquilo não passava lá o metro era o comboio, logo era o comboio, antigamente era...

Miguel: É, e eu acho que elas costumavam ir de avental também, para não... para não molhar a roupa

D. Manuela: Íamos de avental (ri-se) íamos de avental. A minha avó fez-me um aventalzinho. E olhe, eu tenho-o pra lá, mas não sei onde - tenho que procurar - mas muito jeitosinho com uma redinha naquela altura, então....

Miguel: Claro que sim

D. Manuela: Naquela altura...

Miguel: E tem ideia das pessoas a lavarem no Rio nessa altura? Porque o Leça durante muitos anos foi usado para lavar a roupa.

D. Manuela: O rio Leça?

Miguel: Sim. Tem ideia de ver as pessoas a lavar no Leça ou já não?

D. Manuela: Aí já não. Ouvi falar, mas eu para aí já não ia. Ouvi falar

Miguel: Porque aí já lhe ficava longe

D. Manuela: Claro ,ficava-me longe... O rio Leça é por trás... Das casas do meu marido.

Miguel: Mas pronto, por isso é que para vocês foi importante ali aqueles tanques.

D. Manuela: Era. Tem, tinha... deixe estar que ainda hei-de lá passar a ver a data que aquilo foi construído.

Miguel: ok.

D. Manuela: Para ver a data porque aquilo... eu quando fui por lá era Rio, era... era aí que a gente íamos lavar a roupa. Depois púnhamos a corar a roupa.

Miguel: E a estendiam-na lá ou traziam-na molhada.

D. Manuela: Alguma que era pesada, ficava lá estendida. Depois, ao fim da tarde... ou eu e o meu avô íamos buscá-la. Metíamos na bicicleta a roupa... e eu no selim da bicicleta, que ele fez uma cadeirinha. Não sei se foi por... não sei, tive assim ... até era uma boa infância que eu tive. Tive sim senhora.

Miguel: Essa questão de lavar a roupa no tanque, as pessoas usavam isso para o seu dia a dia, mas também havia quem... quem tirasse algum... alguma receita disso não é? Fazia... trabalhava a lavar a roupa.

D. Manuela: Sim havia pessoas que lavavam roupa

Miguel: Aquelas lavadeiras.

D. Manuela: Mas eu... nós nunca... ninguém nos lavou a roupa. Usava-se aqueles liteiros... Os liteiros de pôr na cama... em vez de ser cobertores, eram leiteiros, está compreender? E nós íamos lavá-los... e lavava-se, pois aquilo é... torna-se muito pesado e deixávamos lá escorrer. Depois o meu falecido avô, quando viesse da pedreira, vinha por lá buscar. Outras vezes até ia...

Miguel: E como é que sabiam qual era a vossa roupa?

D. Manuela: Porque sabiam que cada qual chegava lá e pegava na roupa que... que era delas e a outra ficava, nunca nos faltou nada.

Miguel: Mas, mas se.... Por exemplo, o seu avô, quando vinha então da pedreira, vocês ainda estavam lá?

D. Manuela: Não, estávamos em casa, mas ninguém mexia na roupa.

Miguel: Ou seja, ele sabia que naquele sítio...

D. Manuela: Naquele sítio era a nossa roupa. Não mexiam. Às vezes éramos os últimos a ir lá buscar, porque, depois a minha avó ou punha qualquer coisa a cozer ou lembrava-se que já não havia pão e punha o pão a fazer, fazia pão...E é assim. Ou eram umas broinhas, que não se compara com as de hoje, não é? Hoje, também são boas, mas naquela altura ela fazia género de uma broinha que levava aquelas carnes, aquelas carnicas partidas aos bocadinhos....

Miguel: Mas era broa de milho?

D. Manuela: Não era... a outro género de, de... da mesma massa

Miguel: Tipo bola.

D. Manuela: Sim, sim. Tipo bola percebe? porque nós tínhamos galinhas. Nós tínhamos muitas galinhas... e tínhamos um galo. Que ela... eu era novita também... e eu fui lá buscar os ovos, que disse a minha avó que ia buscar os ovos, e ele atirou-se a mim. A partir daí, a minha avó matou-o por se atirar a mim. Era aqueles galos com crista vermelha. Preto, daqueles já assim todos... atirou-se a mim, a sério! E eu nunca mais lá fui. Nunca, por isso que eu hoje tenho medo das galinhas. Não vou ao galinheiro. Agora também já não temos.

Miguel: A água também era importante para... para os animais?

D. Manuela: Era para lavar era... e para lavar aquilo... lavávamos aquilo (pensado, recordando). Claro que não havia lixivia. Era bocadinhos de sabão com água quente e nós atirávamos ali para o chão com a vassoura esfregávamos aquilo, não é?

Miguel: Estava a lembrar-me agora aqui, como falou de cozer o pão, vocês usavam água do poço para cozer o pão?

D. Manuela: Sim, sim.

Miguel: Quando mudaram para a água da companhia, notou alguma diferença? Porquê... Porque já houve um sítio onde me disseram, ali perto da ponte do carro, um senhor disse-me que a água do furo ou da mina, que ele tem lá, que que era melhor até para curtir as azeitonas. Não sei se vocês quando tinham as duas ainda preferiam a do poço para algumas coisas por acharem que era melhor, ou por estarem habituados.

D. Manuela: Não sei. Também curtia-mos as azeitonas, também. O meu falecido avô fazia isso também, porque nós tínhamos no quintal, no terreno, tínhamos lá uma azeitoneira e ele, quando estavam em condições, ele cortava-as também e punha-as em... não era, não era limão, era outra coisa que o meu avô, porque nessa altura não havia assim grandes coisas ...grandes... havia uma merceariazita que fazia de... uma adega de beberem, aqueles copinhos, os “néguinhos”, e não sei quantos... E o meu avô também punha no balde com um... com loureiro... Sim, com loureiro.

Miguel: E sal, não é?

D. Manuela: Oh, não me lembra se ele punha sal. Mas sei que, olhe eram tão gostosas, tão gostosas aquelas azeitonas.

Miguel: E ainda tem essa oliveira?

D. Manuela: Não. Não, porque a oliveira estava cá em baixo, e nós... como é hei-de lhe explicar, quando o metro pensou... quando os do comboio, a CP, pensou alargar aquilo por causa de vir o metro, foi abaixo... porque os meus pais venderam metade à CP, quase o terreno todo. Só ficávamos com um bocadinho, que é onde tem uma tangerineira, mas aquilo nem vem lá, nem vem cá. E então, nós depois, eles ficaram de nos fazer um muro, mas nunca mais fizeram. Nós então pusemos o arame farpado... para... porque dantes até subiam de lá para cima, iam-nos à fruta.

Miguel: Sim

D. Manuela: Mas depois o meu... o meu pai e o meu marido puseram assim aquele arame farpado e o que tinha ali foi tudo, nunca mais deu nada (desânimo de quem

perdeu o valor acrescentado, do valor do que vem da terra). Vendemos aquilo à CP para vir...Para as obras do metro.

Miguel: Sim.

D. Manuela: É, mas mesmo assim ainda tem um quintal grande, ainda temos...

Miguel: Agora estava-me a lembrar de outra coisa que me falou há bocadinho, que eu deixei escapar, e agora estou-me lembrar para não fugir, da fonte das 7 Bicas, dos namorados de...

D. Manuela: Sim, dizem que era a fonte dos namorados! (demonstra entusiasmo)

Miguel: Pronto, mas lembra-se que ouvi falar de alguém que tenha ido lá? Se ia lá muita gente todos os anos... porque havia muita, muita romaria lá na festa da Senhora da Hora.

D. Manuela: Sim, sim. Dantes havia, mas eu se fui lá, foi uma vez ou duas.

D. Manuela: Cheguei a ir lá... cheguei a ir lá com o meu avô também.

Miguel: Mas terá ido na altura da festa ou fora da festa?

D. Manuela: E eu acho que foi na altura da festa que nós fomos lá. Eu acho que foi porque ele comprou-me... comprou-me cavacas

Miguel: sim

D. Manuela: Antigamente... comprou-me cavacas porque eu perguntei o que era aquilo e eu lembro-me dele me dizer que eram cavacas. Diz ele: "tu queres?" Queria... Já aí, já era grandinha já lá com quê...

Miguel: Então lembra-se das pessoas também irem lá beber?

D. Manuela: A água? Lembra-me de beber...como chamavam a fonte das Sete Bicas e bebia um bocado de água em cada coisa

Miguel: Em cada bica.

D. Manuela: E eu também cheguei a beber um bocado de água.

Miguel: Mas acha que as pessoas bebiam por sede, pela brincadeira de beber todas, ou era mesmo para casar?

D. Manuela: Sei Lá, não sei

Miguel: O que é que acha?

D. Manuela: Sei lá, eu não sei, não lhe sei explicar (dá um ar de riso). Eu fui lá porque prontos... Toda a gente dizia que era a fonte dos namorados e eu olha, também fui, mas não foi por casar porque o....não casei assim tão nova (ri-se).

Miguel: Não foi por causa da fonte?

D. Manuela: Eu era mais por causa da fonte... e havia gente que ia lá, olhe ainda agora, há gente que vai lá aos garrafões... aquela água é boa. Antigamente era, antigamente era. (como que a interrogar-se)

Miguel: Agora tem lá uma placa a dizer que ela é imprópria para consumo.

D. Manuela: Ah... (alguma surpresa). Olha, nunca mais lá fui. Mesmo agora até com a Senhora da hora, quando a gente costuma ir lá, dá sempre uma voltinha lá por dentro... lá por dentro. Mas já há muito tempo que não vou lá.

Miguel: E lembra-se de haver mais fontes aqui, ou tanques?

D. Manuela: Não.

Miguel: Que conheça.

D. Manuela: Que eu conheça não, era natural que... que houvesse. Mas não. Lembro-me da fonte das 7 Bicas... do rio Leça, porque sei que é por trás...

Miguel: Das casas do seu marido

D. Manuela: É, é... dos terrenos dos terrenos dele, terrenos dele.

D. Manuela: Não me lembro de mais nenhuma fonte ...

Miguel: E lembra-se desse tanque do rio dos...

D. Manuela: Sim, que é à minha beira, é a minha beira. É depois da linha do metro, uma casita ou duas que tem lá novas (como que a exemplificar por gestos a localização), porque aquilo era tudo montes. Uma casita ou outra... uma ou duas que tem lá. Sabe que eu, para aquele lado... Porque, como não tem passagem para cá...

Miguel: Sim.

D. Manuela: Aquele lado é muito, muito difícil. Em frente tem o bairro Salazar.

D. Manuela: O bairro Salazar fica mesmo em frente.

Miguel: Porque é que, agora lembrei-me, porque falou no bairro de Salazar, não é...

D. Manuela: Porque é que lhe chamam? Ó doutor, não sei.

Miguel: Pode ter sido construído na altura do Estado novo, não é?

D. Manuela: Não sei, não sei. Não sei porque é que lhe chamam, pronto, se você ouvir algum comentário na televisão, dizem logo bairro de Salazar.

Miguel: Vou investigar sobre isso...

D. Manuela: É...onde tem aquelas casas, tem... até dantes era conhecido por... prontos, bairro Salazar dos drogados porque tinha para ali uma série deles, mas pelos vistos...

Miguel: Sim

D. Manuela: Porque eu sei, acho que fizeram uma limpeza e aquilo que está sossegado, porque antigamente aquilo era... Uma pouca-vergonha.

Miguel: Era muito difícil.

D. Manuela: Era uma pouca-vergonha. Aquilo era uma pouca-vergonha. Não havia um dia que a polícia não andasse lá e agora não se ouve muito falar de lá. Acho que fizeram uma limpeza e...e depois do bairro Salazar tem umas casas, umas vivendas espetaculares viradas para o meu terreno.

Miguel: Sim

D. Manuela: E o bairro Salazar também é, que eu vejo do meu terraço de cá de cima, gente...E depois tem as vivendas, as varandas...são viradas para o meu terraço.

Miguel: Certo.

D. Manuela: Que eles às vezes vão apanhar banhos de sol e eu estou (ri-se)...Eu estou a estender a roupa e até se eles tiverem a.... Os cortinados se estiverem arredados, a gente até vê lá para dentro. Consegue-se, consegue-se ver lá para dentro, consegue-se...

Miguel: Muito bem. Então só para fecharmos aqui a nossa conversa, tem boas recordações daquele tempo de antigamente do tanque

D. Manuela: Sim, sim, sim...

Miguel: E mesmo desta questão, apesar de difícil de tirar a água da bomba, não é tão fácil como abrir a torneira hoje, não é?

D. Manuela: É. E depois essa avariou, nós metemos um motor. Metemos o motor lá no poço.

Miguel ... Que não tem nada a ver...

D. Manuela: É porque agora não sei é quantos centímetros tem aquilo? Não sei porque...

Miguel: Pensando no seu neto, não é? E pensando na sua vida como quando tinha a idade dele, era muito diferente. Esta questão do acesso à água.

D. Manuela: Claro, claro.

Miguel: Não é, porque só... não ter que andar, só ter que andar a carregar a água, não é? Porque era muito peso...

D. Manuela: Carregávamos a água para dentro, para dentro de casa, era ...

Miguel: Pronto e se calhar ainda tinha um... era, era quase um luxo comparado com outras casas que não tinham uma bomba dentro de casa?

D. Manuela: É, é. Tivemos ainda água muito tempo, muito tempo. Depois, houve uma altura de muito calor, muito calor, muito calor e enchemos uma pia. Já não tínhamos mais água para encher... Tanto que até essa caseira, que era a única que estava lá, mas depois saiu, alevantava-se de madrugada, mas não tínhamos mais água de lado nenhum. Doutor levantava-se madrugada, porque nós ouvíamos a bomba.

Miguel: Sim, ouvia-se a trabalhar a bomba...

D. Manuela: Está a perceber ouvia e a seguir... quando a gente se alevantava, que eu vinha, prontos, eles comiam qualquer coisa, não era agora um pequeno-almoço como é agora, está a perceber.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Nós nunca... nós ... prontos comíamos daquilo que o meu avô e a minha avó faziam, mas sabia-me bem (comove-se)

Miguel: Claro

D. Manuela: Sabia bem... sabia bem, percebe a gente agora compra um bocado de broa, um bocado disto, não é?

Miguel: Mas então, quando vocês se levantavam, ela já tinha usado a água.

D. Manuela: Claro, já tinha... já tinha o tanque cheio. Já tinha os tanques que precisava, não é, um para lavar outro para passar. Já tinha os tanques cheios quando nós íamos para coisar a água...

Miguel: Sim.

D. Manuela: Lavar o tanque e dar à bomba, já não tínhamos água.

Miguel: E os tanques, se calhar, às vezes também davam para dar um mergulho no Verão ou não?

D. Manuela: Não, não! não, não, filho. Não, não, não, não. Isso para dar para dar um mergulho era naqueles tanques que a minha sogra tinha, que eram enormes... aí até dá para eles tomar banho lá dentro, não.

Miguel: Mas também era cá em Matosinhos? sua sogra, não é?

D. Manuela: A minha sogra é, em Esposade.

D. Manuela: Agora nem sei se ele tem os tanques ou se não tem... Não sei, mas parece-me que acabaram, porque depois eles também tinham uma bomba... que avariou, uma bomba... e depois meteram água da companhia com os caseiros. Quando começou a passar a água...

Miguel: Sim, mas esses tanques grandes, esses também eram em casa, não eram públicos...

D. Manuela: Não, era em casa do meu sogro. Eles até lhe chamavam uma quinta, porque eles tinham caseiros “até dar com um pau”.

Miguel: E, lembra-se, lembra-se perfeitamente, então de chegar à água da companhia não é, às casas.

D. Manuela: Sim, lembro me porque depois o meu falecido pai meteu. Meteu para nós, para nós... Depois informou-se e disse que... que nós tínhamos que meter também para os caseiros, para dentro. Depois se quisesse, o caseiro, agora não sei se somos obrigados... agora, agora, não sei (quase que em segredo).

Miguel: Sim.

D. Manuela: Se somos obrigados a meter água para dentro e puxar a água para o caseiro. Eu não sei nada disso, porque eu agora não tenho caseiros.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Eu não tenho caseiros... e eu da caseira que saiu de trás, que dava para as traseiras, veio para as cooperativas dali da Senhora da hora, para ali para a beira da escola da Barranha, aquelas cooperativas que têm lá ela, ela veio pra lá. E eu botei abaixo.

Miguel: Isso já foi depois de 74?

D. Manuela: Sim, botei abaixo a casa. Já, já.. foi de 74. Já botei abaixo, aquela casa... já éramos..., eu já...já era casada, já. Estava a viver com os meus pais cá dentro, na casa onde está a minha filha, eu vivi aí 11 anos. Quando a caseira saiu, botamos abaixo aquilo. A comunhão da minha filha já foi feita ali, com o cimento, as paredes pintadas e tudo já.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Prontos, e fui fazendo aquilo ... clandestino (começa a falar um pouco mais baixo)

Miguel: Pronto, foi fazendo aos pouquinhos (entendendo a dificuldade e compreendendo o processo).

D. Manuela: Porque nós tínhamos... tínhamos, e temos, um senhor que trabalha nas finanças em São Mamede, e ele disse ao meu marido: Oh, pá, vai metendo a areia, vai metendo isto, vai metendo aquilo...Aos bocadinhos indes fazendo. E assim foi. Depois é que construímos a casa.

Miguel: sim.

D. Manuela: E depois voltamos para lá para viver. Quando eu tive a minha filha, já... já estava aquilo mais ou menos adiantado. Percebe? Que depois a comunhãozinha dela foi lá pronto. Quando eu casei, pronto, já tinha a casa. Praticamente... praticamente feita. Agora, quando a minha filha casou, demos uma arranjadela à dos meus pais, porque, como eu lhe disse, no outro dia, entrava-se assim na cozinha e depois - uma cozinha muito grande parecia sei lá o quê... um restaurante a cozinha, que era onde eles coziavam o pão (fala pausadamente enquanto recorda os diferentes compartimentos da casa, como que a "saborear" as memórias).

Miguel: O pão.

D. Manuela: E essas coisas todas. Depois tinha um corredor.... um corredor até a sala. E depois tinha uns quartos assim (gesticula como a mostrar "o caminho"). Que era o meu quarto e o quarto dos meus pais e uma grande sala. Nós depois fizemos obras ali, dividimos aquilo tudo e a minha filha ficou com aquela casa.

Miguel: Hum, hum.

D. Manuela: Prontos... E agora está lá a morar... e não tenho caseiros, não quero. Estamos à vontade se nos apetecer andar de calções andamos, ninguém vê, ninguém tá... depois pronto, as coisas foram modificando, está a perceber?

,

D. Manuela: É. Fizemos dois anexos cá em baixo: Um deste lado (aponta), onde eu tenho as máquinas: a máquina de lavar e a máquina de secar. Tenho lá um guarda-vestidos que veio do Brasil (dá entoação e importância a esta importação), que metemos lá para guardar as roupas de Inverno e essas coisas todas. E no outro, é para guardar as compras, guardar... e entre este (gesticula) e este, temos este espaço (gesticula novamente a demonstrar a área) assim grande.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Que um dia mais tarde é para pôr ali, como é que se chama? Uma chaminé para a gente fazer um churrasco lá e deste lado é para pôr uma banca (apontando a demonstrar o lado em que vai ficar a banca instalada).

Miguel: Sim.

D. Manuela: Percebe? um dia mais tarde é... é...

Miguel: Para poderem cozinhar ali.

D. Manuela: É, é... por uma banqueta. E olhe, vai-se... vai-se pondo, vai-se vendo o que é que falta e o que não falta para não deixar ir aquilo... as pias ainda se conservam lá (demonstrando orgulho na preservação).

Miguel: Sim

D. Manuela: As pias conservam-se. Que de vez em quando eu encho, que é para elas... Como é que... Como é que eu hei-de explicar... que é para elas não abrirem?

Miguel: Para não estalar, não é?

D. Manuela: Ora... como meu falecido pai dizia (em concordância): Tem sempre as pias, nem que seja como meia d'água, que é pra elas... porque ali atesta o calor, embora eu tenha o terraço...o coberto

Miguel: Sim

D. Manuela: Tenho um coberto, tenho um grande coberto feito pelo meu pai também. E a... quando se fez as pias, que era para nós lavarmos ali.

Miguel: Sim, para não terem que vir ao tanque.

D. Manuela: É. Não, não... Desde que o meu pai fez aquilo, a gente deixou de vir cá abaixo

Miguel: Sim

D. Manuela: Com a roupa que era muito pesada. Era muito pesado e a minha avó também já não podia. E depois nessa altura, o meu avô adoeceu.

Miguel: Era muito pesado.

D. Manuela: E teve a... Onde é que ele esteve... naquele hospital, não é... naquele hospital, como é que se... era dos pulmões...

Miguel: O goelas de pau

D. Manuela: Sim.

Miguel: O Joaquim Urbano

D. Manuela: O meu avô teve lá muito tempo... depois veio... (silêncio) E... não estava em condições. Depois era ... Eu andava mais por casa com ele. Percebe? Mais ali, mas olha, foi bom. Foi bom, porque o meu pai...(silêncio) o meu pai... como é que hei-de dizer... depois, eles foram para o Padrão. Eles foram para o Padrão quando o meu pai... (volta a falar mais baixo, como que a segredar) quando o meu avô começou a ficar doente... a minha mãe regressou para cá... (silêncio, demonstrando algum desconforto)

Miguel: Mas pronto, guarda ...guarda boas recordações da sua infância e do seu dia-a-dia.

D. Manuela: Guardo, guardo, guardo (comove-se). O meu pai...

D. Manuela: Quer dizer (volta a falar mais alto), era um trabalhador. Toda a gente o queria para pintar, para fazer isto dos Armazéns Anjo, que havia no Porto, agora não sei se ainda continua, a patroa não é a mesma! Aquilo devia ter mudado de gerência. Só queria o meu pai... e ele era ótimo. Só quando ia para casa do patrão é que tinha daquele vinho bom, porque nós não tínhamos. Nós em casa não tínhamos vinho, era só quando havia as uvas.

Miguel: Sim

D. Manuela: Nós não tínhamos vinho. E a... (volta a falar mais baixo, ainda mais baixo) e o meu pai bebia naqueles dias de calor (comove-se)

Miguel: Pronto, mas também tinha aquelas, algumas coisas boas. Não é?

D. Manuela: Sim, tinha.

Miguel: Pronto, é importante manter essa recordação.

D. Manuela: Sim tinha, eu digo-lhe uma coisa, eu digo-lhe uma coisa... eu... (comove-se) eu não era filha única. Eu tinha mais três irmãos comigo, mas... eles nasceram... eu nasci lá em casa, em cima de uma mesa, em cima da mesa do jantar

Miguel: Sim

D. Manuela: Que ainda era o doutor Frank ou lá o que era... o Doutor Franco... Parece-me que mora para o Araújo ou, olha, ele já morreu, parece-me a mim que já morreu... mas aos anos... (comove-se)

Miguel: Sim.

D. Manuela: E eu fui tirada a ferros. (volta a falar mais baixo). Naquele tempo as pessoas nasciam em casa, não iam para os hospitais.

Miguel: Claro.

D. Manuela: E a minha mãe depois... Eu acho que fui eu a primeira vinguei, mas tenho muitos problemas. E a minha mãe, ora se fosse viva... eu tinha um irmão mais velho já do que eu. A minha mãe teve três rapazes... (quase sussurrando) O terceiro era deficiente...

Miguel: Então, era a única, era a única menina, a Dona Manuela.

D. Manuela: Tudo que fosse rapazes.... (comove-se)

Miguel: (tentando mudar a conversa) Então e esta... as tarefas de casa eram todas para si.

D. Manuela: Era, pois....

Miguel: Que era o habitual, era ... as mulheres assegurarem todas as tarefas de casa.

D. Manuela: Pois era, era. Era sim, sim.

D. Manuela: Ainda me lembra de andar em cima de uma... de uma coisinha que ...aquilo tinha um nome... aquilo tinha um nome... Um estrado! Um estrado com um paninho para nós não, não aleijar os joelhos.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Sim. Andava a esfregar aquilo.

Miguel: E de... de socos?

D. Manuela; De socos que o meu falecido avô... fazia-me aqueles socos “rebelos”.

Miguel: Sim

D. Manuela: Para sair, para sair... quando a gente íamos sair.

Miguel: Hum, hum

D. Manuela: (recordando...) Que miséria

Miguel: Isso quando fazia as caminhadas com a roupa para um lado e para o outro, não era nada fácil para não andar com os socos.

D. Manuela: Não, não, não. Mas precisava...

Miguel: Era obrigatório, não era? Era obrigatório ir de socos, não se podia ir descalço, não era?

D. Manuela: Eu precisava... o meu avô fazia aquilo... Fazia aquilo mesmo a quase à medida do meu pé. (volta a falar mais baixo) E olha, eu lá ia toda contente... com aquelas sainhas curtinhas...

Miguel: E tinha muitas meninas pequeninas também na altura lá, como a Dona Manuela.

D. Manuela: Sim, sim, sim, sim, Senhor.

Miguel: Ou seja, se calhar enquanto as senhoras, as lavadeiras, estavam a lavar a roupa, se calhar vocês ali meias a brincar, meias a trabalhar.

D. Manuela: Sim é, estava a brincar com as outras. Depois, claro... Foi evoluindo, evoluindo... depois já havia, há uns sapatos de pano.

Miguel: Sim.

Miguel: E agora, estava a pensar, porque eu vi também vi algumas notícias sobre isto, nalguns sítios em Braga, eles estão a recuperar os lavadouros. O que é que achava se recuperassem lá o lavadouro?

D. Manuela: Olha, que não sei se lá a minha beira foi recuperado.

Miguel: Mas fazerem algumas... algumas atividades lá...

D. Manuela: Ai, não sei...

Miguel: Gostava se fizessem.

D. Manuela: Claro, para melhorar aquilo eu acho que....

Miguel: E para dar assim mais vida ao espaço, não é?

D. Manuela: Eu acho que andaram lá a fazer umas obras, mas não tenho bem a certeza, nem sei aquilo.... Se pertence à Câmara

Miguel: É capaz de ser, ou à junta...

D. Manuela: Ahh...

Miguel: Ou é da Câmara e da junta.

D. Manuela: Olha que não sei bem, não sei bem porque, lá está, depois a gente foi crescendo, foi como tínhamos água, já não íamos lá tantas vezes... já não íamos lá lavar e já não íamos lá lavar mas...

Miguel: Mas se fizessem lá alguma coisa, se calhar ainda ia lá espreitar, a ver a animação.

D. Manuela: Oh sim, sim ainda era capaz de lá ir, porque aquilo...recorda-se os tempos de nós irmos lá.

Miguel: E acha que é importante manter estas recordações?

D. Manuela: Eu acho que sim, eu acho até ter isso. Agora não sei se tem, se não têm, se fizeram obras.

Miguel: Que é uma forma de passar também estes ensinamentos, não é?

D. Manuela: Tinha...tinha, tinha os terrenos... os campos! Sim os campos, onde, sei lá, aquilo metia-se o pé e molhava-se o pé todo (ri-se) e era... Eu não sei se era das chuvas...

Miguel: Estava como que inundado, não era?

D. Manuela: Era muito inundado, muito inundado.. Que eu às vezes eu a pôr a roupa em cima do muro, às vezes caía-me lá baixo...e eu tinha que pedir a alguém (ri-se) porque senão eu ia junto também! (ri-se). Sabe que eu ia junto... eu lembro-me, olha, mas digo-lhe uma coisa: (como que à espera que eu redobrasse a atenção): Gostava daquelas coisas de ir... gostava de ir para a pedreira com o meu avô, de ir para lá, olhe, depois íamos para os lavradores... como é...Como é que eu hei-de explicar... Íamos,

para os lavradores e eu ia para cima da palha e... havia a desfolhada, lembra-se da desfolhada?.

Miguel: Sim, fazer a desfolhada...

D. Manuela: Desfolhada... ia a minha avó, o meu avô e a minha mãe também, fazer a desfolhada... e eu gostava de ir também.

Miguel: A... pronto... e havia o milho rei também.

D. Manuela: Havia, sim, senhora...

Miguel: Depois era uma festa

D. Manuela: Era uma festa. Depois era comer aquelas chouriças, aquelas coisas, aquelas broas quentinhas...

Miguel: E havia...

D. Manuela: Eu ia para os lavradores todos...

Miguel: Lembra-se de haver moinhos aqui em Matosinhos?

D. Manuela: Não, não me lembra

Miguel: Porque acho que existiam alguns... um que eu ouvi falar que é até esquisito, em Lavra, que é o moinho do feijão.

D. Manuela: Olha, não me lembro.

Miguel: Que até não fazia a mínima a ideia... Portanto, não tem ideia onde eles levavam depois o milho para fazer a farinha? Não tem ideia?

D. Manuela: Não, isso já não.

D. Manuela: O milho?

Miguel: Sim

D. Manuela: O milho, trazíamos para as galinhas.

Miguel: Não assavam o milho?

D. Manuela: Não, não, não, não. Não, meu avô nunca fez nada disso, trazíamos para as galinhas.

Miguel: Sim, muito bem.

D. Manuela: Mas... Eu gostava, eu gostava de ir... Depois fui para a escola que era lá também, era lá à beira... eu ia pelos montes, com o meu avô. À vinda para cá, vinhamos na bicicleta que ele ia-me buscar que ele muito cuidadoso... Eu não vinha a pé. E eu ia sempre com ele. Ia sempre com ele. Ele é aqui, ele é acolá...claro, ah pois íamos. Lembra-me, também, de ir uma vez aos pipos, aos pipos que lá havia um senhor que vendia.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Lembro-me de ir aí e ele trazer o pipo na bicicleta. Como é que ele conseguia trazer o pipo... e eu também vinha à frente.

Miguel: E ele!

D. Manuela: E ele, e ele... o pipo atrás! Oh meu Deus, carregávamos tudo na bicicleta. Eu, em vez de vir atrás, vinha o Pipo, atrás do meu avô, e eu... e o selim que havia de vir atrás, vinha à frente...aparafusado....

Miguel: Sim.. Pronto desenrascava-se tudo, não é?

D. Manuela: Era... naquela eu ...eu ia com ele para todos os lados, para todo o lado.

Miguel: OK

D. Manuela: Olha velhos tempos, velhos tempos.

Miguel: Mas bons

D. Manuela: Mas bons! Mas olha também agora não queria esse tempo. Acho que...

Miguel: Era muito difícil, não é? Pronto, havia aquele convívio

D. Manuela: Havia aquele convívio

Miguel: As pessoas se calhar estavam mais próximas umas das outras, não era?

D. Manuela: Era... Mas olhe, digo-lhe uma coisa... as pessoas eram....como é que eu hei-de dizer... Acho que melhores...

Miguel: Ajudavam-se mais umas às outras, não era? E viviam mais em comunidade com as outras.

D. Manuela: Era ajudavam. E mesmo até... não havia, assim... como é que eu hei-de dizer... Como é que eu hei de explicar? Não havia assim contos e ditos... Não havia nada, cada qual metia-se na sua casinha, que era como nós, que não éramos só nós que íamos ao Rio, não era só nós ia muita gente! (com ênfase) Ia muita gente que hoje

já faleceram... Que se lembram de mim, pequenita, e eu no tanque. Com as cuecas... e a verem as cuecas! A sério! mas a sério! Eu era... Eu era... uma “Maria rapaz”. Eu era uma Maria rapaz e lembram-se de mim e às vezes até dizem assim: “ó Clarita!” Às vezes estou a falar com alguém, não é, e vem a pessoa, “ó Clarita” e depois vira-se, faz conta até se virava para si, esta miúda.... conheço esta miúda desde pequenina....Desde pequenina, conheço esta miúda sempre com o avô na bicicleta. Poucas vezes a via com a avó, mas o avô... a minha avó ficou... era mais de estar em casa. Mas com o avô não havia um dia que o avô não a levasse para aqui, para acolá, para aqui, para acolá. Portanto, eu fui criada praticamente com os meus avós. Depois de maior, sei lá, quando eu comecei a namorar, é que o meu pai...(fala mais baixo) melhorou...

Miguel: Pronto, eu acho que... pronto, como eu disse...

D. Manuela: Melhorou... está a perceber, então melhorou, mas...

Miguel: Como eu disse, estas perguntas que estava aqui a fazer desta nossa conversa é para um trabalho da faculdade. E se calhar para fecharmos esta conversa...

D. Manuela: Você depois compõem isso

Miguel: Para fecharmos aqui a nossa conversa.

D. Manuela: Você depois compõe, resume isso à sua maneira.

D. Manuela: Porque pronto eu vou cortar...

Miguel: Porque eu tinha-lhe dito... tinha dito que íamos falar assim uns 20 minutinhos e já estamos quase numa hora, mas eu acho que não podemos fechar esta nossa conversa, como lhe disse que está a ser aqui gravada...

D. Manuela: Está doutor.

Miguel: Sem fazermos uma homenagem.. que era dizer-me o nome do seu avô e da sua avó.

D. Manuela: Laurinda...

Miguel: Que é para para ficar no meu trabalho

D. Manuela: (nome), que é a minha avó

Miguel: (nome da avó)

D. Manuela: O meu avô (nome).

Miguel: Henrique de Matos, muito bem. Que, assim, acho que merecem esta homenagem, já que está aqui a falar comigo.

D. Manuela: E o meu falecido tio... Olha que já não me lembra bem o nome dele... que era irmão da minha mãe... mas depois teve problemas na cabeça...

Miguel: Pronto, mas se calhar estas duas pessoas marcaram de uma forma...

D. Manuela: Ah, (nome), salvo erro.

Miguel: Pronto, mas assim, as pessoas que marcaram mais a sua infância foi o seu avô e a sua avó

D. Manuela: Sim e o meu tio também era uma categoria. Levava-me... Olhe, lembra-me de ir com o meu tio, no comboio, fomos ver uma tourada à Póvoa.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Ainda era novita..., também lá estava... também andava com ele sempre, se não era com o meu avô...

Miguel: Era como tio.

D. Manuela: Era com o meu tio, que gostava muito de mim. Ele certeza, quando faleceu, levou-me atracada. Por que eu...

Miguel: Sim.

D. Manuela: Fiquei... (emocionada) eu adorava aquele tio também.

Miguel: Está no seu coração...

D. Manuela: E gostava, gostava muito dele. Então ele deu-me... como é... Um touro grande, um touro...

Miguel: De peluche, não é?

D. Manuela: Sim... Que hoje tenho-o lá, não me desfaço daquilo.

Miguel: Sim.

D. Manuela: E por vezes o meu menino é que às vezes quer aquilo para dormir. Veja lá, aos anos que eu tenho aquilo...e o miúdo gosta daquilo. "Ó bó empresta-me?" que eu tenho aquilo guardado numa saquinha para não se estragar, percebe?

Miguel: Sim.

D. Manuela: Eu... Que eu hei-de lhe trazer, eu hei-de procurar

Miguel: Tira uma fotografia...

D. Manuela: Eu hei-de procurar, que eu tenho... Eu, com o meu avô e a minha avó... e eu pequenina numa excursão, com o meu avô...ele tocava como era... aqueles ferrinhos? Sim, tocava aqueles ferrinhos.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Eu hei-de procurar porque eu tenho lá fotografias muito antigas (dá ênfase ao “muito antigas”) e aí, por trás, já tem a data... eu hei-de ir procurar. Porque quando se começou a fazer as obras para a minha filha casar, quando a miúda pensou em casar

Miguel: Sim.

D. Manuela: Nós tínhamos um...como é que eu hei-de chamar... um aparador enorme, que tinha fotografias do casamento da minha mãe.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Parecia...parecia um ramo de couves...que era o que se usava naquela altura.

Miguel: Sim.

D. Manuela: E tem as..., tinha fotografias lá do meu avô! (volta a dar ênfase), dos meus bisavós do Brasil, que eles tiveram cá, mas depois foram para o Brasil e depois é que mandaram... Lembro-me, mas você não se lembra, mas... nem a sua mãe, coitada, também não se deve lembrar dos “porrões” que vieram do Brasil para cá. Umas malas.

Miguel: Hum, acho que já ouvi falar, sim...

D. Manuela: De umas malas, chamavam-se “porrões”. Naquela altura, vieram de barco.

Miguel: Sim.

D. Manuela: E o meu avô foi buscá-las. O meu avô foi buscá-las, prontos... E é assim, olhe, recordações... que eu lembro-me deles. Acho que foi espectacular, para mim! Para mim foi bom. Foi bom morar com eles e ter aquela vida assim. Olhe foi, foi... foi impecável. Acho que até foi a melhor coisinha, eu estar por ali. Portanto eles depois é que vieram para baixo, mas depois...o meu avô bastava olhar para a cara do meu pai....”vai-te embora que ela fica aqui”

Miguel: Muito bem, Dona Manuela, muito obrigado.

D. Manuela: E, olha eu gostava muito de ficar lá com eles porque eles eram muito meiguinhos... só havia eu... só havia eu (comove-se)

Miguel: Pronto.

D. Manuela: E olha, e aqui fiquei... Não me desfaço daquilo, doutor, não me desfaço da casa... Eu agora... Os meus ficam com a casa, não é? É para a minha filha.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Se eles quiserem vender... tudo bem. Mas... a minha filha não quer vender aquilo ...aquilo porque também é uma recordação dela, claro que não os conheceu, não é? Mas é uma recordação dela andar ali agarrada, que eu tenho lá fotografias, ela agarrava às paredes... às paredes, ah e depois ao meio do... Portanto, eu entro no portão, ao meio, existe nas escadas.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Um banco... Um banco, um banquito.

Miguel: Sim.

D. Manuela: E depois mais à frente, onde a minha filha tem a salinha de estar, existe aí um banco também feito pelo meu avô... todo trabalhadinho.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Percebe? Também... Que existia... aquele banco dali não se tira, podia-se ter tirado quando botamos aquela abarracada do... do... do.

Miguel: Sim.

D. Manuela: Como é daqui do lagar... do lagar. Depois tinha uma torneirinha para espremer o vinho. Tinha um espremedor de... você deve de conhecer também, aquilo botava-se ali o vinho e depois andava-se assim (gesticula) até espremer o vinho

Miguel: Sim, como que a pisar o vinho...

D. Manuela: Pisávamos primeiro... eu ia para a beira do meu avô, lavava os pés antes, ah era tão bom, a gente estar lá... depois dava-me muita comichão. Depois, meu avô mandava me sair, mas eu não queria... quando eu saía de lá, saía com os pés muito vermelhos! (ênfase quando diz vermelhos).

Miguel: Exatamente.

D. Manuela: Depois, ele botava assim para o... para o.... aquilo tem um nome... era espremedor!

Miguel: É capaz, eu não sei.

D. Manuela: E era um espremedor, doutor. Botava-se para ali aos baldes e então tinha assim umas coisas para fechar e tinha outra para para, para, para... como é? (tenta explicar também com gestos) para esmagar aquilo. Olhe, era assim...

Miguel: OK.

D. Manuela: Prontos.

Miguel: Muito obrigado, D. Manuela. Vou parar aqui de gravar.

Transcrição – ponte do carro

(Cheguei numa tarde de quente e de sol, apesar de estarmos no mês de fevereiro. Na casa não se encontrava ninguém. Não havia campainha, não a vi. Fui entrando, vencendo o desconhecido do terreno. Vi o cão de guarda, preso, sem possibilidades para cumprir esta função. Nem sequer a de alarme cumpriu, talvez confiando aquilo a que eu vinha... voltei à rua, ninguém me respondia. Encontro um vizinho que por certo estranhou alguém naquele local, ainda por cima munido de um pequeno caderno A5 de capa azul. Perguntei pela D. Diana, que anteriormente já me tinha parecido mais “social” e comunicativa, mas também pelo Sr. Adolfo. Ao ver que eu sabia quem eram os donos da casa o vizinho prontamente me indicou que estes estariam no campo poucos metros acima. Agradei e segui o meu rumo. A estrada acabou e iniciou-se um caminho de terra, sem obstáculos. Fui seguindo e comecei a ver os meus entrevistados ao longe... estava no caminho certo. Oxalá eles tenham disponibilidade para me ouvir...e para me responder.

Fui caminhando, pela terra batida, até que o terreno alagado me fez ponderar sobre a melhor trajetória a seguir. Não havia caminho seco... que jeito me faziam as galochas que não uso... segui em frente, tinha que seguir... o caminho não é que fosse árduo, era, isso sim, húmido. Começo a sentir a humidade da água empoçada a entrar pelas sapatilhas azuis, a humedecer as meias e a ameaçar arrefecer os pés que tinham feito uma pequena caminhada. Segui o meu caminho, tinha que o seguir. Se eu ao longe quase os reconhecia, dificilmente eles me reconheceriam, muito menos saber o meu nome. Segui, tentando ir pelo terreno mais seco, ou menos molhado. Aos “ésses”, a tentar contornar as poças e, por vezes, a colocar o pé em terreno muito lamacento. O azul das sapatilhas ia desaparecendo, mas os vultos eram cada vez mais o casal com quem trocara umas breves palavras no dia em que agendamos uma segunda visita – apesar da data não ter ficado marcada, só o compromisso.

Quando me reconheceram (acho que não pensariam que eu fosse voltar para lhes falar), prontamente assentiram em ouvir-me. Pararam as suas tarefas agrícolas (sem saber que lhes comprometeria os restantes minutos com a luz do dia), puxaram de dois baldes que estavam “mesmo à mão”. Viraram os baldes “de cabeça para baixo”, fazendo deles dois bancos. Senti que estavam reunidas as condições. Eu, tentei sentar-me num pequeno murinho (terão começado aqui os diminutivos desta entrevista) de um canteirinho. Com todo o cuidado para não danificar nenhuma planta – inclusive aquelas que eu não reconhecia a importância. Sentado, acomodado da forma possível, sentado

quase de cócoras ali fiquei. Se queria saber dos conhecimentos da terra, era próximo da “terra” que precisava estar.

Com todos os três nos seus lugares, porque entretanto seríamos quatro, perguntei se podia gravar a nossa conversa. Creio que não terão concordado comigo que tal seria necessário, que teriam eles de tão importante para dizer, mas gentilmente assentiram. Assim, pousei o telemóvel num local estratégico, a meio caminho entre nós, e iniciei a gravação.

Miguel: Então já pus aqui a gravar e... Vou pousar assim aqui? Pronto, então vocês disseram-me que são de... de Baião, não é?

Sr. Adolfo : Sim, sim.

Miguel: Pronto já estão aqui. Há quantos? Anos. Mais ou menos.

Sr. Adolfo : Estamos aqui há uns 50- 70.

D. Diana: Os nossos filhos nasceram aqui, e fez 55.

Miguel: 54 anos que estão cá?

Sr. Adolfo : É. Sim tem.

Miguel: E quando vieram para cá, ainda não tinha então água da rede, pois não?

Sr. Adolfo : Oh, isso ainda demorou muito.

D. Diana: Ai não era só daquela mina?

Sr. Adolfo : Só...só tivemos água da rede quando a (nome da empresa) veio ali para trás.

Miguel: Ok, portanto, só mesmo com a (nome da empresa).

D. Diana: Ai. Foi...foi mais ou menos, mais ou menos...

Miguel: Ok- E os vossos vizinhos já estavam cá ou vocês foram dos primeiros a vir para aqui?

D. Diana: Estiveram outros, foram embora...

Miguel: Já havia casas, então?

D. Diana: Havia...foi na maré... que ali era uma quinta.

Miguel: Sim.

D. Diana: E quem tinha bois e arado e tudo... quer dizer, pronto, lavradores. E depois a lavoura começou a não dar muito bem... E, não, não foi só aqui, foi em todos os lados. Em cima e em todos os lados. Começaram a fazer casas pós fulanos que vinham das aldeias para cá, está perceber? Naquele tempo para uma casinha pequenina e era com poucas divisões e divisões pequeninas. E a pessoa acolitava-se a isso. Agora não, agora ou tem que ser boas, ou então não tem...

Sr. Adolfo : E as pessoas que vieram para cá, vinham de onde?

D. Diana: Ai também, muitas vinham da aldeia...de muitas das aldeias. Algumas eram de cá.

Miguel: Mas vinham de Baião também, ou assim.

D. Diana: Mais ou menos alguns, sabe? Baião, Baião dali não. Só do outro lado do rio também pertencia ao mesmo... mais ali a nossa vizinhança toda é de Paços da Gaiolo, do Marco, Marco de Canaveses. Ele é Marco, eu sou de Baião, mas é a partir um com outro.

Miguel: Marco Canaveses... Eu tenho uma amiga que diz que Baião é muito mais bonito que o Marco Canaveses. Não sei se vocês concordam.

D. Diana: É, é... Mas é.

Sr. Adolfo : Por estar lá no alto, espreita melhor cá para baixo.

D. Diana: Não, não... é bonito é... e cai neve e tudo.

Miguel: E as pessoas vinham para aqui trabalhar essencialmente era no campo, não é?

D. Diana: E trabalhar ele trabalhava na maré numa fábrica. A gente casou... Foi quando eu casei que vim cá para baixo. Eu casei 21, havia ter 22 para aí, quando vim é e ele trabalhava em S. Mamede numa fábrica de...

Sr. Adolfo : Primeiro trabalhei no têxtil, na (nome da empresa).

Miguel: Sim, mas depois fostes para...

Sr. Adolfo : E depois fui para a (nome da empresa).

Miguel: OK.

D. Diana: E trabalhava na fábrica e ia para lá. E eu ... ainda trabalhei. Peguei logo em... A primeira coisa que tive foi uma cabra. Passou ali um senhor com ela e com a filhita, muito linda, e eu já fazia o campo dali da banda baixo do tanque.

Sr. Adolfo : Sim, aquele que tem o tanque. Este foi mais tarde.

D. Diana: Fazia aquele por baixo da linha, que agora eles andam a abrir para fazer....

Sr. Adolfo : Para os passeios do Leça...

D. Diana: Sim, sim os passeios de Leça. Isto pertencia tudo ao mesmo senhorio, porque foi o comboio que partiu, está a perceber?

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : Para passar a linha de comboio, eles partiram o terreno.

D. Diana: E ficou o terreno... e o terreno em baixo... e ficou este do campo para cima... mas e eu pagava diferente do de lá de baixo... neste ali de cima e depois...

Miguel: Ainda eram uns contos de rei...

D. Diana: Eram, eram... Aquilo era pelo milho, era por alqueires.

Miguel: A então, explique-me lá... que eu sou daqui do Porto, não percebo nada disto. Disto do trabalho do campo eu não percebo nada.

Sr. Adolfo : Nós aqui, deste bocado dali (apontando), até aquela divisão ali (volta a apontar).

D. Diana: Até aqui para cima era outro fulano, do meio para cima.

Miguel: Sim.

D. Diana: Daqui pagava um carro, não era?

Sr. Adolfo : É, é. Era um carro, quarenta alqueires.

D. Diana: E aquele era outro carro.

Miguel: Então 40 alqueires era um carro.

D. Diana: Era, era.

Sr. Adolfo : 40 alqueires é aquilo que, em termos de lavoura, diz que é um carro de milho.

D. Diana: Um carro de milho

Sr. Adolfo : O carro pode levar mais, mas na média....

D. Diana: Nós pagávamos a quase sempre não era em milho, era em dinheiro. Víamos como o preço dele estava

Sr. Adolfo : E davam o equivalente em dinheiro.

D. Diana: Exato.

Miguel: E a pessoa se calhar também não queria o milho, não é?

D. Diana: Olhe, pois se calhar antes queria o dinheiro.

Miguel: E vocês aqui o que é plantavam normalmente?

D. Diana: Aqui?

Miguel: Sim, era o milho...

D. Diana: Aqui sempre, sempre metemos milho daquele lado e metemos batata deste (apontando para os diferentes locais) e algumas curiosidades agora deste... a gente, agora também é velho e não pode tanto. E olhe, fazemos o que podemos. Ainda tem lá 2 sacos de batatas fora, comprei no grémio, que vieram cá trazer para semear. Amanhã, tenho a faca ali e corto-as à feição de semear.

Miguel: Mas, por exemplo, o que vocês plantam aqui também tem a ver com a quantidade de água que tem no terreno, não é?

D. Diana: Temos acolá acima, naquele ciminho um poço, umas minas.

Sr. Adolfo : Naquele campo.

D. Diana: Umas minas, que pertencem ao mesmo terreno. Isto era antigamente lavradores e pertence ao mesmo e é do meu senhorio.

Miguel: Sim. Sim.

D. Diana: E então temos lá um...uma mina que tem 4 ...

Miguel: Tem uma nora...

D. Diana: A gente levámos, ainda nos custa muito, porque temos que levar a bomba lá para cima, porque roubam-nos.

Sr. Adolfo : Sim...

D. Diana: Roubaram-no já uma. Com a bomba, puxo aquilo... Aquilo não, não dá assim dinheirito, mas que quer?

Miguel: Pois faz muita falta. Mas também não dá para proteger aquilo de maneira nenhuma, não é?

D. Diana: Pois não! Como é a que a gente há-de fazer? (indignada) Ele tinha-a presa com arames no fundo...

Sr. Adolfo : Mas eles mexeram, mexeram, mexeram...

D. Diana: Mas eles fizeram assim aquilo, por tempo apodrece, não é?? A água come o arame.

Miguel: Sim. Sim vai destruindo.

D. Diana: Lá foi... E nós agora vimo-nos obrigados a trazer de casa, um fio para aqui e daqui levamos lá para cima. Sempre a enroscar e tornar outra vez a trazer para aqui todos os dias.

Sr. Adolfo : E no fim da rega, retirar a retirar a bomba.

Miguel: Portanto, todos os dias têm que fazer isso?

D. Diana: É quando precisamos da água! Também temos os latões aqui. Enchemos os latões dá-nos para um dia ou dois para as curiosidades. Para meter assim por exemplo, como ele ainda hoje esteve a meter, um bocadinho de cebolo, no outro cebolo da margem, nestas curiosidades... que aqui é mais quente e recebe mais água.

Miguel: É que eu não estava a perceber o que é que eram as curiosidades que me estava a dizer.

D. Diana: Porque eu ainda falo ao modo de lá de cima de Baião.

Miguel: E faz muito bem. Eu é que não percebo e quando não percebo, vou-lhe perguntar.

Sr. Adolfo : É é. É batata nova são favas, são ervilhas.

D. Diana: As curiosidades como estava a dizer... As curiosidade é tudo o que seja novo, por exemplo, cebolas agora que já temos aqui de caminho temos, que metemos-as em Outubro (vai mexendo no balde, apontando e gesticulando para explicar)

Miguel: OK. Sim.

D. Diana: Por exemplo, o cebolo pequenino, aqui a fava quando tal que vamos ter, ervilhas ali já plantamos de caminho vamos ter...e agora já semeamos outras pra nascer também, pra depois não ser tudo vir à uma.

Sr. Adolfo : E depois plantar tomateiros e pimenteiros.

Miguel: Sim.

D. Diana: E aquilo aqui é tudo cheio daquelas coisas que era do frigorífico (aponta para os frigoríficos velhos e arcas reutilizados como “canteiros”), assim quando está velho... e temos lá uma máquina de lavar para trazer para cima. Botamos-lhe terra, enchemos e depois compramos um saco destes...

Sr. Adolfo : De estrume de cavalo, sim.

D. Diana: Mas é só no cimo que botamos. E, temos ali já uns tomateiros assim grandinhos. Muitos! Eu forneço a minha família lá cima.

Miguel: Antigamente era o contrário, não era? Algumas vezes as pessoas vão lá em cima e trazem. Cá para baixo. No seu caso, é daqui para cima....

D. Diana: Normalmente é eu que lhe dou. É... e ao meu filho. Ainda agora ele veio cá, olhe, levou 2 sacos de batatas, levou já é...

Sr. Adolfo : coração que temos ali...levou brócolo.

D. Diana: Coração, Brócolo...muito fresquinho!! E os corações também estão muito bonzinhos.

Miguel: E não tem nada a ver com as coisas do supermercado.

D. Diana: São mais gostosos!

Sr. Adolfo : Não tem, porque não há química.

D. Diana: Se você comprar um repolho de supermercado e comer deste... este sabe mesmo ao repolho o outro não. Não sabe a nada.

Miguel: E por que que acha que é assim essa essa coisa diferente? Acha que é da Terra? Acha que é da água?

Sr. Adolfo : Não, não é... é das químicas que eles levam.

Miguel: Hum hum...

D. Diana: As químicas que eles le botam.

Miguel: Vocês aqui o que é que põem? É só a terra e o estrume....

D. Diana: Nós aqui é biológico. Olhe, você quer crer nós temos lhe a botar este estrume... (como que a segredar) Andou um madeireiro ali em baixo, a tirar aquela...

aquela bouça foi toda destruída, tiraram tudo. E depois eles não podiam deixar a lenha, então metem naquela máquina e aquilo derrete e fica tudo um monte e eles com a pá e enrodiscaram para além. Aquilo fermentou... até estava quente. E nós trouxemos aos sacos para cima.

Sr. Adolfo : É.

Miguel: Puseram um bocadinho desta madeira então.

D. Diana: É isto é bom, porque é biológico mesmo.

Sr. Adolfo : É o estrume vegetal

Miguel: Porque antigamente eu sei que eles iam buscar o sargaço à praia e colocavam no campo, mas já não é. Já não sou desse tempo.

D. Diana: Ah não, nós nunca fomos. Nós não eramos daqui, nós nunca fomos. Isso eram outros lavradores.

Sr. Adolfo : Eu sei que eles faziam isso ali na Póvoa, na Estela e assim.

Miguel: Havia muito, não?

D. Diana: É aí sim, sim, sim... na Estela e assim. Mas não tem nada a ver connosco. Não, nunca pusemos. Nunca chegou cá... Antigamente sabe o que eles punham? Era os lixos da Câmara, que isso era mesmo ruim... Eu recorda-me quando vim viver para aqui. Eu vim de acolá assim para baixo (aponta para explicar a localização) e esta rua ainda era em terra.

Sr. Adolfo : Era tudo em Terra batida.

D. Diana: E então... e era um cheiro!! (dá ênfase) Era um cheiro!!! Ai que cheiro!! (leva a mão ao nariz, apertando-o com o polegar e o indicador)

Sr. Adolfo : A queimar os plásticos, a limpeza do lixo...

D. Diana: Não, não... era a queimar os plásticos. Era cheiro mesmo deles botar o lixo a granel para os campos.

Miguel: Era uma lixeira, não era? Tipo uma lixeira...

Sr. Adolfo : Não era lixeira.

D. Diana: Não. Era para eles escolherem porque aquilo é bom. Era vidros, era plásticos... andei no meio sei lá quantos anos a tirar daqui da terra porque os lavradores tinham botado isso

Sr. Adolfo : Haviam pessoas... Esse lixo aqui da LIPOR, que hoje das câmaras e dos arredores vai pra lá...

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : O lixo que vai pra lá, havia sempre alguém que chegava, aos fiscais da câmara, “eu queria um dia de lixo para aquele campo; Eu queria um dia de lixo para aquele” ele “sim senhor”. Aquele lixo naquele dia ia todo para aquele lavrador, para aquele campo. O lavrador, depois escolhia os plásticos, escolhia madeira que viesse e queimava tudo no campo

D. Diana: Olhe, ele levou muita coisa, levou 4 dúzias de ovos... levou 4 duzias de ovos...levou daqui.... Olhe ele foi cheinho de coisas (demonstrando, com gestos, como ia carregado)

Sr. Adolfo : Ele levou a mala carregada para casa.

Miguel: Eles escolhiam então que era para depois tirar o plástico é para queimar, não era a parte orgânica para os campos, então?

Sr. Adolfo : A parte orgânica era para os campos.... O plástico ou a madeira que viesse era tudo queimado, sim.

D. Diana: Era a parte maior...mas os vidros ficava tudo aqui na terra... ainda parece que ainda hoje andamos a tirar plásticos e vidros dos que andavam na terra...

Miguel: Dessa altura...

Sr. Adolfo : Aquele plástico... aquele plástico... de garrafas de azeite e assim... que era o mais difícil...de transformar

D. Diana: Depois eu fui...., agremiei-me no grémio,

Sr. Adolfo : Na cooperativa agrícola...

D. Diana: Comprei no grémio, na cooperativa

Miguel: Na AGRIMA?

D. Diana: Sim, na AGRIMA. Fui filiada, quer dizer, tinha a exploração no meu nome porque ele trabalhava e não podia, mas eu estava em casa, era assim. Então compramos os talhinhos, metíamo-nos ali e íamos criando e um porco.

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : Criava-se, vendia-se...

D. Diana: Matava se porco... O porco e que vinha de lá de cima quase sempre. Os meus vinham cá baixo....

Miguel: Sim.

D. Diana: Matá-lo...

Miguel: Então, ainda teve aqui alguns animais?

Sr. Adolfo : Ah ainda chegamos a ter....

D. Diana: Sim... e depois, ultimamente, eles não dava para ganhar.

Miguel: Sim não rendia, não era?

D. Diana: Não! Mandava-os para o matadouro por minha conta. Tinha carne para os meus filhos, para mim e para os meus de lá de cima sempre... matava sempre um por ano. Criava-o...

Miguel: Sim.

D. Diana: Agora a gente já tem idade... (demonstrando algum desânimo). Custa-nos a cortar a erva. Olha...

Miguel: Sim. Mesmo assim, já têm aqui muito trabalho...

D. Diana: Mesmo assim temos muito trabalho, porque ele já tem 79, não é?

Sr. Adolfo : 78 vou fazer 79 este ano

D. Diana: E eu 75! Por isso já é bastante, já pesa!

Miguel: Já. Cheiro já já vai pesando um bocadinho.

D. Diana: Depois sabe, o que é pior é que ando mal do coração. Agora tenho marcado para a médica, mas quê? Não posso... ainda no domingo ele, ele... o carro foi-se abaixo, ele não pode levar, Eu não fui, foi ele...Porquê? É ali em Santa Cruz? Nós ali...

Sr. Adolfo : Sim e para subir do Rio Leça até lá cima ela, ela já não pode.

Miguel: Sim.

D. Diana: Não posso... Mas nós vamos ali. E costumamos andar lá no...no coro sabe? Da missa das 8:30h. Há outro coro às 10h.

Miguel: Sim. Sim.

D. Diana: Mas quê? Só andar um bocadinho ou assim fico logo aflita do coração.

Miguel: Fica aflita... e mesmo aqui tem que ter cuidado com esforço, que também é grande, não é?

D. Diana: Não, não... eu só ponho a batata e o adubo, ele faz o resto...

Sr. Adolfo : E eu faço o resto...

D. Diana: E assento-me entretanto (apontando para os baldes, os mesmos onde estavam sentados os dois... e eu sentado no muro do canteiro, num difícil equilíbrio até para não estragar as plantas)

Sr. Adolfo : Cavar... Ela dava duas cavadelas e tinha de sentar que já não trabalhava...

D. Diana: Agora o médico, que é o Doutor Alexandre Vasconcelos, já me mandou fazer estes exames que vou fazer... prova de esforço e do coração... e mandou não sei que mais ...e vou dia 3 à médica da...

Sr. Adolfo : De cardiologia.

D. Diana: Cardiologia, sim.

Miguel: E aqui no Pedro Hispano?

D. Diana: É aqui no Pedro Hispano. É tudo lá. De maneira que eu podia querer fazer mais, mas não posso.

Miguel: Então vocês identificam-se mais ali com Santa Cruz do que com Guifões?

D. Diana: Sim, sim, sim. Os meus filhos, eles foram batizados lá em Guifões, na altura, mas depois fez a primeira comunhão o meu filho, fez agora 53...

Sr. Adolfo : Foi, fez 53 agora no dia 15.

D. Diana: É 53 agora no dia 15 de Fevereiro. E... a... (a fazer um exercício de memória e como que começa a contar pelos dedos) foi a primeira, foi a solene que de antigamente não era no salão, era dentro da colónia! (nota-se algum orgulho no regime “de exceção”) Que abria os portões e era assim naquele quadro.

Sr. Adolfo : Tinha ali um portão, que chamam o portão Nasoni.

D. Diana: Era... E ainda tem lá o portão

Sr. Adolfo : O portão ainda lá tem, mas agora não abrem, deixaram de fazer lá dentro.

D. Diana: Não, mas na maré abriam, na maré abriam...e emprestavam à comunidade.

Miguel: Sim. Sim.

D. Diana: E é sempre fiz... e sempre fizemos tudo lá, e depois a minha filha também fez a primeira, fez a solene e depois foi catequista (com ênfase) e depois....

Sr. Adolfo : Foi lá catequista (vê-se orgulho na forma como ambos o referem)

D. Diana: E depois foi lá o casamento com as colegas. Foi lá um casamento muito bonito. E nós fizemos as bodas de ouro – não nos levaram dinheiro nenhum e fizeram-no muito bonito! (comove-se)

Miguel: Ah, muito bem. E quando em que ano é que fizeram as bodas de ouro?

Sr. Adolfo : Foi em 19.

Miguel: Muito bem.

D. Diana: Lá em cima... lá acima, tínhamos feito o casamento também bonito (começa a falar mais baixo, comovida). Já naquele tempo, na aldeia, sim.

Sr. Adolfo : Na aldeia sim.

D. Diana: Agora fizemos ali. Vieram os meus irmãos lá de cima, fomos comer ao Rochedo.

Miguel: Pronto a beirinha da praia, não é?

D. Diana: Sim, sim.

Sr. Adolfo : Falamos ao padre....

D. Diana: O meu genro fez o vídeo... e pronto.

Miguel: E fizeram uma festa bonita, não é?

D. Diana: É. Pronto... ai elas, elas cantaram muito bem, vieram os...

Miguel: Também ai delas que não cantassem bem...

Sr. Adolfo : (ri-se) Éramos colega.

D. Diana: Para mim... que também canto com elas.

Miguel: Pois, ainda por cima vocês são do coro...

Sr. Adolfo : Éramos colegas...

D. Diana: E veio os que tocam...

Sr. Adolfo : Ainda vieram três violas... um acordeão e três violas.

D. Diana: Como vieram agora para o S. Brás (orgulhosa pela comparação de eventos de grande importância comunitária). Fomos nós a cantar, agora para o ano são as das 10h...

Miguel: Ah.

D. Diana: E ali na Senhora da Saúde é na mesma... É um ano é um...

Sr. Adolfo : Um ano é um e outro ano é outro.

Miguel: Onde é que é a Senhora da saúde?

D. Diana: É ali em Santa Cruz...

Miguel: Só conheço no Porto, também tem a Senhora da saúde lá no Porto.

D. Diana: Não! Tem, tem, tem... e nos Carvalhos.

Miguel: No Porto é à beira de Campanhã, da estação do comboio.

D. Diana: Pois... E aqui também tem e sai uma procissão...

Sr. Adolfo : Não é cá em cima a Santa clara?

Miguel: Não, a Santa Clara é no Bonfim.

Sr. Adolfo : Pois Santa Clara é cá em cima no Bonfim.

Miguel: É, é no Bonfim... eu moro aí perto. Moro ali um bocadinho mais acima.

D. Diana: É mesmo de lá...

Miguel: Só mesmo lá do Porto, por isso é que eu não percebo nada disto aqui...

Sr. Adolfo : Pois...

D. Diana: O filho é em Moimenta da Beira e os filhos também estudaram... aqui em baixo, mas agora já estão formados.

Sr. Adolfo : Já estão todos formados. (orgulhoso)

D. Diana: O mais novo é que ainda anda na escola de hotelaria...

Sr. Adolfo : Hotelaria e turismo de Lamego.

D. Diana: De Lamego..., mas já anda a estagiar...

Sr. Adolfo : Anda a estagiar numa quinta que há lá cima em Sabrosa, quinta do portal.

D. Diana: (vai repetindo os nomes dos locais e o "trajeto")

Miguel: Eu pus-me a estudar agora e pronto... Por isso é que estou aqui a chateá-los, não é? Porque me pus a estudar agora...

D. Diana: Ai faz muito bem, porque os meus netos, também às vezes também me perguntam...Isto quando é da família e tudo... também me perguntava.

Miguel: Sim, porque são... são saberes importantes, não é? Que se vocês não nos contarem, nós não temos como os saber.

Sr. Adolfo : Ah pois não.

D. Diana: O mais velho é... Trabalha para uma firma ali na Maia. Mas vez em quando... ainda agora vai à Alemanha...

Sr. Adolfo : É uma empresa alemã, que tem filial no na zona industrial da Maia.

D. Diana: Sim...E ele vem aqui. Para aí de 15 em 15 dias...

Sr. Adolfo : E ele trabalha em casa por... trabalha à distância.

Miguel: Consegue trabalhar a partir de casa? Sim.

D. Diana: Sim trabalha para ali, mas é... de casa. É engenheiro de informática...é engenheiro informática. E o outro também é engenheiro, mas é de outra coisa...

Sr. Adolfo : Não sei bem de quê é que o outro é engenheiro

D. Diana: É de outra coisa qualquer que eu nem sei dizer, mas queria ir agora para a ...

Sr. Adolfo : Não sei se é para as forças armadas, se é para... parece que é para a força aérea

D. Diana: Sim. Parece que é para a força aérea ou é para a marinha... é para eles sabem... Estava indeciso, o do meio. E o outro vai ser cozinheiro.

Miguel: Pronto, muito bem.

D. Diana: Mas é daquele de Gourmet, faz aquele bocadinho (faz o gesto, com os dedos em pinça, como que a demonstrar que a porção de comida é pequena).

Miguel: Sim aqueles pratinhos pequeninos, não é?

Sr. Adolfo : (ri-se)

D. Diana: Pequeninos e com aquelas coisas e tudo... (orgulhosa)

Miguel: Mas cozinha bem ele? Ou ainda não provou?

D. Diana: E cozinha! Então não cozinha! Já está! (como que a não deixar lugar para dúvidas)

Sr. Adolfo : Em casa do meu filho todos sabem cozinhar.

D. Diana: Olhe, no domingo...

Sr. Adolfo : Porque vão para a beira da mãe para fazer o comer e tudo cozinha...

D. Diana: Porque... foi no domingo não foi?

Sr. Adolfo : Foi!

D. Diana: Eles vieram cá. E só veio ele... o outro tinha a rapariga, que é doutora lá na... em Coimbra, ou não sei quê...o mais velho

Sr. Adolfo : Formou-se lá em Viseu...

D. Diana: O outro que tinha de estudar, não sei para o quê que estava assim, não sei, também pode vir... Aquele veio, o mai novo veio. E então fiz carne assada, da...

Miguel: Sim.

D. Diana: Anho no forno de lenha.

Miguel: Ah maravilha....

Sr. Adolfo : Temos um forno de lenha.

D. Diana: Daquele de Aveiro, abre-se a porta, sabe? E dá-se só aquele tempo.

Sr. Adolfo : Já está armado a quase há 50 anos.

D. Diana: E a batatas, as batatinhas, ficam muito boa.

Miguel: As suas batatinhas.

Sr. Adolfo : Pois...

D. Diana: Aquelas batatinhas, inteirinhas...

Sr. Adolfo : Não há compra.

D. Diana: Inteirinhas, pôs-se lhe na mesa e ele ficou: "ai avó estão muito, muito boas" e por acaso fui ali ao pingo doce, tinha lá um anho que era uma maravilha, com umas coxinhas pequeninas...

Sr. Adolfo : Depois começou a comer o arroz e, sem lhe dizermos a marca dele...

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : Ele pega e começa a comer dele assim...

D. Diana: Olha nem eu sabia (a marca).

Sr. Adolfo : Diz ele: “Ó bó, este arroz...este arroz... de que qualidade é?”

Sr. Adolfo : Nós... ela começou-lhe a dizer uma qualidade dele e ele assim: Não, não. Esta qualidade é basmati.

D. Diana: É basmati.

Sr. Adolfo : Ele, ele... ele não viu a saca...

D. Diana: Ele comeu e segundou. Ele gostou do comer da avó....

Miguel: A comida da avó é sempre boa...

Sr. Adolfo : (ri-se)

D. Diana: Você sabe o que é que eu comprei aqui atrasado? Olhe, aqui atrasado fui ao (nome da empresa). Tem lá assim muito comer e tinha lá uns pernis. Eu gosto muito ali, maravilha. (a segredar) O pernil ali é muito bom, eu gosto! Mas lá trouxe... oh nem sabor a tinha nada! (indignada). Nunca mais compro nada disso ali.

Miguel: Sim. Já está resolvido, ali, não se traz mais.

D. Diana: Ui, não presta! Esteja calado...aquilo é como comer e não saber nada. Como uma batata ou uma coisa qualquer....

Miguel: Hum, hum... Comer para não saber nada não vale a pena, não é? Pois, também acho que sim.

D. Diana: Ao menos eu sabia fazer melhor, graças a Deus, quem me ensinou ainda me ensinou bem e nunca mais perdi a mão. Lá cimo comia-se muito bem o anho.

Miguel: E pelos vistos aqui em sua casa também, não é?

Sr. Adolfo : Tambem se come

D. Diana: Também... Ainda homem daqui, que é lavrador, uma vez passou ali, diz ele eh que cheirava tão bem a anho! Pois, abrimos a porta ao forno... (ri-se).

Miguel: Pronto, exatamente.

D. Diana: É bom. Eu, quando eles vêm, procuro fazer assim melhorzinho.

Miguel: E faz muito bem. Fica toda contente por fazer e por eles comerem.

D. Diana: Fico! Se eles tiver contentes, eu também fico contente. Senão, fico triste é verdade... É sim, Senhor. Ele fez um pudim também estava muito bom.

Miguel: A final também tem dotes culinários (apontando para o senhor Adolfo).

D. Diana: Ele faz um pudim muito bom!

Sr. Adolfo : Ora bem, também aprendi a fazê-lo. Disseram-me como era e depois aperfeiçoei-me conforme pude.

D. Diana: Tem 2 horas e cozer... fica uma maravilha que ele faz lá.

Miguel: E coze no fogão ou no forno a lenha?

Sr. Adolfo : Isso tem que ser fogão.

Miguel: É no fogão.

Sr. Adolfo : Tem que ser....

D. Diana: Às vezes quando a gente acende o lume no fogão de dentro de casa, que é inox e que é lenha, e ele lá põe em cima... mas quando não, tem que ser no fogão.

Sr. Adolfo : Ponho em cima e ele lá ferve...

Miguel: Então já estou a ver que é uma receita antiga a do seu pudim.

Sr. Adolfo : É... É uma receita normal.

Miguel: Como ovinhos caseiros?

D. Diana: Leva muitos ovos...são caseiros...das minhas galinhas que andam à solta. Tem que por então muitos ovinhos!

Miguel: Muito bom.

D. Diana: É das poedeiras e botam muitos ovinhos por acaso... e o meu fui lá cima também lhe dei e também tem, mas meu filho agora....

Sr. Adolfo : Quer-se dedicar à criação de galinhas para ovos...

D. Diana: É, é daquelas galinhas que é biológicas. Que tem um brinco, sabe? Que é quase como a gente fazia com os toiros...tinha que os levar... Porque ele também é perdizes.

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : Daquelas preto e branco.

D. Diana: São todas perdizes.

Miguel: Sim.

D. Diana: Diz que sim, ele é que sabe. (perentória, como quem tem razão)

Miguel: Pronto também é uma hipótese, não é? De trabalho, pode ser que até tenha muito bom negócio, não é?

D. Diana: É verdade,

Sr. Adolfo : Ele já...já tem lá pessoas que vão passando e sabe que ele as vai criar...

D. Diana: Ele, ele... é engenheiro. O meu filho é engenheiro na (nome da empresa) e deixou ficar, recebeu 90 mil. Mas deixou ficar. Mudou para a (nome da empresa) e ele não gostou e foi para professor.

Miguel: Sim.

D. Diana: De novas tecnologias. Já tem ido lá fora e tudo com os alunos.

Miguel: Sim, é bom.

Sr. Adolfo : Sim na Universidade em Lamego.

D. Diana: Olha vai trabalhando... ela, a minha nora, é professora de moral em Tarouca. Também não é muito longe... Para aí ou 30 km... é para aí é.

Miguel: É um bocadinho ainda.

D. Diana: Tem lá pronto... É assim?

Miguel: Voltando outra vez um bocadinho aqui a água, então vocês têm que trazer água para aqui, não é? Ou com a bomba...

D. Diana: Ah temos todas encanadas, olhe, vê o cano?... (aponta para o campo). Se ela vem, enchemos para aqui primeiro (apontando para o terreno e alguns reservatórios lá deixados). Depois ligamos acolá, depois regamos aqui... e é assim

Sr. Adolfo : Sim tem a torneira, temos passador para um lado e para o outro ...

Miguel: Sim...

D. Diana: Menina, anda cá menina (interrompe a conversa porque chega a gata de estimação) Anda cá à...

Sr. Adolfo : É Branca ou o Ferrão?

D. Diana: É a Branca...

Sr. Adolfo : Anda cá...

D. Diana: É assim a vida, sabe?

Miguel: No outro dia tinha-me dito que aquela que água e até a da mina, que era melhor por causa das azeitonas, não é?

Sr. Adolfo : Sim, sim...

D. Diana: Ai porque não tem cloro (como quem afirma uma verdade tão óbvia que quase não se entende como eu não a consegui entender logo!)

Sr. Adolfo : Se puserem águas ou da companhia (a gata vai miando, como que a querer entrar na conversa, enquanto deambula por entre os três conversadores)

D. Diana: Ai vamos lá então...

Sr. Adolfo : Nas azeitonas, elas ficam moles, porque tem química.

Miguel: Sim. É por causa do cloro, foi o que me tinha dito...

D. Diana: Até há plantas... há plantas que também...

Sr. Adolfo : Sim... se puser da mina, que é água corrente, não tem mal nenhum, ficam sempre duras!

D. Diana: É. É, é.

Miguel: E ainda vai ali muita gente, então, às vezes buscar água?

D. Diana: Vai!!

Sr. Adolfo : Ainda vão, ainda vão lá buscar.

D. Diana: Já um fulano, que também é de lá de cima do Penafiel, e... Foi lá para Trás-os-Montes e trouxe azeitonas e veio ali prepará-las.

Sr. Adolfo : Vem ali sempre prepará-las.

D. Diana: É costume botas água, é... E o meu filho acima também. O meu filho já tem muita, muita maçã. Eu forneço de citrinos, tenho tido muita, muitas clementinas e laranjas tenho, tenho... aquele quintal de baixo, e no outro, no quintal onde tenho as galinhas, tenho mais. Eles levaram um balde assim destes cheinho (pega no balde para

me demonstrar o tamanho e demonstrar a quantidade de fruta a que se referia). Eu gosto muito, eles gostam também... mas eu não posso.

Sr. Adolfo : Que é que foi? (conversando com a gata que se vai enroscando nas pernas de cada um à vez)

D. Diana: Por causa dos intestinos...

Miguel: Pois... mas pronto, vai distribuindo, não é? Vai distribuindo que também é importante.

D. Diana: Não tem fome nenhuma, não (interrompendo a conversa para colocar o marido a par do motivo pelo qual a gata não para de miar). Veio a minha sobrinha lá de cima, de Baião e levou outro balde delas.

Miguel: Sim.

D. Diana: E levou dois sacos de batatas para semear por lá, que lá dão bem. (como que dando a entender que neste terreno o resultado não é tão bom como "lá em cima"). Lá dão bem...Estas é o segundo ano, chegam lá dão mesmo bem! (como quem afirma ciência exata, não tem como dar errado!).

Miguel: Sim.

D. Diana: E Eu dei-lhas, dei-lhe dois.

Miguel: Fez bem

D. Diana: Eu quando eu lá vou, nós temos casa lá acima, eles nunca me deixam comer em casa.

Miguel: Pronto.

D. Diana: Nós temos, pagamos aqui em baixo, que era a herdeira da minha falecida mãe. E depois compusemos à nossa maneira, só aproveitamos as paredes.

Miguel: Sim. Claro.

D. Diana: Que eram de pedra, boas.

Miguel: Sim.

D. Diana: E agora pagamos a luz e a água em baixo

Miguel: Sim.

D. Diana: E quando lá fomos temos tudo.

Miguel: Muito bem.

D. Diana: Só que não tenho ido por causa que ele da vista não tem podido. Mas agora o meu genro, que tem uma filha cá baixo, tem uma filha acima e uma filha cá baixo, e a filha... e agora por... lá da nossa parte é à segunda-feira, é por isso que já em Abril a Páscoa... e nos outros ainda é em Março.

Miguel: Sim...

D. Diana: É verdade... no outro dia... A minha Páscoa é em Abril. E é verdade.

Miguel: Sim.

D. Diana: E então, quando formos lá, temos que assar... Ano passado foi a minha sobrinha. E levei o anho inteiro e um cabrito e assamos todos. Ela tem um casal, e eu também, não é? Então juntamos a família toda... e pomos no forno dela, que eles fizeram força...

Miguel: Sim...E foi uma festa.

D. Diana: Eu levei tudo. Fizemos... Eles gostaram muito, mesmo o meu genro começa a dizer: "Ai temos que comer à Lina que eu gosto... que ela também é como nós de cozinhar.

Miguel: Sim claro.

D. Diana: Pois, fazer igual como aprenderam.

Miguel: Sim.

D. Diana: E é assim a vida! (diz de forma entusiasta)

Miguel: Mas (tentando recentrar a conversa), quando vieram para aqui, então a água era da mina que usavam em casa.

Sr. Adolfo : Pois era só da minha lá em baixo (apontando em direção à casa)

D. Diana: Era... ui, até vinham as lavadeiras... Todos nós éramos nove caseiros, nove! Agora não, agora somos dois aqui e dois acolá... somos quatro (entristecida). Mas nós éramos nove.

Miguel: E então tinham que ir buscar a água, vinham, vinham com os cântaros ou baldes?

D. Diana: Ai não, lavávamos lá naquele tanquinho, com você viu... tem coisa lá...

Miguel: Sim, aquele à beira do rio, não é?

D. Diana: Não, aqui! (referindo-se à pequena bica que “resta” no terreno privado)

Miguel: Ai aquele pequenino já sei, já sei... aquele à beira de casa.

D. Diana: Sim, tem um grande! Tem um grande!

Sr. Adolfo : E um grande que é para lavar a roupa.

Miguel: O grande eu não vi.

D. Diana: Tem uma pedra no caminho...

Miguel: Eu vou espreitar agora....

D. Diana: tem um pequenino e tem um grande! Agora que ninguém lá vai lavar, mas na maré lavávamos todos, não havia outro sítio onde lavar... era lá.

Miguel: E se calhar até vinha gente de fora lavar aqui, ou não?

D. Diana: Vinham os caseiros de acolá da subida (aponta), também não tinham água...e...e...vinham ali.... Que era a Senhora Alcina e era... como é que ela se chamava?

Sr. Adolfo : E era a “Déte”.

D. Diana: Ai era a “Déte”, era... Eu nem lembrava.

Miguel: Porque eles a água aqui da companhia, ele só puseram já depois do 25 de Abril, não foi?

D. Diana: Ui!! Isso lá muito tarde (como que se lamentando e quase surpreendida com a pergunta)

Sr. Adolfo : Não, foi quando veio a (nome da empresa) aqui para trás.

Miguel: Isso foi quê, nos anos 70? 80?

Sr. Adolfo : Não, nos anos já 90.

D. Diana: Ai, isso já foi muito tarde.

Sr. Adolfo : Foi nos anos 90. Está lá em cima a ponte do metro...Que ainda foi o cunhado da tia são, o que lhe chamavam... (parecendo arrepender-se de partilhar o seu “apelido”), o Carlos... era mestre... era mestre, era encarregado! Sim, sim. Ele trabalhava ali...

D. Diana: Ai, aquele que morreu, o que eles chamavam Sabimba (referência a Savimbi?).

Sr. Adolfo : Sim...

D. Diana: Sei, sei, sei...

Sr. Adolfo : E lá tem a data...parece que foi 1998 ou 2008.

D. Diana: Ah sim... são muito quilhados para botar água.

Miguel: Ai são alguns apelidos são engraçados, são engraçados...

D. Diana: São, são...

Sr. Adolfo : (ri-se)

D. Diana: (ri-se) E havia lá uma minha tia, que botava à todos...

Sr. Adolfo : Não havia lá ninguém que não tivesse uma alcunha.

D. Diana: Tinha todos, do cimo do lugar ao fundo!

Miguel: Sim.

D. Diana: Aquilo é danado... Porque fui lá para Lisboa...

Miguel: E então, se calhar foi depois aqui da (nome da empresa) e tudo que começaram também a construir mais casas, não é?

Sr. Adolfo : Ai não, isso já estava.

Miguel: Já estavam... então foi só o bairro que veio depois? (para tentar perceber se havia alguma “animosidade” com os “novos residentes”, o que não se verificou pelo que foram referindo)

D. Diana: Ai, mas muito depois!

Sr. Adolfo : Este bairro aqui, foi construído mais ou menos quando a (nome da empresa) veio para ali.

Miguel: Ok, porque se calhar, até foi para os trabalhadores da (nome da empresa)?

Sr. Adolfo : Nessa altura começaram construir... Já tinha algumas antes

D. Diana: Não havia nenhuma!

Sr. Adolfo : Não também lá temos o nosso terreno...

D. Diana: Ai isso, o nosso terreno fica ali a seguir àquelas casas que ali a seguir nós compramos um terreno...

Sr. Adolfo : E eles, e eles ao fazer furos para tirar água, antes da água da companhia, a água secou toda.

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : E então eles...

D. Diana: Olhe, aqui só havia... aqui só havia o saqueiro (sequeiro?) que aquele acolá..., mais a banda de cima... havia uma casa velhinha, mas de resto não tinha nadinha... e aqui para trás também nadinha!

Sr. Adolfo : De resto foi tudo mais ou menos nessa altura.

Miguel: Portanto só aquela casa é que tinha água nessa altura, era isso?

D. Diana: A casa? A casa tinha poço!

Sr. Adolfo : Era tudo poço e minas.

D. Diana: Era...

Miguel: Portanto, onde houvesse poço ou mina que fazia a casa, não é que era?

D. Diana: Então, senão... O nosso, o nosso...

Sr. Adolfo : O poço cada um fazia os seus...

D. Diana: Nós temos um no nosso terreno. Nós temos no nosso terreno... mas para metermos algumas curiosidades... algumas novidades (como que a explicar-me) tínhamos que...

Sr. Adolfo : E fizemos um poço.

D. Diana: E fizemos um poço e dá muita água.

Miguel: O vosso não secou? Porque estava-me a falar que numa altura...

Sr. Adolfo : Não, não... secou tudo. Porque a (nome da empresa) tinha que fazer

D. Diana: Isso foi no ano que ela veio.

Sr. Adolfo : Tinha que carregar e fazer limpezas e gastava muita água e fizeram muitos furos...

Miguel: Que se calhar também têm furo, não é? Devem ter...

Sr. Adolfo e **D. Diana**: Eles têm!

D. Diana: Eles fizeram furo e os outros ficaram sem nada, ficaram aqui consumidos...

Sr. Adolfo : E tiveram que meter água da companhia... e nós, à sombra deles, eles vieram a ficar com a água toda por aí abaixo

D. Diana: Aqui, na maré das pencas, que era pra meter as pencas, ora isso é Setembro, não era pra aí, não havia água nenhuma, mas tornou a vir... porque eles depois deixaram de...

Sr. Adolfo : Eles foram obrigados a meter água da companhia... uns tantos metros cúbicos de água da companhia por mês. Porque, até aí, ...

Miguel: Até aí eles só usava um furo, não é?

Sr. Adolfo : Até aí era só os furos...

Miguel: Pois é vocês aqui a sofrerem com a falta de água, não é?

D. Diana: E eles tiraram tudo aos lavradores, quer dizer, mas agora tornou a vir

Sr. Adolfo : Para lavar carruagens... lavar carruagens, máquinas e tudo.

D. Diana: Não falta lá água ... ele está cheio por a banda de cima, que até larga água... olhe, esta água que se vê toda (apontando para os regos de água) ela já vem de lá.

Sr. Adolfo : Vem toda do poço, por baixo da terra...

Miguel: Sim

D. Diana: Por isso é que ali tem muita água, você ao passar não viu? (como que a fazer uma demonstração óbvia)

Miguel: Vi.

Sr. Adolfo : Viu que ele teve de passar por ela... (ri-se)

Miguel: (ri-se) tive que me desviar assim um bocadinho, mas pronto.

D. Diana: Ainda ele (aponta para o marido) ... foi o trator que veio aqui e ele andou a limpar tudo, a ver se conseguia que a gente passasse... que eu é só de botas de água para passar, ou vir aqui aos terrenos, comprar... comprar? Colher alguma coisa!

Miguel: Sim. E ali naquele tanquezinho à beira da vossa casa, para que é que acha que as pessoas usam aquela água? Usam para beber, usam para cozinhar para lavar.

D. Diana: Ah agora é só um velhote, que eles lhe chamam de burro, que mora prá ali...

Sr. Adolfo : Mora aqui em cima (aponta) ...

D. Diana: Que ele vez em quando vai lá.

Sr. Adolfo : Vêm buscar uns garrafões dela

Miguel: Mas porque acha que ele vem? Ele não tem água em casa? Ou porque gosta mais daquela...

D. Diana: Tem! (sem margem para dúvidas). Tem... deve ter, não deve?

Sr. Adolfo : Tem, tem.

D. Diana: Mas para beber tem de ser da dali.

Miguel: Pronto.

D. Diana: E vai à de la de baixo também do fundo...

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : Em baixo da beira do rio, onde estão agora estas obras...

D. Diana: Ele vai sempre buscar um garrafão, um ou dois dele.

Sr. Adolfo : Onde andas as obras também tem lá uma bica d'água...

Miguel: Mas, que é uma vez por semana?

D. Diana: sim, sim.

Sr. Adolfo : Pronto, isso não tem, não tem dia certo.

D. Diana: E este padeiro, vai lá para beber!

Miguel: Sim o padeiro tinha-me dito, não é?

Sr. Adolfo : Ele para e vai lá beber...

D. Diana: Vai lá beber e não tem mal nenhum (baixa o tom de voz)... Mas nós, não sou franca, não é... antes quero da companhia, porque dizem que é melhor porque está

Sr. Adolfo : Tratada

D. Diana: Assim... desinfetado, tratada... e eu olhe, é assim...

Sr. Adolfo : E esta pode ser boa e pode não ser...

D. Diana: A que compro para de noite e tudo... eu compro os garrafões, mas a maior parte teve da companhia, está feito. De lá, não vou... não vim. Dizem que não.

Sr. Adolfo : Porque tem... tem a placa a dizer que ela é imprópria para consumo ...

D. Diana: Não tem a placa. Tiraram-na! (eleva o tom de voz, indignada)

Sr. Adolfo : Já tiraram? (questiona surpreso)

D. Diana: Ah, não tem nada!

Sr. Adolfo : Olha que eu ainda não reparei, mas isso era só uma precaução, segundo disseram.

D. Diana: Puseram-na... a Câmara...

Miguel: Sim...

Sr. Adolfo : Era só uma precaução...

D. Diana: Mas eles tiraram...

Miguel: Mas esta aqui é privada, não é? Pelo que vocês me explicaram...

Sr. Adolfo : Aquilo é privado, é do meu senhorio...

D. Diana: Mas a camara... é, é... quem tem obrigação de se... lá por... e por isso ela pôs lá, mas aquilo não, aquilo é do, do...Marílio. Aquilo é privado...

Sr. Adolfo : Eles puseram uma placa, porque é terreno próprio por... por causa de quem passava e que iam lá beber

D. Diana: Por isso tinha uma portinha. E depois tiraram-na..., mas tinha uma porta, para ninguém entrar.

Sr. Adolfo : Tinha lá uma porta...

D. Diana: Sim.

Sr. Adolfo : E a minha chegou a ter uma porta também.

D. Diana: Uma porta... e depois taparam, mas depois vizinho até fez um buraco. Porque a água era tanta, tanta, tanta... que saía.

Sr. Adolfo : Fez lá os buracos na parede, porque a água era muita, e podia ir para as paredes e atirar com as paredes todas baixo, com a terra mole...

D. Diana: Com as paredes abaixo... e ele lá então, depois fez um buraco para... porque quando chove, chove...

Miguel: Para escoar, não é? Pois. Que eu também conhecia outra... outra bica que um senhor também tinha... tinha uma bica sempre a deitar ali em Perafita.

D. Diana: É está sempre a botar também.

Miguel: E... E também, ele houve uma altura em que fechou o portão e os vizinhos zangaram-se um bocado, porque ele iam lá buscar água. E porque é que ele está a fechar o portão para não deixar ninguém lá buscar água? Portanto, aqui, se calhar também se zangaram um bocadinho quando ele pôs a porta ou não?

D. Diana: Isso não, porque ele deu uma chave aos caseiros todos!

Sr. Adolfo : Ele deu uma chave a cada caseiro.

Miguel: A pronto.

D. Diana: Ele deu uma chave a cada caseiro. Agora, os de lá fora vem aqui buscar quando for verão, eles vem aqui buscar mais água de que nós! (parece demonstrar alguma injustiça...). Olhe, vêm lavar os carros, vêm buscar água... e eu sei lá para o quê? Ai... eles vêm aqui muito... e para regar...

Sr. Adolfo : Quem passa à beira de uma estrada e vê uma bica de água, o que quer é parar para ir beber água fresca.

Miguel: Disse-me que eram os estrangeiros. Quem são os estrangeiros?

D. Diana: Ah estrangeiros não... fulanos daqui.

Miguel: Não, não fora disse estrangeiros, acho que disse os de fora...

Sr. Adolfo : De fora daqui da zona.

D. Diana: Que passam, que moram ali no bairro... que moram lá pra cima e tal... e depois vêm aqui.

Sr. Adolfo : Por exemplo esses agora que vêm ali para os treinos (?), se quiserem beber, a bica está a correr... chegam ali e bebem!

D. Diana: ...Vêm aqui buscar...num carrinho, numo carro... levam garrações para botar assim mesmo. Regam os quintais, para não estar a gastar da companhia,

Sr. Adolfo : Até já vieram aqui de lá de cima de Custóias com um carro... e levaram a mala do carro, cheia de latões de água para regar hortas.

D. Diana: Ah faz muito jeito...o vizinho vai buscar lá que é para o toiro... Para o gado que tem a... tinha toiros, mas agora é como eu, também tem só galinhas, mas ainda leva água de lá...

Sr. Adolfo : É tem só galinhas agora...

D. Diana: E governa-se com ela de lá.

Miguel: Então ainda há muita...

D. Diana: Quando precisar, tem aquele terreno, que agora está lavrado, ele vai semear a... pimentos, tomates e outras coisas mais...e vai lá buscar água. Às vezes assim ao balde (demonstra com gestos) e bota.

Miguel: O balde, não é?

D. Diana: Nós damos-lhe a água quando estamos, mas nem sempre... às vezes vem.

Sr. Adolfo : Quando ligamos a bomba, ele enche os latões que têm ou rega com a água também

D. Diana: Ela.... Ligamos-lhe ali e ela vai ter lá abaixo e ter ali, pronto. Pra eles encher o latão para regar quando eles precisam.

Miguel: Sim.

D. Diana: Damos-lha.

Sr. Adolfo : Mas quando não estamos e ele precisa... vai lá buscar

D. Diana: Qual ele precisa... mas o que é, lá está, é ruim trazer o...coisa... a bomba... vai lá levar.

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : Sim, trazê-la, metê-la no poço, ligá-la...

Miguel: Ela ainda pesa bastante, não é?

D. Diana: Não, é daquela de fuso (?)

Sr. Adolfo : Destas bombas de furo

D. Diana: Destas de furo...

Miguel: OK é, mais é mais prático...

D. Diana: É, é...

Sr. Adolfo : É uma bomba para aí assim desta altura (demonstrando que não é uma peça muito grande)

Miguel: Eu à bocado, estava a perguntar dos estrangeiros, porque estava a lembrar-me de outra coisa. Eu já trabalhei em Melgaço, não sei se conhecem...

D. Diana: Então não conheço?

Sr. Adolfo : Conheço, conheço...

D. Diana: Conhecemos... é a terra do Alvarinho!

Miguel: O alvarinho... pronto. E eles têm lá aquela parte de Castro Laboreiro, que fica mais na montanha, e então havia lá coisas que eles punham lá os sinais e escreviam que não, não é permitida a passagem a estrangeiros, os estrangeiros eram os Melgaço.

D. Diana: Aqui não há muitos estrangeiros...

Sr. Adolfo : Não, mas é que lá em Castro Laboreiro tinha a fronteira.

Miguel: Tinha a fronteira com Espanha.

D. Diana: ...Lá até há-de haver... é o caminho de Santiago.

Miguel: Sim. Sim, mas eles chamavam os Melgaço estrangeiros. Que havia ali muita rivalidade entre os dois... como a com Monção.

Sr. Adolfo : (ri-se)

D. Diana: Havia, havia.... Nós estivemos... aí a passar férias muitos anos. Para uma quinta para em baixo, a entrada que...

Miguel: No Peso?

Sr. Adolfo : No Gerês... mesmo na vila do Gerês...

D. Diana: Sim. Ora... era a casa de quem? Do preto, chamavam-lhe, não era?

Sr. Adolfo : Sim, era a casa do preto (um pouco constrangido com o nome pelo qual era conhecida a casa).

Miguel: Sim, sim, era o nome que tinha.

D. Diana: Era o nome, era... Nós fomos para lá muito. Muitas vezes... (nostálgica). Nós e os vizinhos dali (apontou para a casa dos vizinhos) ... e ela levava... eu levava a minha filha... eu levava? Eles é que levavam.

Sr. Adolfo : Eles alugavam a casa e depois pagávamos entre todos.

D. Diana: Pagamos entre todos...foi giro passamos lá.

Miguel: Claro. Sim.

D. Diana: Era sim senhor... e depois de lá, íamos...íamos para aqui, para lá, para Portela do Homem, para Vendas Novas onde é que é a barragem...

Sr. Adolfo : Eles tinham lá de tudo: fogão, frigorífico e tudo lá da casa...

D. Diana: Corríamos aquilo tudo.

Miguel: Eram uns bons passeios, não eram?

D. Diana: Era. Agora não...

Sr. Adolfo : Depois as famílias começaram a crescer...

D. Diana: Começaram a crescer... tudo começou a ter filhos... e a gente já não poder e com ela... Ela mora ali na....

Sr. Adolfo : Mora ali em Guifões.

D. Diana: Em Guifões, mas é na... na... coisa das magnólias, no prédio...

Sr. Adolfo : Chamam-lhe o prédio das magnólias.

D. Diana: Sim, porque dentro é assim... tem... tudo...

Miguel: Deve ter umas árvores, não é as magnólias? Pode ser por isso...

D. Diana: Isso é cá fora! Sim, mas... mas depois lá dentro tem um condomínio fechado, tem churrasqueiras, tem muitos passeios para eles ir... tem entradas prontos... e as crianças andam ali a brincar... muito grande aquilo.

Sr. Adolfo : Um condomínio fechado muito grande.

Miguel: Sim. Mas falta-lhe, falta-lhe espaço da terra, não é?

D. Diana: Eles não vêm muito para aqui... No princípio, quando eram pequeninos, sim. Olha são mais grandinhos, só vem às vezes quando o pai vier... mas é raro... (alguma tristeza)

Sr. Adolfo : Porque eles foram criados aqui... tinha uma cama ambulante, eu trazia-os para aqui... Cheguei a ter que pôr um pau de um lado e outro do outro, uma estaca...

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : Para eles abanarem e ela não tombar. Porque se ela tombava

D. Diana: Criei-os de pequeninos, criei-os de pequeninos! Agora já tem 13 anos, mas está ele está forte, alto assim como o pai... O mais velhinho... mas são muito educados, muito boas pessoas. E tenho outro com onze, o mai novo ... que é o meu mai novo.

Miguel: Pronto, acho que sim...

D. Diana: Ele tem 3, o meu filho, e ela tem 2...não tem menino nenhum. Mas agora se calhar já teria neta doutora... Não foi?

Sr. Adolfo : (ri-se)

Miguel: Logo se verá.

D. Diana: É.

Miguel: Muito bem, então ali a utilização daquela fonte tem mais no Verão, não é que possa passar alguém.

D. Diana: É...é mais no verão... agora vão lá poucos. Há muita água.

Miguel: Sim.

D. Diana: Agora quando não houver... vem gente de longe, nos carros...

Miguel: Sim.

D. Diana: Param o carro e vão lá encher garrações para levar

Miguel: Enchem os garrações e garrafas...

D. Diana: Sim...garrações, latões, garrafas... Sim, senhora! Precisa muita gente e a gente não... não... Não diz nada... A gente não diz nada. Eu não digo nada. É verdade, olhe... já tínhamos isto tudo semeado (como que apercebendo-se do tempo que “perdeu” e que podiam já ter terminado o trabalho)

Sr. Adolfo : Está bem...

D. Diana: Anda lá...

Miguel: Pronto olhe... Eu não vos vou tomar mais tempo

D. Diana: Mas agora também já é noite.

Sr. Adolfo : (ri-se)

Miguel: Já vos estraguei a tarde?

Sr. Adolfo : Não, não...amanhã... amanhã é um novo dia.

D. Diana: Deixe lá...

Miguel: Pronto.

D. Diana: Começamos cedo. Hoje fomos... Fomos lá ao hospital, por causa dele, a fazer os exames.

Sr. Adolfo : Só que enganei-me na data... Era para ser ontem...

D. Diana: E depois e depois....Fomos... ao Bolhão.

Miguel: Sim.

D. Diana: Metemo-nos no autocarro ... metro, no metro - comprei uma senha – nós temos passe, mas é mais para esta zona...

Miguel: Sim, o passe não dá para ir para o Porto, não é?

D. Diana: Não. E ele assim comprou 2 para dar e vir.

Miguel: Sim

Sr. Adolfo : É porque eu não tenho passe do Estado... (ri-se)

D. Diana: É, compramos... E então... fomos lá ficar tripas secas que não havia em lado nenhum! (indignada) Hum... por aqui não há... e a gente...

Miguel: Mas está bonito o mercado Bolhão, não está?

D. Diana: Está muito lindo.

Sr. Adolfo : Agora está.

Miguel: Está sim, senhora... e lá fez uma festa a Senhora que mos vende todos os anos ... e ele faz... Trouxemos uma carne...

Miguel: Sim.

D. Diana: Estava muito baratinha.

Miguel: Pronto, aproveitaram.

Sr. Adolfo : Ali no (nome da empresa).

D. Diana: Além de (nome da empresa), estava a três euros e quarenta, ... e nós trouxemos e ele preparou a tal e qual como fosse da de casa e vamos fazer uns chouriços bons!

Miguel: Sim. Ah...

D. Diana: Temos lá tudo. Fumo e tudo... E vamos fazer, foi ao que a gente foi... não fizemos nada.

Miguel: Acho que as salsichas lá também são boas ainda. Eu ainda não fui lá buscar.

D. Diana: São, são, são...

Miguel: Do Leandro, acho que assim que se chama.

D. Diana: Sim! Que a senhora disse e ela tinha e tinha boa cara, mas eu não... não trouxe.

Sr. Adolfo : Eu conheci... eu conheci aquele mercado nos anos... no fim dos anos cinquenta

Miguel: Hum, hum... E então o que é que acha dessa altura para cá?

D. Diana: Ah ficou bem...

Sr. Adolfo : Naquela altura, a parte da horta é igual à que lá está.

D. Diana: Ai que o senhor que lá estava, ainda conhecia o nome que ele disse.

Sr. Adolfo : ...Hortaliças e carnes. Havia lá uma senhora que vendia vasos em baixo.

Sr. Adolfo : Sim...

Sr. Adolfo : E eu digo-lhe assim: Eu, quando era novo, ainda conheci aqui, uma senhora Renaldina... eu disse Renaldina, mas ela depois disse: Arnaldina!

Miguel: Hum hum...

Sr. Adolfo : Era ela e era Amélia... eram as 2 que estavam aqui.

D. Diana: E foi o que ele disse, o homem.

Sr. Adolfo : E eu assim: mas também já lá vão sessenta e tal anos que eu vinha aqui. Que eu estava num horto, vinha aqui trazer vasos para ela vender - que ela ia lá comprar e eu vinha aqui, trazê-los – e diz ele mas era Arnaldina! Só que ela depois também acabou...

D. Diana: Diz que ainda ficou ele com as coisas dela...

Sr. Adolfo : Pois fiquei eu aqui. No lugar delas... Mas olhe que também, qualquer dia também vou..., porque eu já tenho 70 anos aqui do mercado. E eu vou assim: você tem aqui setenta anos no mercado porque eu fui e fui criado aqui dentro...

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : Eu fui criado aqui na... no meio dos vasos delas.

D. Diana: Foi que ele disse, sim.

Sr. Adolfo : Fui criado aqui no meio dos vasos delas...

D. Diana: Olhe que, por acaso, eu vou vou-lhe dizer: trouxe estas... que estas eram lá de cima que haviam muito que é os “cosmos” é o nome deles.

Miguel: Sim.

D. Diana: E agora vi-os lá... Olha! (com espanto) Estão aqui os Cosmos!

Miguel: Ninguém é tarde, nem é cedo...

Sr. Adolfo : (ri-se)

D. Diana: Vou metê-los numa coisa... que já trouxe para cima....

Miguel: A, então, também tem as suas florezinhas, não é só...

D. Diana: Então tenho aquele acolá (fala alto, com entusiasmo e orgulho! Como é que eu não reconheci que tinha tantas flores ali plantadas...) cheinho delas!!

Miguel: Ah, não reparei, não reparei...

D. Diana: Mas é para meter...

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : É para depois transplantar...

D. Diana: Nascidas... ai, mas tenho muitas! Muita qualidade, muita qualidade (no sentido de muita variedade de flores). Todos os campos aqui tem flores... eu gosto muito de flores... e tenho uma caixa aqui...

Sr. Adolfo : Também foi criada com isto na aldeia, claro...

D. Diana: E tenho uma caixotinha... então faço... e tenho uma de alface, aqui os tomatinhos grandinhos (aponta para o que está plantado por trás dela)...

Miguel: Sim.

D. Diana: E tenho os pimentos acolá... Ai, Eu não preciso comprar... ai...e era tudo sementes de casa que eu pus.

Miguel: Claro, assim, aproveita-se.

Sr. Adolfo : Eu e eu aqui não, mas...

D. Diana: No tempo a gente tira... E, digo melhor,...

Miguel: Sim.

D. Diana: Com a semente é melhor...

Miguel: Assim como há bocado me disse dos tomateiros, se calhar tomate “coração de boi” e tudo...

D. Diana: São dos grandes! Daqueles grandes... Também tenho um bocadinho que é do “xuxa”, daqueles pequeninos

Sr. Adolfo : É o tomate xuxa

D. Diana: Alguns até estão aqui à beira (procura e vai mostrando onde estão) ... alguns neste vidrinho, aqui por baixo... (levanta-se para mostrar as plantações realizadas em frigoríficos velhos, sem porta, cobertos com uma placa de vidro)

Miguel: Já está aqui protegido por causa da geada, não é?

Sr. Adolfo : É.

D. Diana: Todas a que tem vidro!

Miguel: Mas é por causa da geada, não é?

D. Diana: É, é... senão não cresce nada. Se não tivesse vidro nasciam lá? E agora, para não ser queimados, eu boto-lhes uns pauzinhos e levanta um bocadinho assim (exemplifica que como que abre um “respiro”)

Miguel: Sim para Respirar, não é?

D. Diana: Ora...

Miguel: Vou ter que tomar nota... que se eu quiser fazer isso em casa, também tenho que seguir...

D. Diana: E faz em casa! Com a cantoneira, numa cantoneirinha, e estiver numa varandinha, ou isso, você bota lá com... com terrinha... compra um saco de terrinha daquela própria...

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : Há quem ponha...

Miguel: Sim.

D. Diana: No horto há! Não falta lá terra... e você bota... e bota umas florzinhas...

Miguel: OK

D. Diana: (Volta a levantar-se) Eu tenho ali que... vamos ali...

Sr. Adolfo : Por exemplo: a curgete...

Miguel: A curgete, sim...

Sr. Adolfo : A curgete é uma planta que... não, não alarga. Ela nasce e fica ali naquele friso...

D. Diana: Olhe muito muitos botam tomatinhos... tomates e pimentos...

Miguel: Sim (tentando prestar atenção a ambos)

Sr. Adolfo : Semeiam-se...semeia-se aquilo até num vaso...

D. Diana: E dão!

Sr. Adolfo : ... ou numa caixa... aquilo está num canto... e as courgetes são para aí assim deste comprimento (demonstrando com gestos)...

Miguel: Sim....

Sr. Adolfo : Na planta...

Miguel: Ok. Eu cheguei a ter foi tomate.... Não era coração de boi, mas era um bocadinho mais pequeno – numa varanda - e agora tenho lá uma Oliveira... e já tive loureiro também.

D. Diana: Olhe... Compre uma cantoneira e depois passa por aqui que eu dou-lhe os tomates! Agora ainda é muito cedo, se calhar... Não sei, mas eu acho... já estão grandinhos! Mas não sei...

Miguel: Sim

Sr. Adolfo : Só lá para o mês que vem...

D. Diana: Não sei...Se quiser levar eu dou-lhe... é à vontade do freguês

Miguel: (ri-se) Não, eu agradeço. Foram muito simpáticos comigo.

Sr. Adolfo : Eu estive numa terra, por falar em jardim, estive lá fora numa terra que no tempo das flores olhávamos assim para... para as encostas de alguns montes, não se via terreno nenhum sem nada.

Sr. Adolfo : É tudo cheio de plantas, tudo, tudo cobertinho de flores.

Miguel: Onde é que... onde é que esteve?

Sr. Adolfo : Em Timor.

Miguel: Em Timor. Por acaso gostava muito de ir lá... Falei no e falei no outro dia com... porque estava a fazer um projeto também por causa da... da faculdade com algumas....

Por causa da educação em situações de emergência e situações mais difíceis. E falei com uma irmã, com uma freira, que tem um projeto lá por causa das grávidas e das crianças pequeninas.

D. Diana: Ai sim.

Miguel: Ela Foi daqui para lá, ela é enfermeira e também gostei muito de conhecer. E ela disse: quando quiser vir cá, é só avisar. Portanto, eles precisam também de lá muita gente a trabalhar.

Sr. Adolfo : Pois.

D. Diana: Pois.

Miguel: E quanto tempo é que esteve em Timor?

D. Diana: E ela já esteve lá muitos anos...

Sr. Adolfo : Eu estive lá, foram 25 meses...

Miguel: Foi de serviço militar lá?

Sr. Adolfo : Foi...

D. Diana: Ele depois veio dois meses... Veio por Moçambique, Angola... Ainda tinha lá uma minha irmã...

Sr. Adolfo : Daqui para lá foram 29 dias... Fomos pelo canal do Suez... Só que foi numa altura em que houve uma guerra entre Israel e o Egito, chamaram-lhe a guerra dos 6 dias...

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : E o Canal fechou. E dois anos depois, ainda tivemos de dar a volta a África que ele ainda estava fechado. Foi mês e meio de viagem. Agora já passa... não sei se já fecharam outra vez, mas...

Miguel: E não é nada simpático, mês e meio num navio, não é?

Sr. Adolfo : Não, anda-se bem.

Miguel: É.

D. Diana: Vinha preto, isso é que era!

Miguel: Foi turismo (ri-se). Andei a fazer turismo.

Miguel: Também era mais calminho lá.

Sr. Adolfo : É e lá fazia turismo equestre.

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : Nós lá andávamos a cavalo

D. Diana: Lá não havia transporte...

Sr. Adolfo : Lá não havia guerra...

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : É por isso que nós

Miguel: Em Moçambique é que já estive um bocadinho mais perigoso, não é?

D. Diana: Mais mau... Teve outro irmão que foi Moçambique... e outro em Angola...

Sr. Adolfo : Tive dois em Angola ...

Miguel: O meu pai, por acaso escapou, estive em Santa Margarida e estava... estava...estava a trabalhar na altura do 25 de Abril e, pronto, teve sorte, mas o meu pai era mais novo, meu pai era de 52.

D. Diana: Escapou.

Sr. Adolfo : De 52? Ah pois é...Era mais novo do que eu sete anos...

D. Diana: Este na maré, olhe, lá foi... Tinha a tropa quase dada... isso era aquele tempo assim...

Sr. Adolfo : Eu tive um irmão que tinha a tropa já dada, estava já para vir embora...

D. Diana: O Manel...

Sr. Adolfo : E arrancou para Angola...

D. Diana: E andou com mortos às costas...(com um tom de pesar, mas também denotando alguma “normalidade”)

Miguel: Pois, ainda por cima para Angola, não é?

Sr. Adolfo : Eu.... Acabei de me especializar... numa central telefónica.

Miguel: Hum, hum.

Sr. Adolfo : Que sou telefonista de serviço de telecomunicações militares. No dia em que passei a pronto.... “shhhttt” (acompanhando com movimento com as mãos,

passando a palma da mão uma sobre a outra indicando movimentação para outro lado)... Mobilidade, vai lá para fora passar férias.

Miguel: Pois, o meu pai era operador cripto.

Sr. Adolfo : Sei o que é... Sei o que é, porque cheguei a ver alguns. Segundo de dia.... Que eu estava na central telefónica... E todos os dias de manhã vínhamos para a beira do Rio Tejo. Foi na Praça do Comércio, no Ministério do Exército... Vínhamos para a beira do Tejo queimar umas tiras de papel que eram dos operadores que iam para lá de noite transmitir mensagens para o ultramar. E nós de manhã íamos para... para as margens do Tejo queimar aquilo. E depois disseram-nos: isto foram os criptos que estiveram aí, mas eles nunca andam sozinhos. Quando pensam que andam sozinhos, não andam... Que a PIDE anda sempre atrás deles a ver o que é que eles andam a fazer, quando vêm fazer este trabalho... É.

D. Diana: E eles por causa da PIDE não iam lá ver... (como que a falar com medo)

Sr. Adolfo : E... não era a primeira vez que nós a queimar aquilo em baixo e víamos o senhor de cima, no muro, a olhar para baixo.

Miguel: Claro.

Sr. Adolfo : Acabámos de queimar e com as botas fazíamos assim à cinza (exemplifica com os pés, como que a esmagar, a desfazer o que pudesse estar por baixo do pé)... para ver se ainda havia papel para queimar.... (os silêncios ganham um outro peso no silêncio da conversa) ... E só quando vínhamos lá para cima... É que os que estavam em cima às vezes a espreitar, é que desapareciam sem mais nem menos...

Miguel: Sim. Foram tempos muito difíceis....

Sr. Adolfo : Como?

D. Diana: Foram, foram, foram...

Sr. Adolfo : Eram tempos difíceis.

D. Diana: Uma pessoa dois anos à espera... ó foi muito difícil (falando mais alto)...esteja calado...

Miguel: E mesmo pelo que eu tenho estado a ler, tenho estado a ler mais até por causa desta questão da água... mesmo a própria questão da água e da questão da saúde.... As coisas mudaram muito do 25 de Abril para cá, porque eu sou ...eu nasci depois do 25 de Abril...

D. Diana: Pois foi, pois foi...

Miguel: Já tinham passado 10 anos do 25 de Abril, por isso já estava mais... mais calmo

Sr. Adolfo : Sim, já...

Miguel: Mas também concordam que, não é, que houve aqui uma mudança muito grande

Sr. Adolfo : Sim, houve, houve...

Miguel: O povo passou a ter condições de saúde e para e para viver muito melhor?

D. Diana: Tudo, tudo!

Sr. Adolfo : Isto mudou muito. Mudou radicalmente.

D. Diana: À bem... (suspira) A vida da antigamente? À bem... Passava-se muito! (volta a elevar a voz, indignada com o passado) o meu pai, o meu falecido pai... Escondeu... um... contava ele... mais um irmão que eram muito amigos... escondeu uma caixa de milho... Por lá... à beira da mesa, à beira da mesa...

Sr. Adolfo : ...por baixo de uma mesa... fizeram uma cova no chão...

D. Diana: À beira da Meda... e depois fez uma cova do chão, botou-le mato, um carro de mata. Não sei, sabe que é mato? Aquilo que se compra Sargaço, entulho... Aquele mato. E eles iam à bouça buscar mato para baixo, depois ficava lá....

Sr. Adolfo : Para estrumar o terreno...

D. Diana: Ele botou-lhe aquilo por cima ...da... del...e depois plantou uma horta em cima daquilo, pra ninguém saber (fala mais baixo, quase a segredar... com a mão junto à boca).

Miguel: Que estava lá o milho...

D. Diana: Se viesse...era obrigado a dar tudo! A dar as relações todas... E assim ficavam com um bocado de milho, senão não ficavam com nadinha, que eles levavam tudo!

Sr. Adolfo : Eles tinham que dar relação de tudo.... Nós ainda chegamos a ver...

D. Diana: E andava a fazer... e foi onde eu nasci... Andavam a fazer lá aquilo, diz que na naquela altura, e é a casa e depois onde a gente ficou, que era uma velhinha, por ser uma nova, boa, e os trabalhadores que iam para lá, a minha mãe cozia o pão e fazia

a sopa e dava-lhe! E eles, a senha que tinham, guardavam-na não, não... não gastavam dinheiro nenhum.

Sr. Adolfo : Que recebiam-se senhas para ir comprar as coisas

D. Diana: Que assim não gastavam dinheirinho... tinham a senha para ir comprar o pão... e ela cozia o pão!

Miguel: A minha avó... a minha avó chegou-me a contar, que era daqui do Porto, não é, que também de ir para a fila, com a senha, para ir buscar...para ir buscar os produtos.

Sr. Adolfo : Para ir buscar os produtos para comer... era sim senhor.

D. Diana: Quem não tinha...

Miguel: Sim. Eu não sei como é que era na sua terra, em Baião, não sei como é que era...

D. Diana: Diz que houve... houve... houve um fulano que, desconfiou que ele que andasse de noite, acho que foi a uma corte que o meu falecido pai tinha, remexeu naquilo tudo, tudo...

Sr. Adolfo : (como que a explicar-me) uma lage de gado, lá no meio do campo.

D. Diana: Remexeu lá naquilo tudo aquilo, a julgar que ele levasse para lá... que ele não sabia. Porque ele plantou-lhe a horta por cima, quem é que desconfiava que tinha? Quem é que sabe que por baixo tem alguma coisa?

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : Mas, apesar disso, tinham que manifestar tudo o que colhiam!

D. Diana: Olhe, iam-nos levar... a renda dos patrões... e levá-la a casa dos patrões

Miguel: Sim

D. Diana: Que não eram os patrões, que eles estavam em Lisboa, eram procuradores.

Sr. Adolfo : Era, era.... Eram 13km, que andava com carros de bois...

D. Diana: Eles eram cá de cima, muito longe... depois ia levar até ao Rio Douro, que é muito longe! Mais de 3km.

Sr. Adolfo : 13, não é 3, é 13.

D. Diana: Treze, era até à ponte! E depois... e havia uma altura dois caseiros e o meu pai, parece que era...

Sr. Adolfo : Eram três caseiros...

D. Diana: Três caseiros com o milho para lá... E eles, lá daquela população, havia fome... E então eles pegaram e tocaram numa corneta, para eles se juntarem todos e eles juntaram-se todos... Havia fome... Toca a ir para cima do, do coiso... para roubar o milho. E, então ele telefonou... naquela maré não telefonou, passou o carro do correio! Foi o que le valeu!

Sr. Adolfo : Que eram carros de aluguer que faziam o transporte do correio...

D. Diana: Conheceu-os, conheceu-os e disse: vocês não façam isso, porque o caseiro não tem culpa! Se fosse o patrão? Não façam isso... e tal. E eles diz que foram lá à roupa que ele tinha e rasgaram-na toda... e ele entre na frente do carro e foi. Foi dizer aos patrões...

Sr. Adolfo : Ao procurador...

D. Diana: Ao procurador... e o procurador veio cá cima, mais a D. Etelvina, que eu essa nem a conheci, que eu era novita...

Sr. Adolfo : Com uma furgoneta que tinham...

D. Diana: Com uma furgoneta que tinham, com umas varas compridas, e então ele meteu-se no meio da charrua do carro... da cabeçalha do carro...

Sr. Adolfo : É, a cabeçalha do carro

D. Diana: A cabeçalha era aquele pau ... que ia...

Sr. Adolfo : Que vai do carro até à frente para levar os bois

D. Diana: Aquele pau que ia um de cada lado...E meteu-se lá e disse: agora, se vocês quiser roubar... levar vocês levam, porque já levam...

Sr. Adolfo : Agora já é o patrão que está.... Agora já é do patrão

D. Diana: tudo bem, já é do dinheiro... já é do patrão. E eu já estou a ver aqui muitas caras que a dona Etelvina matou fome muita vez (como que começa a segredar). E eles logo começaram a ir embora, a ir embora... foi a sorte do meu pai. Ele conta, ele contava tanta vez... (como se denota porque ambos sabiam descrever bem a história e da mesma forma). Tanta vez contava. Tantas, coitadinho... Que foi o carro do correio, senão não havia telefone, não havia nada. Eles levavam todo e ele tinha que pagar outro.

Sr. Adolfo : E tinham que pagar ao patrão.

Miguel: E tinham que restituir...

D. Diana: Veja bem! Foi verdade!

Sr. Adolfo : Foi a fome no fim da guerra.

D. Diana: Esta foi uma coisa que aconteceu (como que a sentenciar a descrição da passagem). Foi verdade. De antigamente... passava-se muito

Miguel: Passava-se muito, sim.

D. Diana: Passava-se, passa-se... que muita gente vivia na lavoura... mas vou-lhe dizer (como que em segredo): De... de... coisa disto... da pide, disto ninguém falava! Ali ninguém dizia nada.

Miguel: Tinha medo... também tinha-se medo de tudo.

D. Diana: Ficámos com medo, não havia paleios! Lá para lá do Alentejo... e aqui para Lisboa, e tudo... (continuando a segredar) Eles... os gajos... muitos iam presos... Mas não iam presos que ninguém falava! (exalta-se)

Sr. Adolfo : Eles... mas eles sabem, alguns também passavam...

Miguel: Sim.

D. Diana: Mas sabe quantos é que votavam? Votava o meu pai, que era o senhor Carvalho, votava a minha tia e votavam mais 2 ou 3

Sr. Adolfo : De lá da freguesia só.

D. Diana: Porque quem votava era quem vinha uma senha para eles votar. Senão não queriam votar...

Miguel: Sim. Sim, o meu pai também me contava que quando uma outra vez que foi votar quando estava na tropa, e eles tinham que ver em quem é que ele ia votar.

D. Diana: Senhora... Pois. Pois. Se calhar... tinha quer ser nele! Eu recordo, ainda quando eu vim para aqui...

Sr. Adolfo : Não havia outro.

Miguel: Eu acho que ainda havia outro... houve uma eleição, qualquer que tinha... que houve outro candidato para... para fazer de conta.

D. Diana: Era o...

Sr. Adolfo : Não, foi Humberto Delgado.

D. Diana: Humberto Delgado!

Miguel: mas Humberto Delgado, acho que não era. Acho que foi outro... que Humberto Delgado... Ele teve muita, muita importância aqui no até que ele teve aquela... aquele povo todo aqui no Porto, quando ele veio cá, não é? Foi o General Humberto Delgado.

Sr. Adolfo : Pois foi. Depois deram cabo dele lá fora...

D. Diana: Mas eu quando vim para cá para baixo, às vezes ia para casa da minha patroa, que era... que chamavam-lhe a Aninha, e ainda era dona Laura, a velhota, não era o marido, era um rapazinho novo... E eu fui... ia para lá e então contavam lá que ele ia folhar milho com a ... foi no fim de Agosto, e então contavam, que diz que lá uma pessoa, um pai, o pai desse Marílio, o homem da dona Laura, que morreu porque ele diz que ele sofria um bocadito acho que do coração... e acho que eles que disseram: Você vai ficar sem o terreno... Vai ficar sem nada...

Sr. Adolfo : Vêm aí os comunistas, vêm aí os comunistas...

D. Diana: ...porque... porque os comunistas vão vir. A troca desse tal Humberto que dizia que a terra era de quem a trabalhava, que não era só do lado do governo.

Miguel: De quem a trabalhava...

D. Diana: E então... ele com aquela aflição, tontava a aquela, a velhota...

Sr. Adolfo : A gorda, chamavam-lhe a gorda....

D. Diana: A gorda, sim...ela contava que ele se meteu ali a dizer que eles iam ficar sem os terrenos... Ele... todas as casa que são dele, tem um... um metro... um marco. Um marco com a data. Tem sim senhora... tem ali ó de cima uma, tem lá baixo outra...

Sr. Adolfo : Ali em baixo, passa-se o viaduto, tem aquele terreno encostado ao muro, que nós já o fizemos, tem lá o marco...

D. Diana: Tem lá outro

Miguel: Sim.

D. Diana: É verdade... Depois olhe, morreu. Morreu porque tinha que morrer.

Miguel: Claro que sim, não é. Acontece-nos a todos...

Sr. Adolfo : A PIDE não pegava com todos, mas...

D. Diana: É... mas ele diz que foi a troco do Humberto Delgado.

Sr. Adolfo : A PIDE não pegava com todos, mas...

D. Diana: Não era a PIDE Tone... Diziam que ele que ia ficar sem as terras...

Sr. Adolfo : Eles diziam que ele que ia ficar sem as terras...

Miguel: Sim

D. Diana: Gatinha anda cá, anda cá (a gata regressa e começa a miar cada vez mais)

Sr. Adolfo : Eu... Eu sei disso porque eu lá fora lidei com alguns... e tive um que estava lá de castigo.

Miguel: Sim.

Sr. Adolfo : Um da PIDE... Mas não foi o Salazar que o mandou para lá... segundo ele dizia (ri-se). Por isso... E ele estava lá há quase 4 anos sem vir cá... Sem vir à terra dele.

D. Diana: É verdade.

Sr. Adolfo : E depois, por fim, ele acabou de dizer quem foi culpado dele para lá... e porque é que foi para lá.

D. Diana: Porque ele ofereceu-se, não foi?

Sr. Adolfo : Não senhor, ele não se ofereceu... Foi um agente, um inspetor da PIDE, que foi para lá... Que... quando eu cheguei à beira de lá a Maliana, já lá estava há 4 anos, sem poder vir cá. Ele mais tarde, contou...

D. Diana: Eu nunca andou de cavalo, e lá tee que andar logo no primeiro dia...

Sr. Adolfo : E lá tive andar. E ele contou porque é que foi para lá que estava lá de castigo. Mas nem qualquer sabe porquê (parecendo encerrar o assunto que agora se tornava tabu)

Miguel: Mas pronto.

Sr. Adolfo : Eu sei porque ele contou-me

Miguel: Claro.

Sr. Adolfo : Porque ele recebeu ordens... Ele era aqui do lado de Barcelos, recebeu ordens para prender o padre. Lá no fim de uma festa... Recebeu ordens, ele e... Ele e o pessoal dele para o ir prender. E ele, não foi!

D. Diana: Esta anda sempre nos campos! (pega na gata)

Sr. Adolfo : E ele não foi.

D. Diana: Tenho uma branquinha, está quase sempre em casa.

Sr. Adolfo : Recusou-se... E eles: anda cá meu pombo... Vais para Timor de castigo

Miguel: Pois... era o sítio mais longe, não é?

Sr. Adolfo : Era o sítio mais longe que havia... Foi para lá, para a arte dele, a inspetor da PIDE, mas foi para lá de castigo.

Miguel: Sim,

Sr. Adolfo : E quem lhe mandou... E eu digo-lhe assim: então você... você não gosta do Salazar. E diz ele assim: o Salazar já não é quem manda na PIDE... Já não é o Salazar quem manda na PIDE. E eu tinha chefe, nós eramos furriel e dois cabos... Nós tratávamos... era... nós tratávamos por posto. E diz lá o meu chefe assim: Então quem é que manda? E gente (com voz “enraivecida” notando-se também na expressão facial): vocês sabem porque é que eu estou aqui? Por causa daquele filho da mãe, do... do... do Cerejeira. O documento que foi assinado para me pôr aqui, foi assinado por ele para vir cá... para eu vir para aqui...

D. Diana: É a vida..., sabe como é... quem manda...naquela maré...

Sr. Adolfo : Perguntei-lhe que lhe ele mandou?

Miguel: É verdade, foram tempos muito complicados.

Sr. Adolfo : Naquele tempo era assim...

(Era hora de ir embora. Quando saí para lá, munido do GPS para que a desorientação geo-espacial não me fizesse perder tempo, ia também à procura de um sinal que me desse confiança que os iria encontrar. Marinheiro de primeira viagem? Talvez. O desafio alimentava a minha vontade de seguir. Não que fosse para um local desconhecido (apesar de o ser, praticamente), mas ia no papel de principiante e sem guião. Se há algum significado prático de sair da zona de conforto, acho que a cumpri aqui e não me refiro ao desconforto ergonómico resultante de permanecer acorocado por pouco mais de 60 minutos.

O desconforto foi desaparecendo, com o desenrolar da conversa. Sim, considero que foi mais uma conversa do que uma entrevista. Pretendia saber daquela bica e do tanque “lá em baixo”. Pretendia saber das motivações, contextos e dos usos... saí de lá com muito mais informação. Foi um fim de tarde que valeu a pena – não consegui não

partilhar o feito no regresso a casa com familiares e amigos próximos de tanto que valeu a pena.

Ouvi falar da fonte, expus a minha ignorância agrícola e “fui na maré”. Apreendi sobre a fonte, sobre a vida da lavoura, da beleza das coisas simples, da vida dura de um casal vindo do douro para uma margem do Leça. De uma família que veio do pouco para outro pouco, na esperança que a vida se cumprisse. Vivi, pelas descrições, tempos antigos e as recordações gentilmente partilhadas. Partilha é o termo que pode muito bem descrever o que vi e senti. Soube histórias de vida, histórias do local, as dificuldades de sobrevivência e, apesar dos discursos pouco poéticos, as figuras de estilo escolhidas eram sempre as melhores, colocavam-me no centro, quase a viver a história.

Ouvi histórias de serviço militar, da PIDE, das águas (que me interessavam), mas também de como se adubavam os campos. As “curiosidades” não se ficaram só pelo terreno.

O caderno foi pouco preenchido mas as vozes, ainda agora no momento da transcrição, levam-me ao local. Ficou a fotografia por tirar, talvez ainda o consiga resolver.

Não me foi possível negar a gentileza extra que me fez trazer “um coração”, um brócolo e umas quantas plantinhas para colocar na minha varanda... apesar de não ter a necessária “cantenária” ou de espaço sequer para a colocar. Mas, não podia dizer “não” mais vezes a quem me disse que sim, que tanto partilhou comigo e com quem pude partilhar algum (pouco) conhecimento e algumas memórias minhas ou que comigo foram partilhadas.

Havia tanto mais a aprender. Fica a sensação de dever de materializar de alguma forma o meu agradecimento pelo momento vivido e pelas coisas partilhadas. Pesa na consciência o facto de ter feito aquele casal de lavradores “perderem” uma bela tarde para terminar a sementeira – felizmente nos dias seguintes o tempo foi estando “de feição”.

Entrevista (Sr. José)

Miguel: Pronto muito boa tarde Senhor José,

Sr. José: Boa tarde Miguel.

Miguel: Obrigado por ter acedido ao convite para estarmos aqui, então... para eu estar aqui a fazer esta entrevista. É para perceber um bocadinho da sua experiência.

Miguel: Senhor José nasceu em que ano?

Sr. José: Nasci em 1948.

Miguel: Ok 1948 e não é daqui de Matosinhos, pois não?

Sr. José: Não.

Miguel: De onde é que Sr. José?

Sr. José: Cabeceiras de Basto.

Miguel: E veio para cá antes de começar a trabalhar cá?

Sr. José: Ah.. sim. Vim para cá antes de começar a trabalhar nos serviços.

Miguel: Em que ano é que... é que tem ideia de ter vindo para cá?

Sr. José: Devia ter 12 anos.

Miguel: Ok, portanto, em 1960.

Sr. José: Sessenta sim, à volta disso.

Miguel: Ok.

Miguel: E me veio morar para cá, veio estudar para cá...?

Sr. José: Vim estudar para cá também.

Miguel: Ok... E... depois acabou por fazer a formação no âmbito da saúde pública, não é?

Sr. José: Sim saúde pública. No Instituto Ricardo Jorge (nota: sempre que se refere "Instituto Ricardo Jorge" ou "Ricardo Jorge", refere-se ao atual Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge).

Miguel: Ok. Quando veio para cá... Isto são algumas curiosidades, também que eu vou perguntando aqui pelo meio. É mais uma conversa do que uma entrevista...

Sr. José: Certo, certo.

Miguel: Quando veio para cá, de Cabeceiras, notou alguma diferença entre a realidade de Cabeceiras de Basto para Matosinhos na altura?

Sr. José: Muita. Muita diferença.

Miguel: Que diferenças é que notou assim mais?

Sr. José: Muito mais desenvolvido o concelho de Matosinhos. Porque eu sou natural de uma aldeia... numa aldeia mesmo...

Miguel: Qual é a sua aldeia?

Sr. José: É a freguesia do Outeiro.

Miguel: Ok, Outeiro (tomando notas). Mas... como... diz-me que achou mais desenvolvido, mas eram as casas? A nível dos serviços?

Sr. José: Em todos os aspetos. Sim, isso... Tudo mais desenvolvido no aspecto de... de, por exemplo, toda a gente tinha eletricidade aqui... e lá, na minha aldeia, havia alturas... havia pontos que não havia água potável, nem eletricidade nessa altura.

Miguel: E como é que eles resolviam?

Sr. José: Olhe, resolviam. Iam à fonte!

Sr. José: Ok. Tinha várias fontes lá na aldeia?

Miguel: Tinha várias fontes.

Miguel: Ok. E a fonte, em princípio, era água, era água potável, não é?

Sr. José: Não era. Não era controlada nessa altura. Não sabemos se era se era água potável...

Miguel: Confiava-se que era água boa, não era?

Sr. José: Confiava-se.

Miguel: Porque isto seria ali nos anos 50, não é? início de 60...

Sr. José: 60, 60...

Miguel: OK. E essa água seria de

Sr. José: Eram minas. Eram minas.

Miguel: Portanto, não era tipo água da rede, era... era direto da mina.

Sr. José: Não, era de minas. Sem tratamento nenhum.

Miguel: OK. E então depois veio para cá em ainda jovem, não é? Com 12 anos, ainda estudou cá em Matosinhos.

Sr. José: Não, estudei no Porto

Miguel: OK... E, então, fez a sua formação no.

Sr. José: Quer dizer, estudei no Porto, mas os exames fazia aqui em Matosinhos. Na altura era obrigatório fazer-se aqui os exames.

Miguel: Sim.

Miguel: Ok... E depois foi fazer a sua formação no Ricardo Jorge aqui no Porto?

Sr. José: Aqui no Porto.

Miguel: E já tinha tido algum contacto com isto da saúde pública?

Sr. José: Não, não tinha, não. Foi porque casualidade. Falei com um colega lá da minha aldeia, que também era, também era técnico e ele... depois fiquei curioso. Fiquei curioso e tirei o tal curso.

Miguel: E tenho... (continuando a notar-se algum nervosismo, apesar de nos conhecermos há mais de uma década) agora para fazer uma pergunta difícil: tem ideia de... em que ano é que começou a trabalhar?

Sr. José: Tenho. Comecei a trabalhar em Novembro de 73.

Miguel: Ok, então... foi ao Ultramar?

Sr. José: Fui. Vim em 72.

Miguel: OK. Então ainda começou a trabalhar aqui durante... durante a ditadura, não é?

Sr. José: Sim.

Miguel: E começou a trabalhar onde? Foi cá em Matosinhos.

Sr. José: Foi. Chamava-se sub-delegação de saúde de Matosinhos.

Miguel: OK. E era ali nas finanças?

Sr. José: Era nas finanças, no terceiro piso.

Miguel: E era... Quem era o Delegado de Saúde nessa altura?

Sr. José: José Aníbal Miranda Santos.

Miguel: Miranda Santos (repetindo Miranda Santos, enquanto fazia algumas notas). E, por exemplo, desde que... que veio para cá, não é, até que começou a trabalhar cá... Notou alguma evolução no concelho? Já tinha alguma coisa mudada? Ou seja, neste entre 1960 e 73...nestes 13 anos

Sr. José: Sim. Porque já havia muito mais abastecimento de água potável, embora não cobrisse todo o concelho...

Miguel: Tem ideia assim... de algumas zonas mais sensíveis?

Sr. José: Olhe Leça do Balio, por exemplo. (silencio) Lavra... Guifões... e até S. Mamede de Infesta.

Miguel: Ainda houve uma altura, eu agora não tenho a certeza de ...porque São Mamede ainda pertenceu ao Porto, não é? Depois é que foi integrado aqui em Matosinhos.

Sr. José: Na altura, já pertencia.

Miguel: E se calhar aqui, no conjunto destas freguesias, eventualmente Santa Cruz, se calhar também.

Sr. José: Sim também Santa Cruz do Bispo.

Miguel: E então ...

Sr. José: Quer dizer, não quer dizer que todas as casas não tivessem água potável. Muitas tinham, mas algumas não tinham. Era água do poço.

Miguel: Porque muitas casas tinham poço, não era?

Sr. José: Tinham poço. (mostrando o trabalho feito) Também demos instruções no sentido de melhorar.... a qualidade dos poços, revestidos no interior (começa a elencar as medidas legalmente previstas e que foram sendo transmitidas no terreno junto da população), subindo a 30 cm... impermeabilizando-os à volta e subindo a uma altura de 30 cm... 30-40 cm.

Miguel: Porque também acho que havia ainda muitas situações em que as pessoas tinham criação de animais, não era? Daí a importância também de impermeabilizar e dar estas recomendações.

Sr. José: Isso... e tinham fossas sépticas-... fossas sépticas, que não tinham o saneamento ligado à rede pública

(silêncio... enquanto tiro algumas notas)

Miguel: Aí mesmo se calhar havia outras pessoas que, mesmo tendo água em casa, se calhar ainda recorriam às fontes.

Sr. José: Sim. Mais para rega. A água potável.... Bebiam água da rede pública.

Miguel: Mais para rega... Porque, pronto... às casas, eles iam fazendo, não é? E depois também usavam as fontes e também havia alguns tanques que também eram utilizados para lavagem de roupas.

Sr. José: Tanques públicos. Tanque públicos onde iam lavar a roupa.

Miguel: E tenho ideia de também terem dado algumas instruções.

Sr. José: Aos tanques... aos tanques públicos, sim. Nós... quando... quando... quando eram abastecidos com água das minas, dizia-se para não utilizar essa água, porque essa água não era de confiança.

Miguel: E as pessoas iam seguindo?

Sr. José: Não! (perentório). A maior parte não seguia.

Miguel: E não sei se eram vocês que colocavam as placas....

Sr. José: Não, solicitávamos à Câmara.

Miguel: Câmara ou Junta, não era?

Sr. José: Câmara! À Câmara! Nós pedíamos à Câmara para colocar a placa com indicação que a água era imprópria para consumo.

Miguel: Uhum... E... assim, da sua ideia, quais eram as fontes que eram mais utilizadas, as Fontes públicas... que a população mais utilizava?

Sr. José: Utilizavam as fontes públicas... Havia uma fonte pública ali... que chamava-se “fonte pública do real”, salvo erro. Perto do Pedro Hispano, que iam lá muitos buscar água. Também à Fonte das Sete Bicas.

Miguel: (como que voltando atrás) Mas era aquela Fonte de Real que ainda lá está agora, ou era outra?

Sr. José: Era essa.

Miguel: Essa era essa...

Sr. José: Sim.

Sr. José: A Fonte das Sete Bicas, ia lá muita gente abastecer-se de água.

Miguel: Não era só na festa?

Sr. José: Não.. iam lá com vasilhas, encher vasilhas de água...Garrações.

Miguel: Eu vi, por exemplo, nesta pesquisa que estive a fazer, vi alguma informação, pouquinha, sobre a Fonte do Cuco. Não sei se foi alguma vez lá...

Sr. José: Sim...

Miguel: Porque acho que também era muito conhecida a fonte do cuco.

Sr. José: Sim, Senhor... Sim, a Fonte do Cuco...também, também.

Miguel: Que acho que também havia muita gente que ia lá abastecer.

Sr. José: Sim, Senhor, era verdade.

Miguel: E não sei se era como noutros locais... Por exemplo, no Gerês, eu sei que há muito isso, que vêm pessoas de fora buscar água. Tem ideia se eram mais pessoas de cá, ou se eram pessoas de fora?

Sr. José: Eram mais pessoas cá.

Miguel: Peço desculpa que eu vou andando um bocadinho às voltas na conversa (a falta de experiência na aplicação da técnica)... Lembrei-me agora dos tanques, e não lhe perguntei se se lembra de irem lavar também no Rio.

Sr. José: Lembro-me de lavarem naqueles tanques principalmente de Leça do Balio.

Miguel: Aquele que fica abaixo da escola?

Sr. José: Sim, que fica na rua da aldeia (é o mesmo que foi referido pela D. Manuela)

Sr. José: Lavavam lá a roupa...

Miguel: Certo... Porque agora Eles reabilitaram aqui esta zona onde tem as hortas comunitárias... e também tem lá um tanque, mas é mais pequenino... e eu vi também um tanque ali em Custóias... Que acho que também ainda era utilizado

Sr. José: Sim ali à beira do bairro do bairro Salazar (o mesmo que a D. Manuela referiu)...sim sim, também era utilizado. Também era utilizado esse para lavagem.

Miguel: Porque esses até tinham um sistema... que tinha uma trave a meio, não é? para dividir a água de um lado, que era para lavar e de outro lado, para enxaguar...

Sr. José: Correto era sim senhora.

Miguel: Pronto... e eu vi que havia tinha um... tinha seguido esta instrução... tinha vindo do Porto, também, onde eles já tinham construído os tanques neste sentido, que era para que a água de passar...

Sr. José: Lavavam de um lado e enxaguavam no outro.

Miguel: Para passar por água, enxaguavam. E eram essencialmente senhoras, não era?

Sr. José: Sim, eram senhoras.

Miguel: Por acaso quando entrevistei uma senhora, a D. Manuela, ela também me referiu estes estes tanques do Rio da Aldeia. E também de lavarem algumas no... no Rio, mas ela tem ideia de ser noutro Rio que não o Leça.

Sr. José: Eu não me lembro...

Miguel: Leça eu sei que tinha tradição, não é? Das Lavadeiras do Leça.

Sr. José: Sim tinha, mas não é bem, bem, do meu tempo.

Miguel: É mais antigo, não é?

Sr. José: Sim.

Miguel: Não sei se vocês davam parecer quando, por exemplo, queriam abrir algum poço ou mina.

Sr. José: Sim dava-mos parecer no sentido conjunto... nós dávamos parecer à construção e...e... tinha que dizer-se qual era o abastecimento, se era da água pública ou do poço. No caso de ser poço, obrigávamos a que o poço cumprisse o REGEU (leia-se Regulamento Geral das Edificações Urbanas) que era o artigo, salvo erro, 103 e 104 e 105.

Miguel: Ok. Eu só sei que está perto dos da exaustão (leia-se dos artigos do REGEU próximos dos que falam sobre as especificações sobre as condutas de exaustão)

Miguel: Não é? 103, 104 e 105?

Sr. José: O da exaustão ...

Miguel: É o 112... ou 115.

Sr. José: Não, o 115 é dos animais.

Miguel: Pronto, então é o 112... Portanto aqui a questão do 102...do 103 ao 105 para os poços (enquanto tiro anotações). E então, mas disse-me que era parecer conjunto. Qual era a outra entidade que estava...

Sr. José: Quem dava parecer era a Câmara.

Miguel: Era a Câmara... (reforçando a ideia e anotando)

Sr. José: Por outra, os processos entravam na Câmara e eram enviados à Delegação de Saúde para dar parecer...era assim que funcionava.

Miguel: Portanto, nós éramos uma entidade que era consultada...

Sr. José: (interrompendo) E tinha... e nessa altura... O parecer era vinculativo...da saúde! (reforçando da importância da atividade realizada e do papel da delegação de saúde)

Miguel: Mas tanto poços particulares como de empresas?

Sr. José: Sim. Empresas também.

Miguel: OK... Pronto e os particulares também não podiam... não é como agora que nós vemos os avisos, não é?, de “faço furos” e não sei quê.

Sr. José: Não. Tinham que obedecer a esse regulamento, o REGEU. E aquele... E quando havia... quando havia queixas... também haviam queixas, que nós íamos lá e que o poço não estava de acordo com o REGEU, também era notificado o proprietário a colocar o poço ao abrigo dessa lei.

Miguel: OK. Porque depois também havia alguns poços que eram... que eram partilhados, não é? Havia algumas dessas situações?

Sr. José: Sim senhor, era raro mas também havia... havia, sim, Senhor.

Miguel: Ok... E, por exemplo, nestes... (reformulando) No início da sua atividade aqui, portanto, nos anos 70, ali antes da revolução, não é?, e nos primeiros anos de pós revolução, aqui a cobertura da água da rede pública também não era muito significativa...

Sr. José: Não, não era. Não chegava todos os lados... Aqui a sede (leia-se a sede do concelho), em Matosinhos... Matosinhos e Senhora da Hora.... A Leça da Palmeira...Isso eram cobertas.

Miguel: Zonas mais urbanas com... com a exceção de São Mamede, não é?

Sr. José: Sim, sim.

Sr. José: S. Mamede tinha parte que era coberto.

Miguel: Sim.

Sr. José: Não era totalmente descoberto da rede pública.

Miguel: E a... Não será ideia destas... vocês faziam colheitas também, não é?

Sr. José: Fazíamos.

Miguel: Como é que era feita então, a vigilância mais ou menos nessa altura...

Sr. José: Os poços particulares era quando havia reclamações. Porque... ou... ou doenças, ou assim... que diarreias o quê, íamos lá fazíamos uma espécie de inquérito e depois colhíamos a água para analisar.

Miguel: E iam com o Delegado de Saúde?

Sr. José: Não, íamos sozinhos.

Miguel: E depois estas colheitas, se calhar, iam o para o Ricardo Jorge?

Sr. José: Iam para o Ricardo Jorge... Também não sei se tem interesse...

Miguel: Diga diga.

Sr. José: ...,mas nós também.... Portanto, a rede de poços.... havia um... havia poços que ...não. As Fontes de maior relevo, no caso da Fonte das Sete Bicas, a Fonte do Cuco e outras, nós periodicamente analisávamos em água sem haver nenhuma queixa.

Miguel: Era considerado como fazendo parte do sistema, não é?

Sr. José: Sim, do sistema.

Miguel: OK. E tem ideia de como é que eram normalmente os resultados? Se eram bons...

Sr. José: Eram quase sempre impróprios para consumo... e depois nós aconselhávamos a que fervessem a água... Lembrei-me agora, um aparte, que em 74 houve cólera em Matosinhos.

Miguel: Então... e que ideia é que tem dessa altura?

Sr. José: Nós andávamos, os técnicos... eu!! Eu praticamente andava sozinho... a informar e a fornecer pastilhas de cloro para colocarem na água... A aconselhar a ferverem a água...

Miguel: E essas pastilhas era o Estado que fornecia?

Sr. José: Sim. E também havia lixívia, hipoclorito de sódio, que forneciam e nós... tinham que pôr uma quantidade de gotas para um litro de água e proporcionalmente eles eram instruídos no sentido utilizar tantas gotas para cada "X" quantidade de água. Hipoclorito de sódio... em garrafas, que eram fornecidas pela Direção-Geral de Saúde.

Miguel: Porque eu, pelo que vi, esse o último surto de cólera que existiu em Portugal foi nessa altura

Sr. José: Em 74

Miguel: ...Foi em Lisboa e depois foi... foi subindo, foi subindo...

Sr. José: Exatamente. Deram-se vários casos aqui em Matosinhos...de cólera...

Miguel: Ok... não tinha... porque às vezes nós não temos a noção que... que havia este tipo de doença e tão recente, não é?

Sr. José: Em 74.

Miguel: É a... Portanto, tinha a cólera... ...foi nesta situação... e que também não era assim tão frequente, acho eu... e as diarreias é que eram mais frequentes, não é?

Sr. José: Eram mais frequentes...

Miguel: E várias vezes, se calhar, vocês conseguiram associar que teria sido relacionado com a água fosse do poço, fosse uma fonte.

Sr. José: Sim... pelo menos desconfiava-se, isto quando a água não era potável.

Miguel: hum, hum... entendia-se que a origem mais provável era aquela.

Sr. José: Era a água...

Miguel: (silêncio enquanto tiro apontamentos) ... Estava a lembrar aqui outra coisa que eu tenho visto, mas que se calhar remete ainda mais a sua infância... Se tem ideia dos aguadeiros ou também já não é do seu tempo?

Sr. José: Não...

Miguel: Já não é do seu tempo... porque depois já havia as fontes e pelo menos as pessoas iam lá abastecer-se, porque tinham relativamente próximo, não é?

Sr. José: Sim. Perto dos aglomerados populacionais havia uma fonte, eles iam aquela, outros iam à outra...

Miguel: Porque aqui em baixo, também tinha uma, que era a Fonte dos Dois Amigos.

Sr. José: Lembro-me dessas.

Miguel: Que acho que foi uma das primeiras também aqui do concelho. Ainda se lembra dela estar a funcionar?

Sr. José: Lembra-me, lembra-me.... lembro-me dessa fonte dos dois amigos.

Miguel: Portanto, as medidas... das perguntas que eu tinha aqui pensado fazer-lhe para minimizar o risco... era então esta questão de fornecer o cloro... mas isso só acontecia na altura... só aconteceu na altura da cólera, certo?

Sr. José: Foi em 74.

Miguel: Pronto depois, para minimizar o risco, era a questão de aconselhar a ferver...

Sr. José: Ferverem a água

Miguel: Depois, a Câmara foi conseguindo fornecer a...

Sr. José: Lentamente e praticamente agora... passado aí dos anos, talvez 80, 90... toda a gente tinha água

Miguel: Tanto água como saneamento, não é?

Sr. José: É, o saneamento...

Miguel: E... notou-se isso também na saúde da população, não é? Começaram a diminuir os casos... os casos de doença?

Sr. José: Claro, de doença... diarreias, etc. provocados pela água.

Miguel: Porque algumas escolas também... as escolas, pelo que eu li, também foram dos primeiros sítios que começaram a ter água da rede.

Sr. José: Sim, era prioritário as escolas.

Miguel: Até para incutir o hábito do consumo de água da rede.

Sr. José: Da rede...

Miguel: Mas... tem ideia... de... aqui se calhar não... não sei se haveria tanto... das pessoas terem que percorrer alguma distância para irem buscar água.

Sr. José: Aqui... aqui não. Aqui a havia essas fontes na proximidade. Quer dizer (quase que mudando de ideias), por exemplo, no Rio da Aldeia, podiam correr a 500 metros ou assim... aquela zona do Rio da Aldeia, todos iam lá buscar água.

Miguel: E podiam vir mais cá de cima, não é? Ficar um bocadinho mais... mais distante. Eu vi também umas... além de algumas fontes... que tive a ver, vi uma bomba volante.

Sr. José: Havia as bombas volantes que... que tiravam água... e havia as bombas de picota, também. Eram as duas maneiras que tirar a água... Mas isso era... era em zonas que, na altura, não havia muita eletricidade nas casas. Depois eram os motores, pescavam a água.

Miguel: Sim.

Miguel: Porque eu “picota” não vi... não vi nenhum... bombas volantes, pelo menos essas, havia algumas públicas... eu vi ainda...

Sr. José: Havia uma em... ali havia, salvo erro, em Perafita.

Miguel: Esposade, Esposade está lá uma.

Sr. José: Esposade e ,salvo erro, havia um em Perafita também... Que era pública, que as pessoas...

Miguel: Num recantozinho da estrada?

Sr. José: Sim, num recanto

Miguel: Essa acho que ainda funciona. Eu passei lá este ano... E... passou... estava um Senhor a passar na rua e ele disse que ainda funcionava, mas tinham que lhe por água.

Sr. José: Ai sim? Estava...desferrou! Diz-se assim, desferrou. Que chamavam isso... que tinha que ter um cano que tinha que ter sempre água.... Quando muita gente, passado muito tempo... e a água evaporava-se e já não pescava... tinham que meter água por cima, depois já dava.

Miguel: Porque isso ainda foi de alguma forma inovador, porque as pessoas conseguiram tirar água mais fácil do que mandar o balde, não é?

Sr. José: Muito mais fácil e mais higiénico

Miguel: Sim.

Sr. José: (tomando a iniciativa) não tem interesse que as fossas que... que quando havia perto do poço, que tinham de ser impermeabilizadas no seu interior.

Miguel: Sim, vocês também emitiam parecer por causa das fossas, não era?

Sr. José: Tinham que ser impermeabilizadas no seu interior por causa de... não haver escorrências para os poços de água... e afastadas também, 10 metros.

Miguel: Isto para aplicar o regeu, não é? Que é de 53, acho eu 53... ou 56.

Sr. José: 53, salvo erro.

Miguel: Portanto, apesar destas regras terem nascido aqui em 53, nos anos 70 e 80, ainda não se.... nalguns casos ainda não se cumpriam, não é?

Sr. José: Não, não se cumpriam...

Miguel: Também havia alguma construção que era ilegal, não é?

Sr. José: Muita construção ilegal... é, é. Quando foi do 25 de Abril, construiu-se ilegalmente centenas... (dá ênfase) ou milhares de casas.

Miguel: Porque algumas foram ocupadas, não era?

Sr. José: Sim.

Miguel: Também havia esse movimento “dos ocupas”.

Sr. José: Sim, sim... e outros construíram também, que tinham um terreno e construíram a sua casa.

Miguel: Pronto e depois...

Sr. José: (interrompe) fazia o poço da maneira...e a fossa... às vezes sem grandes condições, depois foram melhorando. (semelhanças com o testemunho da D. Manuela)

Miguel: E também, se calhar, havia pessoas que tinham água do poço e também, à primeira, não queriam fazer a ligação à água da rede, não é?

Sr. José: Pois não, que era mais barata... mas o regeu obrigava... Obrigava não... Sim, de certa maneira, obrigava. Um artigo do regeu obrigava, quando passasse água da rede pública, as habitações tinham que estar ligadas à água da rede.

Miguel: Mas a população também não aceitava muito bem isso, não é?

Sr. José: Não, então (sublinhando, a constatar o óbvio) ... iam gastar dinheiro.

Miguel: Se tinham água de borla...

Sr. José: E depois iam gastar dinheiro...

Miguel: Porque eles depois... Eu aqui já não lidei com essa realidade, mas lá em cima as pessoas dizem-me: “eu sempre bebida esta água e nunca morri”

Sr. José: Pois é o que diziam.

Miguel: Era esse a esse argumento, não é?

Sr. José: Ter aquele... Uma vez ali na fonte do real, estavam lá a encher garrações e nós passamos lá e alertamos as pessoas: “não utilizem essa água, que essa água é imprópria”. Não, o que o senhor quer é que a gente vá ali ao continente comprar os garrações de água.

Miguel: (ri-se) Então isso já foi anos 90, porque o continente é ali e início de 90, não é 80 e muitos 90 (NOTA: O Continente de Matosinhos abriu ao público em 1985 - <https://mc.sonae.pt/historia/> consultado a 29/08/2024)

Sr. José: Sim é... nos 80, 90. Não me lembro, mas sim 90, 90.

Miguel: Eu estive na estive na Fonte das Sete Bicas, também lá assim a observar, e algumas pessoas que fui interpelando para perceber... e então houve um que me disse que a placa estava lá, “isto é por causa dos drogados... para afugentar os drogados”.

Sr. José: (ri-se, mas um riso “seco” e de reprovação) Isso não tem nada a ver (diz, quase sussurrando).

Miguel: E também tive outros... outro que me disse que era que era para vender água. O objetivo era “para vender água engarrafada” e que “a da companhia é que é boa, sabe a lixívia”. Portanto... se calhar ainda eram desculpas... que a população já usava se calhar... Já, já são crónicas, não é?

Sr. José: Já são crónicas, sim (repete, concordando comigo mas num tom de voz mais baixo). Olhe, mas esse argumento de saber a lixívia é utilizado muito isso... porque dizia que “a lixívia ainda faz pior que esta água” (dá enfase ao recordar esse testemunho). “Isso não, a lixívia é para desinfetar” (dá-me a resposta, que dava à população...e fá-lo da mesma forma pausada na palavra “desinfetar”).

Miguel: Mas as pessoas tinham pouca informação, não é?

Sr. José: Tinham pouca informação, pronto diziam isso...

Miguel: ...E não, não confiavam se calhar tanto nos serviços como na naquela coisa de “boca a boca”, não é?

Sr. José: É sim, é. E... dizer que nunca morreram, que a água nunca lhes fez mal... pronto... Utilizavam essa água em vez da rede pública por uma questão económica também.

Miguel: Hum, hum (entendendo o ponto de vista)

Miguel: Seria um dos fatores... Se calhar ali, nas “Sete Bicas” também há alguma questão de crenças, não é? Por causa da “lenda das Sete Bicas”.

Sr. José: Da lenda dos casamentos... ... e da Fonte das Sete Bicas, sim também. A Fonte das Sete Bicas ... e há até canções dedicadas à Fonte das Sete Bicas”.

Miguel: Sim.

Sr. José: A Fonte das Sete Bicas é conhecida a quase no país todo (ri-se).

Miguel: É verdade... e tem ideia de alguma dessas canções.

(silêncio)

Miguel: Não lhe vou pedir para cantar, esteja descansado.

Sr. José: Não, não... Acho que era o conjunto Maria Albertina que cantava... e o Conjunto António Mafra

Miguel: António Mafra (confirmando o nome, mas só por reconhecimento do “conjunto”).

Sr. José: Acho que cantavam canções... à Fonte das Sete Bicas

(NOTA: Encontram-se registos na plataforma *Youtube* tanto pelo Conjunto António Mafra, como pelo Conjunto Maria Albertina, entre outros)

Miguel: Mas lembra-se de algum bocadinho da letra?

Sr. José: (silêncio) Não me lembra (responde mais baixo), não me lembra... Agora... Daqui a um bocadinho sou capaz de me lembrar, no momento, não.

Miguel: Eu acho que encontrei também qualquer coisa... Acho que encontrei uma referência no...no Cancioneiro Português.

Sr. José: Acho que é capaz, mas agora não me lembro.

Miguel: Por isso, se calhar este... este conjunto, António Mafra já foi buscar essa essa referência ao cancioneiro.

Sr. José: Pois é provável...

Miguel: ...não é? Porque aquela fonte que está lá, já não é a original...

Sr. José: Pois.

Miguel: ... já é uma... já é uma reconstrução. Mas pronto, havia a tradição das pessoas irem lá beber que era para casar, não é?

Sr. José: que era para casar (concordando com o referido)

Miguel: Tem ideia de, na sua juventude, as pessoas irem lá também por este motivo?

Sr. José: Não me lembro... Quer dizer, constava isso, mas eu nunca vi... eu nunca vi. Mas constava isso, que iam lá fazer “juras de amor eterno”.

Miguel: (ri-se) Portanto, pode ser que resulte ou não, não é?

Sr. José: É...

Miguel: Porque... tem lá a placa a dizer que apareceu ali a nossa Senhora, não é?

Sr. José: Sim (ri-se), mas isso...(ri-se)

Miguel: E que as pessoas tinham que beber, então, acho que das Sete Bicas, não é? Que era para poderem casar.

Sr. José: Para poderem casar.

Miguel: Para poderem casar...E essa fonte, eu acho que a gestão dela nem era da Câmara. Eu acho que era da paróquia, não era?

Sr. José: Ah, sim... (pouco convicto, consultando a memória). Eu não... não sei dizer. Sei que nós realmente, quando analisávamos a água, que vinha imprópria (sentenciando qualquer dúvida sobre a qualidade da mesma), mandávamos também ofício para a paróquia, mas mandamos para a Câmara também!

Miguel: Porque eu acho que a Fátima (referência a outra colega de trabalho) me tinha dito ...que... que... que a fonte era

Sr. José:...da paróquia

Miguel: ...da gestão da paróquia. Mas agora tem lá a placa... mas não adiantou nada (conformando-se), que foi aquilo que eu lhe disse, não é? Os senhores deram aquela referência (aludindo ao referido acima, da colocação da placa para “afugentar os drogados”).

Sr. José: ... porque... porque aquele jardim onde está a... pertence à paróquia.

Miguel: Todo o recinto, não é?

Sr. José: Quer dizer... não sei se pertence à paróquia, se é a paróquia que administra. Porque acho que aquilo, quando há obras de vulto ou assim, que é a Câmara que faz.

Miguel: Porque aquilo também, de alguma, forma património, não é?

Sr. José: É, é.

Miguel: deve estar classificado como património...

Sr. José: Sim, património sim. Não sei se está classificado! (teve uma postura mais cautelosa que a minha!) Sei que a Fonte das Sete Bicas... é, é... muito, muito importante aqui em Matosinhos. Toda a gente conhece a Fonte das Sete Bicas.

Miguel: Sim... e, por exemplo, se calhar era relativamente fácil nós termos algumas fontes...e...e... poços porque também temos muitas zonas que têm água, têm lençóis freáticos, não é? Ali, por exemplo, na zona dos Caolinos, acho que também é muito conhecido por ter muita água.

Sr. José: Sim sim.

Sr. José: Havia, havia muita água sim.

Miguel: Pronto, era relativamente fácil, não é, as pessoas fazerem...

Sr. José: Ter poço! Tinham água a poucos metros de profundidade... o que era mau também, não é? (procurando a minha concordância)

Miguel: Sim, sendo uma água mais à superfície...

Sr. José: ...mais à superfície (sobrepondo-se os dois discursos) mais probabilidades de se ter água imprópria, não é...

Miguel: Sim, porque continuava a manter-se a questão da... da agricultura...

Sr. José: sim da agricultura

Miguel: nos... nos campos, lá perto...

Sr. José: Lá envolvente, não é?

Miguel: Sim

Sr. José: Um pormenor da Fonte das Sete Bicas: quando nós colhíamos água de verão normalmente era potável. De Inverno, não. Mas normalmente de verão, dava água potável - bacteriologicamente. (com ênfase demonstrando que era um facto já espectacular...)

Miguel: Sim

Sr. José: Quimicamente não. Apresentava (silêncio, enquanto fazia o exercício de memória) nitratos e outras coisas. Mas, bacteriologicamente, era potável!

Miguel: Porque também provavelmente teria a ver com a questão da chuva e dos terrenos vizinhos, não é?

Sr. José: ... (imperceptível)... cultivados eram... mas... não sei. Havia menos água, talvez, a infiltrar-se na mina que abastece...

Miguel: A fonte

Sr. José: A fonte

Miguel: (a propósito da contaminação dos terrenos, e tentando perceber se aquela seria uma prática comum, publicamente conhecida ou até alvo de intervenção da saúde pública) Porque, uma coisa que já não me lembrava, e depois de me terem contado, “fez-se assim uma luz”, que eu entrevistei também os senhores na ali, junto à ponte do carro. Eles falaram que antigamente as pessoas pediam à Câmara que queriam um dia de lixo: “É um dia de lixo para aquele terreno.” E então, pelos vistos, a Câmara... eles pagavam alguma coisa... e da Câmara, quando terminava a recolha do lixo, despejavam naquele terreno.

Sr. José: É novidade para mim

Miguel: Pronto e o proprietário do terreno depois fazia uma triagem – isto antes de haver a LIPOR, não é? O que fosse para queimar, queimava. E depois aproveitava o que desse para adubar dos campos. Isto podia também, de alguma forma, contribuir para a contaminação da água, porque ali a Ponte do Carro também era uma zona que era de alguma forma procurada.

Sr. José: Pois. Sim...e era uma zona agrícola, não é...

Miguel: Sim.

Miguel: E lá ainda tem... tem um tanque cá em baixo, junto ao Rio...E tem também uma “Bicazita” mais acima, do lado de Guifões, num terreno particular, que...

Sr. José: (interrompendo) Que abastece um tanque, não é?

Miguel: (o equipamento que eu julgava escondido era, afinal, do conhecimento) Sim, que abastece um tanque.

Sr. José: Pois, lembra-me desse tanque. Mas... não sei... nós chegamos a colher lá água também. Mas... não sei, não sei se as pessoas iam lá buscar a água, se aquilo era só para rega lá do proprietário.

Miguel: Os senhores falaram-me da ... de a utilizarem para a rega, e que alguns dos vizinhos também vão lá buscar para regar os campos, ou para dar de beber aos animais.

Sr. José: Sim, mas para consumo, não. (já sabia que assim acontecia)

Miguel: Para consumo, eles não falaram tanto. Falaram que o padeiro ia lá beber.

Sr. José: Sim.

Miguel: Portanto, ali o padeiro alguém... alguém já mais importante

Sr. José: Sim sim.

Miguel:...e que, se calhar de alguma forma valida, acho eu, aquele uso da água.

Sr. José: Sim sim, sim.

Miguel: Ah... mas eles falaram nisso... e pronto, que as pessoas que passam e que se tiverem sede, que vão lá vão lá beber.

Sr. José: Pois, que vão lá. Claro! Pois é. Passou numa fonte, se tiver sede, vai beber! (como se fosse mais que um dado adquirido, quase uma determinação legal!) Não é?

Miguel: É isso, não é? A pessoa passando...

Sr. José: É! Tem sede... não vai ver se morre ou não.

Miguel: Sim, e acabam por confiar como a água, é uma água que corre.

Sr. José: É uma água que corre... vai beber.

Miguel: Exatamente. Portanto, a questão da água corrente como uma garantia que a água que estará...

Sr. José: (interrompendo) Que está própria!

Miguel: ...estará melhor, não é? Por isso é mais seguro para beber... E então. pensando aqui na... na sua carreira toda... quantos anos é que trabalhou na saúde pública?

Sr. José: Portanto, eu fui em 73, entre agora... talvez 37 anos. 37 anos para eu... reformei-me, tinha 62 e meio...

Miguel: Reformou se em 2000 e... Foi há 13 anos...foi há 13 anos!

Sr. José: Acho que foi mesmo quando o Miguel veio...

Miguel: Foi há 13 anos.

Sr. José: Há 13 anos.

Miguel: Sim. Assim, que diferenças é que, ou seja, o que é que pode dizer: graças ao nosso trabalho da saúde pública, ou mesmo ao trabalho dos Técnicos de Saúde Ambiental ou Técnicos Auxiliares Sanitários, o que é que... o que é que o concelho ganhou? Porque tenho a certeza que sabe que ganhou bastante.

Sr. José: Ganhou bastante, ganhou bastante! Em informações e em trabalho com aquilo de...de pesquisa... e das colheitas das águas, sobre os riscos também... O aconselhamento das pessoas como deviam, portanto, construir os poços. E dar os pareceres, que dávamos sobre isso e estabelecimentos e a habitação também!

Miguel: Mas, pensando em específico esta questão das águas, uma mudança radical desde que começou a trabalhar até agora, não é?

Sr. José: Sim, sim. Eu acho que sim. Mudou, tshh (como que sublinhando o nível elevado da mudança) totalmente, mudou totalmente! (reconhecendo as alterações e reconhecendo-se também como parte dessa mudança)

Miguel: E era uma preocupação grande da saúde pública quando começou, não é?

Sr. José: Sim a água.

Miguel: Porque mesmo Ricardo Jorge, a formação se calhar incidia uma boa parte, penso eu...

Sr. José: (interrompendo) Saneamento, água

Miguel: (interrompendo) ...nessa questão de saneamento de água.

Sr. José: (vincando) Saneamento, águas...e lixos, lixos também.

Miguel: Porque começou como técnico, auxiliar sanitário, não é?

Sr. José: Sim, os chamados técnicos auxiliares sanitários.\

Miguel: Primeiro era foram os fiscais sanitários, não eram?

Sr. José: Sim, mas isso já não é de meu tempo. Só...só... os fiscais sanitários que só havia no... em Lisboa e no Porto.

Miguel: Ok, porque eu... No Porto (sublinhando a ideia anterior)... Porque eu acho que foi em 27 (leia-se 1927), que começou curso de fiscais sanitários, também no Ricardo Jorge, depois então evoluiu para...

Sr. José: Técnico auxiliar sanitário.

Miguel: ...para os Técnicos auxiliares sanitários.

Miguel: Pronto... e aí, depois, já se começou também a trabalhar mais nos outros concelhos que fora Porto e Lisboa, não é?

Sr. José: Certo, mas haviam poucos. Ah... cada concelho tinha mais ou menos um técnico... Aqui, em Matosinhos, teve dois que foram o Reis e eu... mas, por exemplo, lá na minha zona... que tinha 20000 habitantes, só havia um técnico.

Miguel: Hum, hum... Mas entrou no mesmo ano que o senhor Reis?

Sr. José: Não! Entrei... Ele foi... ele não, não era técnico. Ele... pertencia à Câmara e depois surgiu a oportunidade dele tirar esse curso no Ricardo Jorge. Portanto, quando eu vim, ele trabalhava há cerca de um ano.

Miguel: Ok.

Sr. José: O Reis...

Miguel: Portanto, vocês depois palmilharam o concelho todo

Sr. José: Sim

Miguel: ... de uma ponta a outra...

Sr. José: Sim, sim... de uma ponta a outra, eu principalmente, que andava mais... que ele era manco... (sorri)

Miguel: Sim (ri-se).

Sr. José: Fazia mais de motorista...

Miguel: Sim, mas acho que ele também conhecia as ruas todas, não era?

Sr. José: De cor e salteado! (responde prontamente)

Miguel: Pois... Pronto, ...

Sr. José: Ele...ele aprendeu essa ruas porque havia aí um médico que era... trabalhava para a para a “Caixa de Previdência” e fez... e fiscalizava as baixas médicas... (como que a parecer que ia enunciar uma lista enorme de outras atividades). Ele pedia-lhe...

e ele ia com ele... e de maneira que decorou. Conhecia (empolga-se como que quem vai contar um feito)...conhecia... “Ó Reis eu preciso de ir de ir à rua tal”. Ui, ele, às vezes, até sabia os números... também tinha uma memórias excecional.

Miguel: Sim.

Sr. José: Ele tinha uma memória prodigiosa. Ele dizia (alterando a voz, como que personificando a voz do colega Reis): “Ai, isso é perto daquela casa” ou “daquela mercearia”, “a seguir é aí que fica...e tal”. Ele sabia tudo (volta a falar “com a sua voz). Recorria muito a ele para localizar ruas... embora tivéssemos, também, um roteiro (como quem fala de algo precioso).

Miguel: (interrompendo)... o roteiro, não é? Ainda o temos ainda ... temos aí bem conservado. Pronto, eu acho que assim... Acho que destas “coisas da água” não me estou assim a lembrar de...

Sr. José: (tomando a iniciativa) Também nós fazíamos análise à água da rede pública.

Miguel: Sim.

Sr. José: Também íamos...Havia pontos fixos onde nós íamos todas as semanas. Ou, outra vez, a outra semana íamos aos outros.

Miguel: Mas era só um sistema (de abastecimento) que havia, ou havia mais do que um?

Sr. José: Era só um sistema... O que é, não havia tempo de ir a todos os pontos.

Miguel: Sim.

Sr. José: Uma semana fazíamos uns, a outra semana fazíamos outros.

Miguel: Por exemplo, umas freguesias numa semana, e outras freguesias na outra?

Sr. José: Sim.

Miguel: E depois da rede começar a ser construída, a qualidade era mais ou menos igual em toda a rede?

Sr. José: Água boa em todo o lado! (um facto inquestionável)

Sr. José: Nunca, que eu me lembre... nunca houve assim nenhuma...nenhuma, a não ser que às vezes aquela a pressão, quando a pressão era baixa, que a canalização tinha alguma fuga, podia haver uma cont.... (interrompe) Mas raramente... 99% da água era sempre boa, era garantida.

Miguel: Portanto, foi um.... Uma melhoria para o concelho.

Sr. José: Uma melhoria estrondosa para o concelho.

Miguel: Porque se calhar ainda fez vistorias, por exemplo, estabelecimentos que tinham poço

Sr. José: Sim... tinham, tinham. Muitos, muitos poços que haviam muitos poços... principalmente mercearias... tinham água do poço.

Miguel: Usavam água do poço... Restauração, se calhar, foram... foram pondo água da rede, não é?

Sr. José: Não... A restauração quase que tinha toda água da rede pública. E, se não tinha... tinham que ter o sistema de tratamento específico... dos poços. E tinham que mandar analisar a água também, para nos mostrar que a água era própria.

Miguel: Ok. Mesmo, por exemplo, a indústria... estava a pensar nas conserveiras, essas, se calhar, também iam tendo se calhar das duas águas, não era?

Sr. José: Sim, das duas águas. Principalmente...

Miguel: Portanto eles gastam muita água...

Sr. José: Pra limpeza... Mas tinham que ter água potável para beber.

Miguel: Sim.

Sr. José: Algumas até tinham daqueles bebedouros, que as pessoas iam lá beber, dentro da fábrica.

Miguel: Sim.

Sr. José: A Ramirez, que eu me lembre...

Miguel: Ali em Leça? (procurando demonstrar conhecimento comum, neste caso sobre a localização da empresa)

Sr. José: Sim, sim. Tinha muita gente lá a trabalhar... parece que continua... (deixando a dúvida no ar)

Miguel: Sim, agora está em Lavra.

Sr. José: Sim, mas que tem muito pessoal...tem muito pessoal...

Miguel: Sim, acho que sim. Pronto. E então, tentando resumir aqui... à medida que eles foram criando o sistema (entenda-se, de abastecimento de água da rede pública),

também aquela questão das notificações das diarreias ou outras doenças relacionadas com a água, foram-se reduzindo ou... e a origem, depois, já seriam os alimentos, não é? Por outros motivos...

Sr. José: Sim. Sim, mas quando era um, por exemplo... chegamos até a fazer... Em escolas, a haver, às vezes, intoxicações alimentares das crianças e tinha que se fazer também aquele inquérito epidemiológico, separar o que é foi que aconteceu... isso deve-se manter.

Miguel: Sim.

Sr. José: É igual...

Miguel: Sim é igual, as coisas vão-se mantendo.

Miguel: Estou a lembrar-me que, às vezes, também que lá em cima, alguma informação à população também era colocada na... aqui acho que não temos “Casa do Povo”, não tenho a certeza...

Sr. José: Temos em Santa Cruz do Bispo.

Miguel: Santa Cruz do Bispo... E na paróquia, também era uma das estratégias de chegar à população, não é?

Sr. José: À população, era...

Miguel: Bom, lembra-se de alguma situação que tenham feito chegar informação por causa da água...

Sr. José: Que eu me lembre, não. Sei que enviávamos os resultados, mas era da Fonte das Sete Bicas à paróquia, mas pedir para a paróquia colaborar, não.

Miguel: E os resultados, punham também à beira das fontes na altura? Quando faziam as colheitas tinham placard?

Sr. José: Sim. Tinha uma placa, mas não éramos nós que colocávamos. Pedíamos à Câmara para colocar.

Miguel: Ok... E a informação mantinha-se lá, ou, na sua ideia, a população às vezes tirava aquilo.

Sr. José: A maior parte mantinha.

Miguel: Mantinha? (com alguma surpresa)

Sr. José: Mantinha lá, mantinha... O que não quer dizer que as pessoas não se abastecessem na mesma, mas a informação estava que a “água era imprópria”.

Miguel: E por que acha que elas se abasteciam na mesma? Por necessidade? Por costume?

Sr. José: Por costume! (uma verdade inabalável) Sempre beberam aquela água. Era... e a água nunca lhe fez mal, iam lá beberem água. E também uma questão económica. Se haviam de gastar água da rede pública... consumiam aquela. É claro, nós depois íamos insistindo sempre que deviam abastecer-se de água da rede pública, que era de confiança. A outra podia provocar doenças, etc. Mas, não chegava a toda a gente.

Miguel: E lembra-se, por exemplo, de alguma situação de terem suspenso o abastecimento de água? Tipo “fechar” a fonte, uma coisa assim do género.

Sr. José: (silêncio...) Não me lembra, sinceramente.

Miguel: Pronto, se calhar não aconteceu, não é? Se acontece é... é um acontecimento que se lembraria, não é?

Sr. José: Não. Não me lembra.

Miguel: Ou alguma situação de seca, por exemplo, que os bombeiros tivessem que abastecer também...

Sr. José: Não. Não me lembra.

Miguel: Também não (como que a colocar “vistos” nas hipóteses de uso de fontes alternativas).

Sr. José: Não, não me lembro, não me lembro. Podia ter acontecido, não me lembro.

Miguel: Também não estamos tão expostos a... à escassez da água.

Sr. José: Aonde havia também, uma fonte mas agora, também, a tiraram, era no Carriçal. Também era uma fonte, onde as pessoas iam muito buscar água lá (conforme tinha visto na análise documental).

Sr. José: É ali...

Miguel: (interrompendo) perto da piscina, da Senhora da Hora?

Sr. José: Sim, perto da piscina.

Sr. José: Mas agora...

Miguel: (interrompendo novamente) Não deita quase água nenhuma, não é?

Sr. José: Não, não deita água... Mas é, não é onde “deita essa pouca água”, era cá em baixo! Que tem umas escadinhas ... (como que a explicar-me tanto pelas palavras, como por gestos)

Miguel: Sim.

Sr. José: É. E tinha duas bicas.

Miguel: Sim. Que eu acho que até puseram iluminação lá.

Sr. José: Sim, sim, mas agora

Miguel: Aquilo está um bocado vandalizado.

Sr. José: Sim. Agora não, não cai água nenhuma. (como que com algum lamento pela falta da água naquele local)

Miguel: É. Alguns sítios estão assim mais vandalizados... e há um “bocado”, queria-lhe falar e não me estava a lembrar... O parque da Lomba, que é à beira do rio. Que foi uma obra do Narciso Miranda...

Sr. José: aquela ponte bonita que estava lá (dizendo muito baixo e com alguma tristeza –este comentário só foi percebido aquando da transcrição...)

Miguel: ... que ficou seco o tanque. Eles fizeram uma reabilitação daquilo, mas ficou seco... Estou-me a lembrar do tanque de Esposade...

Sr. José: O tanque de Esposade... (repetindo quase de forma melancólica)

Miguel: Que esse está todo cheio de silvas, também está impossível de chegar lá.

Sr. José: (impercetível)

Miguel: Depois tem a Fonte da Cacheira, em Leça do Balio, que esse foi reabilitado. Está... esse está em bom estado. Está como outro de Leça do Balio, à beira... a baixo da escola.

Sr. José: da escola...

Miguel: O do... Pampelido está, está praticamente seco, em Lavra. O do Paiço, também estavam a fazer obras... E estava a ver se me lembrava de mais algum que tenha visitado ... (querendo partilhar as descobertas e o “estado da arte”), mas acho que foram estes.

Sr. José: Pois.

Miguel: Fui à quinta da Conceição, também tem lá algumas fontes. Não sei se tem ideia se as pessoas costumavam abastecer-se lá também? Ou era mais recreativo?

Sr. José: Não, mas... mas... mas fazíamos a vigilância dessa água lá.

Miguel: De algumas fontes que tinham lá... Tem lá uma do peixe...

Sr. José: Sim.

Miguel: ...e depois tem uns tanques ainda grandes, granditos...

Sr. José: Esses tanques de uma vez deram um trabalho!!! Criou-se mosquitos por toda a parte! (outro dos problemas relacionados com a água). “O que era?” Fomos averiguar, e os tanques estavam cheios de larvas! (depois de referir a origem do problema, partilha a solução adotada) Abriu-se a água, portanto os tanques ficaram secos, acabaram os mosquitos!

Miguel: Pronto! (breve silêncio, como que para apreciar os procedimentos adotados, a eficácia do diagnóstico e da solução) É porque, às vezes...

Sr. José: E foi na Quinta da Conceição isso.

Miguel: ...(retomando o raciocínio) que as pessoas não associam também a uma doença que está relacionada com a água, não é? Mas os mosquitos... que depois mais tarde já...

Sr. José: (retomando a recordação...e sublinhando a magnitude do problema, não fosse eu não me ter apercebido bem – poderia ter feito falado mais, perguntado detalhes, valorizando o papel do entrevistado) Tanto mosq... tantas larvas aquilo... bastava no chão uma poça de água, e estava cheia de larvas.

Miguel: Pronto, bem...se tivéssemos de fazer REVIVE lá (referência a uma rede de vigilância de vetores que inclui a “monitorização” de mosquitos), nessa altura tínhamos, tínhamos.

Sr. José: Meu Deus, tanto mosquito...

Miguel: Tínhamos muita coisa...

Sr. José: Ainda fazem?

Miguel: Ainda fazemos, ainda fazemos REVIVE. Ainda apanhamos assim umas larvas de vez em quando.

Sr. José: E é útil isso...

Miguel: Sim. Porque as pessoas associam mais o problema da água, quando se perde a água, não é? Mas a água também pode ser o veículo de outro tipo de doenças... E daí ser importante ainda mantermos o REVIVE. Pronto, eu acho que... acho que daqui, daquilo que eu tinha pensado, acho que lhe perguntei... perguntei-lhe tudo. Portanto, (tentando resumir o que foi abordado) era uma atividade que que vos ocupava muito tempo, não é? se calhar metade do tempo de trabalho era “água”

Sr. José: Era água...

Miguel: E isto já para foram não pensar... não falamos aqui, mas as piscinas também vos davam muito trabalho, não é?

Sr. José: Muito trabalho...

Miguel: E aí as praias também.

Sr. José: E as praias. Fazíamos também a colheita de água nas praias.

Miguel: Porque também já “desde sempre”, pelo menos a praia de Matosinhos tem muita gente, não é?

Sr. José: Sim, muita gente. E a de Leça também tem muita gente!

Miguel: E a de Leça...

Sr. José: E Lavra...e Lavra tem muita gente! Vinham... vinha...vem muita gente para as praias de Matosinhos, aqui dos arredores.

Miguel: Sim.

Sr. José: E agora mais, com o metro, para a praia Matosinhos.

Miguel: Sim. Portanto, a questão da água sempre esteve aqui no centro da atividade da saúde pública... Ah, já agora, eu tenho aqui mais duas fontes, que tinha ali o nome, que me esqueci de lhe perguntar que eu vi: que é a Fonte Seca em Leça (entenda-se, Leça da Palmeira – COLOCAR NA PRIMEIRA VEZ QUE APARECE), que eu só conheço o nome do Largo da Fonte Seca.

Sr. José: Já ouvi, ouvi...mas...

Miguel: Mas não tem ideia de haver ali uma fonte?

Sr. José: Não.

Miguel: E também temos a fonte da muda.

Sr. José: A fonte de muda? (breve silêncio) E onde fica?

Miguel: Ah... não lhe sei dizer de cor?

Sr. José: E esse nome não me é estranho...

Miguel: Pois eu achei... achei curioso foi o nome também. E não consegui encontrar a origem. Deixe-me só ver se eu descubro aqui ao certo freguesia (procurando, ao mesmo tempo no telemóvel) para não lhe dizer mal... Fonte da Muda... Em Leça da Palmeira! A Travessa da Fonte da Muda (tinha ficado essa informação também da pesquisa da toponímia do concelho)... Tenho que, se calhar, ir pesquisar... Não sei se isto tem alguma coisa a ver com a... com a questão da lenda do Senhor de Matosinhos. Porque ela é aqui (apontado para o mapa encontrado no telemóvel) relativamente perto da... da Rua Gonçalves Zarco, à beira do Korpus.

Sr. José: A Rua Gonçalves Zarco é aquela que vai dar a Santa Cruz do Bispo...

Miguel: Sim.

Sr. José: Pois...

Miguel: Fica acima, um bocadinho, da Quinta da Conceição... Quinta ou Parque da Quinta da Conceição é ali uma ruazita... que tem ali, Travessa da Ribeira...portanto, aqui também devia haver algum Ribeirozito, não é? Ribeiro e a fonte... Que estivesse aqui associado

Sr. José: É, mas não me lembra, Miguel.

Miguel: Fica, ali agora estamos a ver aqui a imagem, portanto... fica... vê-se ali os cereais de Leixões

Sr. José: Sim, sim.

Miguel: Portanto, o sítio também já estou a ver mais ou menos onde é que é... Só que não, se não se vê... já não deve existir aqui fonte nenhuma.

Sr. José: Ele havia uma fonte também que depois ficaram... que é...quem vem do cemitério para baixo, que se vira à direita (tentando explicar-me, novamente, também com gestos).

Miguel: Em Leça?

Sr. José: Não, aqui, aqui... Essa já era em Matosinhos. E também..., mas depois, depois levantaram... mas chegamos lá a acolher água também que dava imprópria. Que era... tinha uma fonte... ali num montezinho..., que agora fecharam aquilo... Mas isso nos anos 70...

Miguel: Ok (tomando nota, surpreendido, mas ainda à procura no telemóvel) Eu estava a ver se encontrava aqui as fotografias que fui tirar às fontes. Tenho aqui algumas e, já agora, eu vou lhe perguntar se lembra aqui de uma... De umas que eu vi... esta aqui é de Pampelido (mostrando as fotografias), que está mesmo em muito mau estado... Quinta da Conceição... Estas daqui (mostrando com maior destaque e até ampliando a fotografia) que é de umas torneiras, que aparentemente havia na rua, aqui ainda com indicação da Câmara.

Sr. José: Pois...

Miguel: Não é, que vesse ali o bocadito do tubo... E teria ali a saída da água para o escoamento

Sr. José: Mas isso é onde?

Miguel: Isto é... Eu acho que é Custóias, Sr. José.

Sr. José: Há, pois é! Lembra-me disso, lembra.

Miguel: Tem ideia disto?

Sr. José: Tenho, tenho.

Miguel: Porque, se calhar, também era uma forma, depois, da Câmara fornecer água à população, não é?

Sr. José: À população... É, lembra-me disto, lembra...

Miguel: Pronto? Não era bem uma fonte...

Sr. José: ...Sim, mas era, mas era um... Um local onde as pessoas podiam colher água, não é?

Miguel: Sim. Não é, fornecer esta água própria, para evitar que as pessoas bebessem da outra.

Sr. José: É, bebessem dessa água.

Miguel: Pronto, eu acho que... do que eu queria chatear, acho que eram estas perguntas. Pronto, quero-lhe agradecer.

Sr. José: Ora, então...

Miguel: E vou então parar aqui a gravação.

Apêndice IV –Transcrição (Observação Etnográfica)

Transcrição fonte das 7 Bicas dia 9 de maio de 2024

Ao final de uma tarde serena, quente para uma tarde de maio (em que se comeriam “as cerejas ao borralho”), saí em direção ao parque das Sete Bicas, com o objetivo de realizar uma observação participante, crucial para um estudo etnográfico. A luz suave do entardecer banhava o ambiente, criando uma atmosfera tranquila e acolhedora. Ao chegar, fiquei surpreso ao verificar que o parque estava quase vazio, oferecendo-me dúvidas se seria o “cenário perfeito” para a minha investigação – mas era o “dia da festa” (9 de maio de 2024).

Encontrei um banco de madeira, estrategicamente posicionado sob a sombra de uma grande árvore. Sentei-me e preparei-me para imergir na experiência, observando cada vez mais atentamente o que se passava ao meu redor. Aquele banco proporcionava uma visão panorâmica daquela parte do parque, permitindo-me captar também, de soslaio, a Fonte das Sete Bicas. Dali procuraria observar (e registrar) os detalhes da paisagem e das possíveis interações que poderiam ocorrer.

Sento-me. O tempo ameaçava passar em compasso lento, comecei a notar os sons suaves da natureza: o zéfiro suave como que murmurava e fazia oscilar as folhas.

17:17h - O banco está livre, mesmo junto à escada que desce para a fonte. À minha frente um casal faz exercício físico no parque.

17:19h - Aproximam-se das escadas duas senhoras. Não consigo ouvir o que dizem - a música da festa não permite. Pop anglo-saxónico substitui, quiçá, a música tradicional portuguesa. Sai um telemóvel do bolso e procura-se melhor ângulo para a fotografia. Apenas a senhora do vestido às flores tira fotografia. Feita a fotografia abandonam o local com a mesma calma com que chegaram.

17:21h - Um adulto e uma criança chegam, do outro lado da fonte. O escorrega e baloiço arrancam sorrisos à criança.

17:22h - Uma senhora avança, desce a escada, e com as mãos, bebe da fonte usando a bica do lado direito. Apenas de uma delas. Bebe com a mão em concha. Olhou para mim enquanto descia... os seus óculos escuros devem ter espelhado o seu anonimato no meu, a nossa discrição mantém-se. Enquanto escrevo a senhora, que, entretanto, acabou de beber, sobe ... a sua roupa alva ascende rapidamente e, dessa forma, desaparece pelo meio do parque.

17:25h – Os outros dois bancos de madeira estão agora também ocupados. Um já estava por um (aparente) casal. Um galo surge... um galo!! Apetece-me a tirar o telemóvel do bolso para o fotografar... apesar do calor do dia de hoje, a sombra do parque convida a ficar. No outro banco está um jovem *t-shirt* verde. Tal como eu, observa o parque infantil, que agora conta com mais uma ou duas crianças e outros tantos adultos. Uma das crianças, curiosa como eu, vai atrás do galo... eu permaneço no banco e uma senhora, mãe da criança (?), vem afastá-la dos degraus que a separam da curiosidade do galo).

17:30h - As crianças vão chegando ao parque ao ritmo da água que corre. A fonte corre abundante, pelas 7 Bicas... só ocasionalmente uma pomba ou outra se chega para o abeberamento.

17.35h - O “casal” já não está só “a existir” e observar, agora conversam e riem... não tanto como as crianças do outro lado, mas o riso já suplanta o sorriso.

17:38h - O “senhor de verde” vai embora... sai em passo lento, acompanhado por uma criança que leva pela mão e por uma senhora de cabelo preto. Sou observado, é natural... tão natural como o ambiente e a água. Reparo que no cimo da fonte há uns cabos com pequenas lâmpadas... e uma candeia, mas eletrificada. Entretanto duas senhoras aproximam-se da escadaria e não descem, tal como o casal. Falam baixo, contemplam pouco tempo, não coincidem por segundos e seguem por caminhos opostos... A candeia, com ar ancestral, está agora provida por uma recente lâmpada branca em espiral.

17:40h – (rapidamente) O parque ficou vazio... mas foi por pouco tempo!

17:41h – Neste “logar” onde apareceu Nossa Senhora, surge agora uma patrulha, a pé, da GNR. Os dois agentes passam indiferentes à fonte, desconhecem o meu propósito... não sabem, certamente, do galináceo que palmilhou o mesmo chão momentos antes...

17:43h - Uma criança desce... “claro que não”, “claro que sim”, diz. Molha as mãos... “está fresquinha”. Lava as mãos na bica, a segunda do lado esquerdo, e “beberica”. O adulto: “molha-te, molha-te” ...o adulto não desce, fica em cima... observa e comenta (é impercetível). Nenhum vê (ou comenta) a placa. (17.44h) Saem os dois... parece que o dever foi cumprido pelo jovem e pelo seu “instrutor”.

17.46h - Um senhor com boina e o seu cão... bebes da primeira fonte e volta a beber... tira a água em concha com a mão e convida o cão a beber – interpela-o: “toma, bebe”. Um casal idoso observa... (o senhor) não bebe das fontes todas, só de uma (será suficiente?)

17:49h - Uma senhora desce sorrateiramente (encostada “ao muro” do meu lado). Bebe das 7 bicas, mas não foi de um fôlego só. Molhou a blusa e também os pés... falei com ela: bebe ali todos os anos na festa “não sei porquê, mas faço isto”. “Dizem que é tradição”; “Faço todos os anos”; “faço porque é tradição, das 7 (bicas)!” – NOTA CAMPO 5

... “Uma pessoa tem medo” - por causa da placa. (O casal que referi acima, sorrindo no banco, dirige-se até às bicas. Moravam “no Viso”, no Porto. Vinham cá ocasionalmente (disseram-me). O senhor refere-me que a placa “foi colocada por causa dos drogados, para despistar”. Fala-me mais um pouco e diz: “coitadinha da festa”. Acrescenta: para mim, no ultramar, esta água era champanhe” – referiu-me que esteve a cumprir serviço militar em Moçambique. Foi para lá pouco antes da revolução, em janeiro 74. Contudo, só conseguiu regressar a Portugal quase um ano depois da revolução. Disse ter carregado muitos corpos ainda depois de 25 de abril de 74 - não foi como referiram por cá que a guerra acabou naquele dia, bem pelo contrário porque se intensificou no local

onde ele estava. Falam um pouco comigo, ao cimo das escadas, e vão embora. – NOTA CAMPO 6

... uma avó e um neto... contam as bicas, leem a placa do cimo da escadaria e seguem. O galo vai cantando e a música anglo-saxónica dá lugar ao ensaio dos artistas.

17:57h - Uma senhora está a lavar a cara na bica do lado esquerdo... vai seguindo uma a uma... beberica, com a mão em concha, em todas elas. Também se refresca... e molha os pés. Molha as palmas das mãos e molha o rosto. O companheiro (?) fica nas escadas. Olha indiferente, não se manifesta... nem apoia, nem pergunta se a água é boa, se foi refrescante ou se se cumpriu alguma tradição.

18h - O sino toca

18:04 - Parou o ensaio... o som da água só é acompanhado por uma ou outra voz distante, indecifrável. Chega um senhor, talvez com a filha e a neta. Ele fica em cima, elas descem as escadas. A Senhora lê (alto): “água imprópria para consumo”. Pergunta, “queres beber?” Vai só molhar as mãos. As pequenas mãos molham se na bica, a segunda do lado esquerdo. “Foi bom?”, pergunta. A resposta foi um sincero e entusiástico “sim!!” Falam, no meio das escadas, sobre a água... não percebo o que dizem. Falam e gesticulam dizendo que aquela água “vai para outro lugar” e que “a Junta devia cuidar”. Enquanto escrevo a criança já chegou ao parque e a discussão sobre a água afastou-se ainda mais do topo da escadaria.

18:10h - Aproxima-se um casal: “queres beber?”, pergunta ele. Não saem do cimo das escadas. Tento observar pelo canto do olho enquanto escrevo... estão dois passos para o lado e voltam para trás... nenhum bebeu. NOTA CAMPO 10

18:11h - Aproxima-se uma senhora de bata azul... (será farda?) Traz um garrafão de plástico e “um par de garrafas” de 1,5L. Tenta encher na bica... de vez em quando olha para trás. Não resisto à curiosidade e interpelo-a à subida. Refere que na sua opinião “a água tinha que ser analisada para ser consumida”. Está numa barraca com uma moça

ali na festa. “Os grandes empresários têm que vender garrafas”; “sempre vieram aqui encher”. Acrescenta: “nunca ouvi dizer que alguém morreu”. Aquela água é “tão fresquinha e tão boa”. Como referiu está a trabalhar numa barraca da feira, feira essa que ela faz já há 42 anos. Ainda que se possa admitir que a qualidade da água não seja boa, aquela água “para cozinhar não tem mal, é para fazer os caladinhos”. Despede-se de mim, apressada, e leva consigo, afinal, 2 garrações e uma garrafa de 1,5L.

18:15h – (enquanto falava com a “senhora dos caladinhos”) um casal demora-se junto à fonte. Não bebe, molha as mãos... lê a placa (com a inscrição de ali ter aparecido Nossa Senhora). Molha as mãos e coloca a mão molhada na placa. Benze-se (ela)... conversam os dois junto à fonte... outros dois estão no cimo das escadas. A senhora que está junto à fonte olha para cima, olha para o céu... talvez esteja a rezar. Agora falam os dois... o outro casal, que estava em cima, não espera pela “vaga” e desce também ficando a aguardar junto da placa (informativa da qualidade da água). A senhora olha para a imagem de pedra, de Nossa Senhora, e como que fala com ela. A senhora do outro casal (que, entretanto, desceu) bebe da fonte da esquerda. O senhor segura na carteira, enquanto a senhora molha as mãos nas restantes bicas... ela volta atrás e bebe um pouco de cada bica. O primeiro casal recua, mas fica próximo das bicas. As mãos dela pousadas uma na outra, enquanto permanece um pouco de olhos fechados. Põe as mãos no peito dele, faz um gesto como que a benzer e dá-lhe um abraço comovido... ela chora.

18:22h - o segundo casal sobe as escadas, enquanto uma senhora desce com uma criança, ainda bebé, pela mão. Não consigo ver bem, mas a “senhora da criança” abeira-se da bica da direita. (tento chegar-me um pouco à frente, discretamente). Está a assegurar a criança, pela mão, junto à água. Molha as mãos da criança, com ela ao colo, em todas as 7 bicas. Sobem as escadas os dois, agora com as mangas arregaçadas... outro casal permanece, parecendo contemplar não só a “imagem santa”, como todas as pedras que compõem a fonte.

18:26h – Benzem-se e despedem-se da fonte com um beijo (dando um beijo na pedra). Sobem rapidamente as escadas, não os consegui alcançar. Volto a olhar, discretamente, e ela está no cimo, por trás da imagem da santa... rezando, certamente. Tem a mão colocada na pedra, como quem coloca a palma da mão nas “costas” da Santa.

Permanece com os olhos fechados, em silêncio... ele fica atrás, observa. A água que sobeja das Bicas, no chão, agora é procurada pelas pombas do parque, que se demoram na fonte, como outros, por breves momentos. Em cima, a senhora “despede-se da fonte”, dá, novamente, um beijo na parede. Descem as escadas (laterais) e abandonam o local, apressados.

18:30h - Uma senhora e um rapaz mais jovem aproximam-se com garrações... “ó mãe, despacha-te”, protesta a ele... vão enchendo os garrações nas bicas do lado direito. Enquanto isso, dois jovens iam descer as escadas. Um deles: “ei, água imprópria para consumo”, já não descera. Enquanto isso lavam-se os garrações... enxagua-se com água corrente e passam ao enchimento de 4 garrações de 5 litros... a senhora demora-se mais... NOTA CAMPO 15

18:33h – Outros dois jovens aproximam-se da fonte. Ele permanece com o telemóvel - olhando para o ecrã, escrevendo, ouvindo... alheado do que vai à volta. Enquanto isso ela parece estar a fotografar (a fonte).

18:34h - Regressa o jovem dos garrações... vem buscar mais 3 garrações e a “mãe” leva outros três, ao colo, como quem carrega um bebé. Os jovens descem a escada... ela procura como que o melhor enquadramento para a foto

... três crianças descem as escadas a correr... e voltam a subir com a mesma velocidade.

18:36h - A jovem das fotos molha a mão, e com ela o pescoço (a parte de trás). Sobem a escada e desaparecem do meu campo de visão. Aqui os utilizadores têm pressa... exceto a senhora que esteve a “rezar”. A tarde vai caindo e o calor desaparecendo. Enquanto aqui estive, segundo o programa, rezou-se a “novena” na “igreja antiga”. Falta agora pouco mais de 10 minutos para a “missa da solenidade”, também aqui, ao lado, na “igreja velha”.

18:45h - Posso colocar a atenção novamente na periferia da fonte... o parque voltou a ter crianças, e agora também uma bola - faria um desenho se tivesse “engenho ou arte”.... A criança da bola vai embora... não sem antes ir molhar (refrescar? Lavar?) As mãos na bica, a segunda do lado direito.

18:46h - o ensaio (musical) torna-se mais claro, mais audível. Constató que são os escoteiros: “eu quero ver, eu quero ver... quando o Sol aparecer, com que lata eu vou daqui, depois de ti” ... ouço também os primeiros aplausos.

18:58h - parece que alguém me acompanha nesta observação e contemplação: do outro lado, uma senhora de cigarro aceso... relembro-me de um poema que julgo ser do Carlos Tê:

“Quando o sol sobe no céu

Chegam ao jardim os velhos

Honoráveis presidentes

Dos bancos de pau vermelhos

Analizam movimentos

Conferem as florações

Medem o canto das aves

Dão aval às estações

Não há nada no universo

Que aconteça sem o não e sem o sim

Dos velhos do jardim

Depois, chamam os pombos

De pão e milho dão festins

E os pombos falam com eles

Na língua dos querubins”

18:59h - Estou quase a preparar-me para ir embora... de um saco de plástico, duas pequenas mãozinhas tiram migalhas de pão para o distribuir ao vento e às pombas. Um casal surge - ela destaca-se pelo seu cabelo vermelho. Dirige-se à fonte e molha a mão esquerda em todas as bicas. Com a mão molhada, molha a mão direita e repete este ritual em todas as 7 Bicas até que saem os dois.

... (entretanto) Mais uma foto que outro casal com uma criança tiram a fonte e às suas bicas. Não descem, apenas tiram uma foto... talvez a placa os tenha demovido. Enquanto isso, outro casal se aproxima... não muito, aí uns 5 m das escadas, e como que contemplam o espaldar da fonte e a imagem... aproximam-se um pouco e demoram-se na inscrição (gravada na pedra). Enquanto isso, uma criança desce, molha as mãos e com elas o cabelo... volta para o parque.

19:00h - o parque parece começar a ficar ainda mais calmo, alguns passos apressados... toca o sino. Toca 7 vezes, 7 como as bicas. O rapaz do cabelo “molhado” volta... está com os pés quase na água - as pequenas sapatilhas pretas estão certamente molhadas... volta a molhar o cabelo com as mãos e sai.

... entretanto ouço o casal que se demorou na inscrição: “a água da companhia é que está própria” dizem então irónico. – NOTA CAMPO 20

19:01h – Um casal chega à fonte e ambos bebem de todas as 7 Bicas... vão conversando e não consigo entender tudo o que dizem, retenho que “que leva lixívia para matar as coisas”. Tão depressa bebem, como sobem a escadaria. Ao contrário de outros, neste caso bebem os dois. Neste caso só contemplam a fonte depois. Só depois “do feito” têm tempo para tirar a fotografia. Todas as fotografias foram feitas à fonte, nenhuma foi das conhecidas “selfies”. Não há dúvida do foco, do motivo (é a fonte!).

19:04h - Volta o rapaz. Agora molha as mãos e com elas o rosto e os lábios. Diz o cartaz da missa na “igreja velha” que a festa termina hoje... a fonte vai lá permanecer e quiçá o seu uso. A fonte não se engalanou, tem só umas pequenas lâmpadas incandescentes...

... enquanto escrevo, ouço: “num bás à água, num bás”. Era a criança que com as suas mãos alimentou o vento e as pombas com pão. Bens necessários, ditos dos mais básicos e essenciais: água e pão... e, quiçá, a fé, as crenças.

... a música parou, o ensaio terminou. São 19:08h e penso ir embora, mas, o acautelado que disse a criança para não ir à água desce as escadas com ela. Criança posta de bruços (no colo do adulto), com o braço e, segurando-a entre as pernas, molha as mãos nas 7 Bicas. “É uma vez, não é mais...”, acrescenta: “só pode ser uma vez a cada dia” - finalizava assim o sábio que acompanhava a criança....e eu os registos de um fim de tarde na fonte mais afamada do concelho de Matosinhos.

Durante o período de observação, refleti sobre a importância do ambiente natural nas interações sociais. Imaginei aquele espaço repleto de crianças a brincar, famílias em passeio, conversas entre amigos. Um microcosmo da sociedade em que vivemos. Os detalhes daquele parque, desde a disposição dos bancos, o largo junto à fonte e os caminhos sinuosos, todos pareciam cuidadosamente pensados para promover a convivência, o bem-estar e o usufruto (culto) da fonte.

Ainda que estivesse sozinho naquele momento, a observação participante permitiu-me compreender melhor a dinâmica do parque. Não a dinâmica de outrora... em que a festa era outra, onde as águas e outros cultos não só tinham outra preponderância, como outra procura.

Concluí esta visita com uma reapreciação do valor dos espaços públicos na vida comunitária. A observação etnográfica, mesmo neste contexto aparentemente estático, revelou-se rica em *insights* sobre a relação entre seres humanos e o ambiente que os cerca, mas sobretudo com a água e, em particular, com aquela fonte. Ao levantar-me do banco, senti que não só observei, mas também participei, ainda que de uma forma subtil, daquele espaço, do uso daquela fonte.

SEDE ADMINISTRATIVA

FACULDADE DE **MEDICINA**

FACULDADE DE **PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

